

ARQUETIPOS MORALES: ÉTICA PREHISTORIA-PE



ROBERTO ARRUDA

ARQUETIPOS MORALES: ÉTICA PREHISTORIA-PE

(bilingue português-guarani)



Peteĩha edición guaraníme
Ko'ãga ñamomba'e ára guasu ñane retãygua indio
kuéra rehegua Brasilpegua. - 19/04/2024

Guarani ha'e peteĩ derecho lingüístico brasileño-kuéra, ha
peteĩ deber ético-social umi educador ha gobierno-kuéra.

Portada: ilustración gráfica ojavova'ekue haihára.

Ficha Catalográfica



Recursos empregados no processo de tradução:

Tradutores básicos: Open Translate, Google Translate, Systran Generic, Translate Cloud, DeepL.

Dicionários: Glosbe Translate, AVAÑE'É Adão Ferreira Benites, Adilson, Crepalde, Tonic Benites - 2015, Dicionário, Tradutor de Palavras Guaraní – Espanhol - <https://www.paraguay.gov.py/traductor-guarani>, Dicionário Guaraní - Castelhana de Antonio Ortiz Mayans, Ñe'ëryru: Avañe'ë-Portuge--Portuge-Avañe'ë = Dicionário: guaraní-português--português-guaraní- Cecy Fernandes de Assis- 2008, Guaraní - biblioteca.funai.gov.br/, Índice Léxico português-guaraní, dialeto Mbyá -versão para fins acadêmicos - <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/>), Vocabulário Tupi-Guaraní Português - <https://etnolinguistica.wdfiles.com/>, Dicionário Guaraní-Português - Luiz Caldas Tibiriçá (1989), Dicionário de Tupi-Guaraní WGL Technology, Dicionário Guaraní - Tupi - Tupi Antigo – Português <https://pt.scribd.com/document/339887506/DicionarioGuarani-Tupi-Tupi-Antigo-Portugues>.

Método: revisões gramaticais e semânticas sucessivas do texto básico traduzido através de espelhamento (traduções reversas comparativas em outros três idiomas: francês, inglês e espanhol) Corretores gramaticais: Language Tool, Quillbot, Scribbr Grammar Checker. Correções semânticas: revisões pessoais do autor nos textos espelhados. Escaneamento AI: Zero GPT - <https://www.zerogpt.com/> . Resultado = 0% AI

Nota Introdutória

Este é um trabalho acadêmico de pesquisa proto-histórica sobre a natureza arquetípica e evolutiva da moralidade humana, uma análise do desenvolvimento das teorias do valor, e a observação comparativa com a estrutura da sociedade contemporânea e seus modelos comportamentais.

No contexto conceptual desta pesquisa, o desenvolvimento evolutivo dos povos nômades, caçadores e coletores do período Paleolítico, constituem um ponto de partida e um núcleo fundamental para a compreensão do estabelecimento dos primeiros valores sociais do homo sapiens.

Ao longo da história, esse importante contexto foi se complexificando e assumindo novas formas. As experiências sociais mais ancestrais, entretanto, permaneceram vivas, permeando todo o tecido social.

Muitos povos carregam ainda, de forma visível, diversos traços culturais e psicosociais trazidos da mais longínqua ancestralidade, os quais carregam um valor inestimável para as ciências humanas, bem como para a filosofia analítica. A América do Sul, através dos

seus incontáveis povos nativos, é um continente de enorme riqueza antropológica e proto-histórica.

Dentre esses povos estão todos aqueles do tronco Tupi-Guarani, muitos dos quais cultivam até hoje um modelo social caçador-coletor, essencial ao nosso estudo.

O texto original, que compõe a Seção II deste livro, foi escrito em 2020, em língua portuguesa, e editado nos Estados Unidos da América, com livre acesso global pela plataforma de filosofia acadêmica PhilPapers.org., mantida pela Philpapers Foundation e pela American Philosophical Association.

Dada a universalidade das suas conclusões, a partir de 2022 o autor desenvolveu versões do texto original para o inglês, russo, francês, chinês, espanhol, itaiano e alemão, todas publicadas em formato de livro digital pela referida fundação acadêmica. Todas essas versões podem ser livremente acessadas no endereço eletrônico <https://philpeople.org/profiles/roberto-thomas-arruda>

Como laço de fidelidade histórica, linguística e semiótica entre a obra e as culturas ancestrais pesquisadas, o autor entendeu ser relevante uma versão do texto original para uma das línguas nativas ainda vivas no nosso continente, para que se legitimasse o valor e verdadeiro significado cultural do trabalho, e se desse reconhecimento acadêmico e literário aos povos que nos emprestaram sua história para que escrevessemos filosofia.

Assim, em 2024, a vertente jopará (ou avañe'ẽ impuro) do guarani, também chamada guarani paraguaio, foi a base dessa versão, dada sua grande ocupação geográfica e pelos fatos de ser uma das línguas oficiais do Paraguai, a terceira língua oficial do Mercosul, uma das línguas oficiais de três municípios brasileiros, sendo falada por mais de sete milhões de pessoas.

É, sem dúvida, um laço somente simbólico entre a obra e os milhares de povos considerados no estudo, dada sua pequenez diante do contexto. Pequeno ou grande, meramente simbólico ou não, porém, o autor não considera legitimado seu trabalho sem este esforço, sem essa conexão, sem esse olhar.

Em nenhum momento pensou-se ingenuamente em estarmos ensinando filosofia aos guaranís, como cegamente o tentaram nossos colonizadores falidos. Dos guaranís temos mais a aprender do que a ensinar.

Assim, um dos intentos da versão foi somente uma tentativa de colaboração com a produção literária guarani, a qual merece atenção e respeito pelos seus sete milhões de indivíduos.

O objetivo central da obra, por sua vez, foi exatamente o contrário de se pretender ensinar filosofia aos guaranís. O que se quer é que os acadêmicos brasileiros adquiram interesse na língua guarani para que, acolhidos pela beleza semântica e semiótica da língua e sua história, possam enxergar a força das nossas raízes e compreender com maior amplitude e

consistência o universo em que vivemos, ignorado e desprezado por nossa civilização decadente.

Ora ! Isso soa estranhamente para nossa lógica formal e para nossa epistemologia. Muitos perguntarão: "Para o que serve uma versão reversa, partindo da nossa própria língua? Ler um texto de destino em língua que desconheço, originado na minha própria língua? Qual é o sentido de se sair de um ponto e voltar ao mesmo, que já conheço? Não serve para nada, respondo. Deixando de lado a nossa miopia, não importa de onde se parta e para onde se vá através da versão. O que importa aqui é o percurso, o caminho, a vivência da viagem do filósofo, e não o seu destino ou seu ponto de partida. Caminhar por esse percurso com o seu conhecimento, submetendo-o a sucessivas transformações linguísticas com imensa riqueza semântica e semiótica, com intensos aclives e declives do contexto espaço-temporal, pode constituir um passeio mágico em cujas paisagens poderá encontrar uma riqueza cognitiva que não existe em nenhum livro, em nenhuma sala de aula, em nenhum diploma.

Existem coisas no processo cognitivo que parecem absurdas na nossa epistemologia, mas que são claras, límpidas e importantes aos olhos da linguística. Alguém que não tenha esses olhos não pode ser filósofo.

Assim, o lançamento desta versão em forma de livro digital gratuito, distribuído globalmente pela plataforma filosófica da PhilPapers Foundation, foi feito no dia 19 de abril de 2024, data em que se celebrou o

Dia Nacional do Índio Brasileiro, ao qual, em homenagem, dedicamos nosso respeito.

Ela, e a versão original em português, são estruturalmente gêmeas, e linguisticamente muito diversas. Como tal, tornam-se mais profundamente compreensíveis quando seu conteúdo se torna diretamente comparativo. Da língua de origem do texto até seu retorno daquela de destino, o estudo linguístico da obra enriquece e expande sua compreensão, para muito além da simples estrutura textual oferecido pelo autor.

Esse é o propósito deste livro.

Ko haihára ojoaju ko'ã institución ndive:

O autor é membro das seguintes instituições:

The American Philosophical Association (APA)

(membro internacional e componente da comissão julgadora do Prêmio Berger 2025)

The British Society for Ethical Theory (BSET)

The Metaphysical Society of America (MSA)

The Philosophical Society of England

The Social Psychology Network

The International Association of Language and Social Psychology

*Petei momento de silencio imandu'ávo
mayma víctima dominación, atrocidad,
exterminación, segregación, explotación,
violencia, desprecio, prejuicio, odio,
codicia, crueldad ha ignorancia omoiva
pueblo nativo América-pe pe ojeheróva
civilización occidental*

*Um momento de silêncio em memória de
todas as vítimas da dominação,
atrocidade, extermínio, segregação,
exploração, violência, desprezo,
preconceito, ódio, ambição, crueldade e
ignorância impostos aos povos nativos da
América pela civilização ocidental.*

Índice

Pehẽngue I Guarani	11
Ficha catlogafico rehegua	12
Sinopsis	13
Moakha I - Moñepyrũmby	17
Moakha II - Método ha material-kuera rehegua	21
Moakha III – Umi mba'e ogehupytyseva oñeha'va	28
Moakha IV - Teorias tradicionales oñe'eva'ekue moralidad ñemboguata rehegua	29
Moakha V - Peteĩ entendimiento evolución oñemboguapyva'ekue moralidad ñe'e	61
Moakha VI - Umi principio básico de los morales prehistoria-pe	93
Moakha VII-Recomposición de un sistema moral prehistorico rehegua	118
Moakha VIII - Relación sistema moral paleolítico ha sociedad moderna oñemboguapy	122
Bibliografía	132/153
Seção II – Português	154
Registro Bibliográfico	155
Sinopse	155
Capítulo I -Introdução	160
Capítulo II - Método e materiais	164
Capítulo III-Resultados	171

Capítulo IV - Teorias tradicionais sobre as origens da moralidade 172

CAPÍTULO V - Uma compreensão evolucionária das origens da moralidade 203

Capítulo VI - Os princípios básicos da moral na pré-história 235

Capítulo VII - Recomposição de um sistema pré-histórico de moral 261

Capítulo VIII - Relações entre o sistema moral paleolítico e a sociedade moderna 265

Bibliografia (em ordem alfabética... 276/297

PEHĚNGUE I

Ficha catálográfico rehegua

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arruda, Roberto
Arquetipos morales [livro eletrônico] : ética
prehistoria-PE / Roberto Arruda. -- São Paulo : Ed.
do Autor, 2024.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-01-25314-5

1. Arquetipos 2. Ética 3. Evolução 4. Filosofia
5. Inconsciente I. Título.

24-242033

CDD-170

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Filosofia 170

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Sinopsis

Pe tradición filosófica umi enfoque moral rehegua oñemopyenda predominantemente umi concepto ha teoría metafísica ha teológica-pe. Umi concepto tradicional ética rehegua apytépe, ojehecharamovéva ha'e Teoría de Comando Divino (TCD).

TCD he'iháicha, Ñandejára ome'ẽ pyenda moral yvypórape ojejapo guive ha umi revelación rupive.

Péicha, pe moralidad ha divinidad ndojeseeparái va'erāmo'ã pe civilización mombryvéva guive .

Ko'ã concepto oime sumergido peteĩ estructura teológica ha oasepta principalmente mayoría umi omoirûva mbohapy tradición abrahámica: judaísmo, cristianismo ha islam, oimehápe parte considerable población humana. Oñongatúvo jerovia ha Apocalipsis ifundamento ramo, umi Teorías de Mando Divino noĩri estrictamente sujeto mba'eveichagua tipo de demostración-pe.

Umi opositor concepción moral Comando Divino rehegua, oñemopyendáva imposibilidad ohechauka haġua umi suposición metafísica ha religiosa orekóva, oñeha'ã heta siglo aja (jepémo ndorekói éxito) odevalorávo importancia orekóva. Oipytyvõ hikuái argumento teoría ndohechaukái evidencia material ha coherencia lógica ha, péva rehe, ndikatúi ojeguereko en cuenta propósito científico téra filosófico. Ha'e peteĩ jerovia añónte ha upéicha rupi oñentendeva'erã.

Además ko'ã oposición extrema-gui, heta ambue concepto oataka umi teoría Comando Divino rehegua, peteĩ térã ambue hendáicha, en parte térã en su conjunto.

Heta filósofo ha científico social, filosofía clásica griega guive ko'ãga peve, techapyrã, he'i pe moralidad ha'eha peteĩ constructo añõnte ha upévare culturalmente relativo ha culturalmente determinado. Ha katu kóva ogueru heta ambue ñomongeta ha omoî desafío ojekuua haguã mba'épa he'ise cultura, mba'e elemento cultura rehegua odetermináva moralmente ha, ipahápe, mba'épa umi límite ko relatividad rehegua.

Umi determinista moral katu he'i opa mba'e ojoajúva yvypóra reko rehe, umíva apytépe pe tekoporã, ojedeterminaha umi mba'e omoñepyryvape, ndaipórigui libertad de albedrío.

Nda'arévéma, umi pensador moderno he'i oíha peteĩ ciencia rigurosa moralidad rehegua. Ha katu pe método científico añoite, jepémo omyesakã opaichagua mba'e ha mba'e ohechaukáva, ndaikatúi omyesakã opaite mba'e oguerekóva ha he'iséva ética. Pe entendimiento moral oikotevẽ peteĩ percepción ha acuerdo tuichavéva umi filósofo apytépe, araka'eve ndohupytyva hikuái.

Opa ko'ã porandu oguereko heta configuración iñambuéva, odependéva peteĩteĩ línea filosófica rehe, ha omoñepyry análisis complejo ha debate opa'yva, heta umíva apytégui ojoavy rupi ojuehegui.

Universo ha atmósfera ojeréva ko estudio rehe ha'e umi dominio opavave ko'ã conflicto conceptual, ojehecháva punto de vista objetivo ha evolutivo.

Taha'e ha'éva ko circunstancia ha importancia intrínseca orekóva, ko'ã porandu mombyry eterei enfoque

metodológico peteĩ discusión analítica moralidad objetiva rehe, ha'éva, añetehápe, objetivo ha alcance ko tembiapo.

Jahecha jeyva'erã mbykymi ko'ã teoría tradicional iñimportánte, ko investigación ha'égui peteĩ estudio comparativo, ha umi suposición orekóva por lo menos tuicha iñambue opaite teoría tradicional-gui.

Upévare oñekotevê oñeikuave'ê moñe'êhárápe, ko texto-pe, elemento directo ha específico ombojojáva crítica válida-pe guarã, odispensávo investigación interruptiva.

Ha katu, jepe jahecha jey umi teoría tradicional, upevarã exposición comparativa ha crítica, oñeñongatúta ñande preocupación principal ykére, ha'eháicha " *aliena materia* ".

Taha'e ha'éva validez oimeraêva térã opavave elemento ko ñomongeta ha significado orekóva universo filosófico ramo ko obra, objetivo orekóva ore estudio ohechauka ha ohustifika existencia ha significado arquetipo moral prehistórico heñóiva directamente umi principio fundamental, oikotevê social ha ñeha'ã ojeikove haguã. Ko'ã arquetipo ha'e definición fundamento esencial ética, agregación orekóva organización lógica colectiva inconsciente ha correspondiente ha transmisión umi etapa evolutiva genoma humano ha umi relación espacio-tiempo iñambuéva, independientemente oimeraê experiencia contemporánea umi tapicha. Ko sistema odefiníva ko'ã arquetipo omoheñói *modelo social humano evolutivo*.

¿Kóva piko peteĩ posición metaética? Heẽ ha'e ha'e. Avei, oimeraêva razonamiento metaético-peguáicha,

jaheka porãva'erã umi tape iporãvéva ha ojoajúva, oikuave'êháicha Filosofía Analítica.

Péicha ko tembiapo ohechaukava'erã razonablemente moralidad ndaha'éiha producto cultural kuimba'e civilizado térã sociedad moderna ha, jepénte oime sujeto opáichagua adición ha resta cultural relativa, umi fundamento esencial ha'e arquetípico ha araka'eve noñemoambuéi estructuralmente. Ko razonamiento he'ise pe moralidad ha'eha peteĩ atributo primario "homo sapiens" rehegua; ndaha'éi peteĩ mba'e ni peteĩ accidente: ombojoaju yvypóra esencia ha oike yvypóra identidad ontológica reino-pe.

Pe fenómeno yvypóra ha'e peteĩ proceso continuo, omboguatáva ifunción determinación aleatoria ha libre albedrío apytépe, ha tekotevẽ ñacuestiona mba'éichapa oñepyrũ pe moralidad ha mba'éichapa ou ñandéve ko'ágã.

MOAKĀHA I

MOÑEPYRŪMBY

Evolución ha'e peteĩ proceso oikéhápe variación ciego ha retención selectiva.¹

Ohechauka estructura arquetípica opavave sistema moral oíva ha'e peteĩ tembiapo complejo. Péro, ¿iñimportántetapa ko demostración? Katuete ha'e. Praxis filosófica ha investigación científica, oñelimitáva umi elemento ohechaukáva situación ko'ágãgua relación espacio-tiempo, generalmente vulnerable conclusión errónea . Péicha avei ojejapo umi observación situación espacio -tiempo iñambuéva ko'ágãguágui , ndorekóiva debida gravedad metodológica. Mokõi ehémplo hesakã porãitereíva ojepurukuaa. Peteĩha oúva filosofía clásica griega-gui, he'ívo, iñepyrũrã, yvypóra iporãveha heta ko'ágãgui (400 a.C.) ha oadopta teoría mbohapy época regresiva (oro, bronce ha hierro). Oiko contrario algunos materialistas históricos radicales contemporáneos ndive ha he'íva hikuái humanidad ko'ágãgua iporãveha mombyry umi sociedad yma guarégui ojeipe'áva ciencia ha tecnología-gui, oñemopyendáva infraestructura

¹ T. D. Campbell, "Variación ha retención selectiva evolución sociocultural-pe", H. R. Barringer, B. I. Blanksten, ha R. W. Mack, eds., Cambio Social umi área en desarrollo Nueva York: Schenkman, 1965. - 32.

primitiva-pe, ha oikóva ignorancia, violencia ha misticismo sombra-pe.

Mokōive declaración ha'e resultado inconsistente sesgo modernidad, ha ndojuhúi mba'evéichagua coherencia razonable ni posibilidad demostración. Umi parte significativa umi estudio ojeguerekóva ética rehe oreko diverso ha recurrente sesgo formulación-pe.

Umi concepto, elemento ha reclamo oíva ko estudio-pe ni mba'evéicharō ndaha'úi ipyahúva ni ndoikuaaukáí umi mba'e ojekuua'ýva. Ndaiporimo'ái descubrimiento, revelación, realidad noñemoherakuáiva, teoría sorprendente, ni razonamiento complejo, ha sa'ive jepe pe lenguaje hermético oīporāva erudición-pe ġuarā. Filosofía ndaha'úi peteī ciencia investigativa ni peteī ejercicio complejidad rehegua, ha katu peteī praxis oñemotenondéva añónte ha intención ha'éva opensa haġuánte umi mba'ére iporāvévape. Umi filósofo ndorekói ni tekotevė ni oportunida ha'e haġua ijojaha'ýva. Tekotevėnte hikuái ojoaju hikuái. Ko tembiapo hembipotápe oime opropone peteī forma adecuada ojepy'amongeta haguā moralidad rehe oñemongy'a'ýre umi porandu metafísica: peteī forma filosófica otratávo peteī objeto filosófico peteī posición objetiva guive. Ko jeporavo ha'e pe mba'e omopyendáva ko tembiapo isensíllova (ha hasyha). Pe programa "Introducción a la Filosofía" Universidad de Edimburgo-pe, Prof. David Wour ha Prof. Duncan Pritchard, imetodología didáctica rupive, ohechauka mba'éichapa umi tembiapo académica, ikatuháicha, ojehai va'erā opavave oikuaa haguā. ndaha'úi exclusivamente umi adepto altamente especializado-pe guarā umi dialecto académico-pe.

Heta mba'épe filosofía analítica-pe, ko sencillez ha'e pe ao hesakāva, omyesakāháicha Matthew McKeever:

Oñeha'ãvo oikuaa umi vagancia ñe'ë jeporu rehegua, tekoporã térã realidad voi, umi filósofo analítico ojapo jepi ko'ãichagua yuxtaposición creativa umi idea rehegua, pe contemplación añónte oguerohorýva'erã oimeraëva orekóva gusto umi jehecha audaz realidad rehegua. Upéicharõ, ambue jey peguerékóramo peteĩ yen filosofía-pe ñuarã ha katu peñemboykévo prosa térgica ha umi premisa numerada rupive, pepensa peperseverávo, peha'arõvo pejuhu, Keats-icha, añetegua ha iporãva . ²

Peteĩva umi atribución oñeñe'ëvéva epistemología ha ontología rehegua ojekuaáva oñembohysýi mbohapy ñe'ëme añónte: "Cogito, ergo sum" - René Descartes (1596 - 1650). Descartes lema ha'e peteĩ jeheka añetegua filosófico rehegua, ha upéva ha'e iporãva. Katuete, pe razonamiento ha demostración jaadoptáva ohesa'yijova'erã peteĩ marco metodológico apropiado ha integrativo, noñelimitáiva pensamiento filosófico-pe, ni umi elemento científico disponible fragmentado oúva observación empírica realidad material rehegua.

Yvypóra rembiasakue ndive, heta teoría ha concepto iñambuéva oheka oikuaa ha omyesakã fenómeno moral, ha opavave ojapo guive peteĩ aporte válido ha constructivo ohesapévo ko'ã estudio complejo-itereíva, ni peteĩva noñemboykéiva'erã, noñeñandúiva'erã, oñemboyke va'erã oñeñe'ëha estereotipo, sesgo personal térã prejuicio reheve. Ha'ekuéra ha'e pe universo ko tembiapo rehegua. Ko'ã mba'ére, ndaikatúi jaha tenonde gotyo ñane estudio rehe jahecha jey'yre ko rico colección cultura humana, jepénte de manera simplificada ha

² McKeever, Matthew - Pe mba'eporã oguerékóva filosofía analítica.
<https://mipmckeever.weebly.com/mba'e-ovejhai.html>

concisa, oñemoîva umi límite estrechoiterei ko texto-pe. Ñañeha'ãta ñamombyky ko visita, mbykymi ikatuháicha. Oguahê rire umi resultado ko relección-pe, ikatúta oimeraêva ohesa'ÿijo grado de compatibilidad ñane remiandu ha teoría filosófica tradicional, oejercévo crítica orekóva ha omopu'ãvo opinión autónoma.

MOAKĀHA II

MÉTODO HA MATERIAL-KUÉRA REHEGUA

1. Situación rehegua.

Ko tembiapópe, ñantende “prehistoria” ha'eha pe periodo Paleolítico (ojapo 3,3 millones ha 11.650 ary), ojekuaa ypy guive oipuru hague tembiporu ita rehegua hominido -kuéra rupive opa pepe Pleistoceno .

Amo ipahápe, ikatu jaguereko en cuenta umi periodo ohasava'ekue, pe sujeto orecomenda jave, ha ñane investigación ojuhu elemento material.

Umi mba'ére ojeporavókuri Paleolítico universo cronológico ramo ko estudio-pe, opaichagua.

Pe generalvéva ha'e pe hecho pe metodología ojeadoptáva ohekaha umi contexto mombyry ikatuháicha, totalmente aislado oimeraẽ rastro influencia elemento civilización-peguagui, ha hi'aguívéva ikatuháicha pe advenimiento primario humanidad-gui.

Ñañe'ẽ hína umi arquetipo mombyry etereívare.

Homo sapiens ñemongakuaápe ha pe fase ipukuvéva yvypóra rembiasápe. Peteĩ mba'e iñimportantevéva ko época-pe ha'e umi episodio evolutivo sucesivos especie humana rehegua, omoheñóiva heta cambio ñande genoma-pe, ohóva peteĩ criatura simian térã haimete yvypóragui pe *Homo sapiens* ojedefíniva pepe. Pe evolución ningo iñimportanteterei ojejapo hañua umi estudio neurocientífico oñe'ẽva yvypóra apytu'ũ ñemongakuaáre ha umi mecanismo okorrespondéva oĩva oñekonstitui hañua umi arquetipo mombyryvéva. Paleolítico aja oiko yvypóra heñói, ha ko ventána de

tiempo-pe añoite ikatu jajepy'amongeta umi característica original añetehápe orekóvare.

Yvypóra tavayguakuéra, ko ára pukukue pukukue, sa'ieterei. Umi karai arandu ko'agagua he'i ko puévlo ndohasáiha un millón de persóna. Umi aty nómada michĩva oñemyasái ohóvo peteĩ área geográfica tuichaitereívape. Umi sociedad paleolítica ojapo peteĩ economía oñemopyendáva actividad de caza grupo ha compartido-pe. Yvypóra oheka mymba ka'aguy so'o ha ombyaty hi'upyrã, yvyra ha mba'e ojeporúva hembiporurã, ijaorã térã hógarã.

Umi mba'e iñimportantetereíva oĩ haguã oimeraëva principio moral oñepyrũ upe época-pe, ha'eháicha capacidad abstracción rehegua, capacidad interpretación semiótica símbolo rehegua ha heñói comunicación oral ojeporúvo código sonido ha visual - umi rastro peteĩha lenguaje lógico ha sintaxis rehegua .

Opa ko'ã característica ombojoajúvo ojoko dispersión elemento material oipytyvõva omopyendávo umi contexto oñeha'áva oipytyvõ ñane análisis, jepénte tuicha área geográfica ojehesa'yijóva ñande ypykuéra mombyry.

Ñande universo cronológico opa oúvo periodo neolítico, ojapo 11.650 ary. Oguahëvo periodo neolítico ointerrumpi opa ko'ã característica social péva umi científico ohenóiva "revolución neolítica", orepresentáva heñóivo agricultura, asentamiento población territorio definido ha oñepyrũva urbanización. Opaite elemento neolítico ha'e completamente extraño umi contexto primitivo jahekávape, ha jepe ñakonsideráramo ha'eha parte prehistoria-pe, ñande tesis-pe guarã Neolítico ha'e peteĩ "periodo moderno".

Upévare, ko tembiapópe añoite, prehistoria oñemohu'ã ojapo 11.650 ary.

Opa ko'ã ingrediente ñanepytyvõta jadefini haguã umi contexto iñambuéva ojeruréva metodología ojeadoptáva.

2. Mba'éichapa ojejapo

Jaadopta predominantemente umi concepto Filosofía Analítica-gui oñemopyendáva método epistemológico-pe. Ko kásope, kóva he'iséta ñamomba'eguasuha peteĩ argumento específico precisión, intensidad ha pypuku, ha ñañemomomyry opaite discusión imprecisa térã inconclusiva-gui umi tema naturaleza general rehegua. Umi mba'e iñimportantetereíva ojeadoptava'erã ha'e: (i) oñembotuicha hesakã haguã; ii) oipuru umi argumento riguroso; (iii) ñeñangareko metafísica jeporúpe, taha'e ha'éva joaju orekóva yvypóra reko rehegua mba'e ndive; iv) desprecio oscurantismo, imaginario, sesgo térã suposición oimeraéva naturaleza rehegua; v) argumento sólido, oikéhápe umi aporte auxiliar heta ambue fuente ndaha'éiva filosófica-gui.

Ko metodología oadmiti ojeporúvo constante razonamiento coherente ha convincente, oimehápe aporte ciencias ha'eháicha, pero nahániri oñemboty arqueología social, paleoantropología, tembiasakue, psicología social ha cognitiva, ciencias de conducta ha heta ambuépe.

Ñañe'ëvo ko'ã elemento científico rehe, jaipotave umi ojeikekuva ha isensíllova, ojeadopta haguére ko estudio filosófico-pe ha'égui complementario ha hembipotápe oime omoañete haguãnte validez ha cogencia argumento-kuéra rovái umi elemento ojekuaáva mundo empírico experimental-gui. Umi mba e ojoajuvéva

ojeadopta hagua ko a elemento auxiliar ha e: (i) ojecepta hagua razonamiento inductivo, (ii) oña mbovymi elemento material añoite, (iii) umi característica objeto ñane estudio rehegua (antegüedad, población nómada ha ndaipóri umi elemento material ojeháiva ha umi rasgo urbano).

3. Mba'e ojeporúva

Ñamañavo yma mombyry, Filosofía ndoguatavéima ha'eño.

Ko'ágã, Arqueología ha Antropología ojuhu ñemopyenda teoría avanzada ha método específico, oipyhýva peteî posición relevante opavave tema ciencias sociales-pe, de manera tuicha sofisticada yma guarégui.

Umi metodología ipyahúva investigación arqueológica multiscalar ko'ã árape oikuave'ë perspectiva tuicha ipypukuvéva umi cambio yma guaréva estructura social humana ha ogueru evidencia material variación ohypýva comportamiento ha interacción yvypóra contexto mombyry etereíva tiempo ha espacio.

Academia Nacional de Ciencias Estados Unidos de América omoherakuã artículo "Arqueología como ciencia social", Michael E. Smith³ , Gary M. Feinman rehegua ⁴ ,

³ Mbo'ehára Asociado, Departamento de Patología Vegetal, Universidad de Florida-pe.

Ñe'ẽ reko ha rekosa'ỹ rehegua 209/7617

⁴ MacArthur Comisario de Antropología, Museo de Campo-pe

Robert D. Drennan rehegua⁵ , Timoteo Earle rehegua ⁶ , ha Ian Morris-pe ⁷ upépe umi ohaíva he'i upéva

Umi oíva interesado omodelávo umi cambio a largo plazo fenómeno socioeconómico térã oikuaa haguã pypuku práctica moderna , umi ára especulación fantasía yma guaréva oñemopyendáva sentido común térã especulación no crítica ko'ágãguáva añoite. Umi descubrimiento arqueología-pegua oúva escombros-gui ko'ágã ome'ê peteî relato empíricamente hendaitépe umi mba'e ojaróva umi tapicha ha mba'éichapa omohenda intereses yma mombyry.⁸

Ñande argumento oguerekóta en cuenta ko'ã elemento empírico ha ojehechakáva peteíva umi fundamento orekóva. Pe aporte iñiimportantevéva ou opaite contenido semiótico ndaha'éiva lingüístico ikatúva oikuave'ê ko'ã ciencia oñeinterpreta haguã, ha'eháicha yvypóra restos, ñeñotÿ yma guaréva, sacrificio humano, mymba restos, artefacto ritual, tenda oikóva época-pe ha elemento material orekóva semiótica simbólica contenido (ha'eháicha petroglifo ha ambue).

⁵ Mbo'ehára Emérito Departamento de Antropología Universidad de Pittsburgh-pe.

⁶ Motenondehára Departamento de Antropología ha Motenondehára División de Arqueología Asociación Antropológica Americana-gua.

⁷ Departamento de Clásicos rehegua. Mbo'ehaovusu Stanford-pegua

⁸ Proc Natl Acad Sci Estados Unidos rehegua . 2012 15 jasypokõi; 109 (20): 7617-7621. Ñe'ëpoty ha ñe'ëpoty. Oñemoherakuã 30 jasyporundy ary 2012. doi:10.1073/pnas.1201714109 ha Michael Tomasello // Peteñ Tembiasakue Natural Yvypóra reko rehegua, [http://eprints.lse.ac.uk/73681/1/bjpsbooks.wordpress.com-Michael%20Tomasello%20%20\(ojehecha 30 jasyporundy ary 2019-pe\).](http://eprints.lse.ac.uk/73681/1/bjpsbooks.wordpress.com-Michael%20Tomasello%20%20(ojehecha%2030%20jasyporundy%20ary%202019-pe).)

4. Proceso rehegua.

Mba'éichapa ikatu ko evidencia fragmentada ha elemento isarambipáva oreko relevancia ha decisivo ko estudio-pe, omoïvo conclusión razonamiento filosófico-pe?

Ko'ápe ojeporúta pe método contextualización rehegua. Ko método, opaichagua variación orekóvape, ojeporu porã filosofía ha ciencias sociales-pe. Pe punto oñepyrũha ha'e pe definición heta contexto específico ha independiente rehegua oñembosako'íva umi elemento evidente peteĩchagua situación espacio-tiempo rehegua oguerúva aporte opáichagua ciencia-gui. Peteĩteĩ ko'ã contexto-pe, umi relación oñeikotevêva causalidad ha correlación rehegua ojehecha lógicamente katuetete oĩha (ojeporúvo evidencia térã conocimiento oĩmava'ekue voi), jepémo ndojekuaái gueteri. Upégui, umi proceso deductivo ha inductivo ikatu ohechauka convincentemente oĩha térã ndaipóriha pe objeto investigación rehegua.

Ko estudio kásope, péva oikóta techapyrã epistemológico ramo partido de fútbol-pe. Ko partido de fútbol oiko mokõi arýma ha ha'e contexto ore investigación. Ko contexto ha'éta ñande marco. Pe elemento material añoite jaguerekóva ha'e peteĩ foto color rehegua. Ta'angápe, ikatu jahecha oĩha umi jugador oĩva movimiento aparente-pe, peteĩ parte cancha-pe, oĩ espectadores, peteĩ kuimba'e orekóva uniforme morotĩ ñambuetereíva umi oipurúvaguí umi jugador, supuestamente ikatúva ha'e árbitro - ha ambue mba'e. Ha katu jaheka peteĩ pelota, ha pe ta'anga ndohechaukái peteĩ pelota. Jepénte, oĩha peteĩ pelota ha'e peteĩ condición "sine qua non" oĩ haguã partido de fútbol en curso (peteĩ elemento material específico hese'y ndikatúiva oĩ contexto). Upévare, convincenteiterei, ikatu

ja'e: "ojeporu peteĩ pelota ko partido-pe", jepénte ndojehechái.

Ko método oadopta pe idea epistemológica "pe jehechauka oĩha opaite mba'e oguereko pe jehechauka oĩha opaite ipehẽngue esencial". Ko mba'ekuaa inferencial ohesa'ỹjjo Bertrand Russel,⁹ peteĩ investigación realidad ojehecháva ko tembiapo rupive ndaikatúgui oipuru mba'eveichagua interacción oñemopyendáva experiencia-pe ha odepende heta elemento referencial ha descriptivo rehe.

Jaipurúvo ko método, ñamopu ãta umi contexto coherente orekóva evidencia fragmentada ojoajúva peteĩchagua situación espacio-temporal rehe, péicha ni peteĩva ko ã contexto ndaikatumo ãi oĩramo principio moral - pe pelota ñañembosaráitava hendive.

Jaheka pe pelota, ha ko kásope pe pelota ha'e oimeraẽ principio moral esencial pe contexto oĩ haꝓua. Ojekuaa rire chupekuéra, opa umi pyenda moral ikatúva jagueru evidencia-pe ikatu oñeorganisa ha oñeanalisa peteĩ sistema moral-pe: pe supuesto ha ikatúva oĩ sistema moral prehistoria-pe.

⁹ Russell, Betrand - "Mba'ekuaa familiaridad rupive ha mba'ekuaa descripción rupive" *Procedimientos de la Sociedad Aristotélica*, 11: 108–128., 1912, *Los problemas de la filosofía*, Oxford: Oxford University Press.

MOAKĀHA III

Umi mba'e ogehupytyséva oñeha'áva

Ko estúdiope jajapóta:

a) Jaargumenta pe ética ha eha petet tema filosófico multidisciplinario ha autónomo ha, jepémo ojoaju ambue estructura filosófica ndive, ha eháicha metafísica ha ontología, ikatu ñantende porave jahecharamo ha eha petet fenómeno social sujeto observación analíticape, oñemopyendáva de a visión metodológica específica rehegua.

b) Ohechauka pe moralidad ha eha petet sistema arquetípico ha omantene ifundamento ñambue'ýva pe experiencia humana mombyryvéva guive, upéicha rupi ojeguero via ojehecha hagua ha'eha peteî atributo primario "homo sapiens" rehegua, jepémo algú modo culturalmente relativo ha ojeadapta evolución social ha tecnológica-pe .

c) Ohechauka oñentende hagua moralidad oikotevéha retrospectiva ko arquetipo ypykue ha contenido arcaico rehegua.

d) Ohechauka mba éichapa ko a arquetipo oñemotenonde ko ága peve mecanismo evolutivo genético ha neural rupive.

e) Omohenda jey sistema moral prehistórico ha ombojoja umi modelo ha comportamiento moral, social, económico ha político moderno rehe.

MOAKĀHA IV

TEORIAS TRADICIONALES OÑE'ĒVA'EKUE MORALIDAD ÑEMBOGUATA REHEGUA

1 - Teoría del Mando Divino rehegua .

Teoría del Comando Divino (ojekuaáva avei "voluntarismo teológico", "sujetividad teística" térã simplemente TCD) ha'e peteĩ teoría metaética omoañetéva pe moralidad ha'eha peteĩ consecuencia Ñandejára rembipota rehegua ha oĩha peteĩ obligación moral universal obediencia rehegua. Tupã rembiapoukapykuérape. Apocalipsis ombohasa Ñandejára mandamientokuéra yvypórape, ha ikonteído oĩ umi lívro ha ambue téxto sagrádope.

Ikatu ñantende TCD ha'eha absolutismo moral mba'e , omantene yvypóra oĩha sujeto umi norma absoluta-pe odetermináva araka'épa oĩ porã térã oĩ vai umi acto. Absolutismo moral katu ho'a ética deontológica paraguas guýpe , ombo'éva umi tembiapo ha'eha moral térã noñemopyendái ojeadheri haguére ciertas normas-pe. Péva ha'e mba'érepa TCD ha'ete hi'aguĩetereíva filosofía de derecho-gui.

Pe teoría divino mandamiento rehegua he'i peteĩ acto ha'eha moral osegíramo Ñandejára mandamiento. Ñandejára rembiapoukapy odicta iporáva ha ivaíva - Ñandejára he'íva ojejavova'erãha oĩ porã, ha pe he'íva ani haġua jajapo ivaíva. Yvypóra rembipota, yvypóra reko, ni yvypóra reko ha'e pe tekoporã ñemopyenda. Pe consecuencia pe acción rehegua avei ndokalifikái ikonteído moral, ohecháva umi fundamento ha'eha Ñandejára he'íva añoite.

Hetave umi mbohapy tradición abrahámica omoirûva universalmente ko teoría teocéntrica, metafísica ha deontológica: Judaísmo, Cristianismo ha Islam. Pe contenido específico ko'ã mandamiento divino rehegua iñambue según pe religión particular ha umi visión particular teorización individual rehegua, oatribuiva peteĩ relatividad específica umi concepto umi mandamiento rehegua, omantene aja pe estructura uniforme umi fundamento orekóvape.

Heta versión pe teoría rehegua osê umi formulación original guive. Pe teoría omoañete pe añetegua moral ndoexistíriha independientemente Ñandejáragui ha umi mandamiento divino odeterminaha pe moralidad. Umi concepción rigurosovéva DCT-gui o'afirma Ñandejára orden ha'eha pe único principio peteĩ acción porã ha'e ha'gua moral ha valiosa ha, a su vez, umi variación concesivavéva pe teoría-gui ohechauka pe orden divino ha'eha peteĩ componente vital pe razonamiento rigurosovéva ryepýpe.

Ha'égui peteĩ mba'e pariente, TCD oguereko aceptación plena heta filósofo ha teólogo iñimportanteva, principalmente mundo cristiano-pe, ko'ã siglo veinte ohasava'ekuépe, umíva apytépe San Agustín, San Tomás de Aquino, René Descartes, Guillermo de Ockham, Blaise Pascal, Martín Lutero, Philip Quinn ha Robert Adams.

Umi pyenda TCD rehegua oike avei tradición musulmana-pe heta siglo aja¹⁰, jepémo umi karai arandu ko'ágagua ombotove umi idea contemporánea he'íva Islam ha'eha

¹⁰ Abdullah Sliti (2014) *Ética Islámica: Teoría del Comando Divino Pensamiento árabe-islámico, Islam ha Relaciones Cristianas-Musulmana-pe*, 25:1, 132-134, DOI: 10.1080/09596410.2013.842089

peteĩ káso definitivo voluntarismo ético rehegua.¹¹ Ojehechávo umi concepto moral tradicional cultura judía rehegua ha'eha teocéntrico, cristianismo ha cultura islámica-peguaicha, pe teoría katuetete ojuhu henda umi filósofo ha pensador religioso judío apytépe.

Ha katu, ko'ágã, pensamiento islámico-icha, umi estudio judío moderno ombotove pe idea generalización ha permanencia ko'ãichagua influencia rehegua. Avi Sagi ha Daniel Statman rehegua¹² he'i ñaha'arõva'erãha umi formulación TCD oñemopyenda judaísmo-pe, ojehechávo oĩha cristianismo ha Islam-pe. Ha katu umi ohaíva ohechauka umi texto judío-pe, contrario ko suposición-pe, ko presencia noñemoañetéi ha oĩha texto ombotovéva voi umi concepto TCD-pe. Oñeha'ãvo ohechauka ndaipóriha teoría, he'i hikuái carácter moral ha racional Ñandejára orekóva según judaísmo, avei naturaleza racional "halakha", nomopyendái suficiente motivo oasepta haguã tesis TCD.

Taha'e ha'éva heta variación orekóva, umi fundamento opa doctrina filosófica Mando Divino rehegua iñepyrũra ojoaju pe idea central oĩha peteĩ Léi Natural, peteĩ umi tema polémica-véva cultura ha yvypóra pensamiento-pe iñepyrũ guive.

Formalmente, pe léi natural oñentende simplemente, ha ikatu ñamboguejy pe declaración umi fundamento original orekóvape. Ha katu, pe importancia orekóva ko'ã

¹¹ Al-Attar, Maríam rehegua. (2010) rehegua. Ética Islámica: Teoría de Mando Divino Pensamiento Árabe-Islámico-pe. 1 Avi Sagi ha Daniel Statman - Divino Comando Moralidad ha Tradición Judía The Journal of Religious-pe. Ética rehegua vol. 23, No 1 (Primavera, 1995), pp. 39-67 / 0,4324 / 9780203855270 rehegua

¹² Avi Sagi ha Daniel Statman - Moralidad de Comando Divino ha Tradición Judía oĩva The Journal of Religious Ethics Vol. 23, No. 1 (Primavera, 1995), pp. 39-67-pe

concepto oimeraẽ ejercicio filosófico ojoajúva moralidad rehe oikotevẽ amplio atención he'isévare. Avei, pe concepto moralidad rehegua teoría derecho natural guýpe ndaha'etí subjetivo. Upévare, pe definición mba'épa "oĩporãva" ha mba'épa "ivaíva" peteĩchaite opavavépe guarã, oparupiete, opersistiva'ekue opaite teoría deontológica-pe.¹³

Ko enfoque TCD orekóva tradición derecho natural oacentua estructura de mando orekóva ha ogueru inserción inevitable ética práctica-pe, omyesakãháicha Félix Ayemere Airoboman¹⁴ : 1 .

Pe teoría de mandamiento divino ha'ete ombodifusíva pe diferencia oíva léi ha moralidad apytépe. Opostula umi mba'e he'íva ha'ete ku Ñandejára léi orrepresentáva yvypóra reko porã. Ñandejára ome'ëva'ekue peteĩ kuimba'épe ha'e léi, peteĩ tetã ome'ëháicha estatuto itavayguakuérape ikonstitusión rupive. Pe léi noñekumplíri, taha'e yvypóra térã Ñandejára, ojejoko amenaza rupive. Ha katu pe moralidad heñói pe libre albedrío térã libre acción orekóvagai pe agente moral, independiente léi térã amenaza-gui. Ha katu, pe teoría de mando divino oreko mérito ombohová

¹³ Brittany McKenna Teoría del Derecho Natural rehegua: Ñe'ẽñemi, Ética ha Tembiecharã - <https://study.com/academy/lesson/teoría-de-natural-de-definición-ética-ejemplos.html#transcriptHeader>

¹⁴ Ewanlen rehegua . Peteĩ revista de investigación filosófica rehegua. "3. 1.1 (2017): 17–31. Félix Ayemere Airoboman – peteĩ jepy'amongeta crítico pe teoría de mando divino moralidad rehegua."

haġua algunos problemas de la moralidad inherente ambue teoría ética-pe.

Teoría de comando divino, ha avei umi idea derecho natural rehegua, oñembotove heta hendáicha. Ko tembiapópe, nañañe'ëmo'ãi validez orekóvare umi oposición umi concepto Comando Divino rehegua punto de vista-gui oimeraë sesgo ojoajúva conflicto religión, filosofía ha ciencia apytépe, generalmente ojeguerekóva en cuenta ko discusión-pe. Umi tesa orekóva rama moderna Filosofía Analítica oadoptáva autor, ciencia ha religión ndojoavýiva'erã. Ciencia ha'e peteĩ proceso mental yvypóra racionalidad rehegua ha araka'eve ndaikatumo'ãi onega Ñandejára oïha. Ambue hendáicha, oñemantene térã oñenega pe ciencia araka'eve ndaha'ékuri pe religión he'iséva ni alcance. Pe conflicto ciencia ha religión apytépe ha'e principalmente peteĩ sesgo personal térã ideológico ojavyetereíva umi filósofo, científico térã pensador religioso-kuéra.

Edward Osborne Wilson rehegua ¹⁵ Peteĩ jey ha'e ndaha'eiha productivo ñañemoĩ ciencia ha religión rehe, ha'égui umi mokõi fuerza ipoderosovéva ko mundo-pe. Abdulla Galadari rehegua ¹⁶ omomba'eguasu umi científico araka'eve ndaha'emo'ãiha científico ndaha'éirire teólogo al mismo tiempo ha viceversa. Ha'ekuéra complementario, oatestigua ha ohustifika ojupe

¹⁵ Eduard Osborne Wilson ko'ápe: <https://www.edad-de-la-sabio.org/debate-ciencia-versus-religion.html-pe>

¹⁶ Galadari, Abdulla rehegua. (2011) rehegua. Ciencia versus religión: opa pe debate.

Pe oposición imbaratevéva ha ojekuaáva Teoría de Comando Divino rehe ha'e peteĩ argumento refutación implícita ojerepetíva ojekuaáva "dilema de Euthyphro".

Ko dilema oñemopyenda porandu oúva peteĩ ñomongeta socrático -gui , umi mba'e oikóva umi arapokōindy ojehusga mboyve (399 a.C.), Sócrates ha Eutifro apytépe, oúva ogueru haguã acusación de asesinato itúva tee rehe.

Sócrates oporandu Eutifro-pe: “¿Iporãpa umi acto moralmente Ñandejára oipotágui, térãpa Ñandejára oipota iporãgui moralmente?”

Peteĩteĩ ko'ã mokõi posibilidad ogueraha consecuencia-pe pe teoría divino mandamiento ndaikatúiva o'acepta. Taha'e ha'éva tape pe teórico divino mandamiento rehegua ombohováí ko porandu, ha'e ombotovéta pe teoría imba'éva. Ko argumento ikatu oñeformula kóicha:

1) Añete ramo teoría de mandamiento divino, upéicharõ (i) umi acto moralmente iporãva Ñandejára oipota iporãgui moralmente, térã (ii) umi acto moralmente iporãva iporã moralmente Ñandejára oipotágui.

2) (i) umi tembiapo iporãva moralmente Ñandejára oipotáramo iporãgui moralmente, upéicharõ iporã moralmente independientemente Ñandejára voluntad-gui.

3) Ndaha'etí añetegua umi tembiapo iporãva moralmente iporãha moralmente independientemente Ñandejára voluntad-gui. Upevakuére:

4) Oiméramo (ii) umi tembiapo iporãva moralmente iporãramo Ñandejára oipotágui ha'e, upéicharõ ndaipóri mba'érepa jajepy'apy Ñandejára mba'eporã moralmente térã ñamomba'eguasu haḡua Chupe.

5) Oĩ mba'érepa jajepy'apy Ñandejára reko porãre ha jaadora hağua Chupe. Upevakuére:

7) Ndaha'ei pe káso (ii) umi tembiapo iporãva moralmente iporãha moralmente Ñandejára oipotágui. Upevakuére:

8) Pe teoría de mandamiento divino japu.

Ko argumento ha'e pe tipo de "batalla de silogismos" ojeipysóva algunos discusiones filosóficas-pe. Oĩ ijapytepekuéra oguerekóva umi añetegua filosófico iñimportánteva. Oĩ ótro katu ombotavýva, he'iséva umi falacia ndovaléiva mba'everã térã estéril añoite. Peteĩ techapyrã ha'e peteĩ argumento popular ojeheróva "peteĩ cerebro en un matraz", oikuave'êva umi determinista duro ha ambue escéptico. Taha'e ha'éva, opa "batalla de silogismos" oreko en común pe característica esencial oñelimitáva estrictamente lógica formal-pe peteĩ contenido lingüístico ryepýpe. Ojejapo filosofía ojeporúvo ko chaleco estrecho ojoguaité oñekonsepávo yvypóra remiandu peteĩ calculadora digital simple ramo: peteĩ mba'e ontendéva opa mba'e sintaxis rehegua, mba'eve semántica rehegua ha ndovaléiva semiótica-pe, ohecha'ỹgui mundo real-pe.

Heta filósofo ombohováí dilema Euthyphro, ha umi ombohováí ojehecharamovéva ha'e umi argumento ojekuaáva "Morder la bala", "Naturaleza humana" ha "Asesoramiento de Alstons".

Jepémo ha'e peteĩ referencia esencial peteĩ estudio pypukuvéva TCD rehegua, ndaipóri espacio ko tembiapópe oñecontinua haguã ko tema rehe tiempo indefinido. Avei, kóva peteĩ debate araka'eve noñemohu'ãiva.

Taha'e ha'éva, dilema Euthyphro, independientemente ha'éva argumento "ojeguererekovéva en cuenta" oposición Teoría de Mando Divino rehe, ndaha'etí ni pe único ni pe considerablevéva. Heta ótro katu oñemoĩ hese diferente argumento reheve.

Umi mba'e oñembotovéva Teoría de la Mando Divino rehe

Objeción semántica rehegua .

Michael Austin rehegua ¹⁷ , omombe'u filósofo William Wainwright opropone hague peteĩ desafío teoría-pe umi base semántica rehe, he'ívo "oñemanda Ñandejáragui" ha "oime obligatorio" nde'iséi peteĩ mba'énte, contrario pe teoría he'ívape. Wainwright oguerovia ohechauka hague ndojeporúiva'erãha teoría oformula haguã reclamo he'iséva "obligación". Wainwright ohechakuaa avei pe teoría de mandamiento divino ikatuha oimplica peteĩ ikatuha oreko conocimiento moral oikuaáramo Ñandejárape añoite. Ko autor he'i péicha ramo, ojekuaa teoría onega conocimiento moral orekóva umi ateo ha agnóstico.

Hugh Storer Chandler odesafia TCD oñemopyendáva idea modal mba'épa ikatu oĩ mundo iñambuévape. Ha'e opropone jepe peteĩ oasepta pe he'íva Ñandejára omanda ha oĩ porã moralmente ha'eha peteĩ mba'énte,

¹⁷ Austin, Michael (21 jasyporundy ary 2006 -pe). "Teoría del Mando Divino" Enciclopedia de Filosofía Internet rehegua. Oñeporandúkuri ára 3 jasyporundy ary 2012-pe).

ikatuha ndaha'úi sinónimo ikatúgui oreko diferente significado ambue escenario ikatúvape.

Pe objeición epistemológica rehegua .

Según pe objeición epistemológica ética de mandamiento divino rehe, pe moralidad oñemopyenda ramo Ñandejára mandamiento-pe, upéicharõ umi ndogueroviáiva Ñandejárame ndaikatúi oreko conocimiento moral. Ndorekóiramo conocimiento moral, ndorekói responsabilidad moral ha obligación ojoajúva Ñandejára rembipota rehe. Avei, ko objeición rehe, TCD oreko deficiencia ciertos grupos de agentes morales ndorekóigui acceso epistémico Ñandejára mandamiento-kuérape, heta mba'ére, principalmente problema de comunicación rehe. ¿Mba'éichapa Ñandejára omombe'u ñandéve hembiapoukapykuéra?

Ko'ã porandu omoñepyrũ peteĩ discusión puku ha compleja umi filósofo ha teólogo apytépe oñemombe'u haġua Ñandejára mandamientokuéra, ikatu haġuáicha ñantende Ñandejára omomarendupa ñandéve hembipota térã nahániri.

Ko objeición oñemopu'ãma -ha oñembohová- yma. Ha katu opersistiva ha oĩ razonable ojeargumenta, jepe persistente, noñemehoraiha sustancialmente ha nomereséi oñeñe'êve. Pe hecho Ñandejára mandamientokuéra ojapo térã nome'ëiha base umi hecho moral-pe ġuarã, nde'iséi umi ndogueroviáiva ndaikatuiha oreko conocimiento moral, pe capacidad jaikuaa haġua peteĩ mba'e añeteha ndodependéi ñande capacidad jaikuaa haġua añeteha ha'e pe ojapóva añete.¹⁸

¹⁸ Danaher, J. SOPHIA (2017) Ñe'ẽ reko ha rekosã'ỹ rehegua. Ñe'ẽ reko ha rekosã'ỹ rehegua 11841-017-0622-9

Pe objeción omnipotencia rehegua

Teoría de Mando Divino ombohováí problema inferencia rehegua, de alguna manera, Ñandejára ikatuha omanda umi acto de crueldad ha ambue comportamiento ñandembojegarúva. Umi defensor TCD-gua onega vehementemente ko inferencia.

Ha katu, umi opositor TCD-pe he'i ko negación ndaha'eíha coherente okontradesígui pe he'íva Ñandejára ha'eíha omnipotente. Ñandejára ikatúramo omoheñói, ombogue ha omoambue opa mba'e, pe suposición ndaikatuiha odetermina ko'ã mandamiento repugnante ha'e peteĩ contradicción.

Thomas Aquino (1225-1274) ombohováí ko entendimiento omnipotencia rehegua oñemopyendáva argumento posibilidad-gui. Péicha he'i filósofo, he'iséva "opa mba'e" ndaha'eí peteĩ concepto absoluto. Ko concepto ha'égui peteĩ atributo relativo, iñe'ërenduva'erã umi principio posibilidad ha adecuación rehegua. Upéicha, Ñandejára ikatu ojapo opa mba'e ikatúva ha oĩporãva iPlan Divino-pe ñuarã. Upévore Ñandejára araka'eve ndojapói peteĩ manera ojoavyva, japu térã mba'eveichavérõ oporombojegarúva.

Tomás de Aquino-pe ñuarã, pe pekádo naturaleza, ha'eháicha ome'ë orden abominable, oñemoĩ omnipotencia rehe. Upévore, Ñandejára ndaikatumo'áiha ojapo umi mba'e hekovaíva ndaha'eí peteĩ límite ipu'aka, síno osẽ opa mba'e ikatúvagui. Ja'eporãserõ, Tomás de Aquino he'i Ñandejára ndaikatuiha omanda pe crueldad precisamente ha'égui opa mba'e ipu'akapáva.¹⁹

¹⁹ Austin, Michael W., Enciclopedia de Filosofía - <https://www.iep.utm.edu/divine-c/#H7>.

Pe objeción omnibenevolencia rehegua .

Umi nihilista-pe ñuarã, Ñandejára cualidad omnibenevolencia rehegua ohechauka lógicamente peteĩ límite iomnipotencia-pe ñuarã; upévare, en cualquier caso, ko cualidad ha'e peteĩ contradicción.

Ha katu, pe problema omnibenevolencia rehegua oñeformula ha oñesostene porque, opa umi acción oguerekóva peteĩ valor moral positivo ha'éramo peteĩ consecuencia Ñandejára mandamiento-kuéragui, kóva ha'e peteĩcha Ñandejára ojapoháicha precisamente pe ha'e odesidíva ojapo, ojehecháva peteĩ conclusión incoherente ramo.

Oñeme'ëvo ko argumento, William Wainwright omantene Ñandejára ndojapóiramo jepe hembiapoukapy rupi, ha'e gueteri lógico ja'e Ñandejára orekoha razones hembiapokuérare. Ha'e opropone ojeguereko haña Ñandejára oñemomýiha pe iporáva moralmente, ha omanda jave pe iporáva moralmente, kóvaguí oiko obligatorio moralmente.²⁰

Ko sentido-pe, Ñandejára oime "en virtud de sí mismo" ha opavave hembiaapo ha'e elemento causalidad de acciones.

Pe objeción autonomía rehegua

O'afirmavo oimeraë concepto iporáva ha'eha pe Ñandejára odetermináva, TCD de alguna manera onega estructura humana autónoma ha oreko en cuenta pe

²⁰ Wainwright, William - Filosofía de la Religión - Cengage Ñembo'e; 2 edición (4 jasyorundy ary 1998-pe) pág.101

moralidad peteĩ mba'e odependéva enteramente Ñandejára voluntad-gui añoite.

Ko argumento-gui heñói heta porandu ojoajúva libertad moral, identidad ha responsabilidad humana rehe, omboguejýva drásticamente posibilidad de pensamiento independiente ha libertad de albedrío.

Michael W. Austin rehegua ²¹ , Universidad Eastern Kentucky-pe, odefende DCT ohesa'ýijóvo:

Ñande ndaha'evéima ser ojelegislava ámbito moral-pe, ha katu ha'e seguidor peteĩ léi moral externa oñeimponeva ñandéve. Ko sentido-pe, autonomía ndojoajúi Teoría de Comando Divino ndive, en la medida en la teoría-pe nañaimponemo'ái ñandejehe pe léi moral. Ha katu Adams (1999) he'i Teoría Divino Comando ha responsabilidad moral ojoajuha ñande ñaime haguére responsable ñaneñe'ërendúvo térã nañane'ërendúi haĝua Ñandejára rembiapoukapykuérare, ñantende ha ja'aplika porã haĝua , ha jaadopta peteĩ postura autocrítica en relación mba'épa Ñandejára omanda ñandéve jajapo haguã. Ñame'ëvo kóva, ñande autónomo jajeroviava'erãgui ñande juicio independiente Ñandejára mba'eporã rehe ha mba'e léi moral-pa ndojoajúi Ñandejára mandamientokuéra ndive. Avei, osẽ peteĩ teórico divino mandamiento-gua ikatuha gueteri oargumenta ñaimponeha ñandejehe pe léi moral ñañemoĩvo de acuerdo

²¹ Austin, Michael W., Enciclopedia de Filosofía - <https://www.iep.utm.edu/divine-c/#H7>.

ñaime haġua sujeto-pe ñaġuahẽvo ñantende
haġua, jepe ipahápe oñemopyenda Ñandejára
mandamiento-kuérape.

Pe objeción pluralismo rehegua

Ambue objeción oñe'ẽ pe hecho umi noción Ñandejára rehegua hetaha ha, katuete, ojoaju umi elemento histórico ha cultural ñambuetereívare. Avei, heta entendimiento Ñandejára rehegua ikatu ojoavy ha oadopta diferente pyenda.

Peteĩ teoría moral oñemopyendáva Ñandejára voluntad-pe ndikatúi ha'e universal ha upévare akóinte oñelimitáva opavave concepto oíva Divino-pe, odeclara argumento pluralista.

Martín Austin rehegua²² oguerovia pe argumento orekoha peteĩ defecto por la razón oíha heta religión ha diferente concepto Ñandejára ha divinidad rehegua nde'iséi oíva'erãha conflicto-pe térã oñemboyke ojuehe de manera umi fundamento moral ndojoajúiva. Ha'e omomba'eguasu ko asunto o'incluiha análisis personal ha elección apropiada , ha oimeraẽ tapicha odesidiva'erã ijehegui mba'e entendimiento divino rehegua oadoptava'erã. Upéicha avei, umi tapicha odescubri'era mba'e entendimiento umi mandamiento divino rehegua okonvensevéva itradición individual ryepýpe.

Ombojoja ko situación proceso deliberativo peteĩ moralista secular ombohováiva decisión mba'e principio moral oiporavóta oisãmbyhy haguã hekove, heta

²² Austin, Michael W., Enciclopedia de Filosofía - <https://www.iep.utm.edu/divine-c/#H7>.

tradición moral ha opáichagua interpretación umi tradición ryepýpe.

Jepémo onega validez axiológica teoría rehegua, autor ohecha ojoajuha jerovia heta religión orekoha añetegua moral ha umi fundamento moral peteĩchagua. Ko hecho rupive ikatu jaikuaa ñande obligaciones morales aparte de revelación, tradición ha práctica religiosa . Austin (op.cit) he'i: "Ojoaju pe Teoría de la Mando Divino ndive ikatuha jahecha ñane obligasión péicha ha heta ótro hendáicha, ha ndaha'éi peteĩ téxto religioso, experiencia religiosa térã tradición religiosa rupive ańónte".

3 - Ambue teoría tekoporã ypykue rehegua.

3.1- Teoría kantiana rehegua

Immanuel Kant (1724 - 1804), peteĩva umi filósofo oñemomba'eguasuvéva opaite ára, ogueru peteĩva umi ñe'ẽkuaaty oñembosako'ivéva Metafísica Occidental-pe.

Ndaikatúi oñehesa'ỹijo Kant teoría ética rehegua peteĩha entendimiento general'ỹre ipensamiénte filosófico complejo rehegua.

Pe filósofo prusiano ontende oimeraëva filosofía ha'eha peteĩ proceso oñeha'áva osoluciona mbohapy porandu: "¿Mba'épa ko mundo?" Mba'épa ajapova'erã?" "Mba'épa ikatu aha'arõ?"²³

²³ Kant, Emanuel (Crítica de la razón pura-1781). Ombohasa JMD Meiklejohn - edición web omoherakuãva eBooks@Adelaide .

lteoría ética rehegua ha'e pe filósofo ñembohovái epistemológico mokõiha porandu rehegua: "Mba'épa ajapova'erã?"

Ko entendimiento filosofía rehegua osẽ pe concepto orekóvaguĩ mbohapy "ideas de la razón", ha'éva mundo, pe sí mismo ha Ñandejára.

"Mundo" rehe, iCrítica de la Razón Pura-pe, ohecha pe razón teórica voi ndaikatuiha ohechauka irrealidad. Péicha ko concepto, "ndaha'etí constitutivo, sino ha'e regulatorio, péva omoĩvo unidad ha coherencia sistemática ñane experiencia-pe. Ojoaju rupi hikuái peteĩ manera significativa-pe umi moral rehe, oreko tuichaiterei importancia práctica".²⁴

Oñe'êvo "che" rehe, oadopta peteĩ razonamiento complejo-itereíva ipahápe oikuave'êva concepción orekóva "yvypóra seres racionales ramo, omerecéva dignidad ha respeto Oimeraêva otrata va'erã humanidad peteĩ fin ramo, ndaha'etí peteĩ medio ramo ańõnte peteĩ medio ańõnte peteĩ fin-pe ġuarã ha'e peipururu umíva pemotenonde haġua pene interés.

Ha katu, jatrata peteĩ tapichápe peteĩ fin ramo ha'e ñamomba'e upe tapicha dignidad, jahejávõ opavave libertad oiporavo haġua ijehegui.²⁵

Kant oguereko en cuenta pe noción Ñandejára rehegua ha'eha peteĩ "ser real térã máximo". Ko ser máximo real ojehecha avei razón rupive ha'eha peteĩ ser oñeikotevêva,

²⁴ Moakãha 23 rehegua

²⁵ " Ndereactumo'ái autónomamente, ndorekóigui control (s)". guive <https://www.coursehero.com/file/p2k8bd1/Nde-ndaha'emo'ái-autonomamente-ha'eháicha->.

he'iséva, peteĩ mba'e oĩva katuete, ndaha'etí meramente térã contingentemente.²⁶

Ko espectro racional-gui, Kant ogueru iconcepto deontológico absoluto moralidad rehegua, oñemomombyrývo oimeraẽ idea consecuencialista térã normativa-gui. Ndaipóri código moral oñekotevéva pe moralidad ndependéigui umi norma específica odefiniva mba'épa iporã térã nahániri, yvypóra rembiapo rehegua. Pe odetermináva valor moral peteĩ acción rehegua ha'e pe intención añoite: peteĩ acto iporã moralmente añoite ipractica oguerekóramo hambipotápe okumpli pe deber.

Kant omohenda umi suposición ética orekóva pe noción "imperativo categórico" jerére, ha'éva peteĩ principio ético universal, oguerekóva determinación opavave akóinte omomba'eva'erãha yvypóra reko ambuépe ha jajapova'erãha umi norma ikatúva ojeporu opavave rehe añoite . Kant he'í pe léi moral ha'eha peteĩ añetegua razón rehegua ha upévare peteĩchagua léi moral ojoaju opaite tekove racional rehe. Upéicha, ombohováivo porandu: "¿Mba'épa ajapova'erã?" Kant ombohováí jajapova'erãha racionalmente²⁷ , pe léi moral universal rupive.

Oimeraëva ikatu ojuhu ijehegui pe léi moral ha'égui parte de razón. Upévare, pe léi moral ha'e peteĩ predicado yvypóra razón rehegua, péicha peteĩ léi moral añoite

²⁶ Immanuel Kant - Enciclopedia de Filosofía Internet rehegua. (n.d.) rehegua. Ojeike ko'ápe: <https://www.iep.utm.edu/kantview/>

²⁷ Kant, Emanuel rehegua. Internet Enciclopedia de Filosofía rehegua. <https://www.iep.utm.edu/kantview/> Ñe'ẽpoty ha ñe'ẽpoty ñemohenda.

ojokua opaita ser racional-pe. Ko enfoque ha'e pe ñembohovái porandu "Mba'épa ajapova'erã?"

Pe principio supremo moralidad rehegua oñembohéra "imperativo categórico", he'iséva pe pyenda jaseguiva'erã, ha'éva racional ha incondicional. Jepe oimeraẽ deseo téra inclinación natural ikatúva jaguereko ambue hendáicha. Yvypóra ñembohasápe "imperativo categórico"-pe ha'e enteramente independiente oimeraẽ tapicha característica téra experiencia-gui.

Pe "imperativo categórico" ha'e pe escala oñeasigna haguã validez moral oimeraëva acción-pe: "Ejapo sólo según upe máxima ikatúva al mismo tiempo reipota oiko haguã chugui peteĩ léi universal".²⁸ Intención ha'e antecedente actividad humana odefiníva "máxima" ñane rembiapo.

Deber osê máxima-gui, origen opavave razón oactua haguã. Pe acción voi ndaikatúi oreko calificación moralmente. Upévore ñaporandúramo: "¿Mba'épa ajapo ha mba'érepa?". ñañe'ẽ hína pe relación oíva intención ha máxima apytépe.

Mokõiha imperativo oñembohéra "imperativo hipotético", ha'éva peteĩ mandamiento ojeporúva avei ñandéve en virtud jaguerekógui voluntad racional, pero ndaha'etí simplemente en virtud upéva rehe Ojerure jajapo haguã ñande voluntad de cierto manera, oñeme'éva yma jaipotaha peteĩ fin. Peteĩ hipotético imperativo ha'e upévore peteĩ comando forma condicional".²⁹

²⁸ Ética he'iháicha Immanuel Kant - Arandu Ética rehegua. (n.d.) rehegua. Ojehechá kuri <https://www.ethicssage.com/2017/05/ética-según-immanuel-kant.html-gui>

²⁹ Ibid

Peteĩ mba'e ojehechaukáva conducta moral rehegua ha'e "voluntad porã", oñentende Kant ñe'ẽme peteĩ testamento idecisión ojedetermináva plenamente umi requisito moral rupive térã, ha'e he'iháicha jepi hese, Léi Moral rupive. Yvypóra oñandu katuete ko léi ha'eha peteĩ restricción hembipota natural rehe, upévare ko'ãichagua léi, ojeporúva yvypórape, ha'e imperativo ha deber.³⁰ Pe léi moral ha'éramo decisiva yvypóra voluntad-pe ñuarã, ha'e pe pensamiento deber rehegua omopyendáva.

Kant he'i avei iteoría ética oikotevéha jerovia pe libre albedrío rehe, Ñandejára ha pe ánga inmortalidad rehe. Jefe ndaikatúi jaikuaa ko'ã mba'e, jajepy'amongeta pe léi moral rehe jagueraha peteĩ jerovia ojejustifikáva hesekuéra, ha'éva peteĩ especie de jerovia racional. Upéicha, ombohováivo porandu: "¿Mba'épa ikatu aha'ārõ?" Kant ombohovái ikatuha ñaha'arõ ñane ánga omano'ỹva ha jaguerovia.³¹ Ñandejára odiseña hague ko mundo umi principio de justicia rupive.

3.2 Teoría utilitaria rehegua

Utilitarismo ha'e peteĩ teoría consecuencialista ética normativa rehegua, he'íva vy'apavẽ hetave tapicha sociedad-pe ojehecha ha'eha yvypóra rekove. Yvypóra rembiapokuéra oĩ porã moralmente umi consecuencia ogueraháva vy'apavẽme, pe mba'eporã ijyvatevéva. Vy'a ha mba'asy ha'e umi mokõi karai soberano oisãmyhýva umi concepto iporáva ha ivaíva. Peteĩ tembiapo oĩ porã oguerúramo vy'a ha ojavy osẽramo

³⁰ Kant rembiapokue tekopy tee ojehechakuaa'ỹva (Stanford Encyclopedia of Philosophy). <https://plato.stanford.edu/entrada/kant-moral/> Ñe'ẽpoty ha ñe'ẽpoty ñemohenda.

³¹ Kant, Emanuel rehegua | Enciclopedia de la Filosofía de Internet <https://www.iep.utm.edu/kantview/> Ñe'ẽpoty ha ñe'ẽpoty ñemohenda.

vy'a'ỹ (hasýgui). Pe interrelación umi acción ha umi resultado apytépe, ovy'áva térã ndovy'áva, odepende umi circunstancia-gui, ni peteĩ principio moral ndaha'éi absoluto ni oñeikotevëva ijehegui.

Pe ñe'ẽ "utilidad" ojeperu he'ise haguã bienestar general térã vy'apavẽ.³²

Opu'áva Tesakãgui, ijapohare, Jeremy Bentham (1748 - 1832), ome'ẽ ñemombe'u mbykymi iporãvéva utilitarismo rehegua:

Naturaleza omoĩ yvypórape mokõi karai soberano gobierno poguýpe, mba'asy ha vy'a. Ha'ekuérante odepende ohechauka haḡua mba'épa jajapova'erã, ha avei odesidi haḡua mba'épa jajapova'erã. Peteĩ parte-pe, pe estándar iporãva ha ivaíva rehegua, ambue lado-pe, pe cadena de causa ha efecto, oñeñapytĩ itrónope. Ha'ekuéra ñanesãmbyhy opa mba'e jajapóvape, opa mba'e ja'évape, opa mba'e ñapensávape: opa ñeha'ã ikatúva jajapo ñamombo haḡua ñande sujeción oservíta jahechauka ha ñamoañete haḡuante chupekuéra. Ñe'ẽme, peteĩ kuimba'e ikatu o'abjura gua'u iimperio: ha katu añetehápe opytáta ipoguýpe opa ára. Pe principio utilidad rehegua ohechakuaa ko sujeción ha opresupone ha'eha ko sistema pyenda, hambipotápe ha'e omoheñoivo tela vy'apavẽ rehegua razón ha léi po rupive. Umi sistema oñeha'áva ocuestiona oñe'ẽ ruido-pe

³² Mba'épa pe utilitarismo? Ñe'ẽkuaaty Ha He'iséva., <http://www.businessdictionary.com/definition/utilitarianism.html> (ojehecha 30 jasyporundy ary 2019-pe).

oñembohovái rangue sentido rehe , capricho-pe razón rangue, pytũbýpe tesape rangue".³³

Ojehecháramo peteĩ teoría hedonista ramo, omantene activamente "pe moralidad ha léi propósito ha'eha omotenonde haġua ciudadanía bienestar ha omomba'eguas haġua yvypóra vy'apavě, ha ani haġua oimpone umi léi moral divina intocable, inmutable ha específica oetiquetáva umi acción ivaiha ijehegui , oreko'ÿre en cuenta umi consecuencia orekóva hikuái. Bentham oguerovia avei iteoría ética utilitaria ha'eha implícita pe jaheróva "sentido común" térã "intuiciones" morales, péva oġui subyacente opavave ñande intuición moral ha'éva consideraciones utilitarios.³⁴

Heta haihárape ġuarã, Ian Shapiro-icha³⁵ , utilitarismo, marxismo ha liberalismo Nozick ndive, ha'e peteĩ teoría extremista, en la medida iautor omantene umi argumento paha peve ha oimeraẽ circunstancia-pe.

Omotenondévo ijapohare, John Stuart Mill (1806 - 1873), itúva ha'éva Bentham remimbo'e, oadopta utilitarismo, ha katu omoinge heta mba'e omoderáva ha adaptativo iñarandukápe "Utilitarismo" (1861), ohupytývo peteĩ jesareko iporãvéva umi temiandu libertario (" La Libertad" - 1859) ojapóva chugui peteíva umi filósofo

³³ Bentham, Jeremy - *Peteĩ ñepyrũrã umi Principio Moral ha Legislación rehegua* - Nueva York, Hafner Publishing Co. 1948 - Capítulo 1 - Principio de Utilidad rehegua.

³⁴ Liebre utilitarismo preferencial: peteĩ jehecha ha crítica, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-317320130002000 (ojehecha 30 jasyporundy 2019-pe).

³⁵ Umi Fundamento Moral Política rehegua - Prensa Universidad de Yale - ISBN 978-0-300-18545-4

oñemomba'eguasuvéva pensamiento político siglo XX-pe.

3.3 - Tekoporā rehegua Ética.

Ética virtud rehegua oike ética tradicional-pe ha ko'áña orrepresenta peteĩva umi enfoque significativo ética normativa rehegua. Iconcepto central, de manera simplificadaiterei, ikatu oñekonsidera pe declaración oguerekóva en cuenta umi virtud, térã carácter moral, causa ramo umi acto moral yvypóra rehegua.

Katuete ha'e peteĩ teoría oñemopyendáva tapicha rehe, iñambuéva umi enfoque deontológico térã objetivista-gui omomba'eguasúva deber, norma ha estándar objetivo, ha umi teoría consecuencialista oñemopyendáva umi acción resultado rehe. Virtud Ética oñemopyenda mokõi idea esencial rehe: virtud ha arandu práctico.

Aristóteles he'iháicha, peteĩ persóna iporāva ha'e peteĩ persóna orekóva umi rasgo ideal de carácter. Ko'ã característica osẽ umi tendencia interna natural-gui, ha katu tekotevẽ oñemongakuaa; jepémo upéicha, oñemopyenda rire, oñemopyenda porãta hikuái. Upévare ikatu jahecha pe virtud ha'eha peteĩ característica de carácter, oñembojoapýva peteĩ individuo esencia-pe ha odetermináva mba'éichapa oactua va'erã hikuái oimeraẽ circunstancia-pe. Ko característica conductual individual ndojoajúi pe acto rehe voi, ha katu oñecalifica umi razón acción rehegua rupive. Oactua virtuosamente he'ise oreko en cuenta, razón relevante ramo comportamiento moral-pe, suposición "jajapo ambue mba'e ha'éta deshonesto".

Ko enfoque basado en carácter moralidad rehegua oimo'ã "jahupytyha pe virtud práctica rupive. Oñe'ensajávo ha'e haña honesto, ipy'aguasu,

hekojojáva, generoso ha mba'e , peteĩ tapicha odesarrolla peteĩ carácter honorable ha oaprende mba'éichapa oiporavo porãta oñembohováí jave desafío ético".³⁶

Arandu práctico rehegua:

Mokõiha idea esencial oipytyvõva teoría ética virtual ha'e arandu práctica. Ikatu ñantende peteĩchagua he'iséva reheve "fronesis" ohesa'ýijoháicha filosofía griega. Ha'e peteĩ concepto complejoiterei, ha katu Barry Schwartz³⁷ ha Kenneth Sharpe-pe³⁸ oikuave'ẽ peteĩ descripción simplificada ha oñentende porãitereiva, ombojojávo arandu práctico pe conjunto de habilidades peteĩ artesano oikotevëva omopu'ã haġua peteĩ barco térã peteĩ óga, térã peteĩ músico jazz oikotevëva odesarrolla. Ha'e umi ñeha'ã selectivo ha intencional ogehupyty haġua peteĩ resultado ojeporavóva, hi'aguivéva perfección-gui ikatuháicha. Pe diferencia oĩ pe arandu práctico ndaha'eiha peteĩ katupyry técnica ni artística. Ha'e peteĩ katupyry moral - peteĩ katupyry ñandehejáva jahechakuaa mba'éichapa jatratáta tapichakuérape ñande actividad social ára ha ára-pe.³⁹

³⁶" Ética Virtud rehegua – Ojekuaauka Ética.",
<https://ethicsunwrapped.utexas.edu/glossary/virtue-ethics> (ojehecha 30 jasyporundy ary 2019-pe).

³⁷ Dorwin Cartwright Mbo'ehára Teoría Social ha Acción Social rehegua Sartharh College-pe.

³⁸ William R. Kenan-pe, Jr. Mbo'ehára Ciencia Política rehegua Swarthmore College-pe

³⁹ Arandu Práctico: Mba'e porã jajapo haguã mba'e porã - Riverhead Book s; Ed. Oñeimprimi jey (2011 - ISBN-10: 1594485437ISBN-13: 978-1594485435 pág17.

Filosofía occidental rehegua, ikatu jajuhu umi origen ética virtud rehegua Platón ha Aristóteles filosofía-pe. Kuarahyresẽ gotyo, ko teoría ojoaju Mencius ha Confucio ndive.

Filosofía clásica guive oñepyrũ meve Tesakã, teoría oguereko peteĩ tembiapo iñimportantetereíva opacite ñomongeta axiológico-pe. Oñepyrũvo determinismo ha utilitarismo, omoĩ peteĩ lado umi idea ética virtud rehegua. Ha katu heñói jey hikuái Filosofía Angloamericana-pe Ñorairõ Guasu Mokõiha rire, ha oimeraẽ análisis axiológico contemporáneo oguereko en cuenta.

3.4 - Teoría oñemopyendáva léi rehe .

Oĩ filósofo ko'ãgagua, ha'eháicha Ronald Myles Dworkin (1931 - 2013) he'íva pe tekoporã osẽha derecho-gui ha, ipahápe, umi derecho moral oñemopyenda pe idea de correspondencia ha causalidad deber ha derecho natural apytépe.

Yvypóra oactua va'erã derecho moral orekóva consecuencia natural ramo condición humana orekóva rehe. Ko'ã derecho ha'e peteĩ propiedad individual ha inalienable yvypóra mba'éva. Oimeraéva derecho individual okorresponde peteĩ deber social oasepta ha omomba'e haguã upe regla; Ambue ñe'ẽme, derecho natural individual omoheñói deber social respeto ha preservación rehegua.

Ko teoría omoañete peteĩ marco deontológico oñecentráva paciente-pe, ojoguáva algunos conceptos post-kantiano-pe, ha omoañete umi fundamento moral ndaha'etí oúva experiencia social-gui sino, upéva rangue, naturaleza humana-pe voi.

Pe noción específica mba'épa ikatu he'ise "ley" oreko relevancia ojedistinguivo pe teoría ambue concepto liberal-gui.

John Leslie Mackie, (1917-1981), filósofo australiano, omyesakã ko significado peculiar:

Peteĩ derecho, pe sentido críticovévape, ha'e pe conjunción libertad rehegua peteĩ derecho de reclamo ndive. Upéva he ise, petet tapicha A oguerekóramo derecho moral ojapo hagua X, ha además oguerekóramo derecho ojapo hagua X oiporavóramo, noĩri obligado moralmente ndojapói hagua Ambue tapichakuéra oreko obligado moralmente ani haġua peneinterferi ni pendejoko. Péicha oñemoĩ he'i umi deber oĩha, por lo menos lógicamente, derecho mboyve. Ko aichagua derecho oñeconstitui mokõi hecho deber rehegua: A ndorekói deber ndojapói haguã X ha ambue tapicha oguereko deber ani haguã ointerferi A ojapo haguã X.⁴⁰

Ko'ã derecho ikatu natural (ojeheróva avei derecho moral) ñande mba'éramo ñande humanidad rupive (upéicha rupi, ojeporu opavave tapichápe), térã convencional yvypóra omoheñoĩ jave, jepivegua organización social ha política contexto-pe.

Avei ikatu constrictivo omoĩ ramo deber de no interferencia ambue tapichápe, térã positivo omoĩ ramo deber de asistencia ambue tapichápe.

⁴⁰ Arandu Práctico: Mba'e porã jajapo haguã mba'e porã - Riverhead Book s; Ed. Oñeimprimi jey (2011 - ISBN-10: 1594485437/ISBN-13: 978-1594485435 pág17.

Umi teoría oñemopyendáva derecho rehe origen moral rehegua haimete ojoavy umi teoría utilitaria-gui ha ko'ágã oguereko peteĩ rol relevante oñemoakārapu'ã haguã movimiento, institución ha organismo público derecho humano rehegua.

3.5 - Relativismo moral rehegua .

Relativismo moral ha'e pe temiandu opaichagua moralidad ikatúva térã contexto conductual ha referencia rehegua, ha umi concepto oñe'ëva peteĩ mba'e oĩ porāpa térã oĩ vai moralmente, iporã térã ivaíva, hekopete térã hekope'ỹ, akóinte ha'eha porandu relativo. Ndaipóri marco moral universal ni atemporal. Oimeraẽ fundamento moral oñembojoja ambuekuérare, ha ikatu noĩri de acuerdoite hikuái. Upévare, relatividad oĩ joaju ramo peteĩ térã ambue moralidad térã marco de referencia moral ndive. Peteĩ mba'e ikatu oĩ porã moralmente peteĩ marco moral ndive ha moralmente ivaíva ambue ndive⁴¹

Ikatu ñantende pe relativismo moral heta hendáicha.

Relativismo cultural omoañete heta estructura cultural iñambuéva, oikehápe heta ñe'ë orekóva heta coincidencia semántica ha desacuerdo ojoajúva elemento ndaha'éiva lingüístico rehe, ndikatúi oreko peteĩchagua modelo moral. Ha'e evidencia ohechaukáva cada cultura omoheñói hague marco moral imba'éva, ndorekóiva ingrediente universal ni

⁴¹ Harman, Gilbert ha Thomson, Judith Jarvis - "Relativismo moral ha objetividad moral" - BM; 1 edición (9 jasyporundy 1996) IS BN-10: 0631192115 / ISBN-13: 978-0631192114 - pp. 3-5-pe. 3. Ñe'ëpoty ryru

pyenda ojeguerúva cultura iñambuévagui, jepémo mbovymi referencia ha'ete haimete universal, ha katu añetehápe ha'e elemento lingüístico-nte orekóva significado variable.

Pe concepto metaético relativismo moral rehegua he'i ndaikatuiha ojedetermina mba'eveichagua concepto predominante peteĩ cultura rehegua ambue cultura-pe. Káda sociedad omohenda umi principio moral orekóva oiporúvo umi experiencia intrínseca ha umi jerovia generalizada.

Relativismo moral normativo he'i opavave omomba'eva'erãha peteĩteĩ marco moral iñambuéva, jepénte ko'ã diferencia ikatu ofende marco moral térã jurídico cultura-kuérape.

Pe teoría relativismo moral ñemoakārapu'ã oñemomba'e mokõi movimiento cultural rehe: pe ojeheróva "antropología pyahu" ha opaichagua aty ha tembiapo contracultural mokõiha mitad siglo XX-pegua.

Pe "antropología pyahu" ha'eva'ekue peteĩ entendimiento ñorairõ rire umi mba'e he'iséva "cultura", idimensión ha estructura de contenido rehegua. Clyde Kluckhohn (1905-1960) iñarandukápe "Espejo a hombre: La relación de la antropología con la vida moderna" (1949) oñemoĩ otaky haguã opaite "concepción ética etnocéntrica" ha omoñepyrũ ñomongeta pyahu mba'épa he'ise "culturas".⁴²

Umi antropólogo pyahu oñemomombyry umi concepto universalidad rehegua ha oñecentra umi fragmento

⁴² John S. Gilkeson - "Antropólogo ha América jejuhu jey, 1886–1965" 2009, pág.251

cultura ha sociedad rehegua, opropone estudio elemento michĩva cultura rehegua ndaha'úi umi tema tradicional antropólogo oguerékova en cuenta yma.

Pe antropología pyahu ikatu oipytyvõ pe fragmentación noipytyvõiva oñentende haguã cultura ha comunicación intercultural, omoingévo umi concepto microcultura rehegua oposición umi declaración antropológica tradicional tuichavéva rehe. Ko división oike peteĩ reposicionamiento constante antropología rehegua mba'éichapa oñentende concepto cultura rehegua. Oĩ antropólogo ohechaséva oñemboyke pe concepto. Ambue katu, Kluckhohn-icha (oñecita), ojapose umi norteamericano-kuérape "consciente culturalmente".

Ko enfoque oiméne omokyre'ỹ lectura esencialista cultura rehe ha osegi oinflui comunicación intercultural ko'ã árape.

Umi movimiento contracultural ha'e mokõiha factor responsable ombotuichave haguã umi idea relativismo moral rehegua. Sociólogo estadounidense John Milton Yinger⁴³ omoheñoi pe ñe'ẽ ha ome'ẽ chupe ko'ã mba'e he'iséva:

Oĩháme peteĩ aty sistema normativo oguerékova, elemento primario ramo, peteĩ tema conflicto rehegua umi valor sociedad total rehegua ndive, upépe umi variable personalidad rehegua oike directamente umi valor grupo ñemongakuaápe ha oñemantene haguã , ha ikatuhápe oñentende normakuéra

⁴³ John S. Gilkeson - "Antropólogo ha América jejuhu jey, 1886–1965" 2009, pág.251

añoite . oñe'ëvo umi relación orekóvare pe grupo peteĩ cultura dominante ijerére.⁴⁴

Ojeporu avei pe ñe'ë “subcultural”, ojeguerekóramo en cuenta pe contracultura oikotevêha oasumi oïha peteĩ cultura moral dominante.

Ko'ã movimiento oikóma. En términos sociológicos, cristianismo, iñepyrũme, oreko opa ingrediente movimiento contracultural-pe. Tesape'a guive ko'ãga peve, ojehecharamovéva ha'e Romanticismo (sa'ary XVIII ha XIX), Bohemianismo (sa'ary XIX ha XX), Beatnik, Hippies ha Punk (mokõiha mitad sa'ary XX) ha heta mba'e. nda'aréi, LGTB ha umi contracultura feminista moderna.

Péro peteĩ propuesta filosófica ramo, pe relativismo moral ofalta umi fundamento axiológico, precisamente oguerekógui umi concepto fragmentario ha oposición universalidad estructura moral rehegua. Ko teoría enfoque ha'e umi minoría, ha'éva minoría-nte oĩgui sistema moral iñambuéva, dominante. Upévare, peteĩ tape ojoavyetereívape, pe teoría ombotove oïha peteĩva umi mba'e oikotevêva.

Pe teoría enfoque ombotovéramo pe cultura dominante omoañeteha pe prevalencia minoría-kuéra rehegua, pe teoría ndojoajúivéima ética ndive, sino opropone va'erāmo'ã pe ruptura tela social térã sarambi social ambue término-pe.

3.6 - Realismo moral rehegua

⁴⁴ "Contracultura ha Sbultura" J. Milton Yinger rembiapokue, Revisión Sociológica Americana, vol. 25, No 5 -Oct.-pe. 1960- pág. 625-635-pe

Heta enfoque ha teoría metafísica apytépe ojoajúva naturaleza ha estructura moralidad rehe, realismo moral oguereko peteĩ rol tuicha mba'éva oñentende haguã heta tema ético.

Mbykyhápe: umi pyenda realismo moral rehegua oĩ pe suposición oĩha hecho ha proposiciones morales, ha'eva'erãha añetegua ha objetivo, preciso, global, ojehechaukáva fenomenológicamente, independiente mente-gui ha oĩva'erã cognición epistemológica-pe.

Ko'ã mba'e ha'e umi pyenda moral ha ikatu ojekuaa, ojehecha ha oñehesa'ỹijo objetivamente "in ipsis", taha'e ha'éva evidencia orekóva , ñande percepción hesekuéra térã ñande jerovia , temiandu térã ambue actitud hesekuéra .⁴⁵

Umi idea moral realista ojuhu ñemopyenda peteĩchaite pe realismo científico-icha: "pe realidad omombe'úva umi teoría científica ha'e independienteve ñande teorización-gui. Umi teoría científica omombe'u realidad, ha realidad ha'e "oñepensa mboyve".⁴⁶

Oĩ heta ñemoambue ko teoría rehegua, ha umíva apytépe ikatu oĩ ojoavyva oĩ aja umi concepto oikehápe. Umi argumento internalista ha externalista ikatu tuicha ojoavy oformulávo umi pyenda realismo moral rehegua, péicha avei naturalismo ha no naturalismo ombohováí peteĩchagua pyenda ñambuéva argumento reheve. Umi ñomongeta amplio umi fundamento realista rehegua oiko

⁴⁵ https://www.philosophybasics.com/branch_moral_realism.html - ojehecha ára 5 jasyoteĩ ary 2019-pe

⁴⁶ Boyd, Richard, Universidad Cornell (1988)." Mba'éichapa ikatu ha'e peteĩ realista moral."

cognitivismu, añetegua moral, conocimiento moral, descriptivismo ha objetividad moral-pe.⁴⁷

Ha katu, MIT-gua David O. Brink he'i opa ko'ã diversidad ojereha peteĩ pyenda jerére:

Ikatu oĩ peteĩ formulación realismo rehegua umi condición oñeikotevëva ha suficiente rehegua ha'éva global ha precisa, térã ikatu umi opaichagua versión realismo rehegua omoheñóinte peteĩ familia térã conjunto de teorías metafísicas, opavave oasegura algùn tipo de concepto mente-independencia rehegua.⁴⁸

En esencia, realismo moral ojuhu iñemopyenda umi concepto realismo científico ndive, osegívo enfoque he'íva realidad omombe'úva teoría científica esencialmente independiente ñande teorización-gui.

Umi teoría científica omombe'u realidad, ha realidad oñemotenonde mba'ekuaa ha razón. Umi enfoque diferente realismo moral rehegua, taha'e ha'éva umi reclamo específico orekóva, ha'e plausible, compatible ha de alguna manera oipytyvõva ojupe.

⁴⁷ Universidad de Estudios Extranjeros Hanuk, Corea-pe. Shin Kim, <https://www.iep.utm.edu/moralrea/-pe> (ojehecha ára 5 jasyoteĩ ary 2019-pe)

⁴⁸ Brink David O, - "Realismo moral ha umi pyenda ética rehegua" - Estudios de Cambridge en Filosofía - Prensa Universitaria de Cambridge - ISBN 0 52135937. pág 15

Pe oposición incompatibilidad rehegua ou nihilismo-gui, pe epistemología cognitiva oïva umi idea realista-pe oñenegapaite rupi ko teoría rupive.

David O. Brink he'i porãiterei ko mba'e:

Pe opositor tradicional realismo moral rehegua ha'e pe nihilista térã no cognitivista, ombotováva oïha hecho moral térã proposiciones morales añetegua térã, upévare, oimeraẽ mba'ekuaa moral. Upévare umi nihilista ha umi ndohechakuaáiva realismo ha'eva'erã escéptico moral.⁴⁹

Jepémo ko'ã oposición opáichagua ha recalcitrante umi fundamento realismo rehe, ha precisamente orekógui posición epistemológica, tendencia Filosofía de Ciencias-pe omantene aceptación ko teoría evidencia, Richard Boyd ohesa'ÿijoháicha:

Oï oportunidad filosófica iporãitereíva ojehasa ha'gua. Ojoajúvo heta desafío abstractováva realismo moral rehe, tembiapo realista ha naturalista nda'aréi ojejapóva filosofía ciencia-pe ha'e sugerencia umi ñembohováí ikatúva odefende. Péicha, techapyrã, heta filósofo akãme (ehecha, techapyrã, Putnam, 1975) ikatuha oñembohape umi teoría naturalista referencia ha definición rehegua oñehesa ÿijo haguã lenguaje moral. Ikatúrire jajapo porã ko mba'e, ha umi resultado ha'érire favorable peteĩ

⁴⁹ Op. Cit. Ñe'ẽpoty ha ñe'ẽpoty. páhina 19-pe

concepción realista moralidad rehegua , ikatúta
ñambohovái heta argumento antirealista.⁵⁰

⁵⁰ Boyd, Richard, Mbo'ehaovusu Cornell-pegua (1988). "Mba'éichapa ikatu ha'e realista moral". Mba'e 4.1 rehegua

MOAKĀHA V

PETEĪ ENTENDIMIENTO EVOLUCIÓN OÑEMBOGUAPYVA'EKUE MORALIDAD ÑE'ĒME

Peteĩ jey Darwin he'iva'ekue:

Asuscribi plenamente umi haihára juicio omoañetéva, opa umi diferencia yvypóra ha mymba ijyvatevéva apytépe; pe sentido moral térã conciencia ha'e mombyry pe iñimportantevéva. Ko sentido, Mackintosh ohechakuaaháicha, "oguereko supremacía legítima opa ambue principio yvypóra acción rehegua ári".. Ko sentido, ohechakuaaháicha Mackintosh, "oguereko supremacía legítima opa ambue principio acción humana rehe".⁵¹

1 – Mba'e ojehechava'erã ñepyrūrã.

Ñapresenta hagua ñane razonamiento, ja eva era jaadoptaha petet enfoque umi teoría ética evolutiva rehegua. Peteĩ siglo pukukue, umi idea ética evolutiva rehegua omoheñói conflicto rauco umi filósofo apytépe ha, ko'ágã peve, omoheñói heta interpretación ojoavyva.

Rayner oikuave'ẽ peteĩ análisis equilibrado pe posición filosófica jaadoptáva rehegua:

⁵¹ Darwin, Carlos rehegua. "Yvypóra oguejy" - 1871b, cap. IV párr.97 rehegua

Ética evolutiva oñepyrũ ary 1850-pe Herbert Spencer (1850) rembiapokue rupive. Ko teoría ohupyty michĩmi pytyvõ ha oñeñe'ẽ hese sa'ary XIX pukukue javeve crítica heta filósofo-gui, ojehechakuaáva Thomas Huxley (1893) ha G. E. Moore (1903), ha katu gueteri opavave omoapañuãiva popularidad interpretación biológica moralidad rehegua. Pe campo ética evolutiva rehegua, nda'aréi peve, opyta sarambi umi interpretación vai investigación científca ha especulación ndorekóiva fundamento (ha'eháicha pe idea defectuosa altruismo heñói hague proceso de selección de grupo rupive). Osẽvo umi teoría pyahu evolución altruista rehegua katu, ojapo pe ética evolutiva ohasa peteĩ resurgimiento. Ko jeiko jey tuicha mba'e ojejapo E. ha ojeporu haguã umi modelo matemática ha teoría de juegos teoría evolutiva-pe (e.g., Smith ha Price, 1973). Ko'ã árrape, ética evolutiva katucte ha'e peteĩ posición tenable, orekóva opáichagua evidencia empírica ha teórica oipytyvõva.⁵²

Pe posición metaética guive, oadopta ypy va'ekue umi filósofo analítico, ñantende objetivamente pe moralidad ha'eha katucte pertenece pe dominio yvypóra comportamiento social rehegua. Umi principio moral ha'e sistema semiótico ha hipotético umi mandamiento ha proposiciones odirigiva ha ocontroláva comportamiento humano, okontempla viabilidad, estabilidad ha desarrollo

⁵² Rayner, Sam (2005) " *Imbareiterei peteĩ principio-pe ġuarã: Peteĩ jehesa'yjjo teoría ha implicancia filosófica Ética evolutiva rehegua* ", Macalester Journal of Philosophy: Vol. 15: Iss. Ñe'ẽpoty ha ñe'ẽpoty. 1, artículo 6. Ojeguereko ko'ápe: <https://digitalcommons.macalester.edu/philo/vol15/iss1/6->

vida social. Ha'e peteĩ tekotevê social esencial ha original "zoon politikon", hecho colectivo material, independientemente umi fundamento metafísico orekóva.

Ikatu ñaestructura ko'ã principio sistema preciso-pe, exactamente derecho jurídico-icha, ha taha'e ha'éva algunas diferencias extrínsecas, oñentende umi sistema moral, sistema jurídico-icha, omoingeha umi mandamiento, proposiciones térã mokõivéva. Ko'ã mokõí forma de contenido iñambuéva oñentende ramo añoite ikatu ojehechakuaa sistema tuichakue.

Umi principio moral ndaha'etí estructura lingüística-pe añoñte, ni noñembohysýi umi texto-pe, ha iñe'ëkuua ikatu oiko oimeraéva medio contenido semiótico rupive, taha'e gesto, elemento visual, símbolo, sonido, ao, elemento natural ha mba'e.

Umi código moral textual moderno, taha'e ha'éva káso, ha'e peteĩ intento teleológico-nte ocertifica ha'gua sistemáticamente sociedad-pe ñuarã oíha ciertos principios ojehechava'erã, generalmente oñerresumi umi iñimportantevéva rupive. Upévore, umi código moral ojehaíva ha'e peteĩ instrumento limitado praxis moral rehegua ha araka'eve nomombe'úi pe contenido moralidad oímava rehegua. Upévore ndaikatúi ja'e expresamente heta elemento moral, ha katu naturalmente ikatu jadeduci ambue elemento sistema-gui. Upévore, pe hermenéutica umi código moral ojehaíva rehegua ndaha'etí suficiente ohesape ha'gua opaite yvypóra universo moral, ha ko entendimiento amplio ko universo rehegua oimpone tembiapo desafiante oñemoĩ ha'gua yvypóra reko peteĩ proceso analítico riguroso-pe.

Estructura objetiva ko estudio osegi proceso analítico. Jahecháta opa mba'e ambue mba'e moralidad rehegua, ndojoajúiva ko modelo objetivo-pe, ha'eha dominio abstracción rehegua.

Ñakonsideráta pe moralidad exclusivamente ha'eha ko fenómeno yvypóra reko rehegua jahechakuaátava umi elemento intrínseco ha extrínseco orekóvagai. Ko'ã elemento ojehecha ha ojekuaa umi método oipyhýva Filosofía de Ciencias Sociales. Ñañangarekóta umi diferencia ha similaridad ciencias sociales ha naturales apytépe , umi relación causal fenómeno social apytépe, ikatúva oî léi social ha significado ontológico estructura ha acción rehegua.⁵³

Ñantende hagua tekoporã, jaguerohoryva'erã pe hi'aguñha pensamiento filosófico ha umi método yvypóra ciencias rehegua, jahechakuaávo pe naturaleza indivisible yvypóra mba'ekuaa rehegua. Oñecuestiona hagua pe moralidad sapy'ánte oike oñeanalisa umi elemento social dinámico, observación neurocientífica, genética evolutiva ha circunstancia histórica. Filosofía ndaikatúi uguata ha'eño ko'ã mba'épe, ha umi rrelihióh sa'ive jepe.

Pe enfoque multidisciplinario ohechauka tendencia humanismo moderno, oadoptáva heta analista ha académico ha'eháicha Paolo Mantovani,⁵⁴ Margaret McFall-Ngai rehegua.⁵⁵ , Carlo Rovelli rehegua⁵⁶ , Elliott

⁵³fuente: Hollis, Martín (1994) rehegua. Pe filosofía ciencia social rehegua: peteĩ ñepyrũrã. Cambridge. ISBN 978-0-521-44780-5.) Ñe'ëpoty ha ñe'ëpoty ñemohenda.

⁵⁴ Mbo'ehaovusu Columbia-pegua

⁵⁵ Centro de Investigación Biociencias del Pacífico, Universidad de Hawai, Manoa-pe.

⁵⁶ Mbo'ehára Física rehegua, Universidad de Aix-Marsella-pe

Sober rehegua⁵⁷ , Ralph Adolphs rehegua⁵⁸ ha Thomas Pradeu rehegua⁵⁹ : 1 .

Umi techapyrã yvategua mombyry oî ha'e haguãnte: umi ciencias de la vida-pe, reflexión filosófica oreko peteî rol importante umi tema diverso ha'eháicha altruismo evolutivo, debate unidades de selección rehe, construcción peteî "yvyramáta tekovépe", predominio umi microbio oîva biosfera-pe, pe definición gen rehegua, ha pe examen crítico concepto inatilidad rehegua. Upéicha avei, física-pe, umi porandu fundamental ha'eháicha definición tiempo rehegua oñembohetave umi filósofo rembiapo rupive. Techapyrã, Huw Price análisis irreversibilidad temporal rehegua ha David Lewis curva temporal oñembotýva oipytyvõ omboyke haguã confusión conceptual física-pe.

Oñeinspirávo ko'ã techapyrã ha heta ambue, jahecha filosofía ha ciencia oñemohenda peteî continuo-pe. Filosofía ha ciencia okomparti umi tembipuru lógica, análisis conceptual ha argumentación rigurosa rehegua.⁶⁰

Oiméramo de alguna manera ikatu oñecuestiona ñane razonamiento, en la medida oîva'erã presente peteî consistencia metafísica, independientemente umi límite

⁵⁷ Mbo'ehára Filosofía rehegua, Universidad de Wisconsin-pe

⁵⁸ Instituto de Tecnología California-pegua

⁵⁹ Investigador senior (permanente), ImmunoConcept, CNRS, Universidad de Burdeos-pe; IHPST rehegua

⁶⁰ Academia Nacional de Ciencias Estados Unidos de América - PNAS, 5 jasypoapy ary 2019-pe, 116 (10) 39483952; Ñe'ẽ reko ha rekosã'ỹ rehegua 1900357116)

omopyendáva metodología jaadoptáva, jadeclara, contexto específico-pe, jaadopta concepto realismo moral umi versión fenomenológica, fundamentalista orekóvape ha cognitivo rehegua.

2 - Pe naturaleza arquetípica umi fundamento moral rehegua.

2.1 - Ñepyrūrā.

Opaite modelo tradicional ojoajúva origen moralidad ha transición sociedad humana moderna-pe oñeñe'ê ko'ágã, péva evidencia pyahu ojoajúva estructura orekóva osê ára ha ára estudio ha investigación pyahúgui.

Iestudio complejo "Los origen de la moralidad: Un cuenta evolutiva", Dennis L. Krebs ⁶¹ ohesa'yjjo moralidad umi instinto ha motivo primitivo, tuicha inconsciente ha convincente rehe. Oñemopyendáva umi concepto evolución rehegua, haihára oñe'ê opa ambue perspectiva ko tema rehegua: enfoque cognitivo-desarrollo guive aprendizaje social ha jesareko etnográfico peve.

Krebs oikuave'ë reinterpretación umi modelo sociomoral Piaget orekóva ⁶² ha Kohlberg-pe ⁶³ . Oñepyrū investigación ijehegui ha osegi psicología desarrollo

⁶¹ Krebs, Dennis L. 2011 Oxford, Reino Unido, Oxford Mbo'ehaovusúpe Prensa 291 pp. ISBN 978-0199778232 rehegua

⁶² Piaget, Jean - "Inconsciente Afectivo ha Inconsciente Cognitivo Mitãme ha Realidad-pe" Ombohosa A. Rosin Nueva York: Grossman.

⁶³ Kohlberg, Lawrence - "Paso ha Secuencia: Pe Enfoque Cognitivo-Desarrollo Socialización rehegua." En · Manual de Socialización rehegua. G. Goslín rehegua. Chicago: Rand McNally rehegua.

cognitivo-estructural. Krebs omoañete pe razonamiento moral oñemopyenda ndaha'úi umi principio abstracto-pe, ha katu umi pensamiento concreto-pe umi situación tekove añeteguáre.

Oanalisávo umi fuente psicológica ha neurológica umi comportamiento social primitivo ha umi comportamiento prosocial yvypóra rehegua, autor omombe'u evolución ko proceso único yvypóra rehegua, ojoajúva umi origen cognición moral rehe.

Christopher Boehm (ary reñói 1931)⁶⁴ ohesa'yjijo kuri pe posibilidad pe moralidad ikatu hague o'afectá pe selección natural, ha viceversa. Ikatu oñehenói mecanismo selección natural rehegua oñemyesakã haguã conciencia individual yvypóra rehegua. Ojepermiti pe hecho ha'eha moral ikatu oheja umi individuo prehistórico-pe oparticipa pe proceso de selección natural-pe voi, jepe ko participación oiméne ha'e indirecta ha inconsciente.

Ko contexto-pe, romoañete umi fundamento moral osêha experiencia humana colectiva-gui múltiple información ogehupytýva comportamiento rupive, oñembohasáva proceso evolutivo rupive.

⁶⁴ Boehm , Christopher - Castigo capital prehistórico ha efecto evolutivo paralelo - Naturaleza de mente : 2017, volumen 10, número 2 , [https://www.humansandnature.org/petición-capital-prehistórica-ha-efecto-evolutivo-paralelo-pe s](https://www.humansandnature.org/petición-capital-prehistórica-ha-efecto-evolutivo-paralelo-pe-s)

Jonathan Birch, ohesa'ŷijóvo Michael Tomasello rehe⁶⁵ "Una Historia Natural de la Moralidad Humana" ombohováí hekopete ko idea:

Ko hipótesis oimplica ojoaju estrecha origen moralidad ha origen intencionalidad conjunta ha colectiva, ha'éva enfoque investigación Tomasello veinte ary ohasávape ha tema aranduka ohasava'ekuépe, "Una Historia Natural del Pensamiento Humano " ([2014]). Tomasello opresenta peteî káso sustancial añetehápe ojoajúva ko'ã fenómeno. Oiméramo upéva oĩ porã, heta tembiapo ojejapo va'ekue ymave pe evolución de la moralidad rehegua ojejavy sutilmente. Pe enfoque araka'eve noĩriva'erãmo'ã umi acto de altruismo rehe, ha katu umi acto de cooperación mutualista rehe. Avei, araka'eve ndojedirigiiva'erãmo'ã pe enfoque umi expresión lingüística explícita juicio moral rehegua, hipótesis ko'ápe ha'eha peteî elemento evolutivo superveniente, sino mba'éichapa oike pe juicio normativo, oñeinterpretáva ampliamente, umi estructura cognitiva ipypukuvévape ha umi expresión yma guare, implícita de ñopytyvõ. ha'ete ku

⁶⁵ Codirector Instituto Max Planck de Antropología Evolutiva Leipzig-pe, codirector Centro de Investigación de Primates Wolfgang Kohler, mbo'ehára honorario Universidad de Leipzig departamento de psicología Universidad de Manchester ha mbo'ehára psicología Universidad Duke-pe.

isencillova mokōi tapicha ogueraháva peteĩ tronco oñondive. "66

Peteĩ manera simplista-pe, evolución he'ise peteĩ proceso ojoajúva umi cambio biológico rehe, consecuencia umi esfuerzo adaptativo especie-kuéra rehegua, opredese oikoveha. Evolución katu ha'e peteĩ tela tuicha ikomplikadovéva umi causa, proceso ha efecto ojoajúva ojuehe, okehápe umi tembiapo oñemotenondéva oñemopyendáva neuronas ha elemento genéticos-pe. Péva ha'e mba'érepa evolución oguereko avei peteĩ tembiapo iñimportantetereíva oñembohasávo yvypóra reko reko, ko'ýte umi ojoajúva tekove aty rehe.

Pe marandu ogehupytyva conductualmente ñembohasa estructura ha función genética sistema nervioso rupive ha'e peteĩ umi premisa esencial ko estudio-pe ha base ñane concepción umi origen ética rehegua ha agregación orekóva inconsciente colectivo-pe peteĩ estructura arquetípica-pe. Péva rehe, roargumenta ñane razonamiento oñemopyendaha premisa científica sólida rehe, ikatúva ñamoĩ método filosófico-pe.

Neurociencia ohechaukáma ko afirmación ndaha'evéima peteĩ proposición hipotética ojeguerekóva en cuenta algunas teorías científicas, sino ha'eha, añetehápe, realidad empírica concreta ha comprobada.

⁶⁶ Birch, Jonathan (2017 *Aranduka Rehegua: Michael Tomasello // Peteĩ Tembiasakue Natural Yvypóra reko rehegua*. Revista Británica de la Filosofía de la Ciencia - Aranduka Revisión. ISSN 0007-0882).

Don Marshall Gash rehegua ⁶⁷ ha Andrés S. Dea ⁶⁸ , oikuave'ẽ peteĩ ñemyesakã hesakãva ko suposición rehegua:

Ojehechakuaa oparupiete yvypóra evolución oñemotenonde hague mokõi sistema herencia rehegua: peteĩva oñemopyenda ADN-pe ha ambuéva oñemopyenda marandu ogehupytyva tekohápe oñembohasávo sistema nervioso rembiapo rupive. Pe sistema genético ningo ymaite guive, oñepyrũva'ekue tekove ojehecha guive ko Yvýpe. Ha'e responsable umi proceso evolutivo Darwin omombe'úva rehe. Oñembojojávo, sistema nervioso ojejapo pyahu ha, iforma ijyvatevévape, oguereko responsabilidad ideación ha marandu ñembohasa apytu'ũgui apytu'ũme. Ko ápe oñembojoja umi mokõi sistema marandu katupyry ha tembiapo. Oipuru aja mecanismo iñambuetereíva oñecodifica, oñeñongatu ha oñembohasa haña marandu, mokõive sistema ojapo ko'ã tembiapo hereditario genérico. Ojekuaa mbohapy mba'e ambuéva herencia basada neuronas rehegua yvypórape: ikatuha ombohasa marandu genético ambue miembro peteĩ población-pe, ndaha'úi progenie-pe añaõnte; peteĩ proceso de selección marandu oñembohasávape guarã; ha peteĩ tiempo pypuku mbykyvéva ojejapo ha oñemyasãi

⁶⁷ Director/Gerente de Laboratorios de Prueba, Centro de Servicios de Neurociencias GLP, Universidad de Kentucky Colegio de Medicina, Anatomía ha Neurobiología

⁶⁸ Departamento de Anatomía ha Biología Celular, Escuela de Medicina Universidad de Indiana, Indianapolis IN-pe

haguã marandu omoporãvéva sobrevivencia peteĩ población-pe. Umi mecanismo oñemopyendáva herencia basada neuronas-pe oíke neurogénesis hipocampo ha umi proceso memoria ha aprendizaje, omoambuéva ha omoheñóiva asociaciones neuronales pyahu, omoambuéva estructura ha función cerebral.⁶⁹

Neoflósofo analítica anglocanadiense Patricia S. Churchland⁷⁰ (b.1943) omyesakã mba'éichapa ojoaju yvypóra reko tekoporã hapo ha algunos elementos genéticos específicos. Pe autor omombe'u pe moralidad heñóiha umi genes , proceso neural ha experiencia social joaju rupive, ha omoañete pe sobrevivencia ha reproducción ha'eha capacidad genética. Opaichagua mymba apytépe, umi mymba okambúva oreko genes específicos “oproducti haguã umi químico oxitocina ha vasopresina, ikatúva oñangareko imembykuérare. Oĩ umi mymba okambúvape, por ehémplo yvypórape, umi químico peteĩchagua omokyre'ỹ mymbakuérape ojogueraha puku hağua ha oñangareko hağua ojuehe”.⁷¹

Ko ñangareko oipytyvõ hapo biológico moralidad rehegua Churchland remiandúpe, oimeraẽ ambue comportamiento social primario-pe ġuarã. Yvypóra

⁶⁹ Gash DM ha Deane AS (2015) Herencia oñemopyendáva neurona-pe ha yvypóra evolución. Neurosci rehegua. 9: 209. Ñe'ẽpoty ha ñe'ẽpoty: . 10.3389/fnins.2015.00209 rehegua.

⁷⁰ a) Mbo'ehára Emérito de Filosofía Universidad de California, San Diego-pe; b) op.ref rehegua. Churchland, Patricia S. “Opoko peteĩ nervio rehe: Ñande apytu'ũ, ñandejehegui” - W. W. Norton & Company - 2014 - ISBN-10: 0393349446 / ISBN-13: 978-0393349443

⁷¹ Umi Origen de la Moralidad rehegua. Psicología Ko'ãgagua. (sd), <https://www.psychologytoday.com/us/blog/pensamiento-haku/201311/umi-origen-moralidad-pe>

ypykue oikova'ekue aty michĩvape, oguerekóva 100 tapicha rupi, ha katu aty oñembotuichave rupi ñemitỹ ha umi tembipota arandu ñemongakuaápe, ombotuichave poriahuvereko, poriahuvereko ha empatía ohasávo tapicha aty hi'aguĩvévaguí.⁷²

Ipahápe, autor he'i umi norma moral heñóiha irundy proceso cerebral ojoajúva ojehe: ojepy'apy, ohechakuaa ambue tapicha estado psicológico, oaprende práctica social ha osoluciona problema contexto social-pe.⁷³

Dennis L. Krebs rehegua⁷⁴, ñahesa'ỹijo haguéicha yma, omyesakã ko'ã proceso evolutivo complejo omomba'eguasúvo investigación umi fuente psicológica ha neurológica umi comportamiento prosocial primitivo rehegua, evolución umi comportamiento prosocial yvypóra ijajaha'ỹva rehegua, ha umi contenido ha estructura orekóva. Ohesa'ỹijóvo Krebs rembiapokue, Peter Gray omohu'ã:

Peteĩ perspectiva psicodinámica ohesa'ỹijo moralidad (ha inmoralidad) umi instinto ha motivo ocompetiva, tuichaháicha inconsciente, primitivo rehe; peteĩ perspectiva aprendizaje social rehegua ohesa'ỹijo moralidad umi tapicha experiencia social rehegua; peteĩ perspectiva cognitivo-desarrollo rehegua ohesa'ỹijo mitã ñemongakuaápe umi pensamiento concretovévaguí abstractovévape, ha peteĩ

⁷² Idem rehegua

⁷³ Paul Thagard, Ph.D. - "Umi origen de la moralidad" ko'ápe: <https://www.psychologytoday.com/intl/blog/pensamiento-caliente/201311/umi-origen-moralidad>

⁷⁴ Krebs, Dennis L. - *Umi tekoporã ypykue: Peteĩ mombé'upy evolutivo*, 2011 Oxford, Reino Unido, Oxford Universidad Prensa - ISBN 978-0199778232

perspectiva etnográfica ohesa'ŷijo norma cultural rehe. Ha katu ko'ápe, evolución paraguas guýpe, Krebs ikatu ointegra, omoporáve ha ombotuichave umi jesareko opa ko'ã perspectiva-gui. Opavave oguereko mba'e ojoajúva umi experiencia ambiental rehe, yvypóra apytu'ũ evolucionado rehegua, omoingéva ciertas visión ha predilecciones. Krebs ko'ápe ome'ẽ ñandéve peteĩ base biológica ñapensa haġua opa mba'e moralidad rehegua.⁷⁵

Omotenondévo enfoque funcionalista, Krebs omotenonde reinterpretación umi etapa desarrollo cognitivo ohesa'ŷijóva Kohlberg⁷⁶ ha omomba'eguasu ikonvicción odependeha umi cambio moral umi situación tekove añeteguáre.

Opa ko'ã evidencia ha declaración, nda'aréi oguerúva ciencias sociales ha naturales umi origen material umi fundamento moral rehegua, ko'ã árrape omopyenda peteĩ noción generalmente oaseptáva umi teoría moderna filosofía occidental rehegua, taha'e ha'éva térã nahániri oñemopyendáva oimeraẽ concepto metafísico-pe.

Upévore, umi porandu ndojejokóiva araka'épa ha mba'éichapa ikatu kuri oñepyrû ko mba'e , ha mba'e

⁷⁵ Peter Gray (2012) Umi tekoporã ypykue: Peteĩ momba'upy evolutivo Dennis L. Krebs, 2011 Oxford, Reino Unido, Oxford Universidad Prensa \$49.95 (hbk), 291 pp. ISBN 978-0199778232, Revista de Educación Moral, 41: 2, 264-266, DOI: 10.1080/03057240.2012.680715

⁷⁶ Kohlberg, Lawrence - "Paso ha Secuencia: Pe Enfoque Cognitivo-Desarrollo Socialización rehegua." En · Manual de Socialización rehegua. G. Goslín rehegua. Chicago: Rand McNally rehegua.

medio ha proceso rupive oñemoinge yvypóra naturaleza evolutiva -pe , ogueraha ñane estudio suposición oïha estructuraciones arquetipos morales ha agregación genoma humano ha pe inconsciente colectivo rehegua.

2.2 - Concepto ha naturaleza umi arquetipo rehegua.

Umi enfoque arquetipos remiandu rehegua itujaiterei filosofía-icha, ha ko temiandu ha'e pilar central ko tembiapo rehegua, ja'e jey haguéicha iñepyrũ guive.

Semánticamente, ñe'ê griego "arquetipo" ojoaju peteĩ idea "primera impresión", concepto oïva compleja Teoría de Formas Platón-pe, upépe filósofo oñe'ê mundo material rehe, compuesto umi objeto iñambuéva, avei trascendental mundo, ha'éva iñambue'ÿva ha oñembosako'íva forma-kuéragui.

Ko teoría guýpe, yvypóra oguereko peteĩ habilidad intrínseca ohechakuaa haguã forma correcta peteĩ concepto abstracto rehegua, omyesakãháicha Adán Imitiaz de manera simplificada:

Platón ogueraha mombyryve ko idéa. Oñemoĩ ramo jepe de acuerdo oïha forma ideal umi concepto abstracto (libertad, joja, justicia), oĩ avei forma ideal umi objeto común ha'eháicha mesa térã tupa. Umi mba'e jajuhúva tekove ára ha ára ha'e simplemente imperfecto, versión omoambuéva iforma perfecta-gui. Ko'ã forma

perfecta ha'e mandu'a ikatúva ñanemandu'a
peteĩ ára yma guarégui ñande rekovépe .⁷⁷

Platón ojodiskuti guive umi proceso cognitivo rehe, oñe'ẽ ko'ã forma perfecta rehe ha'eha peteĩha impresión umi concepto abstracto rehegua: umi arquetipo, ambue ñe'ẽme.

Ko'ã primera impresión umi realidad abstracta rehegua, ha'eháicha libertad ha justicia, ha'e inmutable ha opyta indefinidamente independiente umi experiencia individual-gui: ha'e trascendental mundo material ha forma ideal umi concepto abstracto-pe. Umi forma ha'e peteĩha entendimiento arquetipos rehegua filosofía-pe.

Tesakã aja, John Locke ojapo peteĩ aporte tuicha mba'éva ñomongeta epistemológico-pe upe época-pe, hembiaapo "Un ensayo oñe'ẽva entendimiento humano rehe". Upe jave, umi opositor Locke-pe otaky ko ensayo rehe, enfoque empírico rehe. Ha katu, precisamente ko empírico omopyendáva Locke remiandu rehe, pe ensayo omoinge pe concepto "idecuadas" ha oikuave'ẽ peteĩ reinterpretación esencial Platón remiandu arquetipos rehegua:

Umi idea adecuada ha'e umi orrepresentáva perfectamente umi arquetipo orekóva. Ñane idea añeteguágui, oĩ adecuado ha ambue katu

⁷⁷ Imtiaz, Adán - *Platón Teoría de Formas* - Apud "im print" ko'ápe <http://uwimprint.ca/article/platos-theory-of-forms/> ojeike 24 jaspoteĩ ary 2019-pe

inadecuado. Umi che ahenóiva adecuado orrepresenta perfectamente umi arquetipo pe apytu'ũ oimo'ãva ojeipe'a chugui: oguerekóva intención orrepresenta haĝua ha oñe'ëva hese. Umi temiandu naiporãiva ha'e umi oguerekóva peteĩ representación parcial térã incompleta añónte umi arquetipo ojoajúva hesekuéra .⁷⁸

Locke propuesta nahesakãporãi ikatuháicha, he'iháicha heta crítico, ha katu ohechauka porã pe suposición orekóva, oimeraë idea rapykuéri ha mboyve, oñha peteĩ arquetipo, peteĩ forma primaria (Platon ñe'ëme) omoïva subordinado contenido oimeraë idea rehegua .

Tesakã pukukue javeve, umi filósofo oñe'ë ko'ã concepto rehe principalmente punto de vista epistemológico guive. Siglo XIX aja, conceptualización arquetipos rehegua ohupyty progresivamente umi contorno peteĩ tema multidisciplinario rehegua, jepémo umi hetaiterei estudio ko tema rehegua oñemboja'o ha osë opaichagua metodología ha propósito-gui.

Peteïha mitad siglo XX-pe, tembiapo amplio psiquiatra Carl Gustav Jung (1875 - 1961), yma Sigmund Freud rapykuere, oikuave'ë peteĩ avance extraordinario oikuua haguã yvypóra apytu'ũ ha umi habilidad cognitiva diversa ha compleja ha emocional umi proceso ojoajúva umi función correspondiente orekóva rehe.

Umi teoría Jung rehegua oñepyrũ pe definición inconsciente colectivo rehegua; peteĩ suposición

⁷⁸ Locke, John - Peteĩ Ensayo Yvypóra Ñentende rehegua. 25ha. Ed. Londres, 1824 - Oimprimi W. Dowall - Aranduka II, Capítulo XXI página. 319 rehegua .

iñepyrũrã oñemoĩva opaichagua interpretaci3n ha porandu oũva fil3sofo ha cientfĩfico opaichagua tendencia-gui. Jung, ha'e voi, ontende pe concepto oñemyesakã porãva'erãha, ha ojapo k3icha:

Oiméne ni peteĩ che concepto empĩrico nombhovãiri heta malentendido pe idea inconsciente colectivo reheguaicha.

Pe inconsciente colectivo ha'e peteĩ parte psique-gui ikatũva ojehechakuaa negativamente peteĩ inconsciente personal-gui ndodevégui ijexistencia experiencia personal-pe ko'ã ũltima-icha ha, consecuentemente, ndaha'ẽi peteĩ adquisici3n personal. Pe inconsciente personal esencialmente oñeconstitui umi contenido ha'eva'ekue peteĩ tiempo-pe consciente, ha katu okañỹva conciencia-gui oĩgui tesarãipe térã ojereprimi haguére, pe contenido inconsciente colectivo-pegua araka'eve noĩriva'ekue conciencia-pe ha, upévare, araka'eve ndojejoguái individualmente, ha katu odevéva existencia a exclusivamente a herencia. Pe inconsciente personal oguerek3ramo jepe hetave complejo-gui, pe contenido inconsciente colectivo rehegua esencialmente ojejapo umi arquetipo-gui.⁷⁹

⁷⁹*Arquetipos ha pe inconsciente colectivo* - Tembiapo oñembyatỹva C. G. Jung, vol. 9, Parte 1. 2a ed. (1968), Princeton Mbo'ehavusũpegua Ñe'ẽmondo ISBN 0691018332 - p99

Upévare, teoría jungiana-pe, pe contenido inconsciente colectivo rehegua, ojoavy pe inconsciente individual-gui, oñemboty instinto ha arquetipo-pe ha ndaha éi relativo mba eveichagua experiencia individual rehe. Ha katu Jung ñemyesakã sumario oipytyvõ oñentende haguã contenido inconsciente colectivo, pero nomyesakã mba'érepa ohenói ko estructura "colectivo". Ñaporanduva'erã Jung-pe kóva:

Aiporavo pe ñe'ẽ "colectivo" ko parte inconsciente-gui ndaha'éigui individual, sino universal; Ojoavy psique personal-gui, oreko contenido ha modo de comportamiento hetave térã sa'ive peteicha oparupiete ha opavave tapichápe. Ambue ñe'ẽme, peteichaite opavave kuimba'épe ha, upévare, omoheñói peteĩ sustrato psíquico común, orekóva naturaleza suprapersonal , oĩva opavave ñandepype.⁸⁰

Péicha, calificación colectiva arquetipo-kuéra ojoaju umi principio universalidad ha perpetuidad rehe: mokõi pilar iñimportantevéva oimeraêva razonamiento ojoajúva moralidad rehe.

Umi mba'e oje'éva fundamental teoría Jungiana rehegua oñe'ẽva arquetipo rehe oñemyasãi filosofía, psicología ha ciencias humanas-pe opaite mba'épe, ha jepe cultura

⁸⁰ *Arquetipos ha pe inconsciente colectivo* - Tembiapo oñemyatýva C. G. Jung, vol. 9, Parte 1. 2a ed. (1968), Princeton Mbo'ehaovusúpegua Ñe'ẽmondo ISBN 0691018332 - p99

popular-pe, omoheñói heta interpretación iñambuéva ha ome'ëva heta polémica. Upévare, oimeraëva investigación-pe, jajuhúta iñambuéva significado ha jeporu umi concepto arquetípico rehegua, ikatúva oñemboguejy, oñembotuichave térã jepe ojoavy oñembojojávo Jung remiandu rehe. Oñeme'ëvo ko horizonte amplio ha ipypukúva, jadefiniva'erã ko estudio-pe mba'épa pe entendimiento umi arquetipo jaadoptáva. Roaccepta coherente ramo ko estudio estructura ndive pe definición ampliada ome'ëva Adam Blatner:

Ha'ekuéra orrepresenta umi tendencia intrínseca ha heredada cognición, imagen ha emoción rehegua especie humana-pe. Umi arquetipo ha'e umi extensión fenómeno instinto rehegua, oñemboheko ha ojehechaukáva yypóra rekovépe. Amorfo ijehegui ha oikuaaukáva dimensión sociobiológica neurofisiología rehegua, ijehechauka ikatu ojejuhu arte, ritual, jepokuaa, ta'anga, sueño, filosofía, psicopatología ha oimeraëva yypóra rembiapo jehechaukahápe.⁸¹

Ko'ã elemento contenido, según teoría jungiana, oñemopyenda jerovia naturaleza opermitíha individuo humano "heta mba'e araka'eve ndohupytýiva, sino heredado ijypykuéragui. Ha'e ndaha'úi heñóiva tabula rasa ramo; ha'e heñókuri inconsciente-nte. Ha katu ogueru hendive umi sistema oñeorganisáva ha oíva dispuesto ofunciona haġua peteĩ manera

⁸¹ Blatner, Adam, MD - Pe relevancia orekóva concepto arquetipo - <https://www.blatner.com/adam/level2/archetype.htm> - ojehecha 14 jasypokõi 2019-pe

específicamente humana-pe, ha odevéva péva millones de años de desarrollo humano-pe. " (Carl Jung - op. Cit. Volumen 4) rehegua.

Umi concepto filosófico yma guare arquetipo rehegua ohecha predominantemente umi mba'e oguerékóva ha he'iséva peteĩ mba'e ñambue'ýva ramo (peteĩ "forma pura" Platón oimo'ãháicha). Jung rembiapokue ha umi concepto empírico oipe'a horizonte ojejapo haguã estudio pypukuvéva estabilidad arquetipo rehegua ha ome'ẽ chupekuéra peteĩ cierto flexibilidad, ojoajúva umi proceso evolutivo ndive, ohechaukaháicha Charles D. Laughlin:

Umi arquetipo voi ikatu ñambue ñande yma evolutivo aja - ndaipóri mba'éichapa jajeroviakuua (1953 [1943/45]: 368) - ha katu iforma ko'ágaguápe ocodea umi mba'e ojuhúva jey jey yvypórape hetaiterei milenio pukukue ha opaiete cultural rupi umi límite (1970 [1955/56]: 390) rehegua. Oĩ káso, umi arquetipo ocodigáva material experimental ojejapóva jey jey ñande mymba yma guarégui (1953 [1943/45]: 96).⁸²

Ñantende porã hagua pe teoría, akóinte ñañongatuva era ñane akāme Jung ohechauka porãha pe ñe ã arquetipo noñe ãiha peteĩ idea heredada térã elemento abstracto rehe, ha katu peteĩ patrón de comportamiento hereditario rehe. Ko reclamo oguereko peteĩ rol importante ko tembiapópe ñantendehápe oimeraẽ concepto térã contenido moral peteĩ fenómeno conductual humano ramo. Ko'ágã, umi estudio neurocientífico oipytyvõ ko propuesta naturaleza conductual orekóva umi arquetipo, ohechaukaháicha

⁸²Laughlin, Charles D. *Arquetipos, Neurognosis ha Mar Cuántico* - art.

George B. Hogenson: "Ojejuhúvo neuronas espejo umi investigador Universidad de Parma-gua opromete omoambue radicalmente ñane comprensión umi estado cognitivo ha afectivo fundamental. Ko artículo ohesa'ỹijo relación neuronas espejo rehegua teoría Jung arquetipos rehegua ndive ha opropone umi arquetipo ikatuha ojehecha patrón de acción elemental ramo. " (Hogenson, George B - Arquetipos como patrones de acción - Pe Revista de Psicología Analítica - <https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2009.01783.x> - ojehecha 7/27/2019).

Jung oñecentra pe tema-pe ha'e ha peteĩ elemento objetivo ha observable-itereíva yvypóra apytu'ũme ha omantene peteĩ lado pe razonamiento metafísico umi argumento-pe. "Oĩpa ko estructura psíquica ha umi elemento orekóva, umi arquetipo, araka'eve 'oñepyrũ' ha'e peteĩ porandu metafísica ha upévore iñembohová'i'ỹva. (Carl Jung - op.cit. Volumen 4) rehegua. Jepémo ojehekýi mba'eveichagua suposición ojoajúva definición origen arquetípico rehe, Jung omomba'e guasu opavave elemento peteĩ individuo humano naturaleza oĩha tenonderãite ha oĩha heñói guive. Umi experiencia individual ha pe ambiente particular orekóva ndojapói ko'ã elemento, ha katu ogueru superficie-pe añoite.

Ko naturaleza conductual arquetipos rehegua, Jung omanteneháicha, omoaguive iteoría ambue concepto científico ha filosófico rehe ha, oiméramo peteĩ parte-pe, he'ise peteĩ aporte influyente ambue ciencia-kuérape, ambue hendáicha, oabsorbe heta aporte orekóva. Umi evidencia ko'ã enfoque rehegua ha'e pe mba'érepa ñaimo'ã pe estudio arquetipos rehegua ohupyty hague umi contorno peteĩ tema multidisciplinario rehegua añoite Jung rembiapokue rupive.

Pe enriquecimiento progresivo Teoría de Arquetipos rehegua Jung rembiapo rire, en parte ojehu estructura

multidisciplinaria rehe, ikatuháicha jadeduci Pearson texto-gui:

C. G. Jung oheja heta ambigüedad ojeréva estado ontológico arquetipos ha inconsciente colectivo rehe . Péva oiko va'ekue pe ciencia hi'árapegua naiporãigui. Umi mba'e ojejapóva ko'ãgagua neurociencia ha física-pe -ko'ýte pe física vacío pyahu - oheja ñandéve ñamopu'ãve Jung jeikuaa arquetipos rehegua. Ko artículo ohesa'ýjijo umi característica principal concepto arquetipo Jung ha oiporu teoría estructural biogenética moderna ointegra haguã psicología arquetípica ha neurociencia. Ko artículo ohesa'ýjijo algunas evidencias oíva a favor de acoplamiento neurofisiológico-cuántico directo [término autor] ha opropone mba'éichapa ikatu oike ojehe procesamiento neural ha umi acontecimiento cuántico .⁸³

Mark Vernon ohechauka avei mba'éichapa iporã ko enfoque multidisciplinario teoría jungiana rehegua:

Añetehápe, pe posibilidad umi arquetipo jungiano ha'eha commensurable biología ndive, oikuaauka E. O. Wilson iñarandukápe "Consilience ". Omopu'ã posibilidad ciencia ikatúva ojapo chuguikuéra "concreto ha verificable". Omotenondévo Wilson, psiquiatra Anthony Stevens ohecha arquetipos

⁸³ Pearson, Carol S., Arquetipos, Neurognosis ha Mar Cuántico (art.) - Revista de Exploración Científica 1996 - ko'ápe: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?Doi=10.1.1.456.710> ojeike 26 jasyoteĩ ary 2019-pe

omba'apóva etología-pe, estudio mymba reko rehegua hábitat natural-pe. Mymbakuéra oreko peteĩ conjunto de comportamientos de almacenamiento, ohechakuaa etologo, aparentemente activado estímulo ambiental.⁸⁴

Jaguerékóva en cuenta ko universalidad ojehecháva idea arquetipos ciencia ha filosofía-pe ko'ã árape, jaacceptava'erã umi aporte opavave estudio ha interpretación concepto, ojoajúva umi pilar central ñane rembiapo rehe, independientemente umi ámbito ciencia oimehápe ou hikuái.

Umi opáichagua aporte oguerúva investigación ndahi'aréi apytépe, mokõi enfoque importante omombarete ñande suposición básica ojoajúva moralidad ha'éva peteĩ sujeto comportamiento ha observable yvypóra, osêva fundamento arquetípico ha omotenondéva milenio proceso evolutivo oñembojoapýva genoma especie-pe.

Peteĩha ou umi axioma fundamental estructuralismo biogenético-gui, oñembohysýva mbohapy noción esencial-pe omoheñóiva iñemopyenda:

1. Peteĩha ha'e pe conciencia ha'eha peteĩ propiedad sistema nervioso rehegua.

⁸⁴ Vernon, Marcos, ha ambuekuéra. *Carl Jung: ¿Oĩpa umi arquetipo?*

<https://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2011/jun/20/jung-archetypes--structurind-principles> - ojehecha ára 26 jasypoteĩ ary 2019-pe

2. Mokōiha ha e opaitē estructura neural omediava conciencia oñemoakārapu ã tekove aja umi estructura heredada ñepyrūgui (arquetipos-gui, ambue ñe ěme), ha

3. Mbohapyha ha'e opa mba'e ikatúva ja'e "cultura" rupive oñe'ẽ directamente umi proceso neurofisiológico rehe térã indirectamente umi artefacto ha comportamiento omoheñóiva ko'ã proceso.⁸⁵

Ambue enfoque iñimportanteva ou umi concepto neuronóstico rehegua, osêva avei estructuralismo biogénético-gui. Neurognosis ha'e peteĩ ñe'ẽ técnico ojeporúva oñe'ẽ haguã organización ñepyrūrã apytu'ũ ohasáva ha oikuaakuaáva rehe.

Ko concepto definición ou Laughlin-gui:

Opaitē modelo neurofisiológico omopyendáva ambiente cognitivo oñemoakārapu'ã umi modelo naciente-gui oíva estructura neural inicial genéticamente determinada ramo omoheñóimava experiencia feto ha mitã mimi. Ko ã modelo naciente-pe ñahenói marco neurognóstico, modelo neurognóstico térã neuronóstico simplemente (Laughlin 1991, Laughlin ha d'Aquili 1974: 83, Laughlin, McManus ha d'Aquili 1990: 44-75). Ñamomba eséramo umi estructura neurognóstica ijehegui, ñañe e jepi umi estructura téra modelo rehe. Umi estructura neurognóstica okorresponde umi arquetipo Jung rehegua. Iporã ñanemandu'a jepémo heta ojesareko ta'anga arquetípica

⁸⁵ <http://www.biogeneticstructuralism.com/tenets.htm>, ojehecha 27 jasypoteĩ ary 2019-pe.

relativamente dramático rehe ijehaipyrépe, Jung añetehápe oguerovia oñha heta arquetipo oñháicha percepción típica opaite especie-pe (1968c [1936/37]: 48). Jung referencia pe inconocibilidad esencial umi arquetipo rehegua voi ojeporu avei umi estructura neurognóstica ñande formulación-pe.⁸⁶

2.3 - Arquetipokuéra ñembohasakuaa .

Jung oformularõ guare iTeoría de Arquetipos peteñha mitad siglo XX-pe, pe Ciencia oiva upérõ ndaikatúi oipytyvõ chupe suficientemente.

Jepénte, ko'ágã oreko suficiente investigación científica acreditada ikatúva oipytyvõ justificación oñeikotevéva ovalida haguã ore reclamo. Ndorohochaukáï ni ndorohochamo'ãi ko investigación científica, péva ohasátaguï ko tembiapo rembipota, estructura ha metodología. Avei, umi base científica iñimportantevéva ojoajúva transmisibilidad arquetípica rehe ou neurociencias-gui, metodología ndojepysói Filosofía-pe. .

Ha katu, jahechauka ha jajapova'erã investigación científica explícita oipytyvõva ñane argumento ha ñacita umi suposición esencial orekóva ñamoambue'yre iñe'ẽ ha ijestructura, ñañe'ẽ rangue hesekuérante.

Umi mecanismo oñecodifica, oñeñongatu ha oñembohasa hañgua marandu genético (ha'eháicha

⁸⁶ Laughlin, Charles D. (1996) "Arquetipos, Neurognosis ha Mar Cuántico". Revista de *Exploración Científica* 10 (3): 375-400.

arquetipo) omombe'u Don M. Gash ha Andrew S. Deane⁸⁷ peteĩ proceso complejo ramo odetermináva principalmente pe contenido información genética rehegua pe individuo concepción jave:

Pe nucleótido ocodea secuencias de información genética ha estructura cromosómica peteĩ tapicha genoma rehegua. Pe transcripción ha traducción marandu codificado rehegua ha'ehína umi proceso molecular dinámico omohendava célula rekove: ombohováí umi estímulo, omantene homeostasis ha omohenda okakuaa, okakuaa ha oñembohetave. Oĩ heta mecanismo oñembohasa haña marandu genético peteĩ célula-pe ha umi organismo multicelular-pe okehápe replicación marandu codificado rehegua.

[...] Umi contenido informativo oñemopyendáva neurona-pe oñembyaty ha oñemoambue tekove pukukue javeve yvypóra sistema nervioso-pe. Marandu sistema nervioso-pe oñecodifica umi propiedad molecular ha celular neuronas-pe, ired neuronales ha umi conexión sináptica-pe.

[...] Pe mecanismo oñembohasávo marandu neuronas rehegua peteĩ tapichágui peteĩ tapichápe peteĩ población-pe oiko apytu'ũ

⁸⁷ Departamento de Anatomía ha Neurobiología, Escuela de Medicina, Universidad de Kentucky-pe

guive apytu'ũme rupive. Apytu'ũ apytu'ũ
ñembohasa oike apytu'ũ, tete ha apytu'ũ.⁸⁸

Oñeha'ãvo odescifra peteĩ sistema neural estructurado complejo-icha, ndojekuaáiva completamente ojapo mbovymi década peve, ha'e peteĩ desafío inmensurable Ciencia-pe ñuarã ha peteĩ umi misterio fascinante ojoajúva fenómeno humano rehe. Ko tape ikane'õva, jepe umi circunstancia, ohupyty heta avance, ha peteĩ teĩ omokyre'ỹ ambuépe.

Nda'aréi ojejuhu umi recurso ha mecanismo iñimportantetereíva ojecodifica, oñeñongatu ha oñembohasa hañua marandu genético ojoajúva yvypóra reko rehe, ha'eháicha umi proceso Kin Selection.

Selección Parental ha'e peteĩ estudio tuicha mba'éva biología evolutiva-pe, iñepyrũrã opropone ary 1963-pe biólogo evolutivo británico W. D. Hamilton, ha oikuave'ẽ peteĩ perspectiva analítica pyahu enteramente mymbakuéra comportamiento social rehegua (particularmente umi mamífero, ha'eháicha Homo sapiens).

Ko'ága, Teoría de Selección de Padres ha'e peteĩva umi pyenda estudio moderno comportamiento social rehegua ontendéva oimeraẽ principio moral hapo.

Ko teoría omyesakã umi soporte evolutivo genético complejoiterei umi comportamiento social esencial ha'eháicha altruismo ha oikuaauka umi elección original basada costo-beneficio mymba rekovépe peteĩ grupo-

⁸⁸ Departamento de Anatomía ha Neurobiología, Escuela de Medicina, Universidad de Kentucky-pe

pe. Pe par selección oikotevë peteĩ relación genética pe ome'ëva ha ohupytyva pe acto altruista apytépe, ha katuete pe selección ha'e pe explicación dominante evolución comportamiento oipytyvöva rehegua.⁸⁹

Upévare ikatu ja'e pe Teoría de Selección Parental opytu'uha pe cuna de la moralidad conductual humana-pe ha ohechauka pe fascinante iporãha umi arquetipo ha iproseso evolutivo.

Patten omombe'u umi idea central teoría rehegua kóicha:

Oje'e hekopeteve ha'eha peteĩ aty jeporavorã . Jepémo matemáticamente, ikatu – ha sapy'ante jepe heurísticamente invaluable – . Ojegueraha opa variación aptitud selección tuvakuéragui propiedad ramo pariente térã individuo-kuéra, omoypytû umi fuerza causal añeteguáva omotenondéva cambio frecuencia génica selección tuvakuérape. Tuvakuéra jeporavo ha'e peteĩ tape oñentende haġua pe cambio frecuencia alelo rehegua consecuencia ramo umi tembiapo ha interacción tapichakuéra apytépe okomparti alelo umi ñemoñare común nda'aréi oúva - he'iséva, parientekuéra.

Ojejapoháicha aty jeporavo rehe, kóva ha e peteĩ consecuencia umi propiedad aty rehegua omoheñóiva iñambue frecuencia alelo rehegua. Péro tuvakuéra ojeporavóramo, umi

⁸⁹ Michael D. Breed, Janice Moore, Mymbakuéra reko rehegua , 2012-pe.

grúpo oreko ko estructura genética espesiál. Ojeporu selección de parientes oñemyesakã haguã evolución cooperación ha altruismo mymbakuéra sociedad-pe. Pe evolución umi rasgo altruista rehegua, ombochákeva umi aty ha katu ojefavoreséva aty apytépe, oñembohape parentesco estrecho rupive umi aty ryepýpe,

Umi pérdida de aptitud grupo ryepýpe umi altruista ohasa asýva oñecompena parcialmente umi ganancia de aptitud umi pariente okompartiva'ekue peteĩchagua información genética. Péicha umi genes ocontroláva comportamiento ikatu orecupera pérdida de aptitud umi donante acciones altruistas. Hamilton oespecifica petet regla útil umi acto altruista-pe guará, ha eháicha umi odetermináva ko aichagua comportamiento ha e evolutivamente favorable: $rb > c$. Ambue ñe'ẽme, umi beneficio (b) oñeme'ẽva pariente-kuérape, ponderado relación (r) donante ha recipiente apytépe, tuichavéramo pe costo (c) oñeme'ẽva donante-pe, ko acción ojefavorese selección natural rupive .⁹⁰

Pe idea central tuvakuéra jeporavo rehegua ojekuaa teoría 'aptitud inclusiva' ramo ha oñeformula peteĩ modelo matemático hérava Ecuación Hamilton-pe:

$B/C > 1/r$ rehegua

péva ikatu oñemohenda jey péicha

⁹⁰ Patten, " Módulo de Referencia en Ciencias de la Vida ", 2017 - <https://www.sciencedirect.com/topics/bioquímica-genética-y-biología-molecular/kin-selection-pe> - ojehecha 28 jasypoteĩ 2019-pe

$rB > C$ rehegua

Oñemoingéma umi elemento costo (C) ha beneficio (B) ha relación (r) rehegua ko ecuaciónpe. Pe costo (C) ha'e pe pérdida potencial aptitud orekóva pe donante. Beneficio (B) ha'e adicionalidad receptor orekóva umi acto donante rehe. Marandu fundamental ko ecuación rehegua ha e ojefavoreseva era donación comportamiento donante parte-gui evolución rape rehe, pe relación donante-recipiente (r) oñemultiplicava beneficio oñembojoapýva recipiente rehe tuichavéramo pe costo donante-pe guarãgui.⁹¹

Nda'arévéma, Alan Grafen oikuaauka heta modelo matemático pyahu odiversificava'ekue umi resultado investigación Hamilton ojavova'ekue ha ombotuicháva frontera analítica.⁹² Opa ko'ã enfoque resultado oñecentra peteĩ ñe'ëme:

Cooperación ha altruismo – ha añetehápe comportamiento social en general – ojedefini biología evolutiva-pe umi concepto costo ha beneficio rehegua, en particular, según costo ha beneficio aptitud organismo interactivo rehegua. Umi efecto adecuación rehegua umi tekoha ojehecha ha oñemedi umi interacción rupive umi agente ha umi recipiente apytépe . Pe comportamiento altruista , en particular, oñedefini útilmente comportamiento ramo peteĩ agente opagahápe peteĩ costo i'aptitud directa, disponible hekove pukukue javeve, ha

⁹¹ Michael D.Raza, Janice Moore op.cit. Ñe'ëpoty ha ñe'ëpoty ñemoarandu

⁹² Grafen, Alan - Ojekuaa haguã pariente jeporavo mba'apohápe ojeporúvo aptitud inclusiva - Proc Biol Sci. 2007-pe 7 jasyoapy; 274 (1610): 713–71 . Oñemoherakuã internet rupive 2006 Dic 12.doi: 10.1098/rspb.2006.0140 ---- 00PMCID: PMC2197210/

peteĩ recipiente ohupyty peteĩ beneficio i'aptitud directa, disponible hekove pukukue javeve.⁹³

Peter Woodford ombyaty heta ñomongeta oikehápe Teoría de la Selección Parental, ha principalmente umi ombopochýva peteĩ artículo oñemoherakuãva revista Nature-pe mokõi biólogo ha matemático, Martin Nowak ha Corina Tarnita. Ko kuatiahaipyre ocuestiona efectividad ha valor explicativo teoría 'aptitud inclusiva' William Hamilton, base teórica ha matemática dominante década investigación empírica evolución comportamiento social - especialmente comportamiento cooperativo ha altruista- mundo pukukue.⁹⁴

Ko autor omomba'e guasu reacción orekóva comunidad científica, imandu'ávo ko artículo rehe:

Heta ñembohováí crítico-itereíva oformula 137 teórico ha empírico eminente biología evolutiva rehegua [2]. Pe número de científico ombotovéva umi conclusión Nowak, Tarnita ha Wilson ha'e ijehegui peteĩ indicación nervio oguahëva, ha avei centralidad continua teoría Hamilton estudio evolución social-pe. (Woodford, op.cit) Ñe'ëpoty ha ñe'ëpoty.

Perspectiva filosófica rehegua, ko'ã ñomongeta rupive osê peteĩ conclusión relevanteitereíva: naturaleza

⁹³ Kuarahyreike S. A., Griffin A. S., Gardner A . 2007 Semántica social: altruismo, cooperación, mutualismo, reciprocidad mbarete ha aty jeporavo. Mbokakuaa. Biol. 20, 415- 432. (doi: 10.1111 / j.14209101.2006.01258.x) Crossref PubMed , ISI , Google Scholar - Apud Woodford Ñe'ë reko ha rekosa'ỹ rehegua 18.

⁹⁴ Woodford, Peter - Ojehechávo aptitud inclusiva - Ciencia Abierta Sociedad Real - Oñemoherakuã: 26 jasyporundy 2019 <https://doi.org/10.1098/rsos.190644>

multidisciplinaria oimeraêva ñomongeta yvypóra reko rehegua, ja'e haguéicha ko tembiapo pukukue javeve.

Py'a'e rohechakuaa umi porandu ojejapóva, ijehegui, oñemomba'eha opaichagua disciplina ha área de especialización ciencias biológicas-pe, ha katu avei umi área oipyhýva recurso teórico umi ciencias de la vida-gui, ha'eháicha umi ciencias sociales evolutivas emergentes, antropología, ha filosofía rehegua . Ko ámbito interdisciplinario tuichaháicha ojehu oñembohetavégui umi teoría evolución social rehegua jeporu opaite mundo oikovévape, célula guive yvypóra peve, ha umi porandu opresionavéva generalidad principio evolutivo rehegua. Upévare, ko aty oguereko umi artículo investigador-kuéra biología matemática, ecología conductual, antropología ha medicina, filosofía de la ciencia ha teoría ética jepe. (Woodford, op. cit) Ñe'ëpoty ha ñe'ëpoty.

Sistemáticamente, ciencia oheka ohechauka umi pieza principal rompecabezas orepresentáva transmisibilidad arquetipo-kuéra rehegua.

MOAKĀHA VI

UMI PRINCIPIO BÁSICO DE LOS MORALES PREHISTORIA-PE

1. Ñepyrūrā.

Umi evidencia aceptable añoite oipytyvōva ñane argumento, oñeme'ëvo pe metodología ojeadoptáva ko estudio-pe, ha'e umi elemento material yvypóra reko rehegua, ikatúva ojejureko en cuenta científicamente, jepémo oñelimitáva consecuencia correlacionada ambue evidencia material térã presunción hermenéutica sólida-pe.

Ñamopu'áva'erã umi contexto oĩ haguépe ko'ã elemento conductual Paleolítico aja javerifika haguã oikuaaukápa algùn tipo de contenido moral ha mba'e principio-pa orrepresenta.

Ñantendeva'erã contenido moral conductual oimeraë evidencia ramo umi agente oprocesaha conscientemente pe capacidad ombohováí haġua umi necesidad social complejo ha iñambuéva.⁹⁵

Umi mba'ére ojeporavo Periodo Paleolítico etapa ramo ko'ã contexto-pe guarã oñemyesakã Capítulo II-pe.

⁹⁵ Roland Zahn , Ricardo de Oliveira Souza ha Jorge Moll - *Fundación Neural da Moralidad* <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.56026-7> - ojehecha ára 29 jasypoteĩ ary 2019-pe

Jaipurúta mbohapy contexto: yvypóra, imaginario ha divino, ha oñefomatáta investigación, análisis, opinión ha evidencia oguerúva opáichagua autor.

2. Yvypóra rekoha.

Oñemopu'ã haguã contexto humano Paleolítico-pe, ñañepyrûva'erã peteî "entorno": peteî descripción general térã atmósfera humana época-pe.

Investigador estadounidense Norman Pedersen⁹⁶ ome'ë ñandéve ko escenario:

Che investigación-pe umi sociedad Paleolítica rehegua, aiporu peteî correspondencia directa umi yvypóra Edad de Hielo-pegua umi sociedad simple cazador-recolector ojekuaáva antropología-pe ko'ágã. Kóva ha'e peteî grupo limitadoiterei. Umi criterio aiporuvá'ekue ha'e kuri aconsidera ha'gua umi sociedad ndorekóiha agricultura, ha'eha nómada/seminómada ha ndorekóiha contacto civilización ndive. Oiméne umi esquimo polar añoite odesebíva Peter Freuchen oike porãve umi criterio-pe. Umi Kalahari Ju/wasi (Elizabeth Thomas Marshall), ojekuaáva avei Kung ha San Bushmen ramo, oguereko mínimo contacto umi sociedad agrícola ndive. Umi pigmeo Mbuti ka'aguy Ituri-pegua (Collin M. Turnbull) oguereko contacto umi chokokue vecino ndive ha katu opyta ojehegui. Peteĩnte ambue grupo aimo'áva

⁹⁶ Civilización ra'yi - Ñorairõ, ñemenda ha religión pykyue - 2017 - Sól-Earth Publishers - ISBN 978-1978169531; Oñeñe'ë pyy ramo guare Ñandejára réra: Oñemyatyrõ umi jerovia'ỹ prehistoria rehegua - 13 de diciembre de 2014 - ISBN-10: 1505457068

ikatuha okumpli umi criterio ha'e umi australiano aborígen, ha katu ndaipóri literatura suficientemente imparcial ojestudia haġua . Opaite investigación antropológica oguereko peteĩ sesgo moderno, ojehechava'erã.

Ko'ã irundy sociedad simple cazador-recolector oguereko comportamiento social ñambuetereíva opa ambue sociedad humana-gui: ndaipóri tendota, joja completa umi tapicha apytépe taha'e ha'éva sexo térã edad, ndaipóri agresión violenta ha ndaipóri comportamiento egoísta. (peteĩ marandu personal Pedersen-gui oúva autor-pe).

Heta ambue investigador oendosa correspondencia directa ha modelo ojoguáva, ha ikatu jajuhu peteĩ argumento equivalente Christopher Bohem rembiapokuérape:

Ikatu japyrojecta ko'ã patrones específicos tapykue gotyo tiempo-pe, jaiporúvo "analogía etnográfica" sistemática. Kóva ha'e gueteri peteĩ aspecto oñemoakãrapu'ãva investigación prehistórica-pe, ha katu che versión conservadora he'i ojejuhúramo peteĩ comportamiento opa seis región-pe oñeestudia haguépe umi cazador-recolector-kuérape umi antropólogo ko'ã siglo ohasava'ekuépe, esencialmente pe comportamiento ikatu ojeingeniería retrospectivamente oike haġua opavave conductualmente yvypóra ko'áġagua.⁹⁷

⁹⁷ Bohem, Christopher, Origen de los Morales: "La evolución del altruismo, vergüenza ha virtud" (Nueva York: Libros Básicos, 2012). Ehecha avei C. Boehm,

Ikatu jajuhu umi teoría opaichagua ha ojoavyvéva ojoajúva umi modelo cultural evolución yvypóra reko ha umi rasgo rehegua, ñeipyru guive ko'ága peve. Hetave ijapytepekuéra oguereko en cuenta umi relación térã joavy ko'ã rasgo prehistórico ha yvypóra reko ko'ágagua apytépe. Ko diversidad ojapo pe investigación oñemohu'ã'imi ha ndojoajúi. Christopher S. Henshilwood ha Curtis W. Marean rehegua ⁹⁸ ojesareko, oñecentra rangue teoría ñemoheñoi rehe, heta investigador opropone umi característica conductual ojehecháva moderna ha oñecentráva registro empírico antigüedad ha distribución ko'ã característica rehe. Umi autor ome'ë peteí cuadro descriptivo de referencias oíva algunos rasgos de conducta importante ha umi estudio representativo correspondiente, omyesakáva investigación sistemática ko'ã correspondencia rehe".

Ko peteíha imagen, térã cubierta ñande contexto-pe, oconcentra escenario noñepokóiva ikatúva umi mba'e ojeruvéva principal: sociedad cazador-recolector, ndaipóri civilización ha ndaipóri economía agrícola. Ñakontemplava'erã ko escenario inmunidad completa reheve oimeraë sesgo moderno térã modelo histórico-gui.

Peteíha marco ko estudio ohesa'yijova'erã ha'e pe he'íva yvypóra, oñeipyru guive Paleolítico, ohechauka oiporuha umi elemento conductual ha hekoha oñemombarete umi característica orekóva umi antropólogo ohenóiva

"Umi consecuencia moral selección social rehegua", *Conducta* 171 (2014): 167–83.

⁹⁸ Christopher S. Henshilwood ha Curtis W. Marean - *Yvypóra reko ko'ágagua pykyue - Crítica modelo rehegua ha mba'épa ogueru prueba-pe* - apud *Antropología Actual* Volumen 44, Número 5, diciembre 2003-pe, Fundación Wenner-Gren de Investigación Antropológica rupive - página 628 .

"modelo estructura social del ". triángulo CCC". "Triángulo CCC" ha'e peteĩ ñembojoaju ijajaha'ỹva yvypóra reko rehegua: "Cognición", "Cultura", ha "Cooperación", ha jaipurúta ko modelo ñahesa'ỹjo haguã umi contexto prehistórico.

Oñemotenondévo seminario "Origen de la singularidad humana y modernidad conductual", omotenondéva Universidad Estatal de Arizona ary 2010, umi karai arandu antropología, primatología, ciencias cognitivas, psicología, paleontología, arqueología, biología evolutiva ha genética oñemoĩ peteĩ ñe'ême odefinívo singularidad humana ha'eha pe "subyacente". capacidad oproduci haguã complejidad", oikuaa haguã modernidad conductual ha'éva expresión ko'ã capacidad.⁹⁹

Pe cognición, peteĩha ko'ã mba'ekuaarã apytépe, ha'e peteĩ elemento fundamental oimeraéva comportamiento moral-pe ñuarã ha ojuhu ikonteído sustancialvéva pe capacidad ombohováí hağua umi abstracción. Pe evidencia incuestionable yvypóra Paleolítico ypykue ikatuha oipuru símbolo ohechauka haguã contenido abstracto oúva ñe'ëgui.

Yvypóra mante oguereko ñe'ë, upéva rupive ikatu ñapensa mba'épa oĩ porã ha mba'épa oĩ vai.¹⁰⁰ Alen omoĩ yvypóra ñe'ë ñepyrũ Paleolítico Medio-pe ha he'i umi etapa ko desarrollo rehegua:

⁹⁹ Despain, David - "Yvypóra ypykue oipuru apytu'ũ pu'aka, mba'e pyahu ha tembiapo equipo-pe odomina hağua Planeta". Scientific American - ko'ápe <https://www.scientificamerican.com/article/humans-brain-power-origins/> - ojeike 3 jasyporundy ary 2019-pe.

¹⁰⁰ Boehm, Christopher - Revista de la Naturaleza Minding: 2017, volumen 10, número 2 - ko'ápe: <https://www.humansandnature.org/May-2017-pe>

Yvypóra ñemongakuaápe Paleolítico Medio-pe oipytyvõ heñói haguã ñe'ẽ ha ñe'ẽ, arte, reliji3n ha katupyry t3cnica. Ohasávo ára, ñe'ẽ oñemoakārapu'ã ko tape rupive: peteĩha fase ojehechauka jepi pantomima omoirũva gruñido; Mokõiha etapa-pe, umi tapicha Paleolítico oñepyrũ oñe'ẽ gesto preciso reheve ojoajũva s3mbolo vocal térã ñe'ẽ correspondiente rehe ha, opakuévo mbohapyha fase, okañymbaite umi pantomima ha gruñido. Umi hénte oñepyrũ oipuru umi signo ha palávra sistemática. Oñepyrũvo mbohapyha etapa, os3 pensamiento analítico ha concluyente. Upe guive, oñe'ẽ ha pensamiento oregistra okakuua meme.¹⁰¹

Umi s3mbolo fon3tico, tyapu ha gesto semántico ohupyty ohóvo ikodificaci3n visual-pe, oñepyrũvo ñe'ẽ ojehaíva ñemopu'ã. Pe evidencia itujav3va ojekuaáva expresi3n visual umi idea abstracta rehegua oúva 60.000 a.C. ha ojegraváva peteĩ huevo cáscara-pe.

Up3vare, umi yvypóra Paleolítico peteĩha oguereko condici3n oñeikotev3va ombohováí haguã abstracci3n compleja ha oikuaauka haguã simbolismo semántico apropiado reheve, ombohapéva interacci3n tapichaku3ra apyt3pe ohasáva umi patrones simples ha instintivos ha omoing3va voluntad, hembipota, sensibilidad, idea, interpretaci3n ha sentimiento .

¹⁰¹ Alen, S - Cultura lingüística ha espiritual en la época de piedra - 17 de diciembre de 2015 en <https://www.shorthistory.org/prehistory/language-and-cultura-espiritual-en-old-piedra-era/> - ojeike 11 / 2015-pe. 03/2019-pe

Ñe'ë ha ambue elemento semiótico ári, tecnología ha'e peteĩ indicador relevante umi etapa cognitiva yvypóra rehegua. Tecnología pe periodo paleolítico pukukue javeve oevolucionan (i) referencialmente umi relación yvypóra orekóva tekoha ndive ha umi mba'e oikotevéva oikove haguã ha (ii) paralelo ramo evolución biológica ndive. Pe proceso evolutivo ko evidencia cognición rehegua, tuicha mba'éva ha ohechaukáva ñe'ëicha, oñemboja'o he'iháicha umi característica ha cronología Joseph V.Ferraro rupive¹⁰²

Pe haihára omomba'e guasu ñane mba'ekuaa tecnología Paleolítica rehegua oñepyrũ ramoite ha umi elemento ojeguerekóva sa'ieterei. Ha katu, pe jaguerekóva ko'ágã ohechauka mbarete umi contexto ñaestudiáva ha, katuetete, ocomentaháicha Ferraro, ñakonsiderava'erã ko aparente debilidad material científico rehegua peteĩ etapa prometedora ramo:

Ha'e rangue enteramente desmoralizador, kóva añetehápe ojapo umi tiempo increíblemente interesante ha estimulante umi estudio Paleolítico-pe. Ojejuhu ára ha ára umi mba'e pyahu iñimportánteva; Umi técnica analítica pyahu ome'ë ventanilla yma guaréva prácticamente inconcebible ojapóma mbovy arýnte, ha adopción generalizada enfoque científico riguroso ohóvo ome'ë umi arqueólogo peteĩ fundamento metodológico sólido omopu'ã haguã disciplina de punta siglo XXI-pe. Oñepyrũ ramoite pe 'época de oro' arqueología Paleolítica rehegua.¹⁰³

¹⁰² Ferraro, JV (2012), Peteĩ investigador tecnología Paleolítica rehegua. Arandu tekombo'e natural-pe 4 (2): 9

¹⁰³ Ferraro, op., Ñe'ëpoty ha ñe'ëpoty. Cit.

Péicha, opaichagua tape rupive, ciencia ohechauka yvypóra Paleolítico reko, ojoavy ambue mymbakuéragui, ndaha'etí hague umi tembiapo ñemopu'ante ojedetermináva instinto rupive, sino peteĩ proceso cognitivo original, complejo ha consciente umi estructura apytu'ũ ha apytu'ũme. Opaite ambue mymba rekohápe ikatúraro jahechakuaa umi reacción instintiva añoite ciertos estímulos rehe, yvypóra evolución primaria kásope, jaacceptava era oĩha umi patrón comportamiento rehegua oñemopyendáva jeporavo iñambuéva posibilidad apytépe ojeafectáva interacción tapichakuéra apytépe, heta jey divergente chugui umi forma instintiva conductual oñeha'arõva normalmente.

Pedro Blaz González ohesa'ỹijo ko suposición orekóva concepto economía de seres rehe:

Ojoajúvo yvypóra ndive prehistoria-pe, economía de ser orrepresenta peteĩ momento de necesidad vital urgente, upérõ alcance valores imbovyvéva ko'ã árape. Péva ohechauka ojejapo haguã umi elección osalvaguardáva sobrevivencia umi tapicha ha iclan michĩva ha'e kuri crucial importancia. Ojekuaa pe yvypóra ypykue oiporavóva ojedirihĩ porã hague oikove haġua. Oñeme'ẽvo umi demanda física, emocional ha psíquica ikondisión de vida rehegua, pe jeporavo kuimba'e primitivo-pe ġuarã oikotevẽ peteĩ involucramiento consciente campo limitado de posibilidades orekóva ndive.¹⁰⁴

Ko'ã patrón de comportamiento ñahenói "arquetipos", ha ko'ápe ñamoañete orekoha opavave elemento ha

¹⁰⁴ González, Pedro Blaz / - *Pe Economía del Ser* - Tekopy tee ojehechakuaa'ỹva. Revista Internacional de Filosofía de Cultura ha Axiología 11 (1) / 2014: 23–39

cualidades esenciales oïva oïmeraêva concepto moral-pe, oïmeraê momento térã momento-pe.

Mokõiha elemento "Triángulo CCC" ha'e "Cultura", he'iséva producto pensamiento ha aprendizaje social ombohapéva ñe'ê, tecnología, creatividad ha innovación.¹⁰⁵

Peteĩ contexto cultural ikatu ojekuaa ojehechávo mba'éichapa oka gotyo peteĩ aty térã estructura social: ñe'ê, arte, jerovia, interacción interna ha organización.

Pedersen oñcentra ko'ã elemento rehe odeslinea haguã estructura cultural yvypóra orekóva Paleolítico-pe:

Ñañemboja umi estudio sociológico ha antropológico rehe jagueroiviávo yvypóra naturaleza ha'eha absoluta, tapichakuéra ha'eha akóinte tapicha; akóinte roguerekoha peteĩchagua motivación ha emoción. Ñambyasy, péva ojehechauka ha'eha peteĩ suposición japu. Ojapo 20.000 año, yvypóra reko idiferenteterei hague ko'ágã ñantendeháicha upéicha. Violencia ha agresión, competencia ha ambición; vanidad ha codicia ndaha'ei primal; osê yvypóra reko ko'ágaguágui. Ñande jatolera umi comportamiento antisocial ñantende haguére ha'eha inherente ñande naturaleza humana-pe; ha katu ni peteĩ ko'ã mba'e ndoikóikuri umi sociedad cazador-recolector simple apytépe (ha upévare ñande ypykuéra prehistórico apytépe). 150.000 año aja, yvypóra naturaleza ha'e delicada ha mansove, ndaha'ei agresiva ha ojepy'apyva hese. Ñande

¹⁰⁵ Despain, David - op.cit. Ñe'ẽpoty ha ñe'ẽpoty.

ypykuéra iñarandu, ikatupyryeterei, igualitario ha altruista. Péva ha'e yvypóra reko ñande especie Homo sapiens-pegua oñeikotevẽ mbovyve Civilización jeju.¹⁰⁶

Oĩ estructura específica ojehechakuaáva Paleolítico - pe , oñepyrũvo organización social -gui .

Oñeanalysisávo organización social Paleolítico-pe ha'e peteĩ tembiapo hasýva mbohapy mba'e principal rehe: (i) pe periodo ipuku excepcionalmente ha oñemomba'e opaichagua etapa yvypóra desarrollo ha evolución rehegua; ii) sa'i umi prueba científíca ha heta jey ndojoajúi; (iii) hetaichagua investigación oguereko opaichagua sesgo ha umi resultado oguerekóva ndikatúi oñemoañetepaite.

Peteĩ demostración ko fragilidad resultado investigación Paleolítica-pe ojehecha algunas inconsistencias py'yi. Umi mba'e ojehecháva umi estudio arqueológico-gui ohechauka organización social paleolítica oguereko hague peteĩ estructura simple ha peteĩ patrón uniforme comportamiento social rehegua. Ojoavy ko mba'e oje'évape, investigación ndahi'aréi ojejapóva elemento fósil ha paleoambiental rehe ohechauka estructura social compleja ha variabilidad ojehecháva comportamiento social-pe.

Steven Mithen oevalua incongruencia ko'ãichagua mba'e ojejuhúva kóicha:

Aargumenta peteĩ resolución ko paradoja rehegua, ha añetehápe peteĩ entendimiento prehistoria ñepyrũ rehegua en general, ikatuha

¹⁰⁶ Pedersen, Norman - <https://pedersensprehistory.com/biases-about-prehistory> - ojehecha 18 jasypoapy ary 2019-pe.

ojehupyty oñembohováiivo evolución apytu'ũ rehegua añoite, peteĩ argumento amombe'uvéva ambue hendápe (Mithen, 1996).¹⁰⁷

Pedersen ñanemomarandu contenido inapropiado rehe heta estudio ojeguerekóva sociedad Paleolítica rehegua:

Umi karai arandu oimo'ã kuimba'e ko'ãgagua reko ha'eha universal tiempo ohasávape, techapyrã, antagónico, coercitivo, dominante, beligerante.

Umi karai arandu oipururu umi mba'e omokyre'ỹva yvypóra ko'ãgagua omyesakã ha'gua umi sociedad cazador-recolector. techapyrã, ñemondýi, presión ambue tapichakuéragui, segregación. Ko'ã término ndojeporúi umi sociedad nómada cazador-recolector-pe. Ha'ekuéra ha'e ingrediente kuimba'ekuéra moderno ha civilizado-nte. Umi karai arandu generalmente ndaikatúi ombojoavy umi cazador-recolector nómada/semi-nómada ha umi cazador-recolector sedentario apytépe. Oĩ peteĩ mundo de diferencia, upévare oñemboja'o chupekuéra cazador-recolector simple ha complejo ramo.¹⁰⁸

Haihára oho mombyryve ha omonéi ombotove haguã, ko'ã estudio-pe, ojeporu haguã concepto ha lenguaje hekope'ỹva odefini haguã comportamiento individual ha social, ha ohechauka término ha concepto ndorekóiva

¹⁰⁷ Mithen, Steven - Pe prehistoria pyykue yvypóra reko social rehegua - Porandu referencia arqueológica ha evolución cognitiva rehegua - Anales de la Academia Británica - 88, pg.145 / 177

¹⁰⁸ Pedersen, Norman – Pedersen rembiasakue mbovyegua ko'ápe <https://pedersensprehistory.com/biases-about-prehistory>

significado umi cazador-recolector-pe guarã: división de trabajo, dominio kuimba'e kuña ári , estatus , territorio, propiedad, norma de reciprocidad umi intercambio-pe, definiciones de parentesco, parentesco factor social ramo, matrimonio factor político ramo, ñemenda primo ojehekýiva ndive tabú cultural ramo, presión de pares, agresión, coacción factor social ramo ha delito.

Upévare, ñane preocupación oñe'ẽ aja umi contenido moral ojoajúva comportamiento social rehe, ñacentráta ñane atención evolución evidencia apytu'ũ rehegua, ha ndaha'éi umi característica estructural térã organizacional social ohechaukáva arqueología tradicional.

Ñande jaipotave ko'ã tape, jepémo oĩ característica organizativa ojekuaáva oparupiete ha suficiente oipytyvõ haguã ñane estudio umi elemento conductual heñóiva estructura social Paleolítica-gui.

Mbohapy nivel organización social ojehechakuaa umi cazador-recolector yvypóra apytépe: unidad doméstica, comunidad ha banda.¹⁰⁹ Ko'ã mbohapy nivel-pe, jajesarekova'erã específicamente evidencia social ha conductual rehe.

Wolfgang Haak rehegua¹¹⁰ ohupyty pe demostración unidad hogar-pegua. He'i omba'apo hague equipo ndive oanalisa haguã algunas relaciones familiares peteĩ serie notable de enterramiento ojejuhúva Alemania Central-pe 2005 jave ha omomarandu Anales de la Academia

¹⁰⁹ Robert Layton, Sean O'Hara, Alan Bilsborough - Antigüedad ha funciones sociales organización social multinivel umi cazador-recolector yvypóra apytépe - Revista Internacional de Primatología Volumen uno 33, número 5, pp 1215–1245DOI <https://doi.org/10.1007/s10764-012-9634-z>.Springer US - Impresión ISSN0164-0291 En línea ISSN1573-8604 rehegua

¹¹⁰ Peteĩ genético Centro Australiano de ADN Prehistórico-pe, Adelaida-pe.

Nacional de Ciencias-pe. "Romopyenda presencia familia nuclear clásica peteĩ contexto prehistórico-pe". Umi investigador ojuhu umi mitã ha kuimba'e kakuaáva okakuaa área Eulau-pe, ha umi kuña kakuaáva oúva por lo menos 60 kilómetros mombyry - peteĩ indicación umi familia nuclear ko región-pe oñemohenda umi kuimba'e local jerére oñeapareáva kuñanguéra ambue tendágui.¹¹¹

Pe expresión "núcleo familiar clásico" katuete ha'e peteĩ sesgo moderno ndajaadoptaiva'erã. Taha'e ha'éva, ohechakáva oïha núcleo doméstico definido ha estable, oreko relevancia.

Ko'ágã, ndaipóri tape ojedescifra haguã opáichagua característica específica ko'ã núcleo, pero oïha, ijehegui, suficiente oipytyvõ haguã oïha comportamiento social indispensable ha apropiado umi miembro apytépe, oñemopyendáva umi... tekotevẽ, omokyre'ÿva ha jeporavo. Pe interacción sin duda núcleo rehegua omopu'ã umi comunidad primitiva, ha'éva, he'iséva, ojejapoha umi comportamiento social complejo-véva, oñemopyendáva umi elemento peteĩchaguápe.

Pe hecho simple-pe ñuarã péva oiko hague umi agente orekóva suficiente capacidad cognitiva apytépe, opa ko'ã proceso he'ise diversa prácticas de elección individual ha colectiva. Ambue ñe'ẽme, oguereko hikuái principio ha comportamiento moral.

¹¹¹ Balter, Michael - *Valores Familiares Prehistóricos* - 17 jasyporundy ary 2008-pe <https://www.sciencemag.org/news/2008/11/prehistoric-family-values> - ojehecha 12 jasyporundy ary 2018-pe

Ko organizaci3n social 3ri, heta ambue elemento cultural tuicha mba'e umi estructura psicol3gica, emocional ha conductual rehegua tapichaku3ra.

Ikatu ñamoĩ techapyrãramo pe conciencia tekove ha ñemano rehegua reheve, pe porandu metafísica opa'ỹva yvyp3ra rehegua, ojehechauk3va umi rasgo cultural odetermin3va reheve Paleolítico-pe:

Paleolítico Mbytegua guive, amo 120.000 ary Kirito mboyve , oñeñotỹ mitã, kuña ha mitãrusu ojejuhúva itakua Europa (Francia) ha Asia (Palestina)-pe, ohechauka ojoajuha joaju ha tekoha social. Ko'áva ha'e umi primera indicaci3n respeto ha jerovia peteĩ tekove rire ha ha'e expresi3n mental kuimba'e neandertal. Umi oman3va oñeñotỹ avei itakua, ita refugio ha zanja-pe, taha'e ha'éva sexo. Umi ñeñotỹ omoirũ umi ofrenda oúva grupo social-gui, ha'eháicha tembiporu, mymba rafĩ ha yvoty. Heta jey, oman3va rova térã hete oñembojegua ocre, "oro" Paleolítico-pe. Ojepokuaa ojoju3va heta yvyp3ra ñeñotỹme Homo sapiens sapiens (kuimba'e ko'ãgagua), oúva Paleolítico Yvategua (35.000 ha 11.000 Kirito mboyve).¹¹²

Hetaiterei evidencia ko comportamiento social ojoaju3va dualismo vida-muerte rehe ojehechauka pr3ctica ha ritual-ku3rape upe 3poca-pe. Umi ser cognitivo ha moral aũoite ikatu oformula, ointerpreta, ombojegua ha

¹¹²"Sociedad Paleolítica" oĩva

<http://www.ime.gr/chronos/01/en/pl/society/index.html> – ojehecha 24 jasyok3i 2019-pe.

oikuaauka ko dilema metafísico. Oimeraẽ circunstancia-pe, tekove ha ñemano ha'e cuestiones morales.

Christopher Bohem omyesakã umi mba'e ohechaukáva concienciación valor orekóva tekove, peteĩva umi principio moral iñimportantevéva, umi sociedad Paleolítica-pe:

Prehistórico , oñekondena moralmente ojekukávo umi miembro grupo-pe, pórke pe jerovia "ani rejuka" ymaite guive ojehei mboyye la Biblia. Ha katu, ko condena yma guare ha universal oĩkuri sujeta excepción importante-pe. Ojetolera pe jejuka misericordia rehegua, ha'eháicha avei infanticida peteĩ forma de control de nacimiento ramo, ha katu pe pena de muerte ha'e legítima estrategia de grupo ramo ombohováí haġua umi acto extremo, intolerable ha inevitable ambue desviación social rehegua . Ko'ãichagua jepokuaa ha'e kuri resultado intención comunitaria ha, ojeadopta haguã, omonéi mbareteva'erã -térã por lo menos oipytyvõva moralmente- grupo pukukue. [...] Péva he'ise ñande grupo de caza prehistórico michĩva, generalmente nómada, por lo menos umi mil generación ohasava'ekuépe, o'actua comunidad moral autoprotector ha juzgador ramo, ikatúva omoheñói peteĩ consenso ha moralmente oñemoĩ peteĩ ñe'ẽme ojapo haġua medida extrema araka'eve a problema social oiko suficientemente perjudicial. [...] Pe castigo capital ha altruismo reheve, umi patrón de elección sofisticado omba'apo constantemente

opa periodo evolutivo-pe omoheñói haĝua ko'ã efecto paralelo ñande genoma-pe.¹¹³

Oĩve organización social, umi arte oguereko peteĩ rol esencial oimeraẽ contexto cultural-pe ha omombe'u yvypóra percepción ha cognición peteĩ situación espacio-tiempo-pe. Jepémo universalidad sensación estética Kant omantene haguéicha, contenido material ha'e mbarete cultural-relativo.

Arte Paleolítico opaichaguáva ohechauka heta mba'e ojehechaukáva tekove individual ha social upe jave ha omopyenda umi noción moderna universalidad estética rehegua. Ojekuaa oparupiete umi relación directa ha influencia recíproca arte ha moral apytépe.¹¹⁴

Umi revelación actividad artística, en forma de grabado diagonal ojejapóva tiburón diente-gui, ojejapo 2014 jave, ojoajúva fósil orekóva 500.000 ary molusco ojejuhúva Java-pe década 1890, ojoajúva Homo erectus ndive.¹¹⁵

lkatu ja'e pe dibujo itujavéva ojekuaáva, yvypóra po rupive, oguerekoha 73.000 ary.¹¹⁶

Umi resultado oúva umi sitio arqueología Paleolítico-gui ohechauka umi tapicha prehistórico oiporu tembiporu talla ha perforación ojapo haguã instrumento ha

¹¹³ Bohem, Christopher - Castigo capital prehistórico ha efecto evolutivo paralelo - Naturaleza de atención: 2017, volumen 10, número 2

¹¹⁴ Kieran, Matthew - Arte, Imaginación ha pe Cultivación de la Moralidad (arte) Pe Revista de Estética y Crítica del Arte - vol. 54, no. 4 (Otoño 1996), pp. 337-351-pe

¹¹⁵ <https://www.newscientist.com/article/mg22429983.200-arte-concha-ojejapóva-300000-año-yvypóra-oñemoambue-mboyve.html>

¹¹⁶ San Fleur, Nicolás (12 jasypteĩ ary 2018-pe). "Dibujo itujavéva ojekuaáva yvypóra po rupive ojejuhúva cueva sudafricana- pe " The New York Times. ojehecha 15 jasypteĩ ary 2018-pe.

omoheñói música comunicación ha disfrute-pe guarã. Umi arqueólogo ojuhu umi flauta paleolítica ojejapóva umi kanguegui ojeperorahápe umi agujero lateral. Pe flauta "Divje Babe", ojejapóva peteĩ oso kuéva raguegui, oje'e oguerekoha 40.000 ary rupi.¹¹⁷

Jeroky ha'eva'ekue avei peteĩ manifestación artística. Antropólogo-kuéra he'i ijepokuaa oñeinspiraha umi tekoha ñemomýi (mymba, yvytu, ola ha ambue mba'e) ha ojeporúva ceremonia, ritual ha tekove ára ha ára, oikuaaukávo temiandu, ñembo'e, temiandu ha mba'e oikóva.

Umi arte Paleolítico rembyre sa'ieterei, ha katu oĩha umi yma guarépe ha'e peteĩ jehechauka tapiáite umi yvypóra yma guare habilidad cognitiva ha emocional relacional rehegua.

Ambrose (118) he'i: "Arte paleolítico, ha avei arte ambue cultura cazador-recolector tembiasakue pukukue javeve, ojekuaa ohechauhaha arte oĩha opaite sociedad humana-pe".

Ojoguáite umi sociedad moderna-pe, arte paleolítico oikuaauka peteĩ contenido semiótico complejo oimehápe experiencia empírica, referencia ha interpretación ambiental, interacción humana ha imagen proyectiva. Mithen investigación oġuahẽ ko evidencia-pe:

Ko arte ha'eva'ekue peteĩ parte adaptación ecológica yvypóra moderna tekohápe. Arte ofunciona ombohape haġua yvypóra mandu'a, oguereko haġua umi concepto hasýva apytu'ũme oikuaa haġua ha omokyre'ỹ haġua

¹¹⁷ Massey, Reginald ha Massey, Jamila-pegua. India pegua purahéi - Google Books

pensamiento creativo osoluciona haĝua umi problema ambiental ha social.¹¹⁸

Donald ohesa'ŷijo ko'ãichagua universalidad pe punto de vista orekóvaguï causalidad:

Ndaipóri mba'érepa ñaimo'ã arte visual Paleolítico Alto-pe ou hague peteĩ fuente creativa iñambuévaguï ko'áĝaguáguï. Yvypóra apytu'ũ ha'e pe limitación biológica ha fuente paha creatividad rehegua. Cultura ome'ẽ umi campo semántico específico odetermináva significado. Péicha ndikatúi ñaha'ārõ inspiración arte parietal Paleolítico Alto-pe guarã ouva de alguna manera okaháre umi red sociocognitiva omoheñoiva umi homólogo moderno.¹¹⁹

Mbohapyha ha ipahaitéva elemento "Triángulo CCC", ñande modelo sociológico, ha'e "Cooperación".

Ñaanalisávo ko elemento, jaguereko mokõi tape: afirmativo ha negativo, térã pe razonamiento lógico "inclusión-exclusión" rehegua.

En el afirmativo (inclusión), peteĩ descubrimiento general omboyke evidencia ha estudio específico: Kuimba'e paleolítico oikove ha oevoluciona continuamente ciento cincuenta milenio, oñemopyendáva grupo michîva,

¹¹⁸ Mithen, Steven (2009) - "Sniffers atentos: Estudio de la toma de decisiones prehistóricas" Cambridge Universidad Prensa; osẽ jey (12 jasyoapy ary 2009-pe) ISBN-10: 052110288XISBN-13: 978-0521102889

¹¹⁹ Donald, M. (2009) 'Arte ha religión rapo cultura material yma guarépe', Renfrew, C & Morley, apud Ambrose, Darren - *Pe afectividad arte prehistórico rehegua* (parte 2) <https://dcambrose.com/-pe.filosofia/a-afectividad-de-arte-prehistórico-parte-2/> - ojehecha ára 21 jasyporundy ary 2019-pe

organizado, interactivo. Ointercambia hikuái recurso ha'eháicha artefacto, tecnología, conocimiento, experiencia ha jerovia, umi condición ambiental agresiva ha inhospitable tekove nómada, ofaltáva recurso ha henyhëva amenaza-gui. Katuete, ko odisea ndaikatumo'äikuri oñeñopytyvõ'ÿre.

Ndaha'ëi iñimportánteva ore estudio-pe ñuarã jadetermina mba'éichapa oiko cooperación ha mba'e evidencia detallada jaguereko ko'ã formulación térã procedimiento específico rehegua. Cooperación Paleolítico-pe, ko ángulo afirmativo guive, ha'e peteî inferencia lógica ojehechakuaáva añaõnte, oipytyvõva argumento histórico.

Lado negativo (exclusión), ñaporanduva'erã oîha contrario cooperación, omoañete haguã (térã onega haguã) umi conclusión de manera afirmativa. Pe cooperación rovake he'ise competencia, ha ko'ápe, peteî jey, Pedersen ikatu ñanepytyvõ:

Umi esquimo polar ha umi Ju/wasi Kalahari ndorekóikuri competencia. Py'ÿinte ojehekýi chuguikuéra. Ñande ypykuéra simple cazador-recolector oikove peteîchagua experiencia, ecuanimidad social perfecta reheve, 150.000 áño aja.

Jahustifika competencia omopu'ãha katupyry física ha mental, ha katu ñande ypykuéra simplemente opractica ikatupyry pe punto ogehupyty haguépe suficientemente: -

natekotevëikuri oinupã peteĩ oponente-pe ojapo ha'gua upéva.¹²⁰

Pedersen argumento imbaretevéntema pe medida ohechahápe ñorairõ competencia extrema ramo. Añetehápe ndaipóri investigación ohechaukáva umi conflicto armado térã ñorairõ rembyre Paleolítico-pe.

Oñemohu'ãvo, tape lógico exclusivo omoañete pe inclusivo, ha ikatu ja'e coherente ha profundamente oïha cooperación ha'éva evidencia sociedad paleolítica-pe.

3. Contexto Imaginario ha Divino rehegua

Pe imaginario ha'e pe reino yvypóra libre albedrío rehegua. Ko declaración jepiguáicha omoheñói reacción de disgusto térã denuncia pochy umi determinista radical oimeraê secta-gua apytépe.

Nañañe'ëmo'ãi ko'ã idea teórica preformatada rehe ndohesapéiva mba'eveichagua ñomongeta, ha oñeha'áva ohechauka yvypóra mba'ekuaa ha conciencia ndoikóiha ogueru jerovia inútil esterilidad arandu rehegua.

Ikatu jaikuaa neurocientífico Peter Ulrich Tse-gui pe ja'eva'ekue oguerekoha peteĩ base científica:

Jahecháta umi resultado heñóiva umi operación interna memoria de trabajo-pe, ome e imaginación ha deliberación tenonderã

¹²⁰ Pedersen, Norman - Civilización semilla - Editores Sól-Yvy rehegua - ISBN 978 - 1978169531 - pág. 115 rehegua

rehegua, ikatuha omoambue umi probabilidad umi curso de acción oútava rehegua. Aargumenta pe evolución oinstantancia hague ko'ã condición oñeikotevëva libre albedrío-pe ñuarã ñane apytu'ũme. Añetehápe, evolución ome'ẽ ñandéve mokõiichagua libre albedrío: peteĩva ñakomparti ambue mymbakuéra ndive, ha'éva, pe capacidad ñapesa ha jaiporavo haġua umi opción ojejapóva ñande ryepýpe apytépe, ha ambue katu, ijojaha'ỹva yvypórape ñuarã, ha'éva pe capacidad ñañeimagina haġua ha upéi oñepyrũ oiko chugui peteĩ tipo pyahu jeparavo tenonderãme.¹²¹

Pe imaginario oĩ ha ojehechauka peteĩ sociedad-pe ha'e peteĩ demostración cultural capacidad cognitiva, conciencia social, sensibilidad estética, libre albedrío ha creatividad tapichakuéra apytépe. Pe imaginario ha'e peteĩ ingrediente material pe comportamiento moral ñemopu'ãme. Pe proyección realidad ko'áġagua rehegua peteĩ futuro imaginario-pe, ha pe percepción consecuencia orekóvare, ha'e peteĩ mecanismo de elección iñarandu ha katuete ha'e peteĩ mecanismo moral. Ko proyección'ỹre, pe comportamiento moral, ha'éva peteĩ ejercicio de elección, ha'éta peteĩ simple acontecimiento aleatorio.

Oĩha ta'ãngamýi ha opaichagua ijehechauka ha'ehína peteĩ mba'e ojehecharamóva umi sociedad Paleolítica-pe. Ko'ã expresión estructura semiótica, ha capacidad

¹²¹ Tse, Peter Ulrich mbo'esyry *Libertario Libre albedrío- pe – Evidencia Evidencia Neurocientífico ha Filosófica* - Dartmouth College-pe.

evolutiva ombohováí haguã símbolo, ha'e elemento ojehecháva oñepyryũ guive Paleolítico.

Umi investigación ohechauka evolución arte ko época-pe ojehecha forma visual-pe, avei jeroky ritual ha ambue expresión estética-pe, además ohasa representación mundo ojekuaáva. Arte oiko conceptual oguahëvo nivel de expresión abstracciones, ha'eháicha emociones ha elemento imaginario, ha oconfigura práctica "arte arte rehehápe".

Eduardo Palacio-Pérez ha Aitor Ruiz Redondo oñecentra contenido ko'ãichagua expresión imaginaria:

Oñemotenondévo investigación ojejápoa ko'ágã Santimamine (Bizkaia, España) (González S'ainz & Idarraga 2010) ha Altxerri (Gipuzkoa, España), ojehechakuaa heta figura zoomórfica (irundy en total mokõivéva apytépe umi tenda) ohechaukáva umi tekove ndoikóiva tekohápe (Ta anga 1). Ko'áva techapyrã ojeheróva "crituras imaginarias", ser irreal térã fantástico ofiguráva umi conjunto arte paleolítico-pe. Jepémo ndahetái – mbovyve 50 ojekuaa arte parietal Paleolítico-pe – ha'ekuéra ha'e tema de debate ha polémica ojejuhu guive peteĩha.¹²²

Péicha avei, experiencia humana umi época-pe ogueru percepción alcance Divino ha, ombohováio entendimiento ñemano, jerovia colectiva ha proyectiva

¹²² Palacio-Pérez, Eduardo ha Redondo, Aitor Ruiz - Criatura imaginaria arte paleolítico-pe: sueño prehistórico térã sueño del prehistórico? DOI: <https://doi.org/10.1017/S0003598X00050341> Oñemoherakuã internet rupive Cambridge University Press rupive: 2 jasyporundy 2015-pe

peteĩ tekove "post-mortem" rehe. Ko'ápe oñepyrũ religión, mito ha rito.

Ñañecentrávo ko contexto-pe, ikatu ñantende mokõive ritual ha religión ha'eha ñambueva expresión yvypóra reko rehegua peteĩ fenómeno-pe: pe suposición oĩha pe Divino ha umi forma de relación ha comunicaci3n divinidad ndive.

Evidencia ojguerovia ha ojoajúva, oguerúva arqueología ha antropología, ohechauka oĩha ko temiandu ha percepci3n metafísica por lo menos periodo Paleolítico mbytégui. Religión ombyaty umi contenido espiritual ha psicol3gico, sistema ha elemento semi3tico odefiniva relaci3n divinidad ha yvypóra apytépe. Umi ritual ha'e umi comportamiento corporal ha psicol3gico estereotipo ohechaukáva umi elemento religión rehegua.

Hervey C. Peoples , Pavel Duda ha Frank W. Marlowe omombe'u mba'éichapa ojehecha ko tembiapo:

Romopu'ã jey umi estado carácter ancestral roiporúvo "superárbol calibrado temporalmente" oñemopyendáva vyramáta filogenética publicada ha clasificaci3n lingüística, ha upéi roproba evoluci3n correlada personaje apytépe ha direcci3n cambio cultural. Umi resultado ohechauka pe rasgo itujavéva religión-pegua oĩva pe ancestro común ipyahuvévape umi cazador-recolector ko'ágaguápe ha'e hague animismo, ojoajúva umi jerovia ymaite guive ojguerekóva ndive pe rol fundamental ko rasgo rehegua. Osẽ jerovia tekove rehegua omano rire, upéi chamanismo ha ypykue adoracion. Umi espíritu ypykue térã tupã yvate omba'apóva yvypóra mba'épe ndaipóri yvypóra ypykuépe,

he'íva tembiosa pypuku naturaleza igualitaria
sociedad cazador-recolector-pe guarã.¹²³

Imaginación individual ha colectiva, capacidad
ointerpreta haguã naturaleza expresión divino ramo,
orepresenta haguã elemento semiótico ha osupera
haguã ojekuaa'yva construcción rupive mito, leyenda ha
abstracción figurativa ha'éva ingrediente contexto
imaginario/divino.

Ko experiencia humana compleja-gui osê sensibilidad
estética, suposición metafísica ha jerovia religiosa.
Oevoluciona meme hikuái umi comportamiento moral ha
social específico oñemopyendáva inconsciente
colectivo-pe.

Jungiano ñe'ême, .

Pe mentalidad primitiva noinventái umi mito;
eñeha'ã umíva. Umi mito ha'e umi revelación
original psique preconsciente rehegua, umi
declaración involuntaria umi acontecimiento
psíquico inconsciente rehegua, ha oimeraẽ
mba'e ndaha'éiva alegoría umi proceso físico
rehegua. Ko'ãichagua alegoría ha'éta peteĩ
diversión ociosa peteĩ iñarandu ndaha'éiva
científico-pe êguarã. Umi mito katu oreko peteĩ
significado iñimportantetereíva. Ndaha'etí
orepresentánteva, ha'e vida psíquica tribu
primitiva, pya'eterei ho'áva ha oñembyaíva
operde jave patrimonio mitológico, kuimba'e
operdeva'ekue hi'ángaiha. Peteĩ tribu mitología
ha'e irreligión oikovéva, “pe pérdida ha'e

¹²³ Tapichakuéra, Hervey C., Duda, Pavel ha Marlowe, Frank W. “Cazador-
Recolector ha umi origen religión rehegua”, *HumNat Journal* - Sep 2016: 27 (3):
261-82. doi:10.1007/s12110-016-9260-0 rehegua

akóinte ha oparupiete, jepe umi civilizado apytépe, peteĩ catástrofe moral.

Ha katu, pe religi3n ha'e peteĩ v3nculo vital umi proceso ps3quico-pe independiente conciencia-gui ha ambue mba'3gui, pe psique interior iñypyt3vape. Heta ko'3 proceso inconsciente ikatu indirectamente ojejapo conciencia rupive, ha katu araka'eve jeporavo consciente rupive. Ambue katu ha'ete heñ3iva ijehegui, he'is3va, ndaip3rigui causa consciente ojehechakua3va t3r3 ojehechauk3vagui.¹²⁴

¹²⁴ Jung, Carl Gustav - Arquetipos ha pe inconsciente colectivo, cit. Vol.4

MOAKĀHA VII

RECOMPOSICIÓN DE UN SISTEMA MORAL PREHISTORICO REHEGUA

Ñakontempla ramo umi mbohapy contexto sociedad paleolítica rehegua jahesa'yijova'ekue (pe yvypóra, pe imaginario ha pe divino), katujete heñóiva oĩ porandu. Umi iñimportantevéva ha'e: "Mba'épa ojapo ko'ã contexto ikatu haguã?" "¿Mba'épa umi condición 'sine qua non' ko proceso-pe?"

Umi ñemyesakã opaichagua ha hekopetegua apytépe, kóvaguí oiko ñane estudio mbyte: peteĩ sistema de comportamiento moral ymaite guive oĩ yvypóra evolución social-pe. Ñaanalisávo estructura ñande modelo sociológico "Triángulo CCC" rehegua, pya'e ikatu ñantende mba'eve oĩva umi evidencia ñambyatyva'ekuépe ndoikomo'ãiha ndaipóriramo comportamiento moral. Ñamboykéramo peteĩ sistema moral oĩha oimeraẽ etapa yvypóra evolución-pe, umi resultado tuicha okambiáta. Ha'e relativamente simple oñemopu'ã haguã heta modelo social ha antropológico experimental oñemopyendáva ndaipóriha moralidad oñepyrû guive Paleolítico. Ojekuaa ni peteĩva ndoguerahamo'ãiha umi resultado peteĩchagua ohechaukáva Yvypóra Rembiasakue.

Roheka kuri, oñepyrû guive ko tembiapo, "pelota ko ñembosarái rehegua". Ndaikatúi rohecha chupe ndohechaukáigui chupe pe foto de color pe partido de fútbol rehegua. Ha katu, roikuaa oĩha upépe ha'égui peteĩ elemento indispensable peteĩ partido de fútbol-pe guarã. Ñanega ramo ipresencia he'iséta pe jahecháva ta'angápe ikatuha ha'e peteĩ fiesta, peteĩ ñoha'anga

térã oimeraẽ mba'e ndaha'éiva peteĩ partido de fútbol. Triángulo CCC ohechauka ñandéve oïha.

Opa ko'ã evidencia oguerúva fuente ñãambuéva ha'e ñane inferencia pyenda ha, jahasávo investigación filosófica ha científica, teoría ha debate, ipahápe jajuhu justificación ñane razonamiento-pe.

Ñande mbohapy contexto-gui, ikatu jaipe'a fácilmente heta principio moral oïva'ekue Paleolítico-pe, oñerrepresentáva ha ojehechaukáva comportamiento social rupive, hese'ÿre tembiasakue ndaha'emo'ãi oïháicha. Ikatu rembohysýi umíva kóicha:

Pe noción tekove ha ñemano rehegua.

Pe jehechakuaa mba'éichapa ovale yvypóra rekove ha tekotevéha oñeñongatu.

Tekotevéha ojoaju porãve tapicha ha tekove social ikatu haguã oikove.

Tekotevéha umi comportamiento cooperativo ha ñeha'ã congregacional pévarã.

Pe definición situación extrema rehegua oïhápe supervivencia social ipu'akáva existencia individual rehe (pena de muerte, eutanasia, hamba'e).

Altruismo rangue egoísmo.

Joja ha ndaipóri ñemboyke.

Ndaipóri dominio social térã interpersonal.

Pe libertad de albedrío valor ha ñĩimportanteha jaiporavo.

Agregación ha intercambio competencia ha agresión rangue.

Mba'épa he'ise pe núcleo -familia doméstico ha iestabilidad.

Responsabilidad reproducción ha ñemoñare ñangareko rehegua, .

Temiandu, temiandu ha temiandu jehechauka medio social rupive, ha'eháicha arte.

Pe dilema consciente ñemano ha tekove omano rire rehegua.

Pe percepción Divino rehegua, umi ñeha'ã oñentende ha'gua ha pe proyección naturaleza rehegua.

Peteñ relación no destructiva tekoha ndive.

Flexibilidad ojeadaptá haguã.

"Sistema Moral Paleolítico" rupive ñantende modelo social ha conductual ikatúva ñamopu'ã opa ko'ã principio oguerúva observación empírica experiencia humana rehe. Mba'eveichavérõ ndajajapói mba'eveichagua enfoque deontológico ko'ã teko rehe ha ñantende ha'eha característica proposicional interna umi sociedad involucrada-pe, ogehupytyva experiencia rupive ha oñembojoapýva genoma humano-pe elemento inconsciente colectivo ramo. Ha'ekuéra ha'e umi arquetipo moral, objeto ko estudio-pe.

Upévore, ñañemomombyry oimeraẽ ñeha'ãgui ñainterpreta ko'ã arquetipo Peteñ código moral ramo. Umi código moral ndorekói significado pe pensamiento filosófico-pe gũarã. Ha'e expresión deontológica ha lingüística formal moderna oñeha'áva oñekonverti precepto social objetivo-pe algunos principios morales específicos, ojepravóva intencionalmente según

circunstancia peteĩ sociedad peteĩ contexto espacio-tiempo ome'êva. Ha'e umi expresión semántica teleológica formal. Upévare ndaikatúi osẽ peteĩ sistema moral ojestudiávo peteĩ código moral, taha'e ha'éva. Umi sistema moral oalberga ha oñangareko umi teko rehe umi declaración textual rangue ha ikatu oñembojoja ambue sistema rehe. Umi código moral katu ndaikatúi oñembojoja mba'eve rehe ndaha'éiramo ijehegui.

MOAKĀHA VIII

RELACIÓN SISTEMA MORAL PALEOLÍTICO HA SOCIEDAD MODERNA OÑEMBOGUAPY

Umi principio oîva sistema moral Paleolítico-pe oviaha hetaiterei milenio ojeregistráva genoma humano-pe, ko'ágã peve . Ha'ekuéra araka'eve nokambiái, ni ñande naturaleza ndahesaráiri chuguikuéra. Heta ára ha hendápe, opaichagua mba'ére , noñerrepresentái chupekuéra comportamiento social - pe sistema moral ramo térã ndojeadoptai umi grupo social-pe algún periodo de tiempo. Upéicharõ jepe opyta hikuái upépe kompletoite, tapiaite ha tapiaite guarã.

Oĩ peteĩ posibilidad hipotética añoite oñemboykévo sistema moral Paleolítico ñande inconsciente colectivo-gui: pe construcción peteĩ sociedad humana tuicha eficienteve estructura evolutiva ramo umi sociedad cazador-recolector-gui, oñemopyendáva comportamiento moral enteramente iñambuéva ha ikatúva ohupyty hetave éxito evolutivo-gui chuguikuéra, opa mba'e ojehechávagui.

Ko sociedad hipotética oñemoîva'erã umi proceso dialéctico natural yvypóra rekove, evolución ha estabilidad heta milenio pukukue, omyengovia haguã mbeguekatúpe umi contenido ñande inconsciente colectivo oîva. Ha katu ko hipótesis ndaha'úi añetegua ha omoheñoíta peteĩ mundo iñambuéva ha peteĩ especie iñambuéva ñande ha'eva'ekuégui ha ñaimeva'ekuégui.

Añetehápe, oimeraẽ sistema moral efectivo ha'e adaptable umi cambio cultural, tecnológico, biológico ha ambiental-pe. Pe adaptabilidad ha'e peteĩ umi principio crucial ñañe'ëva'ekue. Upévare, ro'argumenta ñande

fundamento moral original ha'eha de alguna manera relativo umi contexto tiempo-espacio-pe.

Oiko jave umi cambio estructural tela social-pe umi asentamiento agrícola peteïha ha umi organización urbana ndive umi periodo Paleolítico Alto paha ha Mesolítico ñepyrũme, oiko peteïva umi proceso tuichavéva adaptación yvypóra reko rehegua. Jepe ko'ã cambio extremo influencia modelo social-pe, umi principio moral paleolítico operasti flexibilidad ha adaptabilidad reheve. Añetehápe, investigación oipytyvõ jerovia umi modelo social osëva transformación sociedad cazador-recolector vida territorial osëva umi asentamiento peteïha ndorekóiva katuetemba'eveichagua rastro ni mecanismo ointerrumpíva comportamiento moral.

Pe modelo económico sociedad mesolítica ñepyrũmegua ojoaju porãiterei umi propiedad evolutiva ha pyenda moral ñande ypykuéra Paleolítico-pegua ndive, omyesakãháicha Vernon L. Smith:

Kuimba'e prehistórico omoheñoi institución ocondicionáva ijeporu recurso-kuéra rehe. Umi derecho de propiedad oevoluciona peteï parte esencial yvypóra ambiente institucional-pe péva resultado umi limitación iñambuéva ambiente natural ha tecnológico-pe. Ko'ã derecho de propiedad ikatu oevoluciona ndaipóri ramo Estado centralizado odepende haguére reciprocidad, dependencia mutua ha forma de control ojoguáva estado-pe ogehupytýva vínculo de parentesco amplio, jepokuava ha cultura rupive. Jepémo umi derecho de propiedad iñepyrũrã ndaha'éikuri jepivegua privado térã oñembohasáva, ojoko peteïteï ha aty reko omombytévo jeike umi recurso escaso-

pe. Ko sentido-pe, yvypóra evolución exitosa ojoaju estrechamente umi jepokuaa ha cultura omoheñóiva derecho de propiedad prehistórico.¹²⁵

Jajere jave ñane atención sociedad moderna-pe, mombyry etereíva umi cazador-recoleccionista rekovégui cronología, tecnología, cultura ha comportamiento rehegua, primera vista-pe ikatu jaguerovia mokõivéva ha'eha realidad enteramente ñambuéva. Ko percepción ha'e simplista ha'eháicha japu. Peteĩ mba'épe, pe diferencia cronológica haimete 12.000 ary ndaha'etí mba'eve evolutivo ha genético-pe oñembojojávo 150.000 ary estabilidad conductual Paleolítica rehe. Ambue hendáicha, ha comportamiento moral rehegua, ikatu jajuhu oimeraẽ periodo yvypóra rekove moderno-pe pe persistencia umi principio moral prehistórico básico peteĩchagua, ojehechaukáva comportamiento social ramo térã "desiderata" ramo.

Akóinte ñahesa'ỹijova'erã umi desiderata social ha cultural oimeraẽ análisis proceso moral adaptativo rehegua, oguerahágui peteĩchagua contenido ético comportamiento-icha. Teko ha'e peteĩ jepokuaa omba'apóva; Umi desiderata social ha cultural ha'e pe esencia persistente yvypóra cognición rehegua teko rehegua. Pe contenido ha estructura semiótico ñande desiderata cultural rehegua ha'e complejo ha oñemopyendáva ñande inconsciente colectivo-pe umi

¹²⁵ Smith, Vernon L. (1993) " *Yvypóra prehistoria-pe: Economía, ecología ha institución-kuéra* " The Political Economy of Customs and Culture-pe, omoakãva Terry L. Anderson ha Randy T. Simmons, Copyright 1993 Rowman & Littlefield Publishers

principio conductual moral-icha. Mokõivéva ha'e elemento universal arquetípico, ha ikatu jajuhu mokõive rastro ha hapo ñande moralidad arcaica-pe. Upéicha rupi, jarrekonose yvypóra reko ha'eha universal, ikonteído oñembosako'iha arquetipos-gui ha ojehechauka teko ha desiderata rupive.

Teoría de Agregación ohesa'ỹijo mba'éichapa ovale ko'ã contenido semiótico adaptación social-pe, omyesakãháicha Hinde:

Teoría agregación rehegua oñemopyenda en parte umi consideración biológica ojoajúva umi fuerza selectiva rehe oiméne oactuáva ñande ambiente adaptativo evolutivo-pe. Ko enfoque funcional omoĩ porandu sa'i ombohováiva umi desarrollo-gua —techapyrã, mba'ére piko yvypóra oñemopu'ã de manera umi experiencia particular infancia-pegua oreko resultado específico? Ko'ágã, heta comportamiento ojedirigi meta ambue gotyo ndaha'éiva maximizar aptitud inclusiva. Ko mba'e omoheñói peteĩ serie de preguntas umi relación orekóva desiderata biológica ha cultural ha umi método oevalua haguã agregación orekóva. Ipahápe, ojehecha umi relación desiderata biológico ha cultural orekóva meta individual bienestar psicológico.¹²⁶

¹²⁶ Hinde Robert A., Stevenson-Hinde Juan, ha ambuekuéra. (1990) “Anexo: Desiderata Biológica, Cultural y Individual” - Yvypóra Desarrollo 1990; 33: 62–72 (DOI: 10.1159/000276503) - Ñe'ẽpoty ha ñe'ẽpoty'aty.

Péicha, roargumenta umi comportamiento moral ára ha ára sociedad moderna-pe, ombyatýva elemento heta situación espacio-temporal ñambuéva, nomoambuéi fundamento prehistórico ha oñelimitáva umi adaptación oñeikotevéva sociedad oexperimentáva tecnología pyahu, conocimiento científico pyahu , heta influencia evolutiva, religiosa, económica ha política, adquisición ha pérdida cultural. Ko'ã cambio ha'e superficial ha generalmente ojoaju umi rasgo limitado, circunstancial comportamiento moral rehe.

Ore investigación rupive, ndaikatúikuri rohechakuaa mba'eveichagua comportamiento moral adaptativo ha estable omoingéva yvypóra moderno ikatúva omoambue térã omboyke oimeraéva umi principio moral primario ojejuhúva ore investigación-pe.

Ha katu, jaguerkova'erã en cuenta pe sociedad moderna, icomplejidad continua ha progresiva reheve, py'ỹi ojedesviaha conductualmente ombohováí ha'gua umi situación evolutiva oadopta rupi umi práctica ha concepto ovioláva ñande principio moral original. Ko'ã contravención ndaha'etí cambio adaptativo ni evolución cultural relativa sistema moral-pe. Ha'ekuéra ha'e delito menor-nte, umi comportamiento ofende umi fundamento moralidad humana, contexto contraevolutivo estado social patológico.

Py'ỹieterei, hetaiterei hendápe, yvypóra ko'a'gagua oñeha'ã oimpone egoísmo, violencia, competencia, dominación, discriminación, posesión, ñorairõ, crueldad ha desesperación. Ña'ñeha'ã voi ñamodela peteĩ sociedad inviable ha infecciosa. Opa ko'ã ñeha'ã, ohechakáva teko contraevolutivo , ipu'aka peteĩ periodo histórico mbykymi, upéi umi pyenda yvypóra moralidad rehegua osé ñande inconsciente colectivo-gui, oikohápe hikuái hetaiterei milenio pukukue .

Añetehápe, peteĩ contexto generalizado-pe, jahechakuua ko'ã desviación ndorekóiha capacidad oñembojoapyvo inconsciente colectivo-pe, okorrespondéguite umi comportamiento social-pe oipytyvõ haguã ciertos grupos perjuicio ambuepe, ha ndaha'etí evolutivo ramo elemento, oñemoinge haguã yvypóra genoma-pe.

Heta jey, proceso social ogana, instrumento cultural rupive, oĩ ko'ã desviación. Ko reacción ha'e contenido principal jaheróva "contraculturas", he'iséva respuesta social peteĩ cultura dominante rehe orekóva práctica moral contrarrevolucionaria. Oĩ ambue kásope, pe reacción ikatu ikomplikadove umi acción contracultural-gui, ha katu ha'e peteĩchaite inevitable pe proceso evolutivo odeterminágui .

Tuicha mba'e, cultura popular-pe, ojeguereko en cuenta algunos cambios sistemas morales modernos-pe peteĩ acontecimiento evolutivo ramo, peteĩ episodio pyahu desarrollo rehegua térã peteĩ modernización sustancial comportamiento social rehegua, añetehápe, ha'éramo peteĩ principio moral primitivo restauración añónte , ndohupytyí rire umi intento sistemático ofende térã onega haguã.

Aikuave'ẽ mokõi contexto contemporáneo: tembiguái reko ha sexualidad.

Mundo moderno omboykévo umi vestigio paha tembiguái reko Norte ha Sudamérica-pe, ojeguero mandu'a peteĩ avance social significativo ramo, ojeguero horýva modernidad oúva umi etapa ipya'evéva evolución humana-gui. Ko interpretación ojavyterei. Tembiguái reko ndoikuaái umi sociedad Paleolítica ha ojehechaháicha oviola estructura sistema moral

Paleolítico grabado ñande genes-pe, oñemopyendáva joja ha tembiapo joaju rehe.

Tembiguái reko omoñepyrũ yvypóra ko'ágagua ha okorresponde pe negación heta comportamiento moral ancestral rehegua. Ko jepokuaa ofalla hembipotápe ha oiko chugui modernidad ha evolución rovake, péva prohibición orekóvagai oiko condición continuidad experiencia social humana. Ko ñemboyke ndorrepresentái umi avance yvypóra moderno-kuéra, ha katu pe jevy ñande sistema moral original-pe heta desastre rire oúva violación rupive .

Péicha avei ojejapo “revolución sexual” década 1960-pe, umi movimiento feminista oñepyrũ guive siglo XX, ha umi movimiento ha jehupytyvoirã LGBTI-pe. Umi resultado ko'ã movimiento ojehecháva “evolución morales pyahu” ha'e, añetehápe, “jevý sistema moral tujápe” ojavóma 150.000 ary, péva sexualidad ha género jeporavo ndaha'éigui exactamente peteĩ tema sociedad paleolítica-pe. Ko'ã tema-gui oiko peteĩ problema moral moderno discriminación ha opresión moderna rupi, oúva principalmente umi acción religiosa, política ha económica contemporánea-gui.

Ko'ã movimiento ombotovéva discriminación conductual sexual osẽ porã peteĩ tiempo mbykymíme, simplemente pe discriminación ha opresión ndaha'éigui ñande genoma-pe comportamiento moral ramo, ha pe abolición ha'e aceptable sociedad en su conjunto-pe.

Opa negación térã ofensa severa ñande sistema moral original-pe omoingéva yvypóra moderno, oreko resultado violencia, mba'asy, miseria, ñembohory, desigualdad, feo ha ñemano. Ha'ekuéra ha'ekuri evolución rovake ha ko'ã mba'ére ndoguerékói éxito modelo de conducta ramo

ha araka'eve ndojeadoptaiva'ekue identidad cultural ramo.

Upévare, ro'afirma umi problema conductual ha socioeconómico civilización moderna-pe ha'eha peteĩ enfrentamiento dialéctico umi modelo contrarrevolucionario ha umi fundamento moral genético yvypóra reko rehegua apytépe. Umi teórico "Teoría de Juegos"-gua (pe brillante John Maynard Smith-icha) oreko porãramo, ha pe teoría ha'éramo aplicable umi proceso de toma de decisiones morales-pe, upéicharõ umi jugador moderno katueté oha'ã hína peteĩ juego vai. Pe victoria pya'e oguerékóva algunos individuos ha grupos ikatu ventajoso a corto plazo, ha katu pe mesa oha'ãvape ha'e tuicha riesgo.

Ko'ã mba'épe, filosofía oguerékova'erã peteĩ tembiapo tuicha mba'éva oñentende porãve haguã tekoha ha yvypóra reko social. Ñambyasy, ndaikatúi ja'e añeteha upéva.

Opa filosofía social ha política, Grecia yma guarégui ko'ánga peve, ha'e peteĩ colección de ensayo contradictorio, superficial ha inútil-nte umi problema grave heñóiva desviación ñande sistema moral genético-gui. Pensamiento filosófico ombohováí pasivamente ko'ã problema grave, ontende umi circunstancia contextual yvypóra moderno ojeacceptava'erã realidad ramo ha, de alguna manera, ojejustifika ha oñesoluciona.

Hembiasakue pukukue javeve, Filosofía Política ha umi teórico, peteĩ térã ambue hendáicha: (i) ohustifika ha oipytyvõ tembiguái ha miseria, (ii) ohustifika desigualdad, omokyre'ÿ competencia ha posesión ilimitado, (iii) oteoriza "contrato social" ramo umi corrosivo sistema económico omoheñóiva discriminación, dominación ha injusticia, (iv) ohustifika térã oipytyvõva tácitamente

ñorairō, violencia ha dominación, genocidio, tortura ha exterminación humana razones religiosas, políticas ha económicas rehe, (v) oasepta ha omokyre'ÿ colonialismo oipytyvō haguã sociedad dominante, (vii) he'i yvypóra rekove valor ikatuha ojekalkula ecuación costo-beneficio rupive, (viii) opropone conflicto de clase violento ha estado totalitario , omboykéva libertad ha libre albedrío, japu "ombohovái haguã desigualdad", (ix) oipytyvō jerovia peteĩ po mágico ojeipysóva, ojehecha'ÿvape nopenái omopyendávo justicia social, (x) ojehekýi odedicávo iñatención miseria extrema ha sufrimiento humano rehe.

Umi actitud contraevolutiva omoheñói basura cultural, heta jey ojedisfrasáva verbiage teoría filosófica ha retórica ideológica guýpe.

Filosofía social ha política occidental ymaite guive ha'e peteĩ espectador pasivo ha estéril yvypóra tragedia rehegua ha ne'ĩra gueteri ontende, hesakã ha isensílovape, opaite pensamiento universal esencia: yvypóra significado ha valor cosmológico intrínseco tekovépe.

Ndaipóri filosofía cosmología'ÿre. Umi pyenda cosmológico'ÿre, "filosofía omanóma".

Ko ñorairōme evolución, egoísmo ha cieguera apytépe, evolución katuete ipu'akáta, jepémo péva ikatu he'ise ñande especie ñehundi, evolución ha'égui peteĩ proceso cosmológico, ndaha'éi peteĩ fenómeno yvypóra rehegua, ha osegíta yvypóra ndive térã yvypóra'ÿre. Ambue hendáicha, Homo sapiens ndoikovemo'ãi ojeadapta'ÿre biológica ha social proceso evolutivo-pe.

Ñamohu'ãse ko ejercicio jajapo jeývo pe cita ojeporúva
peteĩha página-pe:

"Evolución ha'e peteĩ proceso oimehápe variación ciega
ha retención selectiva".

BIBLIOGRAFÍA
(ORDEN ALFABÉTICO-PE)

A

Abdullah Sliti (2014) "Islamic Ethics: Divine Command Theory in Arabo-Islamic Thought, Islam and Christian–Muslim Relations," 25:1, 132-134, DOI: 10.1080/09596410.2013.842089

Adams, Robert M. (1987). "The Virtue of Faith and Other Essays in Philosophical Theology". New York: Oxford University Press.

Adams, Robert M. (1999). "Finite and Infinite Goods." New York: Oxford University Press.

Airoboman, Felix Ayemere – (2017) "A Critical Reflection on Divine Command Theory of Morality." *Ewanlen. A Journal of Philosophical Inquiry*
<https://www.academia.edu/36768829/3>.

Al-Attar, Mariam. (2010). "Islamic Ethics: Divine Command Theory in Arabo-Islamic Thought". Routledge; 1 edition. ISBN-10: 0415555191

Alen, S – (2015) "Language and Spiritual culture in Old stone age" – in [HTTPS://www.shorthistory.org/prehistory/language-and-spiritual-culture-in-old-stone-age/](https://www.shorthistory.org/prehistory/language-and-spiritual-culture-in-old-stone-age/) - retrieved Mar,11-2019

Alston, William P. (1989). *Epistemic Justification: Essays in the Theory of Knowledge*. Cornell University Press.

Armstrong, David (1973). *Belief, Truth, and Knowledge*. CUP Archive, 1973-p ISBN0521097371, 9780521097376

Austin, Michael W. "Divine Command Theory" -in *Internet Encyclopedia of Philosophy* – <https://www.iep.utm.edu/divine-c/#H7>- retrieved Aug.18, 2018

B

Balter, Michael (2008) - "Prehistoric Family Values" - in <https://www.sciencemag.org/news/2008/11/prehistoric-family-values> – retrieved Dec.12 - 2018

Bentham, Jeremy (1948) – "An Introduction to the Principles of Morals and Legislation" – New York, Hafner Publishing Co. 1948 - Chapter 1 - Of the Principle of Utility.

Birch, Jonathon (2017) Book review: Michael Tomasello // "A natural history of human morality." *British Journal for the Philosophy of Science* - Review of Books. ISSN 0007-0882.

Blatner, Adam, M.D -(2019) "The Relevance of the Concept of Archetype" - <https://www.blatner.com/adam/level2/archetype.htm> - retrieved on May, 14 -

Boehm, Christopher (2017)- "Prehistoric Capital Punishment and Parallel Evolutionary Effects" - *Minding Nature*: Spring, Volume 10, Number 2, in <https://www.humansandnature.org/prehistoric-capital-punishment-and-parallel-evolutionary-effects> - retrieved mar,11 - 2019

Bohem, Christopher(2012) "Moral Origins: The Evolution of Altruism, Shame, and Virtue" -New York: Basic Books.

Boehm, Christopher (2014) "The Moral Consequences of Social Selection," - *Behaviour* (JO)171 (2014): 167-83. 10.1163/1568539X-00003143

Bohem, Christopher (2017)- "Prehistoric Capital Punishment and Parallel Evolutionary Effects "- *Minding Nature*: Spring 2017, Volume 10, Number 2

BonJour, Laurence (1985). *The Structure of Empirical Knowledge*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Boyd, Richard (1988). In G. Sayre-McCord (ed.), *Essays on Moral Realism*. Cornell University Press. pp. 181-228 (1988)

Breed, Michael D., and Moore, Janice (2011) "Animal Behaviour" - Academic Press; 1 edition ISBN-10: 012372581X - ISBN-13: 978-0123725813

Brink David O, - "Moral Realism and the Foundations of Ethics" – Cambridge Studies in Philosophy – Cambridge University Press –ISBN 0 52135937.

Buchanan A, R Powell – (2015). "The limits of evolutionary explanations of morality and their implications for moral progress." *Ethics*.

Burkart J. M., Hrdy S. B., Schaik C. P. V. (2009). "Cooperative breeding and human cognitive evolution." *Evol. Anthropol.* 18, 175–186.10.1002/evan.20222 (doi:10.1002/evan.20222)

Brune, M., and Brunecohrs, U. (2006). "Theory Of Mind—Evolution, Ontogeny, Brain Mechanisms, And Psychopathology." *Neuroscience & Biobehavioural Reviews*, 30:437-455.

C

Cahn, Steven, M. (2012) *Exploring Philosophy: An Introduction Anthology*. New York, Oxford: Oxford University Press

Campbell, T.D. (1965) "Variation and Selective Retention in socio-cultural Evolution," apud H.R. Barringer, B.I. Blanksten, and R.W. Mack, eds., *Social Change in Developing Areas* New York: Schenkman.

Changeux, J.P. (1985) *Neuronal Man: The Biology of Mind*. Oxford: Oxford University Press.

Chisholm, Roderick (1966). *Theory of Knowledge*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Churchland, Patricia S. (2014) "Touching a Nerve: Our Brains, Our Selves" - W. W. Norton & Company –ISBN-10: 0393349446 / ISBN-13: 978-0393349443

Clarke, R. (2003) "Incompatibilism." In: CLARKE, R. *Libertarian Accounts of Free Will*. Oxford University Press, p. 3-14.

Clark J. D. (2001). "Variability in primary and secondary technologies of the Later Acheulian in Africa." In *A very remote period indeed: papers on the Palaeolithic presented to Derek Roe* (eds Miliken S., Cook J., editors.), pp. 1–18 Oakville, CT: Oxbow Books

Clottes, Jean, and David Lewis-Williams.(1998) "The Shamans of Prehistory: Trance and Magic in the Painted Caves." New York: Harry Abrams

Cohen, L. J. (1986): *The Dialogue of Reason: An Analysis of Analytical Philosophy*, Oxford: Clarendon Press

Collingwood, R.G. (2014) "An Essay on Philosophical Method" - Martino Fine Books

Conkle, D. O. (2000) "The Path of American Religious Liberty: From the Original Theology to Formal Neutrality and an Uncertain Future." *Indiana Law Journal*, vol. 75, no. 1.

Crowe, M. B., (1977) "The Changing Profile of the Natural Law," The Hague: Nijhoff.

D

Delagnes, A., Roche H. (2005). "Late Pliocene hominid knapping skills: the case of Lokalalei 2C, West Turkana, Kenya". *J. Hum. Evol.* 48, 435–472. [10.1016/j.jhevol.2004.12.005](https://doi.org/10.1016/j.jhevol.2004.12.005) (doi:10.1016/j.jhevol.2004.12.005)

Danaher, J. SOPHIA (2017). "In Defence of the Epistemological Objection to Divine Command Theory"- First Online 19 October 2017 – DOI <https://doi.org/10.1007/s11841-017-0622-9>

Darwall, Stephen (2006). "The Second-Person Standpoint: Morality, Respect, and Accountability," Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Darwin, Charles (1871). "The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex," London-John Murray

Despain, David – "Early Humans Used Brain Power, Innovation and Teamwork to Dominate the Planet" in *Scientific American* – in <https://www.scientificamerican.com/article/humans-brain-power-origins/> - retrieved on Aug 03, 2019.

Donagan, Alan. (1977). "The Theory of Morality." Chicago: The University of Chicago Press.

Donald, M. (2009) 'The Roots of Art and Religion in Ancient Material Culture,' in Renfrew, C & Morley, apud Ambrose, Darren – "The Affectivity of Prehistoric Art (Part 2)" in <https://dcambrose.com/philosophy/the-affectivity-of-prehistoric-art-part-2/> - retrieved Apr.21, 2019

Dyson, L., Stephen & M. Gero, Joan & Conkey, Margaret. (1992)." Engendering Archaeology: Women and Prehistory". *Journal of Interdisciplinary History.* 23. 309. [10.2307/205279](https://doi.org/10.2307/205279).

E

"Ethics According To Immanuel Kant - Ethics Sage." (n.d.). Retrieved from <https://www.ethicssage.com/2017/05/ethics-according-to-immanuel-kant.html>. Jun, 16-2019

F

Fagan, Brian M – (1998) "From Black Land to Fifth Sun: The Science of Sacred Sites" –ISBN 0-20195991-7 –.

Fehr, E., & Fischbacher, U. (2003)." The Nature of Human Altruism". *Nature* 425:785-791.

Ferraro, J. V. (2012) "A Primer on Paleolithic Technology." *Nature Education Knowledge* 4(2):9

Finer, S. E. (1999) "The History of Government: The Intermediate Ages," Oxford: Oxford University Press.

Francisco J. Ayala (2010) -"In the Light of Evolution: Volume IV: The Human Condition." National Academy of Sciences (US); Avise JC, Ayala FJ, editors. Washington (DC): National Academies Press (US);. In <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK210003/>).

G

Galadari, Abdulla. (2011). *Science vs. Religion: The Debate Ends.* In https://www.researchgate.net/publication/228175424_Science_vs_Religion_The_Debate_Ends- retrieved Apr,6, 201

Gash, DM, and Deane, AS (2015) "Neuron-based heredity and human evolution." *Neurosci.* 9:209. doi: 10.3389/fnins.2015.00209.

Gilkeson, John S. (2010) - "Anthropologists and the Rediscovery of America, 1886–1965" – Cambridge University Press - Online ISBN: 9780511779558 - DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511779558>

Goldenberg, N.R. (1989). "Archetypal theory and the separation of mind and body." In J. Plaskow & C.P. Christ (eds.), "Weaving the visions: New patterns in feminist spirituality." New York: Harper & Row.

Gonzalez, Pedro Blaz (2014)-"The Economics of Being" - *Cultura. International Journal of Philosophy of Culture and Axiology* 11(1)/2014: 23–39

Grafen, Alan – (2007) "Detecting kin selection at work using inclusive fitness" - *Proc Biol Sci.* 2007 Mar 7; 274(1610): 713–719. Published online 2006 Dec 12. doi: 10.1098/rspb.2006.0140 --- 00PMCID: PMC2197210/

Gray, Peter (2012) "The origins of morality: an evolutionary account" - Dennis L. Krebs, 2011 Oxford, UK, Oxford University Press US\$49.95 (HBK), 291 pp. ISBN 978-0199778232, *Journal of Moral Education*, 41:2, 264-266, DOI: 10.1080/03057240.2012.680715

H

Hare, John. (1997). "The Moral Gap: Kantian Ethics, Human Limits, and God's Assistance." New York: Oxford University Press.

Hare, John. (2000). "Naturalism and Morality." In *Naturalism: A Critical Analysis*. Edited by William Lane Craig and J. P. Moreland. New York: Routledge: 189-212.

"Hare's Preference Utilitarianism: An Overview And Critique," http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-317320130002000 -Retrieved June 30, 2019.

Harman, Gilbert and Thomson, Judith Jarvis (1996) – "Moral Relativism and Moral Objectivity" - WB; 1 edition ISBN-10: 0631192115/ ISBN-13: 978-0631192114 - pp. 3-5. 3

Hawking, Stephen, and Mlodinow, Leonard (2012)" *The Grand Design*" Bantam; Reprint edition.

Henshilwood, Christopher S. and Marean, Curtis W. (2003)- "The Origin of Modern Human Behaviour - Critique of the Models and Their Test Implications" –in *Current Anthropology* Volume 44, Number 5, December 2003 by The Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research – pg.628.

Hinde Robert A., Stevenson-Hinde Joan.(1990) "Attachment: Biological, Cultural and Individual Desiderata"- *Human Development* 1990;33:62–72 (DOI:10.1159/000276503)- Karger.

Hollis, Martin (1994). "The Philosophy of Social Science: An Introduction."Cambridge. ISBN 978-0-521-44780-5.)

Hoffman, M, E Yoeli, CD (2016) "Game theory and morality. The evolution of morality, Springer". Navarrete.

"How Is The Divine Command Theory Related To Ethics And," apud <https://www.compellingtruth.org/divine-command-theory.html> (accessed June 30, 2019)

H.R. Barringer, B.I. Blanksten, and R.W. Mack (1965) – "Social Change in Developing Areas"- New York: Schenkman

Hume, David –(1958) “A Treatise of Human Nature”- A. D. Lindsay - - Philosophical Quarterly 8 (33):379-380.

I

Imtiaz, Adam(2015) – “Plato's Theory of Forms” - Apud “im print” in <http://uwimprint.ca/article/platos-theory-of-forms/> retrieved Jul,24/2019

J

Jordan, J. (2006). “Does Skeptical Theism Lead to Moral Skepticism?” *Philosophy and Phenomenological Research*, 72 (2), 403–417. <https://doi.org/10.1111/j.1933-1592.2006.tb00567.x>

Joyce, R. (2001). “The Myth of Morality.” Cambridge: Cambridge University Press.

Jung, Carl G. (1952). “Synchronicity: An Acausal Connecting Principle”-. *Collected Works (Vol. 8)*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Jung, Carl G., (1933) “Modern Man in Search of a Soul “- Harcourt, Brace & World, -ISBN 0156612062, 9780156612067

Jung, Carl G.,(1968) “Man and His Symbols”- Dell Publishing Co., Inc.

Jung, C.G. (1939). “Archetypes of the collective unconscious.” In, *The Integration of the Personality (Collected Works, V.9*, New York: Farrar & Rinehart.

Jung, Carl G.(2014) "The Relations Between the Ego and the Unconscious"- Princeton University Press; 2nd ed.

K

Kant, Immanuel. (1993). "Critique of Practical Reason." Third Edition. Translated by Lewis White Beck. Upper Saddle River, N.J.: Prentice Hall.

"Kant's Moral Philosophy" (Stanford Encyclopedia of Philosophy). <https://plato.stanford.edu/entries/kant-moral/>

Krebs, Dennis L. (2011)- "The Origins of Morality: An Evolutionary Account," Oxford, UK, Oxford University Press 291 pp. ISBN 978-0199778232

Kohlberg, Lawrence -(1969) "Stage and Sequence: The Cognitive-Developmental Approach to Socialization." In Handbook of Socialization. G. Goslin. Chicago: Rand McNally.

L

Laplane, Lucie - Mantovani, Paolo-Padreu, Thomas, and others (2019)- "Why science needs philosophy" Proceedings of the National Academy of Science <http://www.pnas.org/content/116/10/3948>.

Lashley, K. (1951). "The problem of serial order in behaviour. In Cerebral mechanisms in behaviour" (ed. Jeffress L. A., editor.), pp. 112–136 New York, NY: John Wiley

Laughlin, Charles D. and Eugene G. D'Aquili (1974) "Biogenetic Structuralism"-New York: Columbia University Press, ISBN 0231038178

Laughlin, Charles D., John McManus, and Eugene G. d'Aquili (1990) "Brain, Symbol, and Experience: Toward a Neurophenomenology of Consciousness." - New Science Library, 1990

Laughlin, Charles D. (1996) "Archetypes, Neurognosis, and the Quantum Sea." *Journal of Scientific Exploration*, (1996) – 375400

Layton, Robert / O'Hara, Sean/ Bilsborough, Alan - "Antiquity and Social Functions of Multilevel Social Organization Among Human Hunter-Gatherers "- *International Journal of Primatology* Volume 33, Issue 5, pp 1215–1245 DOI <https://doi.org/10.1007/s10764-012-9634-z> Publisher Name Springer US - Print ISSN 0164-0291 Online ISSN 1573-8604

Lewis-Williams, David J. (2002) "The Mind in the Cave: Consciousness and the Origin of Art." London: Thames & Hudson

Locke, John (1824)-" An Essay Concerning Human Understanding." 25th. Ed. London, 1824- Print W. Dowall – Book II, Chapter XXI, pg. 319.

Locke, John. (1988). "Essays on the Law of Nature," W. von Leyden (ed.), Oxford: Oxford University Press.

M

MacIntyre. Alasdair C. (1999)- "Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtues." Open Court Publishing- ISBN 081269452X, 978081269452

Mackie, J. L. (1978). "Can there be a rights-based moral theory?" *Midwest Studies in Philosophy* 3 (1):350-359.125

Markie, Peter, "Rationalism vs. Empiricism," *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*

Massey, Reginald, and Massey, Jamila (1993). "The Music of India" - Kahn & Averill Publishers; Revised edition

Matthew, Kieran (1996) – "Art, Imagination, and the Cultivation of Morals" (art) *The Journal of Aesthetics and Art Criticism* - Vol. 54, No. 4 pp. 337-351

McKeever, Matthew – *The Beauty of Analytic Philosophy*. <https://mipmckeever.weebly.com/things-ive-written.html> - retrieved Apr. 8, 2019.

McKenna, Brittany in "Natural Law Theory: Definition, Ethics & Examples" -<https://study.com/academy/lesson/natural-law-theory-definition-ethics-examples.html#transcriptHeader->

retrieved Mar, 6 – 2019

Mesoudi A., O'Brien M. J. (2008). "The learning and transmission of hierarchical cultural recipes." *Biol. Theory* 3, 63–7210.1162/biot.2008.3.1.63 (doi:10.1162/biot.2008.3.1.63) 17.
Pelegriin, J., 1990. Prehistoric lithic technology: some aspects of research. *Archaeol. Rev. Cambridge* 9, 116–125

Mesoudi A., Whiten A. (2004.) "The hierarchical transformation of event knowledge in human cultural transmission." *J. Cogn. Cult.* 4, 1–2410.1163/156853704323074732 (doi:10.1163/156853704323074732)

Metzner, R. (1986). "Opening to inner light: The transformation of human nature and consciousness." Los Angeles: J.P. Tarcher.

Miller G. A., Pribram K. H., Galanter E. (1960). "Plans and the structure of behaviour." New York, NY: Holt, Reinhart, and Winston

Mithen, Steven - "The Early Prehistory of Human Social Behaviour" – Issues of Archeological Inference and Cognitive Evolution – Proceedings of the British Academy – 88, pg.145/177

Mithen, S. (1999). "Imitation and cultural change: a view from the Stone Age, with specific reference to the manufacture of handaxes." In *Mammalian social learning: comparative and ecological perspectives* (eds Box H. O., Gibson K. R., editors.), pp. 389–413 Cambridge, MA: Cambridge University Press.

Mithen, Steven. (1999) – "The Prehistory of the Mind: The Cognitive Origins of Art, Religion and Science" - Thames & Hudson; 1st edition.

Modell, A. H. (2003). "Imagination and the Meaningful Brain." Cambridge, Mass.: MIT Press

"Morality - The Euthyphro Dilemma" (2019) - Islam Stack Exchange. (n.d.). Retrieved from <https://islam.stackexchange.com/questions/46742/the-euthyphro-dilemma>- May, 8- 2019

N

Nozick, R., (1974), "Anarchy, State and Utopia," New York: Basic Books.

O

Otsuka, M., (2006), "Saving Lives, Moral Theories and the Claims of Individuals," *Philosophy and Public Affairs*, Vol.

Owen, R. (1857). "On the characters, principles of division and primary groups of the class Mammalia." *J. Proc. Linn. Soc.* 2, 1–37

P

Palacio-Pérez, Eduardo and Redondo, Aitor Ruiz (2015)- "Imaginary creatures in Palaeolithic art: prehistoric dreams or prehistorians' dreams?" DOI: <https://doi.org/10.1017/S0003598X00050341> Published online by Cambridge University Press: 02 January 2015

Parfit, D., (1987), "Reasons and Persons," Oxford: Clarendon Press.

Patten, M.M. (2017) "Kin Selection" in Reference Module in Life Sciences - <https://www.sciencedirect.com/topics/biochemistry-genetics-and-molecular-biology/kin-selection> - retrieved Jul, 28 -2019

Piaget, J. (1971). "Biology and knowledge: An essay on the relations between organic regulations and cognitive processes." Oxford, England: U. Chicago Press.

Piaget, Jean – (1973) "Affective Unconscious and Cognitive Unconscious In The Child and Reality" Translated by A. Rosin. Oxford, England: Grossman.

Pearson, Carol S (1996)., "Archetypes, Neurognosis, and the Quantum Sea" (art.) – *Jornal of Scientific Exploration* 1996 – in <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.456.710> – retrieved on Jul. 26, 2019

Pedersen, Norman (2017) "The Seed of Civilization – The Origins of War, Marriage and Religion" — Sól-Earth Publishers – ISBN 978-1978169531;

Pedersen, Norman (2014) "When Was the Name of God First Spoken: Correcting Misconceptions About Prehistory" — Sól-Earth Publishers ISBN-10: 1505457068

Pedersen, Norman –"Biases about Prehistory"
<https://pedersensprehistory.com/biases-about-prehistory> -
 retrieved Mar, 18 – 2019.

People, Hervey C., Duda, Pavel, and Marlowe, Frank W. (2016) "Hunter-Gatherers and the Origins of Religion," *Hum Nat Journal* - Sep;27(3):261-82. doi: 10.1007/s12110-016-9260-0

Plato. (1981). "Five Dialogues: Euthyphro, Apology, Crito, Meno, Phaedo." Translated by G. M. A. Grube. Indianapolis, Ind.: Hackett Publishing Company.

Powell A., Shennan S., Thomas M. G. (2009). "Late Pleistocene demography and the appearance of modern human behaviour." *Science* 324, 1298–1301. doi:10.1126/science.1170165 (doi:10.1126/science.1170165)

Q

Quinn, Philip. (1992). "The Primacy of God's Will in Christian Ethics." *Philosophical Perspectives* 6: 493-513.

Quinn, Philip L. (1978.). "Divine Commands and Moral Requirements." Oxford: Clarendon Press

R

Rayner, Sam (2005) "Too Strong for Principle: An Examination of the Theory and Philosophical Implications of Evolutionary Ethics," *Macalester Journal of Philosophy*: Vol. 15 : Iss. 1 , Article 6. <https://digitalcommons.macalester.edu/philo/vol15/iss1/6->

Rizzolatti, G. (2008). "Mirrors in the Brain: How Our Minds Share Actions," *Emotions*. Oxford; New York: Oxford University Press

Roche, H. (2005)." From simple flaking to shaping: stone knapping evolution among early hominins. In *Stone knapping: the necessary conditions for a unique hominin behaviour*" (eds Roux V., Bril B., editors.), pp. 35–48 Cambridge, MA: McDonald Institute for Archaeological Research

Russell, Bertrand (1914)- "Our Knowledge of the External World as a Field for Scientific Method in Philosophy." – London: Allen & Unwin

Russell, Bertrand (1954) "Human Society in Ethics and Politics." London - Allen & Unwin

Russell, Bertrand (1968) - "The Art of Philosophizing and Other Essays." – New York Philosophical Library

Russel, Bertrand (1912) - "Knowledge by Acquaintance and Knowledge by Description" *Proceedings of the Aristotelian Society*, 11: 108–128., *The Problems of Philosophy*, Oxford: Oxford University Press.

S

Sagi, Avi, and Statman, Daniel –“ Divine Command Morality and Jewish Tradition” in *The Journal of Religious Ethics* Vol. 23, No. 1 (Spring, 1995), pp. 39-67

Stevens, A. (1982). “Archetypes: A Natural History of Self.” Anthony Stevens. William Morrow & Co., New York, 1982.

Sandel, Michael (2016)– “The Moral Foundations of Politics” – Yale University Press – ISBN 978-0-300-18545-4

Shapiro, Ian (2012) – “The Moral Foundations of Politics” - Yale University Press; Reprint 2012

Schwartz, Barry and Sharpe Kenneth (2011) - “Practical Wisdom: The Right Way to Do the Right Thing” - Riverhead Books; Ed: Reprint (2011 - ISBN-10: 1594485437 ISBN-13: 978-1594485435.

Shin Kim Hanuk (2016)–“ Moral Realism” – International Encyclopedia of Philosophy - in <https://www.iep.utm.edu/moralrea/> - retrieved on July 05 2019

Shultz S, Nelson E, Dunbar RI.(2012) “Hominin cognitive evolution: identifying patterns and processes in the fossil and archaeological record.” *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*. 2012;367(1599):2130–40. pmid:22734056

Smith, Vernon L.(1993) “Humankind in Prehistory: Economy, Ecology, and Institutions” in *The Political Economy of Customs and Culture*, edited by Terry L. Anderson and Randy T. Simmons, Copyright 1993 Rowman & Littlefield Publishers

Sober, Elliott & Sloan, David Wilson (1998) “Unto Others: The Evolution and Psychology of Unselfish Behaviour” - Harvard University Press

Sosa, E. and Tooley, M. (1993) "Causation" Oxford University Press.

Stout D. (2005). "The social and cultural context of stone-knapping skill acquisition. In *Stone knapping: the necessary conditions for a uniquely hominin behaviour*" (eds Roux V., Bril B., editors.), pp. 331–340 Cambridge, MA: McDonald Institute for Archaeological Research

Striker, Gisela (1986). "Origins of the Concept of Natural Law." *Proceedings of the Boston Area Colloquium in Ancient Philosophy*, 2: 79-94.

Stump, Eleonore, and Norman Kretzmann. (1985). "Absolute Simplicity." *Faith and Philosophy* 2: 353-382

T

Tennie C., Call J., Tomasello M. (2009). "Ratcheting up the ratchet: on the evolution of cumulative culture." *Phil. Trans. R. Soc. B* 364, 2405–2415. doi:10.1098/rstb.2009.0052 (doi:10.1098/rstb.2009.0052) [PMC free article]

Thagard, Paul – (2019) "The Origins Of Morality" - *Psychology Today*. (n.d.). Retrieved from <https://www.psychologytoday.com/us/blog/hot-thought/201311/the-origins-morality> on May,12 - 2019

Thagard, Paul. (2012) – "Eleven Dogmas of Analytic Philosophy" – in *Psychology Today* - <https://www.psychologytoday.com/us/blog/hot-thought/201212/eleven-dogmas-analytic-philosophy>

Thompson, Michael (1995). "The Representation of Life," in Rosalind Hursthouse, Gavin Lawrence, and Warren Quinn (eds.), *Virtues and Reasons*, Oxford: Oxford University Press, pp. 247-296.

Tomasello, Michael – “A Natural History of Human Morality.”
 Apud <https://mipmckeeper.weebly.com/things-ive-written.html> - Retrieved June 30, 2019.

Tomasello, M.(1999). “The cultural origins of human cognition.” Cambridge, MA: Harvard University Press

Tse, Peter Ulrich (2015) – “The Neural Basis of Free Will: Criterial Causation” The MIT Press-ISBN 10: 0262528312

V

Vernon, Mark. (2011) “Carl Jung: Do Archetypes exist?”
<https://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2011/jun/20/jung-archetypes--structurind-principles> - retrieved Jul, 26 - 2019

Voyatsis, Mary E. (1998). "From Athena to Zeus: An A-Z Guide to the Origins of Greek Goddesses," in Lucy Goodison and Christine Morris, eds. *Ancient Goddesses*. Madison, W: University of Wisconsin. 132-147.

W

Wainwright, William (1998)—“ Philosophy of Religion” - Cengage Learning; 2 edition (August 4, 1998) p.101

Wallace A. R. (1870). “Contributions to the theory of natural selection, a series of essays.” London, UK: Macmillan

Walls, Neal H., Jr. (1992). "The Goddess Anat in Ugaritic Myth." Atlanta, GA: Scholars.

Wenegrat, B. (1990). *The divine archetype*. Lexington, MA: Lexington Books/ D.C. Heath & Co.

West SA, Griffin AS, Gardner A. (2007) "Social semantics: altruism, cooperation, mutualism, strong reciprocity, and group selection." *J. Evol. Biol.* 20, 415-432. [doi:10.1111/j.14209101.2006.01258.x] Crossref, PubMed, ISI, Google Scholar- Apud Woodford Note 18.

Westenholz, Joan (1998). "Goddesses of the ancient Near East 3000-1000 BC," in Lucy Goodison and Christine Morris, eds. *Ancient Goddesses*. Madison, WI: University of Wisconsin. 62-82

"What Is Utilitarianism? Definition And Meaning." Retrieved June 30, 2019. <http://www.businessdictionary.com/definition/utilitarianism.html> -

Whitehouse, R. D. (1992). "Underground religion: cult and culture in prehistoric Italy." London: Accordia Research Centre, University of London.

Whiten A., Horner V., Marshall-Pescini S. (2003.) "Cultural anthropology." *Evol. Anthropol.* 12, 92-105. doi:10.1002/evan.10107 (doi:10.1002/evan.10107)

Whiten A., van Schaik C. (2006). "The evolution of animal 'cultures' and social intelligence." *Phil. Trans. R. Soc. B* 362, 603-620. doi:10.1098/rstb.2006.1998 (doi:10.1098/rstb.2006.1998) [PMC free article]

Wilson, Edward Osborne" *The Creation: A Meeting of Science and Religion*" – Norton ISBN 978-0-393-06217-5

Wilson, Edward Osborne. – (1975) – "Sociobiology: The New Synthesis" - *Journal of the History of Biology* 33 (3):577-584.

Woodford, Peter (2019)- "Evaluating inclusive fitness"- Royal Society Open Science -Published:26 June 2019<https://doi.org/10.1098/rsos.190644>

Y

Yinger, J. Milton(1960) "Contraculture and Subculture" by, American Sociological Review, Vol. 25, No. 5 -Oct. 1960- pg. 625-635

Z

Zahn, Roland/ Souza, Ricardo de Oliveira/ Moll, Jorge – "Neural Foundation of Morality" <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.56026-7> - retrieved Jul,29 - 2019

Zolla, E. (1981). "Archetypes: The persistence of unifying patterns." New York: Harcourt Brace Jovanovich.

Seção II

Registro Bibliográfico



ARQUÉTIPOS MORAIS: ética na pré-história
(Portuguese Edition)

Full Title: ARQUÉTIPOS MORAIS: ética na pré-história (Portuguese Edition)

ISBN: 9798672309224

ISBN13: 9798672309224

Authors: Roberto Thomas Arruda

Publisher Independently published

Publish Date: 2020-08-15

Binding: paperback Pages:164 pages

Synopsis: Um estudo baseado em pesquisa acadêmica que procura colocar em discussão e análise as origens primais da moralidade, seu conteúdo e desenvolvimento evolutivo até os dias atuais.

Language: pt

Dimensions: Height: 229 mm, Length: 152 mm, Width: 9 mm

Subjects: Politics & Social Sciences Philosophy Ethics & Morality Social Sciences Customs & Tradition

ASIN : B08FPB36FQ

Publisher : Independently published (August 15, 2020)

Language : Portuguese

Paperback : 164 pages

ISBN-13 : 979-8672309224

Item Weight : 10.7 ounces

Dimensions : 6 x 0.37 x 9 inches

Link PhilPapers Foundation (PDF format):

<https://philpapers.org/archive/THOAMT-2.pdf>

Sinopse

A tradição filosófica das abordagens da moral tem predominantemente como base conceitos e teorias metafísicas e teológicas. Entre os conceitos tradicionais de ética, o mais proeminente é a Teoria do Comando Divino (TCD).

De acordo com a TCD, Deus dá fundamentos morais à humanidade desde sua criação e por meio de revelações.

Assim, moralidade e divindade seriam inseparáveis desde a civilização mais remota.

Esses conceitos submergem em uma estrutura teológica e são principalmente aceitos pela maioria dos seguidores das três tradições Abraâmicas: judaísmo, cristianismo e islamismo, abrangendo a parte mais considerável da população humana. Mantendo a fé e a Revelação como seus fundamentos, as Teorias do Comando Divino não estão estritamente sujeitas a qualquer tipo de demonstração.

Os oponentes da concepção moral do Comando Divino, fundamentados na impossibilidade de demonstrar suas suposições metafísicas e religiosas, tentam há muitos séculos (embora sem sucesso) desvalorizar sua importância. Eles sustentam o argumento de que a teoria não mostra evidências materiais e coerência lógica e, por esse motivo, não pode ser levada em consideração para fins científicos ou filosóficos. É apenas uma crença e, como tal, deve ser entendida.

Além dessas oposições extremas, muitos outros conceitos atacam as teorias do Comando Divino, de uma ou de outra maneira, em parte ou na totalidade.

Muitos filósofos e cientistas sociais, da clássica filosofia grega até a presente data, por exemplo, sustentam que a moralidade é apenas uma construção e, portanto, culturalmente relativa e culturalmente determinada. No entanto, isso traz muitas outras discussões e impõe o desafio de determinar qual é o significado da cultura, quais elementos da cultura são moralmente determinantes e, finalmente, quais são os limites dessa relatividade.

Os deterministas morais, por sua vez, afirmam que tudo relacionado ao comportamento humano, incluindo a moralidade, é determinado em suas causas, uma vez que o livre-arbítrio não existe.

Mais recentemente, os pensadores modernos argumentaram que existe uma rigorosa ciência da moralidade. No entanto, o método científico por si só, apesar de explicar vários fatos e evidências, não pode esclarecer todo o conteúdo e todo o significado da ética. A compreensão moral exige uma percepção mais ampla e um acordo entre os filósofos, que eles nunca alcançaram.

Todas essas perguntas têm muitas configurações diferentes, dependendo de cada linha filosófica, e iniciam análises complexas e debates intermináveis, uma vez que muitas delas são reciprocamente conflitantes.

O universo e a atmosfera envolvendo esta estudo são os domínios de todos esses conflitos conceituais, observados de um ponto de vista objetivo e evolutivo.

Independentemente dessa circunstância e de sua importância intrínseca, essas questões estão muito distantes da abordagem metodológica de uma discussão analítica sobre a moral objetiva, a qual é, de fato, o objetivo e o escopo deste trabalho.

Devemos revisitar brevemente essas importantes teorias tradicionais, porque esta pesquisa abriga um estudo comparativo, e suas suposições pelo menos diferem profundamente de todas as teorias tradicionais.

Portanto, torna-se necessário oferecer ao leitor, neste texto, elementos diretos e específicos de comparação para críticas válidas, dispensando pesquisas interruptivas.

No entanto, mesmo revisitando as teorias tradicionais, para esse objetivo de exposição comparativa e crítica, elas serão mantidas ao lado de nossas principais preocupações, como "*aliena materia*".

Independentemente da validade de qualquer um ou de todos os elementos dessa discussão e de seu significado como universo filosófico deste trabalho, o objetivo do nosso estudo é demonstrar e justificar a existência e o significado de arquétipos morais pré-históricos surgidos diretamente dos princípios fundamentais, necessidades sociais e esforços para a sobrevivência. Esses arquétipos são a definição do fundamento essencial da ética, sua agregação ao inconsciente coletivo e organização lógica correspondente e transmissão aos estágios evolutivos do genoma humano e às diferentes relações espaço-tempo, independentemente de qualquer experiência contemporânea dos indivíduos. O sistema definido por esses arquétipos compõe um *modelo social humano evolutivo*.

Esta é uma posição metaética? Sim, ela é. Além disso, como em qualquer raciocínio metaético, devemos procurar cuidadosamente as melhores e coerentes rotas, como a Filosofia Analítica lhes oferece.

Desta forma, este trabalho deve demonstrar razoavelmente que a moral não é um produto cultural dos homens civilizados ou das sociedades modernas e que, apesar de estar sujeito a várias agregações e subtrações culturais relativas, seus fundamentos essenciais são arquetípicos e nunca mudaram estruturalmente. Esse raciocínio induz que a moralidade é um atributo primal do "homo sapiens"; não é uma propriedade e nem um acidente: integra a essência humana e pertence ao reino da identidade ontológica humana.

O fenômeno humano é um processo contínuo, desempenhando seu papel entre determinação aleatória e livre-arbítrio, e precisamos questionar como a moralidade começou e como chegou a nós no presente.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

*A evolução é um processo que envolve variação cega e retenção seletiva.*¹²⁷

Demonstrar a estrutura arquetípica de todos os sistemas morais existentes é uma tarefa complexa. No entanto, essa demonstração seria importante? Com certeza é. A práxis filosófica e a investigação científica, limitadas aos elementos mostrados pela situação atual da relação espaço-tempo, geralmente são vulneráveis a conclusões errôneas. O mesmo se aplica a observações de situações de espaço-tempo diferentes da atual, sem a devida severidade metodológica. Dois exemplos muito claros são aplicáveis. O primeiro vem da filosofia grega clássica, afirmando que, inicialmente, a humanidade era muito melhor do que é no presente (400 aC) e adotando a teoria das três eras regressivas (ouro, bronze e ferro). O oposto aconteceu com alguns materialistas históricos radicais contemporâneos e sua afirmação de que a humanidade atual é muito melhor do que as sociedades antigas privadas de ciência e tecnologia, baseadas em infraestruturas primitivas e vivendo nas sombras da ignorância, violência e misticismo.

Ambas as afirmações são o resultado inconsistente do viés da modernidade, e não encontram nenhum tipo de

¹²⁷ TD Campbell, “Variação e retenção seletiva na evolução sócio-cultural”, em HR Barringer, BI Blanksten e RW Mack, eds., *Mudança social em áreas em desenvolvimento* Nova York: Schenkman, 1965. - 32.

coerência razoável nem possibilidade de demonstração. Partes significativas dos estudos disponíveis sobre ética trazem vieses diversos e recorrentes em sua formulação.

Os conceitos, elementos e reivindicações contidos neste estudo não são de forma alguma novos nem revelam objetos desconhecidos. Não serão encontradas aqui descobertas, revelações, realidades não divulgadas, teorias surpreendentes, nem raciocínios complexos, e menos ainda a linguagem hermética própria para a erudição. A filosofia não é uma ciência investigativa nem um exercício de complexidade, mas apenas uma práxis contínua cuja intenção é apenas pensar nas coisas da melhor maneira. Os filósofos não têm a necessidade nem a oportunidade de serem únicos. Eles precisam somente ser coerentes. O objetivo deste trabalho é sugerir uma maneira adequada de pensar a moralidade sem a contaminação de questões metafísicas: uma maneira filosófica de tratar um objeto filosófico a partir de uma posição objetiva. Essa escolha é o fundamento da simplicidade (e dificuldade) deste trabalho. No programa "Introdução à Filosofia" , da Universidade de Edimburgo, o Prof. David Wour e o Prof. Duncan Pritchard, por meio de sua metodologia didática , mostram como os trabalhos acadêmicos, tanto quanto possível, devem ser escritos para a compreensão de todos. não exclusivamente para os adeptos altamente especializados em dialetos acadêmicos.

Em muitas vertentes da filosofia analítica, essa simplicidade é a veste da clareza, conforme exposto por Matthew McKeever:

Ao tentar entender os caprichos do uso da linguagem, da moral ou da própria realidade, os filósofos analíticos freqüentemente produzem esse tipo de justaposição criativa de ideias cuja

mera contemplação deve atrair qualquer pessoa com gosto por visões ousadas da realidade. Portanto, da próxima vez que você tiver um iene para a filosofia, mas for posto de lado pela prosa túrgida e por premissas numeradas, pense em perseverar, na esperança de encontrar, como Keats, a verdade e a beleza

128

Uma das atribuições mais debatidas de epistemologia e ontologia já conhecidas é resumida em apenas três palavras: "Cogito, ergo sum" - René Descartes (1596 - 1650). O lema de Descartes é uma busca da verdade filosófica, e isso é beleza. Certamente, o raciocínio e a demonstração que adotaremos devem considerar uma estrutura metodológica apropriada e integrativa, não limitada ao pensamento filosófico, nem os elementos científicos disponíveis fragmentados resultantes da observação empírica da realidade material.

Juntamente com a história humana, muitas teorias e conceitos diferentes buscaram entender e explicar os fenômenos morais e, desde que todos eles significam uma contribuição válida e construtiva para a iluminação desses estudos extremamente complexos, nenhum deles deverá ser ignorado, compreendido de maneira errônea, desprezado ou referido com estereótipos, vieses pessoais ou preconceitos. Eles são o universo deste trabalho. Por essas razões, não é possível avançar com nosso estudo sem revisitar esse acervo tão rico da cultura humana, embora de uma maneira muito simplificada e concisa, imposta pelos limites muito estreitos deste texto. Vamos tentar resumir esta visita, tornando-a o mais curta possível. Após chegar aos resultados desta releitura, será possível

¹²⁸ McKeever, Matthew - A beleza da filosofia analítica.

<https://mipmckeever.weebly.com/things-ive-written.html>

para qualquer um analisar o grau de compatibilidade entre nossas ideias e as teorias filosóficas tradicionais, exercitando suas críticas e construindo sua opinião autônoma.

CAPÍTULO II

MÉTODO E MATERIAIS

1. Situação.

Neste trabalho, entendemos a “pré-história” como o período paleolítico (de 3,3 milhões a 11,650 anos atrás), desde o uso conhecido mais antigo de ferramentas de pedra por homínídeos até o final do Pleistoceno .

Eventualmente, podemos levar em consideração períodos anteriores, quando o assunto o recomendar, e nossa pesquisa encontrar elementos materiais.

As razões para eleger o Paleolítico como o universo cronológico deste estudo são diversas.

A mais geral é o fato da metodologia adotada buscar contextos o mais remotos possível, totalmente isolados de qualquer vestígio da influência de elementos da civilização, e o mais próximo possível do advento primal da humanidade.

Estamos falando de arquétipos muito remotos.

O paleolítico é o período mais antigo do desenvolvimento do *Homo sapiens* e a fase mais prolongada da história da humanidade. Uma das características mais críticas do período são os sucessivos episódios evolutivos da espécie humana, causando muitas mudanças no nosso genoma, que vão de uma criatura simiesca ou quase humana ao *Homo sapiens* definido . A evolução é particularmente vital para os estudos neurocientíficos sobre o desenvolvimento do cérebro humano e os mecanismos correspondentes envolvidos na constituição dos

arquétipos mais remotos. Durante o Paleolítico, o nascimento da humanidade aconteceu, e somente nesta janela de tempo podemos contemplar suas características verdadeiramente originais.

A população humana, durante todo esse longo período, foi muito escassa. Os estudiosos modernos calcularam essa população não passava de um milhão de indivíduos. Pequenos grupos nômades se espalhavam progressivamente por uma área geográfica muito extensa. As sociedades paleolíticas praticavam uma economia baseada em uma atividade de grupal e partilhada de caça. Os seres humanos caçavam animais selvagens em busca de carne e reuniam comida, lenha e materiais para suas ferramentas, roupas ou abrigos.

Fatores de extrema importância para a existência de quaisquer princípios morais começaram durante o período, como a capacidade de abstração, a capacidade de interpretação semiótica dos símbolos e o nascimento da comunicação oral usando códigos sonoros e visuais - os primeiros traços da linguagem lógica e da sintaxe.

A conjunção de todas essas características evitou a dispersão dos elementos materiais que são úteis para a constituição dos contextos destinados a fundamentar nossa análise, apesar da vasta área geográfica explorada por nossos ancestrais remotos.

Nosso universo cronológico termina com o advento do período neolítico, 11.650 anos atrás. O advento do período neolítico interrompeu todas essas características sociais por causa do que os cientistas chamam de "revolução neolítica", representada pelo surgimento da agricultura, o assentamento de populações em territórios definidos e o início da urbanização. Todos os elementos

neolíticos são totalmente estranhos aos contextos primitivos que procuramos e, mesmo quando os consideramos parte da pré-história, para nossa tese, o neolítico é um "período moderno".

Portanto, apenas neste trabalho, a pré-história terminou 11.650 anos atrás.

Todos esses ingredientes nos ajudarão na definição dos diversos contextos exigidos pela metodologia adotada.

2. Método

Adotaremos predominantemente conceitos de Filosofia Analítica baseados em métodos epistemológicos. Nesse caso, isso significará enfatizar a precisão, a intensidade e a profundidade de um argumento específico, e afastar-se de toda a discussão imprecisa ou inconclusiva de tópicos de natureza geral. As características essenciais a serem adotadas são: (i) ênfase na clareza; (ii) empregar argumentos rigorosos; (iii) a cautela no emprego da metafísica, independentemente de suas relações com questões comportamentais humanas; iv) desprezo pelo obscurantismo, pelo imaginário, vieses ou suposição de qualquer natureza; v) argumentos sólidos, além da inclusão de contribuições auxiliares de muitas outras fontes não filosóficas.

A metodologia admite que o uso constante de raciocínio coerente e convincente, incluindo a contribuição de ciências, tais como, mas não limitadas a arqueologia social, paleoantropologia, história, psicologia social e cognitiva, ciências do comportamento, e muitas outras.

Referindo-se a esses elementos científicos, preferimos os mais acessíveis e simples, porque sua adoção neste estudo filosófico é complementar e visa, apenas, fundamentar a validade e a cogência de argumentos

diante de elementos conhecidos do mundo empírico experimental. As razões mais consistentes para a adoção desses elementos auxiliares são: (i) a aceitação do raciocínio indutivo, (ii) a existência de somente poucos elementos materiais, (iii) as características do objeto do nosso estudo (antiguidade, as populações nômades, e ausência de elementos materiais escritos e traços urbanos) .

3. Materiais

Olhando para o passado remoto, a Filosofia não anda mais sozinha.

Atualmente, Arqueologia e Antropologia encontram suas bases em teorias avançadas e métodos específicos, ocupando uma posição relevante em todas as questões das ciências sociais, de uma maneira muito mais sofisticada do que no passado.

As metodologias inovadoras das atuais pesquisas arqueológicas multiscalares oferecem perspectivas muito mais profundas sobre mudanças antigas nas estruturas sociais humanas e trazem evidências materiais de variações que afetam o comportamento humano e sua interação em contextos de tempo e espaço muito distantes.

A Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos da América publicou o artigo "Arqueologia como ciência social", de Michael E. Smith¹²⁹ , Gary M. Feinman¹³⁰ ,

¹²⁹ Professor Associado, Departamento de Fitopatologia, Universidade da Flórida.

<https://www.pnas.org/content/109/20/7617>

¹³⁰ MacArthur Curador de Antropologia, The Field Museum

Robert D. Drennan¹³¹ , Timothy Earle ¹³² , e Ian Morris ¹³³ em que os autores afirmam que

Para os interessados em modelar mudanças de longo prazo nos fenômenos socioeconômicos ou compreender o profundo conhecimento das práticas modernas, acabaram os dias de especulações fantasiosas sobre o passado, feitas com base apenas no senso comum ou em especulação não crítica do presente . As descobertas da arqueologia derivadas de escombros estão agora fornecendo um relato empiricamente sólido do que as pessoas fizeram e como organizaram seus interesses no passado distante.¹³⁴

Nosso argumento levará em consideração esses elementos empíricos e demonstrados como um dos seus fundamentos. A contribuição mais importante vem de todos os conteúdos semióticos não linguísticos que essas ciências podem oferecer para serem interpretados, como restos humanos, enterros antigos, sacrifícios humanos, restos de animais, artefatos rituais, locais habitados no

¹³¹ Professor emérito do Departamento de Antropologia da Universidade de Pittsburgh.

¹³² Presidente do Departamento de Antropologia e Presidente da Divisão de Arqueologia da Associação Americana de Antropologia.

¹³³ Departamento de Clássicos. Universidade de Stanford

¹³⁴ Proc Natl Acad Sci USA . 2012 15 de maio; 109 (20): 7617-7621 . Publicado em 30 de abril de 2012. doi: 10.1073 / pnas.1201714109 e Michael Tomasello // Uma História Natural da Moralidade Humana, <http://eprints.lse.ac.uk/73681/1/bjpsbooks.wordpress.com-Michael%20Tomasello%20%> (acessado em 30 de junho de 2019).

período e elementos materiais com conteúdo semiótico simbólico (como petróglifos e outros).

4. Processo.

Como essas evidências fragmentadas e elementos dispersos podem ser relevantes e determinantes neste estudo, agregando conclusões ao raciocínio filosófico?

O método de contextualização será empregado aqui. Este método, em suas diversas variações, foi aplicado com sucesso em filosofia e ciências sociais. O ponto de partida é a definição de vários contextos específicos e independentes compostos por elementos evidentes da mesma situação espaço-temporal trazidos da contribuição de várias ciências. Em cada um desses contextos, as relações necessárias de causalidade e correlação são logicamente consideradas obrigatoriamente presentes (empregando evidências ou conhecimentos preexistentes), apesar de ainda serem desconhecidas. A partir daí, processos dedutivos e indutivos podem demonstrar convincentemente a existência ou inexistência do objeto da pesquisa.

No caso deste estudo, isso ocorrerá como o exemplo epistemológico da partida de futebol. A partida de futebol ocorreu há dois anos e é o contexto de nossa pesquisa. Este contexto será o nosso quadro. O único elemento material que temos é uma foto colorida. Na foto, podemos ver alguns dos jogadores em um movimento aparente, uma parte do campo, alguns espectadores, um homem com um uniforme preto muito diferente daqueles usados pelos jogadores, que supostamente poderia ser o árbitro - e nada mais. No entanto, estamos procurando uma bola, e a imagem não mostra uma bola. No entanto, a existência de uma bola é uma condição "sine qua non" para a existência de uma

partida de futebol em andamento (um elemento material específico sem o qual o contexto não poderia existir). Portanto, de maneira muito convincente, podemos afirmar: “uma bola está sendo usada nesta partida”, apesar de não ser visível.

O método adota a ideia epistemológica de que “a demonstração da existência do todo contém a demonstração da existência de todas as suas partes essenciais”. Esse conhecimento inferencial é considerado por Bertrand Russel,¹³⁵ uma vez que uma investigação da realidade observada por este trabalho não pode usar nenhuma interação baseada na experiência e depende de muitos elementos referenciais e descritivos.

Na aplicação deste método, construiremos contextos coerentes com evidências fragmentadas relacionadas à mesma situação espaço-temporal, de tal forma que nenhum desses contextos seria possível sem a existência de princípios morais - a bola com a qual jogaremos .

Estamos procurando a bola e, nesse caso, a bola é qualquer princípio moral essencial à existência do contexto. Após sua identificação, todos os fundamentos morais que podemos trazer para a evidência podem ser organizados e analisados em um sistema moral: o suposto e possivelmente existente sistema moral da pré-história.

¹³⁵ Russel, Betrand - “Conhecimento por familiaridade e conhecimento por descrição” *Proceedings of the Aristotelian Society*, 11: 108–128., 1912, *The Problems of Philosophy*, Oxford: Oxford University Press.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Neste estudo iremos:

- a) Argumentar que a ética é uma questão filosófica multidisciplinar e autônoma e, apesar de suas interações com outras estruturas filosóficas, como a metafísica e a ontologia, podemos entendê-la melhor quando a vemos como um fenômeno social sujeito à observação analítica, a partir de uma visão metodológica específica.
- b) Demonstrar que a moralidade é um sistema arquetípico e mantém seus fundamentos inalterados desde a experiência humana mais remota, sendo plausível considerá-lo como um atributo primal do "homo sapiens", embora de alguma forma culturalmente relativo e adaptável à evolução social e tecnológica.
- c) Demonstrar que entender a moralidade impõe uma retrospectiva das origens desse arquetipo e de seu conteúdo arcaico.
- d) Demonstrar como esses arquetipos evoluíram até os dias atuais através de mecanismos evolutivos genéticos e neurais.
- e) Recompor o sistema moral pré-histórico e compará-lo com os modelos e comportamentos morais, sociais, econômicos e políticos modernos.

CAPÍTULO IV

TEORIAS TRADICIONAIS SOBRE AS ORIGENS DA MORALIDADE

1 - A Teoria do Comando Divino .

A Teoria do Comando Divino (também conhecida como "voluntarismo teológico", "subjetividade teísta " ou simplesmente TCD) é uma teoria metaética que afirma que a moral é uma consequência do desejo de Deus e que existe uma obrigação moral universal de obediência. aos mandamentos de Deus. A revelação transmite os mandamentos de Deus para a humanidade, e seu conteúdo reside nos livros e e demais textos sagrados.

Podemos entender o TCD como pertencente ao absolutismo moral , o qual sustenta que a humanidade está sujeita a padrões absolutos que determinam quando os atos são certos ou errados. O absolutismo moral, por sua vez, coloca-se sob a égide da ética deontológica , que ensina que as ações são morais ou não baseadas em sua adesão a determinadas regras. Essa é a razão pela qual a TCD parece muito próxima da filosofia do direito.

A teoria do comando divino diz que um ato é moral se segue o mandamento de Deus. Os mandamentos de Deus ditam o certo e o errado - o que Deus diz que deve ser feito é certo, e o que Ele diz para não fazer é errado. A intenção humana, a natureza humana, nem o caráter humano são a base da moralidade. A consequência da ação também não qualifica seu conteúdo moral, que considera fundamentos apenas aquilo que Deus diz.

A maioria dos seguidores das três tradições abraâmicas aceitou universalmente essa teoria teocêntrica, metafísica e deontológica: judaísmo, cristianismo e islamismo. O conteúdo específico desses comandos divinos varia de acordo com a religião particular e as visões particulares da teorização individual, o que atribui uma relatividade específica aos conceitos de comandos, mantendo, no entanto, a estrutura uniforme de seus fundamentos.

Muitas versões da teoria surgiram desde suas formulações originais. A teoria afirma que a verdade moral não existe independentemente de Deus e que seus mandamentos divinos determinam a moralidade. Concepções mais rigorosas da DCT afirmam que a ordem de Deus é o único princípio para que uma boa ação seja moral e valiosa e, por seu turno,, as variações mais concessivas da teoria indicam que a ordem divina é um componente vital dentro dos arrazoados mais significativos.

Sendo de alguma forma relativa, a TCD teve a total aceitação de muitos filósofos e teólogos importantes, principalmente no mundo cristão, durante os últimos vinte séculos, incluindo Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, René Descartes, Guilherme de Ockham, Blaise Pascal, Martin Luther, Philip Quinn e Robert Adams.

Os fundamentos da TCD também permearam a tradição muçulmana por séculos ¹³⁶, embora os estudiosos modernos refutem as ideias contemporâneas de que o Islã seja um caso definido de voluntarismo ético. ¹³⁷

¹³⁶ Abdullah Sliti (2014) *Ética Islâmica: Teoria do Comando Divino no Pensamento Árabe-Islâmico, Islã e Relações Cristão-Muçulmanas*, 25: 1, 132-134, DOI: 10.1080 / 09596410.2013.842089

¹³⁷ Al-Attar, Mariam. (2010). *Ética Islâmica: Teoria do Comando Divino no Pensamento Árabe-Islâmico*. 1 Avi Sagi e Daniel Statman - *Moralidade do*

Considerando que os conceitos morais tradicionais da cultura judaica são teocêntricos, como no cristianismo e na cultura islâmica, com certeza, a teoria encontrou seu lugar entre filósofos e pensadores religiosos judeus.

No entanto, hoje em dia, como acontece com o pensamento islâmico, os estudos judaicos modernos recusam a ideia de generalização e permanência de tal influência. Avi Sagi e Daniel Statman¹³⁸ afirmam que devemos esperar que as formulações da TCD sejam fundadas no judaísmo, considerando sua presença no cristianismo e no islamismo. No entanto, os autores demonstram que nos textos judaicos, ao contrário dessa suposição, essa presença não é confirmada e, que alguns textos até se opõem aos conceitos da TCD. Tentando demonstrar a ausência da teoria, eles afirmam que o caráter moral e racional de Deus segundo o judaísmo, bem como a natureza racional de "halakha", não configuram bases suficientes para aceitar a tese do TCD.

Independentemente de suas muitas variações, os fundamentos de todas as doutrinas filosóficas do Comando Divino se ligam inicialmente à ideia central da existência de uma Lei Natural, uma das questões mais controversas da cultura e do pensamento humano desde o seu início.

Formalmente, a lei natural é compreensível com simplicidade, e podemos reduzi-la ao enunciado de suas fundações originais. No entanto, a importância desses conceitos para qualquer exercício filosófico relacionado

Comando Divino e Tradição Judaica no The Journal of Religious Ethics vol. 23, No. 1 (Spring, 1995), pp. 39-67 / 0.4324 / 9780203855270

¹³⁸ Avi Sagi e Daniel Statman - Moralidade do Comando Divino e Tradição Judaica no The Journal of Religious Ethics Vol. 23, No. 1 (Spring, 1995), pp. 39-67

à moral impõe ampla atenção ao seu significado. Além disso, o conceito de moralidade sob a teoria do direito natural não é subjetiva. Portanto, a definição do que é "certo" e do que é "errado" é a mesma para todos, em qualquer lugar, pois persiste em todas as teorias deontológicas.¹³⁹

Essa abordagem da TCD com as tradições do direito natural acentua sua estrutura mandamental e traz uma imersão inevitável na ética prática, conforme explicado por Felix Ayemere Airoboman¹⁴⁰:

A teoria do comando divino parece embaçar a diferença entre lei e moralidade. Postula suas reivindicações como se a lei de Deus representasse a moralidade humana. O que Deus deu a um homem é lei, assim como uma nação dá seus estatutos a seus cidadãos através de sua constituição. O não cumprimento da lei, seja do homem ou de Deus, é contido pela ameaça. Mas a moralidade nasce do livre arbítrio ou livre ação do agente moral, independente da lei ou ameaça. No entanto, a teoria do comando divino tem o mérito de abordar alguns problemas de moralidade inerentes a outras teorias éticas

¹³⁹ Brittany McKenna em Teoria do Direito Natural: Definição, Ética e Exemplos - <https://study.com/academy/lesson/natural-law-theory-definition-ethics-examples.html#transcriptHeader>

¹⁴⁰ Ewanlen . Um jornal de inquérito filosófico. "3. 1.1 (2017): 17–31. Felix Ayemere Airoboman - uma reflexão crítica sobre a teoria da moralidade do comando divino

A teoria do comando divino, bem como as ideias da lei natural, são amplamente refutadas de várias maneiras. Neste trabalho, não discutiremos a validade das oposições aos conceitos do Comando Divino do ponto de vista de qualquer viés associado a conflitos entre religião, filosofia e ciência, geralmente levados em consideração nesta discussão. Para os olhos da moderna vertente da Filosofia Analítica adotada pelo autor, ciência e religião não devem entrar em conflito. A ciência é um processo mental da racionalidade humana e nunca conseguirá negar a existência de Deus. Por outro lado, manter ou negar a ciência nunca foi o significado ou o escopo da religião. O conflito entre ciência e religião é principalmente um viés pessoal ou ideológico muito equivocadamente de filósofos, cientistas ou pensadores religiosos.

Eduard Osborne Wilson ¹⁴¹ disse uma vez que não é produtivo opor-se à ciência e à religião, porque são as duas forças mais poderosas do mundo. Abdulla Galadari ¹⁴² enfatiza que os cientistas nunca seriam cientistas se não fossem teólogos ao mesmo tempo e vice-versa. Eles são complementares, atestam e justificam um ao outro

A oposição mais vigorosa e conhecida à Teoria do Comando Divino é um argumento repetitivo de refutação implícita conhecido como "o dilema de Eutifro".

O dilema baseia - se em perguntas sequentes de um diálogo socrático, cujos eventos ocorrem nas semanas anteriores a seu julgamento (399 aC), entre Sócrates e

¹⁴¹ Eduard Osborne Wilson em <https://www.age-of-the-sage.org/science-versus-religion-debate.html>

¹⁴² Galadari, Abdulla. (2011). Ciência versus religião: o debate termina.

Eutifro, o qual veio para apresentar acusações de assassinato contra seu próprio pai.

Sócrates pergunta a Eutifro: "Os atos moralmente bons são desejados por Deus porque são moralmente bons ou são moralmente bons porque Deus os deseja?"

Cada uma dessas duas possibilidades leva a consequências que a teoria do comando divino não pode aceitar. De qualquer maneira que o teórico do comando divino responda a essa pergunta, ele refutaria sua própria teoria. É possível formular esse argumento da seguinte maneira:

(1) Se a teoria do comando divino é verdadeira, então (i) os atos moralmente bons são desejados por Deus porque são moralmente bons, ou (ii) os atos moralmente bons são moralmente bons porque Deus os deseja.

(2) Se (i) atos moralmente bons são desejados por Deus porque são moralmente bons, então eles são moralmente bons independentemente da vontade de Deus.

(3) Não é verdade que os atos moralmente bons sejam moralmente bons, independentemente da vontade de Deus. Portanto:

(4) Se (ii) atos moralmente bons são moralmente bons porque Deus deseja, então não há razão para se preocupar com a bondade moral de Deus ou para adorá-lo.

(5) Há razões para se preocupar com a bondade moral de Deus e para adorá-lo. Portanto:

(7) Não é o caso que (ii) atos moralmente bons são moralmente bons porque Deus os deseja. Portanto:

(8) A teoria do comando divino é falsa.

Esse argumento é o tipo de "batalha de silogismos", difundida em algumas discussões filosóficas. Alguns deles abrigam importantes verdades filosóficas. Alguns outros, no entanto, são enganosos, significando apenas falácias inúteis ou estéreis. Um exemplo é um argumento popular chamado "um cérebro em um frasco de laboratório", oferecido pelos deterministas radicais e outros céticos. De qualquer forma, toda "batalha de silogismos" tem em comum a característica essencial de estar estritamente limitada à lógica formal dentro de um conteúdo linguístico. Fazer filosofia usando essa camisa de força é o mesmo que conceber o pensamento humano como uma simples calculadora digital: algo que entenda tudo sobre sintaxe, nada sobre semântica e que é inútil na semiótica, uma vez que é cega diante do mundo real.

Muitos filósofos responderam ao dilema do Eutífro, e as respostas mais destacadas são os argumentos conhecidos como "Morder a bala", "Natureza humana" e " Conselho de Alstons ".

Apesar de ser uma referência essencial para um estudo mais aprofundado sobre o TCD, não há espaço neste trabalho para continuarmos com esse assunto indefinidamente. Além disso, este é um debate sem fim.

De qualquer forma, o dilema de Eutífro , independentemente de ser o argumento mais "levado em conta" em oposição à Teoria do Comando Divino, não é o único nem o mais considerável. Vários outros se opõem com argumentos variáveis.

Objções à Teoria do Comando Divino .

Objeção semântica.

Michael Austin¹⁴³, relata que o filósofo William Wainwright propôs um desafio à teoria em bases semânticas, argumentando que "ser comandado por Deus" e "ser obrigatório" não significam a mesma coisa, ao contrário do que a teoria sugere. Wainwright acreditava que demonstrara que a teoria não deveria ser usada para formular afirmações sobre o significado de "obrigação". Wainwright também observou que a teoria do comando divino pode implicar em que alguém só pode ter conhecimento moral se conhecer a Deus. O autor argumentou que, se esse for o caso, a teoria parece negar o conhecimento moral dos ateus e dos agnósticos.

Hugh Storer Chandler contestou a TCD com base em ideias modais do que poderia existir em mundos diferentes. Ele sugeriu que, mesmo se alguém aceita a afirmação de que ser comandado por Deus e ser moralmente certo são a mesma coisa, eles podem não ser sinônimos porque podem ter diferentes sentidos em outros ambientes possíveis.

A objeção epistemológica .

De acordo com a objeção epistemológica à ética do comando divino, se a moralidade está fundamentada nos mandamentos de Deus, então aqueles que não acreditam em Deus não podem ter conhecimento moral. Sem conhecimento moral, eles não têm nenhuma responsabilidade moral e não têm nenhuma obrigação relacionada aos desejos de Deus. Além disso, em termos dessa objeção, a TCD é deficiente porque certos grupos

¹⁴³ Austin, Michael (21 de agosto de 2006). "Teoria do Comando Divino" Enciclopédia de Filosofia da Internet. Consultado em 3 de abril de 2012).

de agentes morais não têm acesso epistêmico aos mandamentos de Deus, por muitas razões, principalmente por causa do problema de comunicação. Como Deus nos comunica seus mandamentos?

Essas perguntas iniciaram uma longa e complexa discussão entre filósofos e teólogos sobre a comunicação dos mandamentos de Deus, de tal maneira que possamos entender se Deus nos comunica sua vontade ou não.

Essa objeção foi levantada - e respondida anteriormente. No entanto, ela persiste e é razoável argumentar que, mesmo persistente, não foi substancialmente melhorada e não merece discussões adicionais. O fato de que os mandamentos de Deus fornecem, ou não, a base dos fatos morais, não implica na afirmação de que os incrédulos não possam ter conhecimento moral, pois a capacidade de saber que algo é verdadeiro não depende de nossa capacidade de saber que é que o torna verdadeiro.¹⁴⁴

A objeção da onipotência

A Teoria do Comando Divino enfrenta o problema da inferência de que, de alguma maneira, Deus poderia comandar atos de crueldade e outros comportamentos para nós abomináveis. Os defensores do TCD negam veementemente essa inferência.

No entanto, os oponentes da TCD argumentam que essa negação não é coerente porque contraria a afirmação de que Deus é onipotente. Se Deus é capaz de criar, extinguir e modificar tudo, a suposição de que ele não poderia determinar esses mandamentos repugnantes é uma contradição.

¹⁴⁴ Danaher, J. SOPHIA (2017). <https://doi.org/10.1007/s11841-017-0622-9>

Thomas de Aquino (1225-1274) responde a esse entendimento da onipotência com base no argumento da possibilidade. Segundo o filósofo, o significado de "tudo" não é um conceito absoluto. Uma vez que esse conceito é um atributo relativo, ele deve obedecer aos princípios de possibilidade e adequação. Assim, Deus é capaz de fazer todo o possível e adequado para o seu Plano Divino. Por esse motivo, Deus nunca age de maneira contraditória, falsa ou de alguma forma repugnante.

Para Tomás de Aquino, a natureza do pecado, como dar ordens abomináveis, é contrária à onipotência. Por isso, o fato de Deus ser incapaz de realizar ações imorais não é um limite para o seu poder, mas sim, emerge de sua onipotência. Em outros termos, Tomás de Aquino afirma que Deus não pode comandar a crueldade exatamente porque ele é onipotente.¹⁴⁵

A objeção da onibenevolência .

Para os niilistas, a qualidade de onibenevolência de Deus torna logicamente evidente um limite para sua onipotência; assim, de qualquer maneira, essa qualidade é uma contradição.

No entanto, o problema da onibenevolência é formulado e sustentado, porque, se todas as ações que contêm um valor moral positiva são consequência dos mandamentos de Deus, isso é o mesmo que Deus fazer precisamente aquilo que ele determina a si mesmo fazer, o que é considerado uma conclusão incoerente.

¹⁴⁵ Austin, Michael W., Encyclopedia of Philosophy - <https://www.iep.utm.edu/divine-c/#H7>.

Diante desse argumento, William Wainwright sustentou que, embora Deus não aja por causa de seus mandamentos, ainda é lógico dizer que Deus tem razões para suas ações. Ele propõe sustentar que Deus é motivado pelo que é moralmente bom e, quando ele comanda o que é moralmente bom, isso se torna moralmente obrigatório.¹⁴⁶

Nesse sentido, Deus está "em virtude de si mesmo" e todos os seus atos são elementos de causalidade das ações.

A objeção à autonomia

Afirmando que qualquer conceito de bem é o que Deus determina que seja, a TCD de alguma forma nega a estrutura humana autônoma e leva a moralidade em consideração apenas como algo inteiramente dependente da vontade de Deus.

A partir desse argumento, surgem muitas questões relacionadas à liberdade moral, identidade e responsabilidade humanas, ficando reduzida drasticamente a possibilidade de pensamento independente e livre arbítrio .

Michael W. Austin¹⁴⁷ , na Eastern Kentucky University, defende o DCT considerando:

Não somos mais seres que se auto legislam no campo moral, mas sim seguidores de uma lei moral externa que nos é imposta. Nesse sentido, a autonomia é incompatível com a Teoria do

¹⁴⁶ Wainwright, William - Filosofia da Religião - Cengage Learning; 2 edição (4 de agosto de 1998) p.101

¹⁴⁷ Austin, Michael W., Encyclopedia of Philosophy - <https://www.iep.utm.edu/divine-c/#H7>.

Comando Divino, na medida em que na teoria não impomos a lei moral a nós mesmos. No entanto, Adams (1999) argumenta que a Teoria do Comando Divino e a responsabilidade moral são compatíveis porque somos responsáveis por obedecer ou não aos mandamentos de Deus, entendê-los e aplicá-los corretamente e adotar uma postura autocrítica em relação ao que Deus nos ordenou fazer. Diante disso, somos autônomos porque devemos confiar em nosso julgamento independente sobre a bondade de Deus e quais leis morais são inconsistentes com os mandamentos de Deus. Além disso, infere-se que um teórico do comando divino ainda pode argumentar que nós impomos a lei moral a nós mesmos ao concordar em nos sujeitar a ela quando chegarmos a entendê-la, mesmo que, em última análise, esteja fundamentada nos mandamentos de Deus.

A objeção do pluralismo

Outra objeção refere-se ao fato de que as noções de Deus são muitas e, com certeza, relativas a elementos históricos e culturais muito diferentes. Além disso, muitos entendimentos de Deus podem ser conflitantes e adotar diversos fundamentos.

Uma teoria moral fundamentada na vontade de Deus não pode ser universal e, portanto, é sempre limitada a cada conceito existente do Divino, declara o argumento pluralista.

Martin Austin¹⁴⁸ acredita que o argumento contém uma falha pela razão de que a existência de muitas religiões e diferentes conceitos de Deus e divindade não significa que elas devam estar em conflito ou serem excluídas reciprocamente, de tal maneira que os fundamentos morais se tornem incompatíveis. Ele ressalta que esse assunto envolve análise pessoal e escolhas adequadas, e que qualquer pessoa deve decidir por si mesmo qual entendimento do divino deve ser adotado. Da mesma maneira, as pessoas devem descobrir qual compreensão dos mandamentos divinos, , é a mais convincente dentro de sua tradição individual.

Ele compara essa situação com o processo deliberativo de um moralista secular diante de uma decisão sobre quais princípios morais eleger para governar sua vida, entre muitas tradições morais e várias interpretações dentro dessas tradições.

Apesar de negar a validade axiológica da teoria, o autor considera que é consistente com a crença de que muitas religiões contêm a verdade moral e os mesmos fundamentos morais. Esse fato torna possível conhecer nossas obrigações morais à parte da revelação, tradição e prática religiosa . "É consistente com a Teoria do Comando Divino que podemos ver nossas obrigações desta e de muitas outras maneiras, e não apenas através de um texto religioso, experiência religiosa ou tradição religiosa", diz Austin (op.cit)

¹⁴⁸ Austin, Michael W., Encyclopedia of Philosophy - <https://www.iep.utm.edu/divine-c/#H7>.

3 - Outras teorias sobre as origens da moralidade.

3.1- A teoria kantiana

Immanuel Kant (1724 - 1804), um dos filósofos mais influentes de todos os tempos, trouxe para a Metafísica Ocidental uma de suas concepções mais estruturadas.

É impossível analisar a teoria da ética de Kant sem uma primeira compreensão geral de seu pensamento filosófico complexo.

O filósofo prussiano entendeu qualquer filosofia como um processo dirigido à solução de três perguntas: "O que é o mundo?" "O que devo fazer?" "O que posso esperar?"¹⁴⁹

Sua teoria da ética é a resposta epistemológica do filósofo à segunda pergunta: "O que devo fazer?"

Esse entendimento da filosofia deriva de seu conceito de três "ideias da razão", que são o mundo, o eu e Deus.

No que diz respeito ao "mundo", na sua *Crítica da Razão Pura*, ele considera que a própria razão teórica não pode provar sua realidade. De acordo com esse conceito, "eles não são constitutivos, mas são reguladores, pois agregam unidade e coerência sistemática à nossa experiência. Por estarem relacionados à moral de maneira significativa, eles têm imensa importância prática".¹⁵⁰

Referindo-se ao "eu", ele adota um raciocínio muito complexo que finalmente oferece sua concepção de

¹⁴⁹ Kant, Emanuel (*Crítica da razão pura*-1781). Traduzido por JMD Meiklejohn - edição da web publicada por eBooks @ Adelaide .

¹⁵⁰ Capítulo 23

“seres humanos como seres racionais, merecedores de dignidade e respeito”. Qualquer pessoa deve tratar a humanidade como um fim, não apenas como um meio. Tratar alguém como um mero meio para atingir um fim é usá-la para promover o interesse.

No entanto, tratar uma pessoa como um fim é respeitar a dignidade dessa pessoa, permitindo a cada um a liberdade de escolher por si mesma.¹⁵¹

Kant leva em consideração a noção de Deus como um “ser real ou máximo”. Este ser maximamente real também é considerado pela razão um ser necessário, isto é, algo que existe necessariamente, em vez de meramente ou contingentemente.¹⁵²

Deste espectro racional, Kant traz seu conceito absoluto deontológico de moral, afastando-se de quaisquer ideias consequencialistas ou normativas. Nenhum código moral é necessário porque a moral não depende de regras específicas que definam o que é bom ou não, referente às ações humanas. O que determina o valor moral de uma ação é apenas a intenção: um ato só é moralmente bom se sua prática visar o cumprimento do dever.

Kant organizou suas suposições éticas em torno da noção de um “imperativo categórico”, que é um princípio ético universal, consistindo na determinação de que todos devem sempre respeitar a humanidade nos outros e que só devemos agir de acordo com regras que possam valer

¹⁵¹ “Você não estaria agindo de forma autônoma, pois não tinha controle(s).” de <https://www.coursehero.com/file/p2k8bd1/You-would-not-be-acting-autonomously-as->

¹⁵² Immanuel Kant - Enciclopédia de Filosofia da Internet. (sd). Acessado em <https://www.iep.utm.edu/kantview/>

para todos. Kant argumentou que a lei moral é uma verdade da razão e, portanto, que a mesma lei moral liga todas as criaturas racionais. Assim, em resposta à pergunta: "O que devo fazer?" Kant responde que devemos agir racionalmente¹⁵³, pela lei moral universal.

Qualquer pessoa pode encontrar a lei moral por si mesma, uma vez que faz parte da razão. Portanto, a lei moral é um predicado da razão humana, de tal maneira que apenas uma lei moral liga todos os seres racionais. Essa abordagem é a resposta para a pergunta "O que devo fazer?"

O princípio supremo da moralidade é chamado de "imperativo categórico", significando o fundamento que devemos seguir, que é racional e incondicional. Apesar de quaisquer desejos ou inclinações naturais, possamos ter em contrário. A submissão da humanidade ao "imperativo categórico" é totalmente independente das características ou da experiência de qualquer pessoa.

O "imperativo categórico" é a escala para atribuir a validade moral a qualquer ação: "Aja apenas de acordo com a máxima pela qual você possa ao mesmo tempo desejar que se torne uma lei universal".¹⁵⁴ A intenção é o pano de fundo da atividade humana definida pela "máxima" de nossos atos.

O dever deriva da máxima, a origem de todas as razões para agir. A ação em si não pode ser moralmente qualificada. Portanto, quando perguntamos: "O que estou

¹⁵³ Kant, Emanuel. Enciclopédia de Filosofia da Internet.

<https://www.iep.utm.edu/kantview/>

¹⁵⁴ Ética de acordo com Immanuel Kant - Sapiência de Ética. (sd). Obtido em <https://www.ethicsage.com/2017/05/ethics-according-to-immanuel-kant.html>

fazendo e por quê?" estamos falando da relação entre a intenção e a máxima.

O segundo imperativo é chamado "imperativo hipotético", "que é um comando que também se aplica a nós em virtude de termos uma vontade racional, mas não simplesmente em virtude disso. Exige que exercitemos nossas vontades de uma certa maneira, dado que previamente desejamos um fim. Um imperativo hipotético é, portanto, um comando de forma condicional."¹⁵⁵

Uma característica da conduta moral é a "boa vontade", entendida nos termos de Kant como uma vontade cujas decisões são totalmente determinadas por exigências morais ou, como ele costuma se referir a isso, pela Lei Moral. Os seres humanos sentem inevitavelmente esta lei como uma restrição aos seus desejos naturais, razão pela qual tais leis, aplicadas aos seres humanos, são imperativos e deveres.¹⁵⁶ Quando a lei moral é decisiva para a vontade humana, é o pensamento do dever que a fundamenta.

Kant também argumentou que sua teoria ética requer crença no livre arbítrio, em Deus e na imortalidade da alma. Embora não possamos saber essas coisas, a reflexão sobre a lei moral leva a uma crença justificada nelas, o que equivale a uma espécie de fé racional. Assim, em resposta à pergunta: "O que posso esperar?" Kant responde que podemos esperar que nossas almas sejam

¹⁵⁵ Ibidem

¹⁵⁶ Filosofia moral de Kant (Stanford Encyclopedia of Philosophy).
<https://plato.stanford.edu/entries/kant-moral/>

imortais e acreditem que¹⁵⁷Deus projetou o mundo por princípios de justiça.

3.2 A teoria utilitarista

O utilitarismo é uma teoria consequencialista da ética normativa, afirmando que a felicidade do maior número de pessoas na sociedade é considerada como a experiência humana. As ações humanas são moralmente corretas se suas consequências levarem à felicidade, o bem maior. Prazer e dor são os dois senhores soberanos que governam os conceitos de certo e errado. A ação é certa quando traz prazer e errada se tem por consequência a infelicidade (dor). Como a inter-relação entre ações e seus resultados, felizes ou infelizes, depende das circunstâncias, nenhum princípio moral é absoluto ou necessário em si mesmo.

A palavra "utilidade" é usada para significar bem-estar geral ou felicidade.¹⁵⁸

Surgido com o Iluminismo, seu criador, Jeremy Bentham (1748 - 1832), fornece a melhor descrição concisa do utilitarismo:

A natureza colocou a humanidade sob o governo de dois senhores soberanos, a dor e o prazer. Cabe apenas a eles apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que devemos fazer. Por um lado, o padrão do certo

¹⁵⁷ Kant, Emanuel | Enciclopédia de Filosofia da Internet
<https://www.iep.utm.edu/kantview/>

¹⁵⁸ O que é utilitarismo? Definition And Meaning ..,
<http://www.businessdictionary.com/definition/utilitarianism.html> (acessado em 30 de junho de 2019).

e do errado, por outro, a cadeia de causas e efeitos, estão presos ao seu trono. Eles nos governam em tudo o que fazemos, em tudo o que dizemos, em tudo o que pensamos: todo esforço que podemos fazer para afastar nossa sujeição servirá apenas para demonstrá-los e confirmá-los. Em palavras, um homem pode fingir abjurar seu império: mas, na realidade, ele permanecerá sujeito a isso o tempo todo. O princípio da utilidade reconhece essa sujeição e a pressupõe como fundamento desse sistema, cujo objetivo é criar o tecido da felicidade pelas mãos da razão e da lei. Os sistemas que tentam questioná-lo lidam com ruídos ao invés de fazê-lo com sentido, com caprichos ao invés da razão, na escuridão ao invés da luz".¹⁵⁹

Considerada uma teoria hedonista, sustentou ativamente "que o objetivo da moralidade e das leis era promover o bem-estar dos cidadãos e maximizar a felicidade humana, e não o de impor leis morais divinas intocáveis, imutáveis e específicas que rotulam as ações como erradas em si mesmas, sem levar em conta suas consequências. Bentham também acreditava que sua teoria ética utilitária estava implícita no que chamamos de "senso comum" moral ou "intuições", porque subjacentemente a todas as nossas intuições morais existem considerações utilitárias".¹⁶⁰

¹⁵⁹ Bentham, Jeremy - *Uma introdução aos princípios de moral e legislação* - Nova York, Hafner Publishing Co. 1948 - Capítulo 1 - Do princípio de utilidade.

¹⁶⁰ Utilitarismo preferencial de Hare: uma visão geral e crítica, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-317320130002000 (acessado em 30 de junho de 2019).

Para muitos autores, como Ian Shapiro¹⁶¹, o utilitarismo, juntamente com o marxismo e o liberalismo de Nozick, é uma teoria extremista, na medida em que seu autor a sustentou até seus últimos argumentos e sob quaisquer circunstâncias.

Seguindo seu criador, John Stuart Mill (1806 - 1873), cujo pai fora discípulo de Bentham, adotou o utilitarismo, mas introduziu muitas características moderadoras e adaptativas em seu livro "Utilitarismo" (1861), alcançando uma melhor abordagem com as ideias libertárias ("The Liberty" - 1859) que o tornaram um dos filósofos mais influentes do pensamento político do século XX.

3.3 - Ética da Virtude.

A ética da virtude faz parte da ética tradicional e atualmente representa uma das abordagens significativas da ética normativa. Seu conceito central, de uma maneira muito simplificada, poderia ser considerado como a afirmação que leva em consideração as virtudes, ou caráter moral, como causa dos atos morais humanos.

Com certeza, é uma teoria baseada no indivíduo, diversa das abordagens deontológicas ou objetivistas que enfatizam deveres, regras e padrões objetivos, e das teorias consequencialistas baseadas nos resultados das ações. A Ética da Virtude baseia-se em duas ideias essenciais: virtude e sabedoria prática.

Segundo Aristóteles, uma pessoa virtuosa é quem tem traços de caráter ideais. Essas características derivam de tendências internas naturais, mas precisam ser nutridas; no entanto, uma vez estabelecidas, elas se tornarão estáveis. Portanto, podemos ver a virtude como uma característica

¹⁶¹ Os fundamentos morais da política - Yale University Press - ISBN 978-0-300-18545-4

do caráter, agregada à essência de um indivíduo e determinativa de como ele deve agir em qualquer circunstância. Essa característica comportamental individual não se relaciona ao ato em si, mas são qualificadas pelas razões da ação. Agir com virtude significa levar em conta, como razão relevante para o comportamento moral, a suposição de que "fazer o contrário seria desonesto".

Essa abordagem da moralidade baseada no caráter pressupõe que "adquirimos virtude através da prática. Ao praticar ser honesto, corajoso, justo, generoso e assim por diante, uma pessoa desenvolve um caráter honrado e aprende como fazer a escolha certa diante de desafios éticos."¹⁶²

A sabedoria prática:

A segunda ideia essencial que sustenta a teoria da ética virtual é a sabedoria prática. Podemos entendê-la com o mesmo significado com que a "phronesis" é considerada pela filosofia grega. É um conceito muito complexo, mas Barry Schwartz¹⁶³ e Kenneth Sharpe¹⁶⁴ oferecem uma descrição simplificada e muito compreensível, comparando a sabedoria prática ao conjunto de habilidades que um artesão precisa para construir um barco ou uma casa, ou que um músico de jazz precisa desenvolver. São esforços seletivos e intencionais para

¹⁶² "Ética da Virtude – Ética Desvendada".,

<https://ethicsunwrapped.utexas.edu/glossary/virtue-ethics> (acessado em 30 de junho de 2019).

¹⁶³ Professor Dorwin Cartwright de teoria social e ação social no Sartharth College

¹⁶⁴ A William R. Kenan, Professor Jr. de Ciência Política no Swarthmore College

alcançar um resultado escolhido, o mais próximo possível da perfeição. A diferença reside no fato de que a sabedoria prática não é uma habilidade técnica ou artística. É uma habilidade moral - uma habilidade que nos permite discernir como tratar as pessoas em nossas atividades sociais cotidianas.¹⁶⁵

No que diz respeito à filosofia ocidental, podemos encontrar as origens da ética da virtude na filosofia de Platão e de Aristóteles. No Oriente, essa teoria se relaciona com Mencius e Confúcio.

Desde a filosofia clássica até o início do Iluminismo, a teoria desempenhou um papel crucial em todas as discussões axiológicas. Quando o determinismo e o utilitarismo começaram, eles deixaram de lado as ideias da ética da virtude. No entanto, elas renasceram na Filosofia Anglo-Americana após a Segunda Guerra Mundial, e qualquer análise axiológica contemporânea as leva em consideração.

3.4 - As teorias baseadas no direito .

Alguns filósofos contemporâneos, como Ronald Myles Dworkin (1931 - 2013) alegaram que a moralidade se origina de direitos e, em última instância, que os direitos morais se baseiam na ideia de correspondência e causalidade entre dever e direitos naturais.

Os seres humanos devem agir de acordo com os direitos morais por eles possuídos como uma consequência natural de suas condições humanas. Esses direitos são uma propriedade individual e inalienável do ser humano.

¹⁶⁵ Sabedoria prática: o caminho certo para fazer a coisa certa - Riverhead Book s; Ed. Reprint (2011 - ISBN-10: 1594485437/ISBN-13: 978-1594485435 p17.

A qualquer direito individual corresponde um dever social de aceitar e respeitar essa regra; em outros termos, o direito natural individual causa o dever social de respeito e preservação.

A teoria sustenta uma estrutura deontológica centrado no paciente, semelhante a alguns conceitos pós-kantianos, e afirma que os fundamentos da moral não são originados a partir da experiência social mas, em vez disso, na própria natureza humana.

A noção específica do que "direito" poderia significar é relevante para distinguir a teoria de outros conceitos liberais.

John Leslie Mackie, (1917-1981), filósofo australiano, explica esse significado peculiar:

Um direito, no sentido mais crítico, é a conjunção de liberdade com um direito de reivindicação. Ou seja, se alguém A tem o direito moral de fazer X, e além de ter o direito de fazer X se assim quiser,- ele não é moralmente obrigado a não fazer X, embora também seja protegido ao fazê-lo. As outras pessoas são moralmente obrigadas a não interferir ou impedi-lo. Essa maneira de expor sugere que os deveres são, pelo menos logicamente, anteriores aos direitos. Esse tipo de direito é constituído por dois fatos sobre deveres: A não tem o dever de não fazer X e as outras pessoas têm um dever de não interferir na ação de A fazendo X.¹⁶⁶

¹⁶⁶ Sabedoria prática: o caminho certo para fazer a coisa certa - Riverhead Books; Ed. Reprint (2011 - ISBN-10: 1594485437/ISBN-13: 978-1594485435 p17.

Esses direitos podem ser naturais (também chamados de direitos morais) quando pertencem a nós por nossa humanidade (como tais, aplicam-se a todas as pessoas), ou convencionais quando são criados por seres humanos, geralmente no contexto de organizações sociais e políticas.

Eles também podem ser constrictivos quando impõem deveres de não interferência a outros, ou positivos se impõem deveres de assistência a outros.

As teorias baseadas em direitos sobre a origem moral são aproximadamente o oposto das teorias utilitárias e desempenham atualmente um papel relevante no desenvolvimento dos movimentos, instituições e órgãos públicos de direitos humanos.

3.5 - Relativismo moral .

O relativismo moral é a ideia de que diversas possíveis moralidades ou contextos comportamentais e de referência, e conceitos sobre se algo é moralmente certo ou errado, bom ou ruim, justo ou injusto, são sempre questões relativas. Não existe uma estrutura moral universal ou atemporal. Qualquer fundamento moral é comparável a outros, e eles podem discordar completamente. Portanto, a relatividade existe como uma conexão com uma ou outra moralidade ou quadro moral de referência. Algo pode estar moralmente certo

em relação a um referencial moral e moralmente errado em relação a outro¹⁶⁷

Podemos entender o relativismo moral de várias maneiras.

O relativismo cultural afirma que muitas estruturas culturais diferentes, incluindo várias línguas com múltiplas coincidências semânticas e desacordos ligadas a elementos não linguísticos, não podem ter os mesmos modelos morais. É uma evidência do fato de que cada cultura desenvolveu sua própria estrutura moral, sem nenhum ingrediente universal ou fundamento trazido de uma cultura diferente, embora algumas poucas referências pareçam quase universais, mas em verdade são apenas elementos linguísticos com sentidos variáveis..

O conceito metaético do relativismo moral afirma que não é possível determinar qualquer conceito predominante de uma cultura em outras culturas. Cada sociedade organiza seus princípios morais usando suas experiências intrínsecas e crenças generalizadas.

O relativismo moral normativo alega que todos devem respeitar cada estrutura moral diferente, mesmo que essas diferenças possam significar ofensa à estrutura moral ou legal das suas culturas.

O desenvolvimento da teoria do relativismo moral sofreu a influência de dois movimentos culturais: a chamada "nova antropologia" e os vários grupos e atividades contraculturais da segunda metade do século XX.

¹⁶⁷ Harman, Gilbert e Thomson, Judith Jarvis - "Relativismo Moral e Objetividade Moral" - BM; 1 edição (9 de janeiro de 1996) IS BN-10: 0631192115 / ISBN-13: 978-0631192114 - pp. 3-5. 3

A "nova antropologia" era uma compreensão pós-guerra dos significados de "cultura", suas dimensões e conteúdo de estruturas. Clyde Kluckhohn (1905-1960) em seu livro "Espelho para o homem: a relação da antropologia com a vida moderna" (1949) trouxe o objetivo de criticar todas as "concepções éticas etnocêntricas" e iniciou novas discussões sobre o significado de "culturas".¹⁶⁸

Os novos antropólogos se afastaram dos conceitos de universalidade e se concentraram em fragmentos da cultura e da sociedade, propondo o estudo de pequenos elementos da cultura, em vez dos tópicos tradicionais que os antropólogos já levaram anteriormente em consideração.

A nova antropologia pode ter contribuído para a fragmentação inútil na compreensão da cultura e da comunicação intercultural, inserindo conceitos de microculturas em oposição às afirmações antropológicas tradicionais mais amplas. Essa divisão fazia parte de um reposicionamento constante da antropologia sobre como entender o conceito de cultura. Alguns antropólogos desejavam ver o conceito abolido. Outros, como Kluckhohn (citado), desejavam tornar os americanos mais "conscientes da cultura".

Essa abordagem provavelmente estimulou uma leitura essencialista da cultura e continua a influenciar a comunicação intercultural até hoje.

Os movimentos contraculturais são o segundo fator responsável pela expansão das ideias do relativismo

¹⁶⁸ John S. Gilkeson - "Antropólogos e a redescoberta da América, 1886-1965" 2009, p.251

moral. O sociólogo americano John Milton Yinger¹⁶⁹ criou o termo e atribuiu a ele o seguinte significado:

Onde quer que o sistema normativo de um grupo contenha, como elemento primário, um tema de conflito com os valores da sociedade total, onde variáveis de personalidade estão diretamente envolvidas no desenvolvimento e manutenção dos valores do grupo e onde suas normas só podem ser entendidas, por referência às relações do grupo com uma cultura dominante circundante.¹⁷⁰

O termo "subcultural" também está em uso, tendo em mente que a contracultura precisa assumir a existência de uma cultura moral dominante.

Esses movimentos já aconteceram. Em termos sociológicos, o cristianismo, em suas origens, tem todos os ingredientes de um movimento contracultural. Desde o Iluminismo até os dias atuais, os mais destacados são o Romantismo (séculos XVIII e XIX), o Bohemianismo (séculos XIX e XX), os Beatniks, os Hippies e o Punk (segunda metade do século XX) e, muito mais, recentemente, o LGBTQB e as modernas contraculturas feministas.

Como proposta filosófica, no entanto, o relativismo moral é carente de fundamentos axiológicos, precisamente por causa de seus conceitos fragmentários e oposição à

¹⁶⁹ John S. Gilkeson - "Antropólogos e a redescoberta da América, 1886–1965" 2009, p.251

¹⁷⁰ " Contracultura e Sbcultura" por J. Milton Yinger, American Sociological Review, vol. 25, No. 5 -Oct. 1960- pág. 625-635

universalidade das estruturas morais. O foco desta teoria são as minorias, que são apenas minorias porque existe um sistema moral diferente e dominante. Portanto, de uma maneira muito incoerente, a teoria nega a existência de uma de suas causas necessárias.

Se a abordagem da teoria nega que a cultura dominante afirme a prevalência das minorias, a teoria não está mais relacionada à ética, mas estaria propondo a quebra do tecido social ou o caos social em outros termos.

3.6 - Realismo moral

Entre muitas abordagens e teorias metafísicas relacionadas à natureza e estrutura da moralidade, o realismo moral desempenha um papel significativo na compreensão de muitas questões éticas.

Resumindo: os fundamentos do realismo moral residem na suposição de que existem fatos e proposições morais, que deveriam ser verdadeiros e objetivos, precisos, globais, manifestados fenomenologicamente, independentes da mente e sujeitos à cognição epistemológica.

Esses fatos são os fundamentos morais e podem ser conhecidos, observados e analisados objetivamente "in *ipsis*", independentemente de suas evidências, de nossa percepção deles ou de nossas crenças, sentimentos ou outras atitudes em relação aos mesmos.¹⁷¹

As ideias morais realistas encontram seu fundamento da mesma maneira que o realismo científico: "a realidade descrita pelas teorias científicas é mais independente do

¹⁷¹ https://www.philosophybasics.com/branch_moral_realism.html - acessado em 05 de julho de 2019

que a nossa teorização. As teorias científicas descrevem a realidade, e a realidade é "anterior ao pensamento".¹⁷²

Existem muitas variações dessa teoria, e algumas delas podem entrar em conflito desde que alguns conceitos estejam envolvidos. Argumentos internalistas e externalistas podem diferir profundamente na formulação dos fundamentos do realismo moral, assim como o naturalismo e o não naturalismo enfrentam os mesmos fundamentos com argumentos diferentes. As amplas discussões sobre os fundamentos realistas residem no cognitivismo, verdade moral, conhecimento moral, descritivismo e objetividade moral.¹⁷³

No entanto, David O. Brink, do MIT, argumenta que todas essas diversidades orbitam em torno das mesmas fundações:

Pode haver uma única formulação do realismo em termos de condições necessárias e suficientes que sejam globais e precisas, ou talvez as várias versões do realismo formem apenas uma família ou um conjunto de teorias metafísicas, as quais afirmam algum tipo de conceito de independência da mente .¹⁷⁴

Em essência, o realismo moral encontra suas bases nos mesmos conceitos de realismo científico, seguindo a

¹⁷² Boyd, Richard, Universidade de Cornell (1988). " Como ser um realista moral."

¹⁷³ Universidade Hanuk de Estudos Estrangeiros, Coreia. Shin Kim, em <https://www.iep.utm.edu/moralrea/> (acessado em 05 de julho de 2019)

¹⁷⁴ Brink David O, - "Realismo moral e os fundamentos da ética" - Estudos de Cambridge em Filosofia - Cambridge University Press - ISBN 0 52135937. pg 15

abordagem de que a realidade descrita pelas teorias científicas é essencialmente independente da nossa teorização.

As teorias científicas descrevem a realidade, e a realidade precede o conhecimento e a razão. Diferentes abordagens do realismo moral, independente de suas reivindicações específicas, são plausíveis, compatíveis e de alguma forma se apoiam mutuamente.

A oposição de incompatibilidade vem do niilismo, uma vez que a epistemologia cognitiva contida nas ideias realistas é negada na íntegra por essa teoria.

David O. Brink deixa isso muito claro:

O oponente tradicional do realismo moral é o niilista ou não cognitivista, que nega que haja fatos morais ou proposições morais verdadeiras ou, como resultado, qualquer conhecimento moral. Niilistas e os que não reconhecem o realismo devem, portanto, ser céticos morais.¹⁷⁵

Apesar dessas várias e recalcitrantes oposições aos fundamentos do realismo, e exatamente por causa de sua posição epistemológica, as tendências da Filosofia das Ciências mantêm a aceitação dessa teoria em evidência, como Richard Boyd considera:

Algumas oportunidades filosóficas são boas demais para se deixar passar. Em relação a muitos dos enfrentamentos mais abstratos do realismo moral, o recente trabalho realista e naturalista na filosofia da ciência é sugestivo de possíveis respostas em sua defesa. Assim, por exemplo, ocorreu a muitos filósofos (ver, por

¹⁷⁵ Op. Cit. página 19

exemplo, Putnam, 1975) que as teorias naturalistas de referência e definições podem ser estendidas à análise da linguagem moral. Se pudéssemos fazer isso com sucesso, e se os resultados fossem favoráveis a uma concepção realista de moral, seria possível responder a vários argumentos antirrealistas.[51]¹⁷⁶

¹⁷⁶ Boyd, Richard, Universidade de Cornell (1988). "Como ser um realista moral".
Item 4.1

CAPÍTULO V

UMA COMPREENSÃO EVOLUCIONÁRIA DAS ORIGENS DA MORALIDADE

Certa vez Darwin disse:

Subscribo totalmente o julgamento dos escritores que sustentam que de todas as diferenças entre o homem e os animais inferiores; o senso ou consciência moral é de longe a mais importante. Esse sentido, como observa Mackintosh, "tem uma supremacia legítima sobre todos os outros princípios da ação humana".¹⁷⁷

1 – Considerações Preliminares.

Para apresentar nosso raciocínio, devemos declarar que adotamos uma abordagem para as teorias da ética evolucionária. Por um século inteiro, as ideias da ética evolucionária causaram conflitos clamorosos entre os filósofos e, até os dias atuais, induzem muitas interpretações discrepantes.

Rayner oferece uma análise equilibrada da posição filosófica que adotamos:

A ética evolucionária originou-se na década de 1850 nos trabalhos de Herbert Spencer (1850). A teoria ganhou algum apoio e foi debatida ao longo do século XIX até as críticas de muitos

¹⁷⁷ Darwin, Charles. "A descendência do homem" - 1871b, cap. IV par.97

filósofos, notadamente Thomas Huxley (1893) e GE Moore (1903), mas ainda todos os que abateram a popularidade das interpretações biológicas da moralidade. O campo da ética evolucionária, até recentemente, permaneceu abalado por más interpretações de pesquisas científicas e especulações infundadas (como a ideia deficiente de que o altruísmo se originou através do processo de seleção de grupos). O surgimento de novas teorias da evolução altruísta, no entanto, fez com que a ética evolucionária experimentasse um ressurgimento. Esse ressurgimento foi causado em grande parte pelo trabalho inspirador de E.O. Wilson: "Sociobiology" (1975), o desenvolvimento da teoria da seleção parental de Hamilton, o conceito de aptidão inclusiva (1964), a hipótese de Trivers da evolução do altruísmo recíproco (1971) e a aplicação de modelos matemáticos e de teoria dos jogos à teoria da evolução (por exemplo, Smith e Price, 1973). Hoje, a ética evolutiva é certamente uma posição sustentável, com uma variedade de evidências empíricas e teóricas que a apóiam.¹⁷⁸

Da posição metaética, adotada primeiramente pelos filósofos analíticos, entendemos objetivamente a moralidade como pertencendo necessariamente ao domínio do comportamento social humano. Os princípios morais são sistemas semióticos e hipotéticos de

¹⁷⁸ Rayner, Sam (2005) " *Demasiado forte para um princípio: um exame da teoria e implicações filosóficas da ética evolucionária* ", Macalester Journal of Philosophy: vol. 15: Iss. 1, artigo 6. Disponível em: <https://digitalcommons.macalester.edu/philo/vol15/iss1/6>

mandamentos e proposições para o direcionamento e o controle do comportamento humano, contemplando a viabilidade, a estabilidade e o desenvolvimento da vida social. Trata-se de necessidade social essencial e original do “zoon politikon”, um fato coletivo material, independentemente de seus fundamentos metafísicos.

É possível estruturar esses princípios em sistemas precisos, exatamente como a lei jurídica, e independentemente de algumas diferenças extrínsecas, entender que os sistemas morais, como os jurídicos, incorporam mandamentos, proposições, ou ambos. Somente a compreensão dessas duas formas de conteúdos diversos possibilita o reconhecimento de todo o sistema.

Os princípios morais não se limitam às estruturas linguísticas, nem existem encapsulados nos textos, e sua expressão pode ocorrer por qualquer meio de conteúdo semiótico, como gestos, elementos visuais, símbolos, sons, vestimentas, elementos naturais e assim por diante.

Os códigos morais modernos textuais, de qualquer forma, são apenas uma tentativa teleológica de certificar para a sociedade, sistematicamente, a existência de certos princípios a serem observados, geralmente resumidos aos mais importantes. Portanto, os códigos morais escritos são um instrumento limitado da práxis moral e nunca expressam o conteúdo da moralidade existente. Por esse motivo, não podemos declarar expressivamente muitos elementos morais, mas podemos deduzi-los naturalmente de outros elementos do sistema. Portanto, a hermenêutica dos códigos morais escritos não é suficiente para iluminar todo o universo moral humano, e esse entendimento mais amplo desse universo impõe a tarefa desafiadora de submeter o comportamento humano a um rigoroso processo analítico.

A estrutura objetiva deste estudo segue o processo analítico. Consideraremos tudo o mais sobre moralidade, que não se encaixa nesse modelo objetivo, como pertencente ao domínio da abstração.

Consideraremos a moralidade exclusivamente como esse fenômeno comportamental humano que observaremos a partir de seus elementos intrínsecos e extrínsecos. Esses elementos são visíveis e cognoscíveis ao alcance dos métodos adotados pela Filosofia das Ciências Sociais. Estaremos atentos às diferenças e semelhanças entre as ciências sociais e as naturais, as relações causais entre os fenômenos sociais, a possível existência de leis sociais e o significado ontológico de estrutura e da ação.¹⁷⁹

Para entender a moralidade, devemos aceitar a proximidade entre o pensamento filosófico e os métodos das ciências humanas, reconhecendo a natureza indivisível do conhecimento humano. Questionar a moralidade às vezes envolve analisar elementos sociais dinâmicos, observação neurocientífica, genética evolutiva e circunstâncias históricas. A filosofia não pode andar sozinha nesses campos, e menos ainda as religiões.

A abordagem multidisciplinar significa uma tendência do humanismo moderno, adotada por vários analistas e acadêmicos como Paolo Mantovani,¹⁸⁰ Margaret McFall-

¹⁷⁹ fonte: Hollis, Martin (1994). A filosofia da ciência social: uma introdução. Cambridge. ISBN 978-0-521-44780-5.)

¹⁸⁰ Universidade Columbia

Ngai,¹⁸¹ , Carlo Rovelli¹⁸² , Elliott Sober ¹⁸³ , Ralph Adolfs¹⁸⁴ e Thomas Pradeu¹⁸⁵ :

Os exemplos acima estão longe de ser os únicos: nas ciências da vida, a reflexão filosófica desempenhou um papel importante em questões tão diversas quanto o altruísmo evolutivo, o debate sobre unidades de seleção, a construção de uma "árvore da vida", a predominância de micróbios na biosfera, a definição do gene e o exame crítico do conceito de inutilidade. Da mesma forma, na física, questões fundamentais como a definição de tempo foram enriquecidas pelo trabalho dos filósofos. Por exemplo, a análise da irreversibilidade temporal de Huw Price e as curvas temporais fechadas de David Lewis ajudaram a dissipar confusões conceituais na física.

Inspirados por esses exemplos e muitos outros, vemos a filosofia e a ciência localizadas em um contínuo. Filosofia e ciência compartilham as ferramentas da lógica, análise conceitual e argumentação rigorosa.¹⁸⁶

¹⁸¹ Centro de Pesquisa em Biociências do Pacífico, Universidade do Havaí em Manoa.

¹⁸² Professor de física, Universidade de Aix-Marselha

¹⁸³ Professor de filosofia, Universidade de Wisconsin

¹⁸⁴ Instituto de Tecnologia da Califórnia

¹⁸⁵ Pesquisador sênior (permanente), ImmunoConcept, CNRS, Universidade de Bordeaux; IHPST

¹⁸⁶ Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos da América - PNAS , 5 de março de 2019, 116 (10) 39483952; <https://doi.org/10.1073/pnas.1900357116>)

Se de alguma forma pode-se questionar o nosso raciocínio, na medida em que uma consistência metafísica deve estar presente, independentemente dos limites estabelecidos pela metodologia que adotamos, declaramos que, em contextos específicos, adotamos conceitos do realismo moral em suas versões fenomenológicas, fundamentalistas e cognitivas.

2 - A natureza arquetípica dos fundamentos morais.

2.1 - Introdução.

Todos os modelos tradicionais relacionados às origens da moralidade e sua transição para as sociedades humanas modernas estão atualmente em discussão, a partir de quando novas evidências ligadas à sua estrutura surgem diariamente de novos estudos e pesquisas.

Em seu complexo estudo "As origens da moralidade: um relato evolutivo", Dennis L. Krebs¹⁸⁷ examina a moralidade em termos de instintos e motivos primitivos, em grande parte inconscientes e impositivos. Fundamentado nos conceitos de evolução, o autor discute todas as outras perspectivas da questão: da abordagem cognitivo-desenvolvimentista à aprendizagem social e às visões etnográficas.

¹⁸⁷ Krebs, Dennis L. 2011 Oxford, Reino Unido, Oxford University Press 291 pp. ISBN 978-0199778232

Krebs oferece uma reinterpretação dos modelos sócio morais de Piaget¹⁸⁸ e Kohlberg¹⁸⁹. Ele parte de suas próprias pesquisas e segue a psicologia do desenvolvimento cognitivo-estrutural. Krebs afirma que o raciocínio moral está enraizado não em princípios abstratos, mas em pensamentos concretos sobre situações da vida real.

Analisando as fontes psicológicas e neurológicas dos comportamentos sociais primitivos e os comportamentos pró-sociais humanos, o autor descreve a evolução desse processo exclusivamente humano, relacionado às origens da cognição moral.

Christopher Boehm (n. 1931)¹⁹⁰ explorara a possibilidade de que a moralidade pudesse ter afetado a seleção natural, e vice-versa. Mecanismos de seleção natural poderiam ser invocados para explicar a consciência humana individual. É admissível que o fato de ser moral possa ter permitido aos indivíduos pré-históricos participar do próprio processo de seleção natural, embora essa participação provavelmente tenha sido indireta e inconsciente.

Nesse contexto, afirmamos que os fundamentos morais emergiram da experiência humana coletiva como

¹⁸⁸ Piaget, Jean - "Inconsciente Afetivo e Inconsciente Cognitivo na criança e na realidade" Traduzido por A. Rosin. Nova York: Grossman.

¹⁸⁹ Kohlberg, Lawrence - "Etapa e sequência: a abordagem cognitivo-desenvolvimentista da socialização". In · Manual de Socialização. G. Goslin. Chicago: Rand McNally.

¹⁹⁰ Boehm, Christopher - Punição capital pré-histórica e efeitos evolutivos paralelos - *Minding Nature*: 2017, volume 10, número 2, em <https://www.humansandnature.org/prehistoric-capital-punishment-and-parallel-evolutionary-effects>

múltiplas informações adquiridas no comportamento, sendo transmitidas pelo processo evolutivo.

Jonathan Birch, em sua resenha de Michael Tomasello¹⁹¹ "Uma História Natural da Moralidade Humana", abordou essa ideia muito corretamente :

Essa hipótese implica em uma estreita relação entre a origem da moralidade e a origem da intencionalidade conjunta e coletiva, o que é o foco da pesquisa de Tomasello por mais de vinte anos e o tópico de seu livro anterior, "Uma História Natural do Pensamento Humano" ([2014]). Tomasello apresenta um caso substancial em que esses fenômenos estão realmente relacionados. Se isso estiver correto, muitos trabalhos anteriores sobre a evolução da moralidade eram sutilmente equivocados. O foco nunca deveria ter sido a atenção em atos de altruísmo, mas em atos de cooperação mutualista. Além disso, o foco nunca deveria ter sido dirigido a expressões linguísticas explícitas do julgamento moral, hipotetizadas aqui como sendo um elemento evolucionário sobrevivendo, mas sim dirigido à maneira como o julgamento normativo, interpretado de forma mais ampla, entra nas estruturas cognitivas mais profundas e antigas, implícitas expressões da cooperação.

¹⁹¹ Co-diretor do Instituto Max Planck de Antropologia Evolucionária em Leipzig , co-diretor do Centro de Pesquisa Wolfgang Kohler Primate , professor honorário da Universidade de Leipzig, no departamento de psicologia da Universidade de Manchester e professor de psicologia na Universidade Duke .

aparentemente tão simples quanto duas pessoas carregando um tronco juntos. ”¹⁹²

De maneira simplista, evolução significa um processo relacionado a mudanças biológicas, uma consequência dos esforços adaptativos das espécies, prevendo sua sobrevivência. A evolução, no entanto, é um tecido muito mais complexo de causas, processos e efeitos inter-relacionados, envolvendo funções contínuas baseadas em neurônios e elementos genéticos. É por isso que a evolução também desempenha um papel fundamental na transmissão de experiências comportamentais humanas, principalmente as relacionadas à vida coletiva.

A transmissão de informações adquiridas comportamentalmente por estruturas genéticas e funções do sistema nervoso é uma das premissas essenciais deste estudo e a base para nossa concepção das origens da ética e sua agregação ao inconsciente coletivo em uma estrutura arquetípica. Sobre isso, argumentamos que nosso raciocínio se baseia em sólidas premissas científicas, que podemos agregar ao método filosófico.

As neurociências já demonstraram que essa assertiva não é mais uma proposição hipotética levada em consideração por algumas teorias científicas, mas que é, de fato, a realidade empírica concreta e comprovada.

¹⁹² Birch, Jonathan (2017 *Revisão do livro: Michael Tomasello // uma história natural da moralidade humana*. *Jornal Britânico para a Filosofia da Ciência - Revisão de Livros*. ISSN 0007-0882).

Don Marshall Gash¹⁹³ e Andrew S. Dea¹⁹⁴ , oferecem uma explicação clara dessa suposição:

É amplamente reconhecido que a evolução humana foi impulsionada por dois sistemas de hereditariedade: um baseado em DNA e outro baseado na transmissão de informações adquiridas comportamentalmente através de funções do sistema nervoso. O sistema genético é antigo, remontando à aparência da vida na Terra. É responsável pelos processos evolutivos descritos por Darwin. Em comparação, o sistema nervoso é relativamente recém-formado e, em sua forma mais elevada, responsável pela ideação e pela transmissão de informações de mente para mente. Aqui são comparadas as capacidades e funções informativas dos dois sistemas. Enquanto empregam mecanismos bastante diferentes para codificação, armazenamento e transmissão de informações, ambos os sistemas executam essas funções hereditárias genéricas. Três características adicionais da hereditariedade baseada em neurônios em humanos são identificadas: a capacidade de transferir informações genéticas para outros membros de sua população, não apenas para a progênie; um processo de seleção para as informações que estão sendo transferidas; e um período de tempo profundamente mais curto para criação e

¹⁹³ Diretor / gerente de laboratórios de teste, GLP Neuroscience Service Center, Faculdade de Medicina, Anatomia e Neurobiologia da Universidade de Kentucky

¹⁹⁴ Departamento de Anatomia e Biologia Celular, Faculdade de Medicina da Universidade de Indiana, Indianapolis IN

disseminação de informações que melhoram a sobrevivência em uma população. Os mecanismos subjacentes à hereditariedade baseada em neurônios envolvem a neurogênese do hipocampo e os processos de memória e aprendizado, modificando e criando novas associações neurais, alterando a estrutura e as funções do cérebro.¹⁹⁵

A-neofilósofa analítica -anglo-canadense Patricia S. Churchland¹⁹⁶ (b.1943) explicou a relação das raízes dos comportamentos morais humanos com alguns elementos genéticos específicos. O autor descreveu a moralidade como decorrente da interação de genes , processos neurais e experiências sociais, e afirma que sobrevivência e reprodução são capacidades genéticas. Entre todas as espécies, os mamíferos têm genes específicos “para produzir a substância química oxitocina e vasopressina, que os habilitam a cuidar das suas crias. Em alguns mamíferos, como os humanos, as mesmas substâncias químicas incentivam os animais a formar relacionamentos de longo prazo e a cuidar uns dos outros ”. ¹⁹⁷

Esse cuidado sustenta a raiz biológica da moralidade na opinião de Churchland, para qualquer outro comportamento social primal. Os primeiros seres humanos

¹⁹⁵ Gash DM e Deane AS (2015) Hereditariedade baseada em neurônios e evolução humana. *Neurosci.* 9: 209. doi: 10.3389 / fnins.2015.00209.

¹⁹⁶ (a) Professora emérita de Filosofia Universidade da Califórnia, San Diego ; (b) op.ref. Churchland , Patricia S. “Tocando um nervo: nossos cérebros, nossos eus” - WW Norton & Company - 2014 - ISBN-10: 0393349446 / ISBN-13: 978-0393349443

¹⁹⁷ As Origens da Moralidade . *Psicologia Hoje.* (sd),em <https://www.psychologytoday.com/us/blog/hot-thought/201311/the-origins-morality>

viviam em pequenos grupos de cerca de 100 pessoas, mas a expansão de grupos como resultado da agricultura e do desenvolvimento de aspirações intelectuais expandiram a compaixão, a simpatia e a empatia para além do grupo mais próximo das pessoas. ¹⁹⁸

Finalmente, a autora afirma que as normas morais surgem de quatro processos cerebrais interligados: cuidar, reconhecer os estados psicológicos de outras pessoas, aprender práticas sociais e resolver problemas em um contexto social.¹⁹⁹

Dennis L. Krebs²⁰⁰, como consideramos anteriormente, explicou esses complexos processos evolutivos, destacando as investigações sobre as fontes psicológicas e neurológicas dos comportamentos pró-sociais primitivos, a evolução de comportamentos pró-sociais exclusivamente humanos e seus conteúdos e estruturas. Revendo as obras de Krebs, Peter Gray conclui:

Uma perspectiva psicodinâmica examina moralidade (e imoralidade) em termos de instintos e motivos primitivos, em grande parte inconscientes, concorrentes ; uma perspectiva de aprendizagem social examina a moralidade em termos das experiências sociais do indivíduo; uma perspectiva cognitivo-desenvolvimental a examina em termos do desenvolvimento da criança partindo de modos mais concretos de pensar os mais abstratos, e uma perspectiva

¹⁹⁸ Idem

¹⁹⁹ Paul Thagard, Ph.D. - "As origens da moralidade" em <https://www.psychologytoday.com/intl/blog/hot-thought/201311/the-origins-morality>

²⁰⁰ Krebs, Dennis L. - *As origens da moralidade: um relato evolutivo*, 2011 Oxford, Reino Unido, Oxford University Press - ISBN 978-0199778232

etnográfica a examina em termos de normas culturais. No entanto, aqui, sob a égide da evolução, Krebs pode integrar, refinar e expandir os insights de todas essas perspectivas. Todos eles têm a ver com a interação de experiências ambientais, do cérebro humano evoluído, que incorporou certos vises e predileções. Krebs nos fornece aqui uma base biológica para pensar em todos os aspectos da moralidade.²⁰¹

Seguindo sua abordagem funcionalista, Krebs introduziu uma reinterpretação dos estágios de desenvolvimento cognitivo considerados por Kohlberg²⁰² e enfatizou sua convicção sobre a dependência de mudanças morais em situações reais da vida.

Todas essas evidências e afirmações, trazidas recentemente pelas ciências sociais e naturais sobre as origens materiais dos fundamentos morais, constituem hoje em dia uma noção geralmente aceita pelas teorias modernas da filosofia ocidental, estando ou não fundamentadas em qualquer conceito metafísico.

Portanto, as perguntas incontroversas sobre quando e como isso poderia ter começado, e por quais meios e processos foram incorporados à natureza evolutiva humana, conduzem nosso estudo à assunção da

²⁰¹ Peter Gray (2012) *As origens da moralidade: um relato evolutivo* Dennis L. Krebs, 2011 Oxford, Reino Unido, Oxford University Press US \$ 49,95 (hbk), 291 pp. ISBN 978-0199778232, *Journal of Moral Education*, 41: 2, 264-266, DOI: 10.1080 / 03057240.2012.680715

²⁰² Kohlberg, Lawrence - "Etapa e sequência: a abordagem cognitivo-desenvolvimentista da socialização". In · *Manual de Socialização*. G. Goslin. Chicago: Rand McNally.

existência de estruturas de arquétipos morais e sua agregação ao genoma humano e ao inconsciente coletivo.

2.2 - Conceito e natureza dos arquétipos.

As abordagens da ideia de arquétipos são tão antigas quanto a própria filosofia, e essa ideia é o pilar central deste trabalho, como repetimos desde o início.

Semanticamente, a palavra grega "archetypos" está relacionada a uma ideia de "primeira impressão", um conceito contido na complexa Teoria das Formas de Platão, na qual o filósofo discute o mundo material, composto de objetos mutáveis, tanto quanto o mundo transcendental, que é imutável e composto de formas.

Sob essa teoria, os humanos têm uma capacidade intrínseca de reconhecer a forma correta de um conceito abstrato, como Adam Linitiaz explica de uma maneira simplificada:

Platão levou essa ideia ainda mais longe. Ao concordar que haviam formas ideais de conceitos abstratos (liberdade, igualdade, justiça), também haviam formas ideais de objetos comuns, como mesas ou camas. Os objetos que encontramos no dia-a-dia são simplesmente versões imperfeitas e mutáveis de suas formas perfeitas. Essas formas perfeitas são

lembranças que podemos recordar de um tempo anterior em nossa existência.²⁰³

Como Platão estava argumentando sobre processos cognitivos, ele se referiu a essas formas perfeitas como a primeira impressão dos conceitos abstratos: os arquétipos, em outros termos.

Essas primeiras impressões de realidades abstratas, como liberdade e justiça, são imutáveis e permanecem indefinidamente independentes das experiências individuais: elas são transcendentais ao mundo material e à forma ideal de conceitos abstratos. As formas foram a primeira compreensão dos arquétipos na filosofia.

Durante o Iluminismo, John Locke trouxe uma contribuição significativa para a discussão epistemológica naquele período, com seu trabalho "Um ensaio sobre a compreensão humana". Naquela época, os oponentes de Locke criticaram esse ensaio em razão de sua abordagem empiricista. No entanto, precisamente devido a esse embasamento empiricista do pensamento de Locke, o ensaio introduziu o conceito de "ideias adequadas" e ofereceu uma reinterpretação essencial das ideias de Platão sobre os arquétipos:

Ideias adequadas são aquelas que representam perfeitamente seus arquétipos. Das nossas ideias reais, algumas são adequadas e outras

²⁰³ Imtiaz , Adam - *Teoria das Formas de Platão* - Apud "im print" em <http://uwimprint.ca/article/platos-theory-of-forms/> acessado em 24 de julho de 2019

inadequadas. Aquelas que eu chamo de adequadas representam perfeitamente os arquétipos que a mente supõe que dela sejam retirados: os quais pretende que a representem e aos quais se refere. Ideias inadequadas são as que contém apenas uma representação parcial ou incompleta dos arquétipos aos quais são relativas.²⁰⁴

A proposta de Locke não é tão clara quanto poderia ser, como vários críticos disseram, mas torna evidente sua assunção de que, por trás e antes de qualquer ideia, existe um arquétipo, uma forma primária (na linguagem de Platão) subordinando o conteúdo de qualquer ideia.

Durante todo o Iluminismo, os filósofos discutiram esses conceitos principalmente do ponto de vista epistemológico. Durante o século XIX, a conceituação de arquétipos adquiriu progressivamente os contornos de uma matéria multidisciplinar, embora os numerosos estudos a respeito fossem fragmentados e resultantes de diferentes metodologias e propósitos.

Na primeira metade do século XX, o extenso trabalho do psiquiatra Carl Gustav Jung (1975 - 1961), anteriormente seguidor de Sigmund Freud, ofereceu um avanço extraordinário no entendimento da mente humana e das diversas e complexas habilidades cognitivas e processos emocionais relacionados com as suas funções correspondentes.

²⁰⁴ Locke, John - um ensaio sobre a compreensão humana. 25ª. Ed. Londres, 1824 - Impressão W. Dowall - Livro II, Capítulo XXI pág. 319 .

As teorias de Jung começam com a definição do inconsciente coletivo ; uma suposição submetida inicialmente a todos os tipos de interpretações e questionamentos de filósofos e cientistas de todas as tendências. Jung, por si mesmo, entendeu que o conceito deve ser explicado adequadamente, e fê-lo como segue:

Provavelmente, nenhum dos meus conceitos empíricos enfrentou tantos mal-entendidos quanto a ideia do inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode ser distinguida negativamente de um inconsciente pessoal pelo fato de não, dever sua existência à experiência pessoal como este último e, conseqüentemente, não se tratar de uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente por conteúdos que em algum tempo foram conscientes, mas que desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, o conteúdo do inconsciente coletivo nunca esteve na consciência e, portanto, nunca foi adquirido individualmente, mas deve sua existência exclusivamente à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste na maioria dos complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente por arquétipos.²⁰⁵

²⁰⁵*Arquétipos e o inconsciente coletivo* - Obras coletadas de CG Jung, vol. 9, Parte 1. 2nd ed. (1968), Princeton University Press ISBN 0691018332 - p99

Portanto, na teoria junguiana, o conteúdo do inconsciente coletivo, diferentemente do inconsciente individual, é limitado a instintos e arquétipos e não é relativo a nenhuma experiência individual. No entanto, a explicação resumida de Jung ajuda a entender o conteúdo do inconsciente coletivo, mas não esclarece as razões porque ele denominou essa estrutura como "coletiva". Devemos perguntar isso a Jung:

Eu escolhi o termo "coletivo" porque essa parte do inconsciente não é individual, mas universal; em contraste com a psique pessoal, ela possui conteúdos e modos de comportamento que são mais ou menos os mesmos em todos os lugares e em todos os indivíduos. Em outras palavras, é idêntico em todos os homens e, portanto, constitui um substrato psíquico comum, de natureza supra pessoal, presente em todos nós.²⁰⁶

Assim, a qualificação coletiva dos arquétipos está relacionada aos princípios da universalidade e da perpetuidade: dois dos pilares mais importantes de qualquer raciocínio relacionado à moralidade.

As reivindicações fundamentais da teoria junguiana que se referem aos arquétipos se disseminam na filosofia, na psicologia e nas ciências humanas como um todo, e até na cultura popular, causando muitas interpretações

²⁰⁶ *Arquétipos e o inconsciente coletivo* - Obras coletadas de CG Jung, vol. 9, Parte 1. 2nd ed. (1968), Princeton University Press ISBN 0691018332 - p99

diferentes e dando margem a várias controvérsias. Por esse motivo, em qualquer pesquisa, encontraremos diferentes significados e usos dos conceitos arquetípicos, que podem ser reduzidos, expandidos ou mesmo conflitantes quando comparados às ideias de Jung. Diante desse horizonte amplo e profundo, devemos definir neste estudo, o que é o entendimento dos arquétipos que adotamos. Aceitamos como coerente com a estrutura deste estudo a definição ampliada dada por Adam Blatner:

Eles representam as tendências intrínsecas e herdadas da cognição, imagem e emoção na espécie humana. Arquétipos são as extensões do fenômeno do instinto, complexificado e expresso na experiência humana. Amorfos em si mesmos e expressando a dimensão socio biológica da neurofisiologia, suas manifestações podem ser encontradas em manifestações de arte, rituais, costumes, imagens, sonhos, filosofia, psicopatologia e qualquer outra atividade humana.²⁰⁷

O conteúdo desses elementos, de acordo com a teoria junguiana, baseia-se na crença de que a natureza permitiu ao indivíduo humano “muitas coisas que ele nunca adquiriu, mas herdou de seus ancestrais. Ele não nasceu como uma tabula rasa; ele nasceu apenas inconsciente. Mas ele traz consigo sistemas organizados e prontos para funcionar de uma maneira especificamente humana, e isso ele deve a milhões de anos de

²⁰⁷ Blatner, Adam, MD - A relevância do conceito de arquétipo - <https://www.blatner.com/adam/level2/archetype.htm> - acessado em 14 de maio de 2019

desenvolvimento humano. " (Carl Jung - op. Cit. Volume 4).

Os antigos conceitos filosóficos sobre arquétipos consideravam predominantemente seus conteúdos e significados como algo imutável (uma "forma pura" como Platão pensava). As obras de Jung e seus conceitos empíricos abrem o horizonte para um estudo mais aprofundado da estabilidade dos arquétipos e lhes deram certa flexibilidade, coerente com os processos evolutivos, como Charles D. Laughlin pontua:

Os próprios arquétipos podem ter mudado durante o nosso passado evolutivo - não há como ter certeza (1953 [1943/45]: 368) - mas, na sua forma atual, eles codificam as experiências recorrentes dos seres humanos ao longo de inúmeros milênios e através de todas as fronteiras culturais (1970 [1955/56]: 390). Em alguns casos, os arquétipos codificam material experimental recorrente de nosso passado animal pré-hominídeo .(1953 [1943/45]: 96).²⁰⁸

Para uma boa compreensão da teoria, devemos sempre ter em mente que Jung deixa claro que o termo arquétipo não se refere a uma ideia ou elemento abstrato herdado, mas a um padrão de comportamento herdado. Essa afirmação desempenha um papel importante neste trabalho, na extensão em que nós entendemos qualquer conceito ou conteúdo moral como um fenômeno comportamental humano. No presente, estudos neurocientíficos apoiam esta proposição da natureza comportamental dos arquétipos, como George B. Hogenson indica: "A descoberta de neurônios-espelho por pesquisadores da Universidade de Parma promete

²⁰⁸Laughlin, Charles D. *Arquétipos, Neurognose e o Mar Quântico* - art.

alterar radicalmente nossa compreensão dos estados cognitivos e afetivos fundamentais. Este artigo explora a relação dos neurônios-espelho com a teoria dos arquétipos de Jung e propõe que os arquétipos podem ser vistos como padrões de ação elementares. ” (Hogenson, George B - Arquétipos como padrões de ação - *The Journal of Analytical Psychology* - <https://doi.org/10.1111/j.1468-5922.2009.01783.x> - acessado em 27/07/2019).

Jung focou o assunto como um elemento muito objetivo e observável da mente humana e manteve de lado o raciocínio metafísico em seus argumentos. “Se essa estrutura psíquica e seus elementos, os arquétipos, alguma vez 'se originaram' é uma questão metafísica e, portanto, irrespondíveis. (Carl Jung - op.cit. Volume 4). Apesar de evitar qualquer suposição relacionada à definição das origens arquetípicas, Jung destaca que todos os elementos da natureza de um indivíduo humano estão principalmente presentes e existentes desde o nascimento. As experiências individuais e seu ambiente particular não criam esses elementos, mas apenas os trazem à tona.

Essa natureza comportamental dos arquétipos, como sustentada por Jung, aproximou suas teorias de outros conceitos científicos e filosóficos e, se por um lado, significa uma contribuição influente para outras ciências, por outro lado, absorveu várias contribuições das mesmas. A evidência dessas abordagens é a razão pela qual assumimos que o estudo de arquétipos só adquiriu os contornos de um assunto multidisciplinar por causa dos trabalhos de Jung.

O enriquecimento progressivo da Teoria dos Arquétipos após os trabalhos de Jung deve-se em parte à sua estrutura multidisciplinar, como podemos deduzir do texto de Pearson:

C.G Jung deixou muita ambiguidade em torno do status ontológico dos arquétipos e do inconsciente coletivo. Isso ocorreu por causa da inadequação da ciência de seus dias. Os desenvolvimentos modernos nas neurociências e na física - especialmente a nova física do vácuo - permitem desenvolver ainda mais a compreensão de Jung sobre os arquétipos. Este artigo analisa as principais características do conceito de arquétipo de Jung e usa a moderna teoria estrutural biogenética para integrar a psicologia arquetípica e as neurociências. O artigo revisa algumas das evidências a favor do acoplamento neurofisiológico-quântico direto [termo do autor] e sugere como o processamento neural e os eventos quânticos podem se interpenetrar. ²⁰⁹

Mark Vernon também indica o valor dessa abordagem multidisciplinar da teoria junguiana:

De fato, a possibilidade de que os arquétipos junguianos sejam comensuráveis com a biologia foi inserida por E.O. Wilson em seu livro "Consilience". Ele levantou a possibilidade de que a ciência os torne "mais concretos e verificáveis". Seguindo a orientação de Wilson, o psiquiatra Anthony Stevens vê arquétipos trabalhando em etologia, o estudo do

²⁰⁹ Pearson, Carol S., Arquétipos, Neurognose e Mar Quântico (art.) - Jornal de Exploração Científica 1996 - em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.456.710> acessado em 26 de jul de 2019

comportamento animal em habitats naturais. Os animais têm um conjunto de comportamentos de estocagem, observam os etólogos, aparentemente ativados por estímulos ambientais.²¹⁰

Levando em conta essa visível universalidade da ideia de arquétipos nas ciências e na filosofia nos dias atuais, devemos aceitar as contribuições de todos os estudos e interpretações do conceito, compatíveis com os pilares centrais de nosso trabalho, independentemente dos campos da ciência, de onde eles surgem.

Entre as várias contribuições trazidas por pesquisas recentes, duas importantes abordagens fortalecem nossas suposições básicas relacionadas à moralidade como sujeito comportamental e observável humano, resultantes de fundações arquetípicas e realizadas por milênios de processos evolutivos agregados ao genoma da espécie.

O primeiro vem dos axiomas fundamentais do estruturalismo da biogenética, resumidos em três noções essenciais que formam seus fundamentos:

1. A primeira é que a consciência é uma propriedade do sistema nervoso.
2. A segunda é que todas as estruturas neurais que mediam a consciência se desenvolvem durante a vida a

²¹⁰ Vernon, Mark. *Carl Jung: Os arquétipos existem?*

<https://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2011/jun/20/jung-archetypes--structurind-principles> - acessado em 26 de julho de 2019

partir de estruturas iniciais herdadas (de arquétipos, em outros termos), e

3. A terceira é que tudo o que podemos dizer com "cultura" refere-se diretamente aos processos neurofisiológicos ou indiretamente aos artefatos e comportamentos produzidos por esses processos.²¹¹

A outra abordagem importante vem dos conceitos de neurognose, também emergindo do estruturalismo biogenético. Neurognose é um termo técnico usado para se referir à organização inicial do cérebro experimentador e cognitivo.

A definição desse conceito vem de Laughlin:

Todos os modelos neurofisiológicos que compreendem o ambiente cognitivo se desenvolvem a partir de modelos nascentes que existem como estruturas neurais iniciais geneticamente determinadas que já produzem a experiência do feto e do bebê. Chamamos esses modelos nascentes de estruturas neurognósticas, modelos neurognósticos ou simplesmente neurognose (Laughlin 1991, Laughlin e d'Aquili 1974: 83, Laughlin, McManus e d'Aquili 1990: 44-75). Quando desejamos enfatizar as próprias estruturas neurognósticas, tendemos a mencionar estruturas ou modelos. As estruturas neurognósticas correspondem aos arquétipos de Jung. É de se lembrar que, embora tenha sido dada muita atenção a imagens arquetípicas relativamente dramáticas

²¹¹ <http://www.biogeneticstructuralism.com/tenets.htm>, acessado em 27 de julho de 2019.

em seus escritos, Jung realmente acreditava que havia tantos arquétipos quanto percepções típicas em toda a espécie (1968c [1936/37]: 48). A referência de Jung à incognoscibilidade essencial dos arquétipos em si também se aplica às estruturas neurognósticas em nossa formulação.²¹²

2.3 - Transmissibilidade de arquétipos .

Quando Jung formulou sua Teoria dos Arquétipos na primeira metade do século XX, a Ciência então existente não poderia ajudá-lo suficientemente.

No entanto, atualmente, temos pesquisas científicas suficientes e credenciadas, capazes de apoiar a justificativa necessária para a validação de nossas reivindicações. Não demonstraremos ou revisaremos essas pesquisas científicas, porque isso ultrapassaria o objetivo, a estrutura e a metodologia deste trabalho. Além disso, as bases científicas mais importantes relacionadas à transmissibilidade arquetípica provêm das neurociências, cuja metodologia não é extensiva à Filosofia. .

No entanto, devemos indicar e fazer pesquisas científicas explícitas fundamentando nosso argumento e citar suas suposições essenciais sem alterar sua redação e estrutura, ao invés vez de apenas mencioná-las.

²¹² Laughlin, Charles D. (1996) "Archetypes, Neurognosis and the Quantum Sea".
Jornal da *Exploração Científica* 10 (3): 375-400.

Os mecanismos para codificação, armazenamento e transmissão de informações genéticas (como os arquétipos) são descritos por Don M. Gash e Andrew S. Deane²¹³ como um processo complexo que determina principalmente o conteúdo informativo genético no momento da concepção do indivíduo:

O nucleotídeo codifica sequências de informações genéticas e estrutura cromossômica do genoma de um indivíduo. A transcrição e tradução de informações codificadas são processos moleculares dinâmicos que regulam a vida celular: respondendo a estímulos, mantendo a homeostase e regulando o crescimento, o desenvolvimento e a reprodução. Existem vários mecanismos para transmitir informação genética em células únicas e organismos multicelulares que envolvem a replicação da informação codificada.

[...] O conteúdo informativo baseado em neurônios é acumulado e modificado ao longo da vida no sistema nervoso humano. As informações no sistema nervoso são codificadas nas propriedades moleculares e celulares dos neurônios, em suas redes neurais e em suas conexões sinápticas.

[...] O mecanismo para a transferência de informações baseadas em neurônios de indivíduo para indivíduo em uma população ocorre via mente-a-mente. A transferência de

²¹³ Departamento de Anatomia e Neurobiologia, Faculdade de Medicina, Universidade de Kentucky

mente para mente envolve o cérebro, o corpo e a mente.²¹⁴

Tentar decifrar um sistema estruturado neural tão complexo, completamente desconhecido até algumas décadas atrás, é um desafio imensurável para a Ciência e um dos mistérios fascinantes relacionados ao fenômeno humano. Esse caminho exaustivo, apesar das circunstâncias, conquistou vários avanços, e cada um deles impulsiona os outros.

Recursos e mecanismos muito relevantes de codificação, armazenamento e transmissão de informações genéticas relacionadas ao comportamento humano foram recentemente descobertos, como os processos de Seleção Parental (Kin Selection).

A Seleção Parental é um estudo significativo sobre biologia evolutiva, originalmente proposto em 1963 pelo biólogo evolucionista britânico W.D. Hamilton, e oferece uma perspectiva analítica inteiramente nova para o comportamento social dos animais (principalmente os mamíferos, como o *Homo sapiens*).

Atualmente, a Teoria da Seleção Parental é um dos fundamentos do estudo moderno do comportamento social que compreende as raízes de qualquer princípio moral.

A teoria esclarece os fundamentos evolutivos genéticos muito complexos de comportamentos sociais essenciais como o altruísmo e revela as escolhas originais baseadas

²¹⁴ Departamento de Anatomia e Neurobiologia, Faculdade de Medicina, Universidade de Kentucky

no custo-benefício na vida animal em um grupo. A seleção de parentesco exige uma relação genética entre o doador e o destinatário do ato altruísta e, com certeza, a seleção é a explicação dominante para a evolução do comportamento de ajuda.²¹⁵

Portanto, podemos dizer que a Teoria da Seleção Parental repousa no berço da moralidade comportamental humana e revela a beleza fascinante dos arquétipos e de seu processo evolutivo.

Patten descreveu as ideias centrais da teoria da seguinte maneira:

É descrita com mais precisão como uma forma de seleção de grupo . Embora matematicamente, é possível - e até por vezes heurísticamente inestimável – tomar-se toda a variação de aptidões da seleção parental como propriedade de parentes ou indivíduos, obscurece as verdadeiras forças causais que provocam mudanças de frequência genética na seleção parental. A seleção parental é uma maneira de entender a mudança na frequência dos alelos como consequência das ações e interações entre indivíduos que compartilham alelos por descendentes comuns recentes - ou seja, parentes.

Assim como na seleção de grupos, isso é uma consequência das propriedades dos grupos que causam mudança de frequência de alelos.

²¹⁵ Michael D. Breed, Janice Moore, em *Comportamento animal*, 2012.

Com a seleção parental, porém, os grupos têm essa estrutura genética especial. A seleção de parentes tem sido usada para explicar a evolução da cooperação e do altruísmo nas sociedades animais. A evolução dos traços altruístas, que se opõem a grupos, mas são favorecidos entre grupos, é facilitada pelo parentesco próximo dentro dos mesmos,

As perdas de aptidão dentro do grupo que os altruístas sofrem são parcialmente compensadas pelos ganhos de aptidão de parentes que compartilham a mesma informação genética. Dessa forma, os genes que controlam o comportamento podem recuperar as perdas de aptidão dos doadores de ações altruístas. Hamilton especificou uma regra útil para atos altruístas, como aqueles que determinam se tais comportamentos são favoráveis evolucionariamente: $rb > c$. Ou seja, se os benefícios (b) conferidos aos parentes, ponderados pela relação (r) do doador com o destinatário, forem maiores que o custo (c) conferido ao doador, essa ação é favorecida pela seleção natural.²¹⁶

A ideia central da seleção parental é conhecida como a teoria da 'aptidão inclusiva' e foi formulada em um modelo matemático chamado Equação de Hamilton:

$$B / C > 1 / r$$

isso pode ser reorganizado como

²¹⁶ Patten, em "Reference Module in Life Sciences" , 2017 - Em <https://www.sciencedirect.com/topics/biochemistry-genetics-and-molecular-biology/kin-selection> - acessado em 28 de julho de 2019

$rB > C$

Os elementos de custo (C) e benefício (B) e parentesco (r) nesta equação já foram introduzidos. O custo (C) é a perda de aptidão potencial do doador. O benefício (B) é a adicionalidade do destinatário devido aos atos do doador. A mensagem fundamental desta equação é que o comportamento de doação por parte do doador deve ser favorecido no curso da evolução se a relação doador-receptor (r) multiplicada pelo benefício adicionado ao receptor for maior do que o custo para o doador.²¹⁷

Mais recentemente, Alan Grafen expôs vários novos modelos matemáticos diversificando os resultados das pesquisas de Hamilton e expandindo suas fronteiras analíticas.²¹⁸ O resultado de todas essas abordagens se concentra na mesma afirmação:

Cooperação e altruísmo - e de fato comportamento social em geral - são definidos na biologia evolutiva de acordo com conceitos de custo e benefício, em particular, de acordo com custos e benefícios para a adequação de organismos em interação. Os efeitos de adequação dos comportamentos são aparentes e mensuráveis por meio de interações entre agentes e destinatários. O comportamento altruísta, em particular, foi utilmente definido como o comportamento em que um agente paga um custo à sua aptidão disponível, direta e vitalícia, e um destinatário

²¹⁷ Michael D. Breed, Janice Moore op.cit

²¹⁸ Grafen, Alan - Detectando seleção de parentes no trabalho usando aptidão inclusiva - Proc Biol Sci . 2007 7 de março; 274 (1610): 713–71 9. Publicado online em 2006 dez 12. doi: 10.1098 / rspb.2006.0140 ---- 00PMCID: PMC2197210 /

ganha um benefício à sua aptidão disponível direta e vitalícia.²¹⁹

Peter Woodford resume muitas discussões envolvendo a Teoria da Seleção Parental, e principalmente as provocadas por um artigo publicado na revista Nature por dois biólogos e matemáticos, Martin Nowak e Corina Tarnita. O artigo questionou a eficácia e o valor explicativo da teoria de 'aptidão inclusiva' de William Hamilton, a base teórica e matemática dominante de décadas de pesquisa empírica sobre a evolução do comportamento social - especialmente o comportamento cooperativo e altruísta - em todo o mundo.²²⁰

O autor destaca a reação da comunidade científica, referindo-se a esse artigo:

Várias respostas altamente críticas foram formuladas por 137 eminentes teóricos e empiristas da biologia evolucionária [2]. O número de cientistas que rejeitaram as conclusões de Nowak, Tarnita e Wilson foi, por si só, uma indicação do ponto nevrálgico que atingiu, e também da contínua centralidade da teoria de Hamilton no estudo da evolução social. (Woodford, op.cit)

²¹⁹ West SA, AS Griffin, Gardner A . 2007 Semântica social: altruísmo, cooperação, mutualismo, forte reciprocidade e seleção de grupos. *Evol. Biol.* 20, 415- 432. (doi: 10.1111 / j.14209101.2006.01258.x) Crossref PubMed , ISI , Google Scholar - Apud Woodford Nota 18.

²²⁰ Woodford, Peter - Avaliando a aptidão inclusiva - Royal Society Open Science - Publicado: 26 de junho de 2019 <https://doi.org/10.1098/rsos.190644>

No que diz respeito à perspectiva filosófica, emergiu uma conclusão muito relevante dessas discussões: a natureza multidisciplinar de qualquer discussão sobre o comportamento humano, como declaramos ao longo deste trabalho.

Descobrimos rapidamente que as questões levantadas, por sua natureza, abrangem uma variedade de disciplinas e áreas de especialização nas ciências biológicas, mas também em áreas que se baseiam em recursos teóricos das ciências da vida, como as ciências sociais evolutivas emergentes, antropologia, e filosofia. Esse escopo interdisciplinar se deve em grande parte ao crescente avanço na aplicação de teorias da evolução social em todo o mundo vivo, das células aos seres humanos, e a questões mais prementes sobre a generalidade dos princípios evolutivos. Por esse motivo, esta coleção apresenta artigos de pesquisadores em biologia matemática, ecologia comportamental, antropologia e medicina, filosofia da ciência e até teoria ética . (Woodford, op. Cit)

Sistematicamente, a ciência está buscando a demonstração das principais peças do quebra-cabeça que representa a transmissibilidade dos arquétipos.

CAPÍTULO VI

OS PRINCÍPIOS BÁSICOS DA MORAL NA PRÉ-HISTÓRIA

1. Introdução.

A única evidência aceitável para sustentar nossos argumentos, em face da metodologia adotada neste estudo, são os elementos materiais do comportamento humano, que poderiam ser cientificamente levados em consideração, embora limitados a consequências correlatas de outras evidências materiais ou sólidas presunções hermenêuticas.

Deveríamos construir os contextos em que esses elementos comportamentais existiram durante o Paleolítico para verificar se eles expressam algum tipo de conteúdo moral e quais princípios que eles representam.

Devemos entender como conteúdo moral comportamental, qualquer evidência de que os agentes estejam conscientemente processando a capacidade de atender a necessidades sociais complexas e mutáveis.²²¹

As razões para eleger o Período Paleolítico como palco desses contextos são explicadas no Capítulo II.

²²¹ Roland Zahn , Ricardo de Oliveira Souza e Jorge Moll - *Fundação Neural da Moralidade* <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.56026-7> - acessado em 29 de julho de 2019

Usaremos três contextos: o humano, o imaginário e o divino, e eles serão formatados a partir de pesquisas, análises, opiniões e evidências trazidas por vários autores.

2. O contexto humano.

Para construir o contexto humano no Paleolítico, devemos começar com um "cenário": uma descrição geral ou a atmosfera humana do período.

O pesquisador americano Norman Pedersen ²²² nos fornece este cenário:

Em minha pesquisa sobre sociedades paleolíticas, usei uma correspondência direta dos humanos da Era do Gelo com sociedades simples de caçadores-coletores conhecidas pela antropologia atual. Este é um grupo muito limitado. O critério que usei foi considerar que as sociedades não tinham agricultura, eram nômades / seminômades e não tinham contato com a civilização. Talvez apenas os esquimós polares descritos por Peter Freuchen se encaixem melhor nos critérios. O Kalahari Ju / wasi (Elizabeth Thomas Marshall), também conhecido como Kung e San Bushmen, teve um contato mínimo com as sociedades agrícolas. Os pigmeus Mbuti da floresta tropical de Ituri (Collin M. Turnbull) tiveram contato com agricultores vizinhos, mas permaneceram separados. O único outro grupo que achei que

²²² A semente da civilização - As origens da guerra, casamento e religião - 2017 - Sól-Earth Publishers - ISBN 978-1978169531; Quando o nome de Deus foi falado pela primeira vez : corrigindo equívocos sobre a pré-história - 13 de dezembro de 2014 - ISBN-10: 1505457068

poderia atender aos critérios foram os aborígenes australianos, mas não há literatura suficientemente imparcial para ser estudada. Toda pesquisa antropológica tem um viés moderno, que deve ser considerado.

Essas quatro sociedades simples de caçadores-coletores tinham comportamentos sociais muito diferentes de todas as outras sociedades humanas: nenhum líder, completa igualdade entre indivíduos, independentemente de sexo ou idade, nenhuma agressão violenta e nenhum comportamento egoísta. (de uma mensagem pessoal de Pedersen ao autor).

Muitos outros pesquisadores endossam a correspondência direta e modelos semelhantes, e podemos encontrar uma argumentação equivalente nos trabalhos de Christopher Bohem:

Podemos projetar esses padrões específicos de trás para frente no tempo, usando uma sistemática "analogia etnográfica". Esse ainda é um aspecto em desenvolvimento da pesquisa pré-histórica, mas minha versão conservadora sustenta que, se um comportamento for encontrado em todas as seis regiões em que os caçadores-coletores foram estudados por antropólogos nos últimos séculos, essencialmente o comportamento pode ser projetado retrospectivamente para incluir todos

os humanos comportamentalmente modernos.²²³

Podemos encontrar as teorias mais diversas e conflitantes relacionadas aos modelos culturais da evolução do comportamento humano e seus traços, desde suas origens primais até os dias atuais. A maioria delas leva em consideração as relações ou semelhanças entre esses traços pré-históricos e o comportamento humano moderno. Essa diversidade torna a pesquisa de alguma forma exaustiva e inconsistente. Christopher S. Henshilwood e Curtis W. Marean²²⁴ consideram que, em vez de focar no desenvolvimento da teoria, muitos pesquisadores sugeriram características comportamentais que são consideradas modernas e concentradas no registro empírico da antiguidade e distribuição dessas características. Os autores oferecem uma tabela descritiva de referências entre alguns traços comportamentais importantes e seus correspondentes estudos representativos, esclarecendo a pesquisa sistemática sobre essas correspondências".

Esta primeira imagem, ou capa do nosso contexto, concentra o cenário mais intocado possível com seus principais requisitos: uma sociedade de caçadores-coletores, ausência de civilização e a inexistência de uma economia agrícola. Deveríamos contemplar esse cenário

²²³ Bohem, Christopher, *Origens da Moral: "A evolução do altruísmo, vergonha e virtude"* (Nova York: Basic Books, 2012). Veja também C. Boehm, "As Consequências Morais da Seleção Social", *Behavior* 171 (2014): 167-83.

²²⁴ Christopher S. Henshilwood e Curtis W. Marean - *A origem do comportamento humano moderno - Crítica dos modelos e suas implicações nos testes* - apud *Current Anthropology* Volume 44, Número 5, dezembro de 2003 pela Fundação Wenner-Gren para Pesquisa Antropológica - pág.628.

com total imunidade relacionada a qualquer viés moderno ou modelo histórico.

A primeira estrutura que este estudo deve considerar é a afirmação de que os seres humanos, desde o início do Paleolítico, demonstraram o uso de elementos comportamentais e que sua natureza foi habilitada com as características do que os antropólogos chamam de modelo de estrutura social do "triângulo CCC". O "Triângulo CCC" é uma combinação única de traços humanos: "Cognição", "Cultura" e "Cooperação", e empregaremos esse modelo para analisar os contextos pré-históricos.

Durante o seminário "Origens da singularidade humana e da modernidade comportamental", realizado pela Arizona State University em 2010, estudiosos de antropologia, primatologia, ciências cognitivas, psicologia, paleontologia, arqueologia, biologia evolutiva e genética concordaram em definir que a singularidade humana é a "capacidade subjacente de produzir complexidade", compreendendo a modernidade comportamental como a expressão dessas capacidades.²²⁵

A cognição, a primeira dessas características, significa um elemento fundamental para qualquer comportamento moral e encontra seu conteúdo mais substancial na capacidade de lidar com abstrações. A evidência inquestionável da capacidade dos primeiros humanos

²²⁵ Despain, David - "Os primeiros seres humanos usaram força cerebral, inovação e trabalho em equipe para dominar o Planeta". Scientific American - em <https://www.scientificamerican.com/article/humans-brain-power-origins/> - acessado em 03 de agosto de 2019.

paleolíticos, relativas ao uso de símbolos para representar conteúdos abstratos, vem da linguagem.

Somente os seres humanos têm linguagem, o que nos permite pensar sobre o que é certo ou errado.²²⁶ Alen situa o início da linguagem humana no Médio Paleolítico e comenta os estágios desse desenvolvimento:

O desenvolvimento humano no Médio Paleolítico contribuiu para o surgimento da fala e da linguagem, arte, religião e habilidade técnica. Ao longo do tempo a fala se desenvolveu através do seguinte caminho: a primeira fase é caracterizada geralmente por pantomimas acompanhadas de grunhidos; no segundo estágio os povos paleolíticos começaram a se comunicar com gestos precisos associados aos correspondentes símbolos vocais ou palavras e, no final da terceira fase as pantomimas e grunhidos desapareceram completamente. As pessoas começaram a usar sinais sistemáticos e palavras. No início do terceiro estágio surgiu o pensamento analítico e a conclusiva. Desde aquela época, falar e pensar, registrava um crescimento constante.²²⁷

²²⁶ Boehm, Christopher - *Minding Nature Journal*: 2017, volume 10, número 2 - em <https://www.humansandnature.org/May-2017>

²²⁷ Alen, S - *Cultura lingüística e espiritual na idade da pedra* - 17 de dezembro de 2015 em <https://www.shorthistory.org/prehistory/language-and-spiritual-culture-in-old-stone-age/> - acessado 11/03/2019

Os símbolos fonéticos, sons e gestos semânticos alcançaram sua codificação visual progressivamente, iniciando a construção da linguagem escrita. A evidência mais antiga conhecida de expressão visual de ideias abstratas é datada de 60.000 aC e está gravada numa casca de ovo.

Portanto, os primeiros humanos paleolíticos possuíam as condições necessárias para lidar com abstrações complexas e expressá-las com a simbologia semântica apropriada, possibilitando a interação entre indivíduos que ultrapassavam os padrões simples e instintivos e incorporavam sua vontade, desejos, sensibilidade, ideias, interpretações, e sentimentos.

Além da linguagem e outros elementos semióticos, a tecnologia é um indicador relevante dos estágios cognitivos dos seres humanos. A tecnologia durante o longo período paleolítico evoluiu (i) referencialmente para as relações dos seres humanos com o meio ambiente e suas necessidades de sobrevivência e (ii) como um paralelo da evolução biológica. O processo evolutivo dessa evidência de cognição, tão significativo e revelador quanto a linguagem, é classificado de acordo com suas características e cronologia por Joseph V.Ferraro²²⁸

O autor ressalta que nosso conhecimento sobre a tecnologia paleolítica está apenas no começo e que os elementos disponíveis são muito poucos. No entanto, o que temos no momento é fortemente indicativo dos contextos que estamos estudando e, com certeza, como comenta Ferraro, devemos considerar essa aparente

²²⁸ Ferraro, JV (2012), Um pesquisador em tecnologia paleolítica. Conhecimento em educação natural 4 (2): 9

fraqueza do material científico como um estágio promissor:

Em vez de ser totalmente desmoralizante, isso na verdade contribui para tempos incrivelmente interessantes e estimulantes nos estudos paleolíticos. Novas descobertas importantes são feitas todos os dias; novas técnicas analíticas fornecem janelas para o passado que eram praticamente inconcebíveis até poucos anos atrás, e a adoção generalizada de uma abordagem científica cada vez mais rigorosa fornece aos arqueólogos uma sólida base metodológica sobre a qual se pode criar uma disciplina de ponta do século XXI. A 'era de ouro' da arqueologia paleolítica está apenas começando.²²⁹

Assim, por vários meios, a ciência demonstra que o comportamento do homem paleolítico, diferentemente de outros animais, não era apenas a construção de ações determinadas por instintos, mas um processo cognitivo original, complexo e consciente nas estruturas da mente e do cérebro. Se no comportamento de todos os outros animais apenas podemos identificar reações instintivas a determinados estímulos, no caso da evolução humana primal, devemos aceitar a existência de padrões comportamentais baseados em escolhas entre diferentes possibilidades afetadas pela interação entre indivíduos, muitas vezes divergentes das formas comportamentais instintivas normalmente esperadas.

Pedro Blaz Gonzalez considera essa suposição em seu conceito de economia dos seres:

²²⁹ Ferraro, op. Cit.

Em relação ao homem na pré-história, a economia do ser representa um momento de premente necessidade vital, quando o escopo de valores era mais estreito do que é hoje. Isso sugere que fazer escolhas que salvaguardassem a sobrevivência dos indivíduos e de seu pequeno clã era de importância crucial. Parece que a gama de escolhas do homem primitivo foi guiada de maneira eficiente em direção à sobrevivência. Dadas as demandas físicas, emocionais e psíquicas de suas condições de vida, a escolha pelo homem primitivo exigia um envolvimento consciente com seu campo limitado de possibilidades.²³⁰

Chamamos esses padrões comportamentais de "arquetipos", e aqui afirmamos que eles continham todos os elementos e qualidades essenciais existentes em qualquer conceito de moral, a qualquer tempo ou momento.

O segundo elemento do "Triângulo do CCC" é "Cultura", que significa um produto do pensamento e do aprendizado social facilitado pela linguagem, tecnologia, criatividade e inovação.²³¹

Pode-se identificar um contexto cultural pela observação das características externas de um grupo ou estrutura social: linguagem, arte, crenças, interação interna e organização.

²³⁰ Gonzalez, Pedro Blaz / - *A Economia do Ser - Cultura*. International Journal of Philosophy of Culture and Axiology 11 (1) / 2014: 23–39

²³¹ Despain, David - op.cit.

Pedersen concentrou-se nesses elementos para delinear a estrutura cultural dos seres humanos no Paleolítico:

Abordamos os estudos sociológicos e antropológicos com a crença de que a natureza humana é absoluta, que as pessoas são sempre pessoas; que sempre tivemos as mesmas motivações e emoções. Infelizmente, isso provou ser uma suposição falsa. 20.000 anos atrás, a natureza humana era muito diferente daquilo que hoje entendemos como tal. Violência e agressão, competição e ambição; vaidade e ganância não são primais; surgiram do comportamento humano moderno. Toleramos comportamentos antissociais por entendê-los como inerentes à nossa natureza humana; mas nenhuma dessas características existia entre sociedades simples de caçadores-coletores (e, portanto, entre nossos ancestrais pré-históricos). Por 150.000 anos, a natureza humana foi mais delicada e gentil, não agressiva e atenciosa. Nossos ancestrais eram inteligentes, extremamente competentes, igualitários e altruístas. Essa é a natureza humana de nossas espécies de *Homo sapiens* antes do advento da Civilização se tornar necessário.²³²

Algumas estruturas específicas são observáveis no Paleolítico, começando pela organização social.

Analisar a organização social no Paleolítico é uma tarefa árdua por três razões principais: (i) o período é excepcionalmente longo e abrange diferentes estágios

²³² Pedersen, Norman - <https://pedersensprehistory.com/biases-about-prehistory> - acessado em 18 de março de 2019.

de desenvolvimento e evolução humanos; (ii) a evidência científica é escassa e freqüentemente incongruente; (iii) muitos tipos de pesquisa contêm vários vieses e seus resultados não podem ser totalmente validados.

Uma demonstração dessa fragilidade de resultados na pesquisa paleolítica é visível em algumas incongruências frequentes. Evidências em estudos arqueológicos sugerem que a organização social paleolítica possuía uma estrutura simples e um padrão uniforme de comportamento social. Ao contrário desta afirmação, pesquisas recentes sobre elementos fósseis e paleoambientais indicam estruturas sociais complexas e uma variabilidade visível no comportamento social.

Steven Mithen avalia a incongruência de tais descobertas da seguinte maneira:

Argumentarei que a resolução desse paradoxo e, de fato, uma compreensão da pré-história primitiva em geral, só pode ser obtida abordando a evolução da mente, um argumento que eu expus em mais detalhes em outros lugares (Mithen, 1996).²³³

Pedersen nos adverte sobre o conteúdo inapropriado de muitos estudos disponíveis sobre a sociedade paleolítica:

Os estudiosos assumem que os comportamentos dos homens modernos são universais ao longo do tempo, por exemplo, antagônicos, coercitivos, dominadores, beligerantes.

²³³ Mithen, Steven - A pré-história inicial do comportamento social humano - Questões de referência arqueológica e evolução cognitiva - Anais da Academia Britânica - 88, pg.145 / 177

Os estudiosos usam as motivações do homem moderno para explicar as sociedades de caçadores-coletores, por exemplo, intimidação, pressão dos outros indivíduos, segregação. Esses termos não se aplicam às sociedades nômades de caçadores-coletores. Eles são ingredientes apenas dos homens modernos e civilizados. Os estudiosos geralmente não conseguem diferenciar entre caçadores-coletores nômades / seminômades e caçadores-coletores sedentários. Há um mundo de diferenças, e é por isso que eles foram classificados como caçadores-coletores simples e complexos.²³⁴

O autor vai além e recomenda o banimento, nesses estudos, do uso de conceitos e linguagem inadequados para definir comportamentos individuais e sociais, e indica termos e conceitos que não têm significado para os caçadores-coletores: divisão do trabalho, domínio masculino sobre o feminino, status, território, propriedade, regras de reciprocidade de em trocas, definições de parentesco, parentesco como fator social, casamento como fator político, casamento com primos evitados como tabu cultural, pressão dos pares, agressão, coerção como fatores sociais e crime.

Portanto, desde que nossas preocupações se refiram a conteúdos morais agregados ao comportamento social, concentraremos nossa atenção na evolução das evidências da mente, e não nas características sociais estruturais ou organizacionais mostradas pela arqueologia tradicional.

²³⁴ Pedersen, Norman – A Pré-História de Pedersen em <https://pedersensprehistory.com/biases-about-prehistory>

Preferimos esses caminhos, embora algumas características organizacionais sejam amplamente conhecidas e sejam suficientes para fundamentar nosso estudo sobre os elementos comportamentais decorrentes da estrutura social do Paleolítico.

Três níveis de organização social são reconhecidos entre os caçadores-coletores humanos: a unidade doméstica, a comunidade e a bando.²³⁵ Nestes três níveis, devemos procurar especificamente evidências sociais e comportamentais.

Wolfgang Haak²³⁶ alcançou a demonstração da unidade doméstica. Ele alegou ter trabalhado com sua equipe em uma análise de algumas relações familiares em uma série notável de enterros descobertos na Alemanha Central em 2005 e declarados nos Anais da Academia Nacional de Ciências. "Estabelecemos a presença do núcleo família clássica em um contexto pré-histórico." Os pesquisadores descobriram que as crianças e os homens adultos cresceram na área de Eulau, enquanto as mulheres adultas vieram de pelo menos 60 quilômetros de distância - uma indicação de que os núcleos familiares nessa região estavam organizadas em torno de homens locais que acasalavam com mulheres de outros locais.²³⁷

²³⁵ Robert Layton, Sean O'Hara, Alan Bilsborough - Antiguidade e funções sociais da organização social multinível entre caçadores-coletores humanos - International Journal of Primatology Volume um 33, edição 5 , pp 1215–1245 DOI <https://doi.org/10.1007/s10764-012-9634-z> .Springer US - Print ISSN0164-0291 Online ISSN1573-8604

²³⁶ Um geneticista do Centro Australiano de DNA Pré-Histórico em Adelaide.

²³⁷ Balter, Michael - *Valores da família pré - histórica* - 17 de novembro de 2008 em <https://www.sciencemag.org/news/2008/11/prehistoric-family-values> - acessado em 12 de dezembro de 2018

A expressão “núcleo familiar clássico” com certeza é um viés moderno que não devemos adotar. De qualquer forma, é relevante a demonstração da existência de um núcleo doméstico definido e estável.

Atualmente, não há meios de se decifrar as várias características específicas desses núcleos, mas sua existência, por si só, é suficiente para sustentar a existência de comportamentos sociais indispensáveis e adequados entre seus membros, com base nas necessidades, motivações e escolhas. A interação indubitável dos núcleos constrói as comunidades primitivas, que, por sua vez, significam a prática de comportamentos sociais mais complexos, baseados nos mesmos elementos.

Pelo simples fato de que isso aconteceu entre agentes dotados de capacidade cognitiva suficiente, todos esses processos significaram práticas diversificadas de escolhas individuais e coletivas. Em outros termos, eles continham princípios e comportamentos morais.

Além dessa organização social, vários outros elementos culturais são expressivos no que diz respeito às estruturas psicológicas, emocionais e comportamentais dos indivíduos.

Podemos exemplificar com a consciência da vida e da morte, a interminável questão metafísica do humano, que aparece com traços culturais determinantes no Paleolítico:

Desde o Médio Paleolítico, cerca de 120.000 anos AC , enterros de crianças, mulheres e homens jovens encontrados em cavernas na Europa (França) e Ásia (Palestina) sugerem vínculos de relacionamento e comportamento social. Estas são as primeiras indicações de respeito e crenças em uma vida após a morte e

são expressões mentais do homem de Neandertal . Os mortos também eram enterrados em cavernas, abrigos de pedra e valas, independentemente do sexo. Os enterros são acompanhados por oferendas do grupo social, como ferramentas, chifres de animais e flores. Em muitos casos, o rosto ou o corpo dos mortos era adornado com ocre, "o ouro" do Paleolítico. Hábitos semelhantes surgiram em numerosos enterros humanos do Homo sapiens sapiens (homem moderno), que datam do Paleolítico Superior (35.000 a 11.000 AC).²³⁸

Inúmeras evidências desse comportamento social relacionado ao dualismo vida-morte são expressas em práticas e rituais no período. Somente seres cognitivos e morais são capazes de formular, interpretar, simbolizar e expressar esse dilema metafísico. Sob qualquer circunstância, vida e morte são questões morais.

Christopher Bohem esclarece a evidência da consciência do valor da vida, um dos princípios morais mais significativos, nas sociedades paleolíticas:

Pré-histórica mente, matar membros de grupos era moralmente condenado, pois a crença de que "não matarás" precedeu temporalmente, em muito, os escritos da Bíblia. No entanto, essa condenação antiga e universal estava sujeita a importantes exceções. A morte por misericórdia era tolerada, assim como o infanticídio como

²³⁸ "Sociedade Paleolítica" em

<http://www.ime.gr/chronos/01/en/pl/society/index.html> – acessado em 24 de maio de 2019.

forma de controle de natalidade, enquanto a pena de morte era legítima como uma estratégia de grupo para lidar com atos extremos, intoleráveis e inevitáveis de outros desvios sociais. Tais práticas foram o resultado de intenções da comunidade e, para serem adotadas, tiveram que ser fortemente aprovadas - ou pelo menos ser moralmente apoiadas - por todo o grupo. [...] Isso significa que nossos pequenos grupos de caça pré-históricos, , geralmente nômades, ao menos nos últimos milhares de gerações, atuavam como comunidades morais auto protetoras e julgadoras, que podem formar um consenso e moralmente concordar em tomar medidas extremas sempre que um problema social se tornar suficientemente daninho. [...] Com punição capital e altruísmo, padrões de escolha sofisticada têm trabalhado consistentemente ao longo dos períodos evolutivos para criar esses efeitos paralelos em nosso genoma.²³⁹

Além da organização social, as artes desempenham um papel essencial em qualquer contexto cultural e descrevem a percepção e a cognição humanas em uma determinada situação de espaço-tempo. Apesar da universalidade da sensação estética como Kant sustentou, seu ' conteúdo material é fortemente cultural-relativo.

A diversificada arte paleolítica revela muitas características da vida individual e social da época e fundamenta as noções modernas sobre a universalidade

²³⁹ Bohem, Christopher - Pena capital pré-histórica e efeitos evolutivos paralelos - *Minding Nature*: 2017, volume 10, número 2

estética. As relações diretas e a influência recíproca entre artes e moral são amplamente conhecidas.²⁴⁰

Revelações de atividade artística, na forma de gravuras diagonais feitas com um dente de tubarão, foram feitas em 2014, relacionadas a um fóssil de 500.000 anos de um molusco encontrado em Java na década de 1890, associado ao *Homo erectus*.²⁴¹

Podemos estimar que o desenho mais antigo conhecido, feito por mãos humanas, tenha 73.000 anos.²⁴²

Resultados de locações de arqueologia paleolítica sugerem que os indivíduos pré-históricos usavam ferramentas de escultura e perfuração para fazer instrumentos e criar música para comunicação e diversão . Os arqueólogos descobriram flautas paleolíticas esculpidas em ossos nos quais são perfurados orifícios laterais. A flauta "Divje Babe" , esculpida a partir de um osso de urso das cavernas , é estimada em ter pelo menos 40.000 anos.²⁴³

A dança também era uma manifestação artística. Os antropólogos se referem a sua prática como inspirada nos movimentos da natureza (animais, vento, ondas e outros elementos) e usada em cerimônias, rituais e na vida

²⁴⁰ Kieran, Matthew - Arte, Imaginação e Cultivo da Moralidade (arte) *The Journal of Aesthetics and Art Criticism* - vol. 54, n. 4 (outono de 1996), pp. 337-351

²⁴¹ <https://www.newscientist.com/article/mg22429983.200-shell-art-made-made-300000-years-before-humans-evolved.html>

²⁴² St. Fleur , Nicholas (12 de setembro de 2018). "Desenho mais antigo conhecido por mãos humanas descoberto na caverna da África do Sul" *The New York Times* . acessado em 15 de setembro de 2018.

²⁴³ Massey, Reginald e Massey, Jamila. *A música da Índia* - Google Livros

cotidiana, expressando sentimentos, orações, emoções e acontecimentos.

Os restos da arte paleolítica são muito poucos, mas sua existência naqueles tempos remotos é uma demonstração consistente das antigas habilidades emocionais cognitivas e relacionais humanas.

Ambrose (118) diz: "A arte paleolítica, bem como a arte de outras culturas de caçadores-coletores ao longo da história, parece provar que a arte existe em todas as sociedades humanas".

Do mesmo modo que nas sociedades modernas, a arte paleolítica expôs um conteúdo semiótico complexo que envolve a experiência empírica, as referências e interpretações ambientais, a interação humana e o imaginário projetivo. As pesquisas de Mithen chegaram a essa evidência:

Essa arte fazia parte da moderna adaptação ecológica humana ao ambiente. A arte funcionava para estender a memória humana, manter conceitos difíceis de entender pelas mentes e instigar o pensamento criativo sobre a solução de problemas ambientais e sociais.²⁴⁴

Donald considera tal universalidade do ponto de vista de sua causalidade:

Não há razão para pensar que a arte visual no Paleolítico Superior tenha vindo de uma fonte criativa diferente da atual. O cérebro humano é

²⁴⁴ Mithen, Steven (2009) - " Farejadores Atentos: um estudo da tomada de decisão pré-histórica " Cambridge University Press; reedição (12 de março de 2009) ISBN-10: 052110288XISBN-13: 978-0521102889

a restrição biológica e a fonte última de criatividade. A cultura fornece os campos semânticos específicos que determinam o significado. Assim, não podemos esperar que a inspiração para a arte parietal do Paleolítico Superior tenha sido de alguma forma originada fora das redes sociocognitivas que moldaram seus equivalentes modernos.²⁴⁵

O terceiro e último elemento do "Triângulo do CCC", nosso modelo sociológico, é "Cooperação".

Para analisar esse elemento, temos duas maneiras: a afirmativa e a negativa, ou o raciocínio lógico da "inclusão-exclusão".

De maneira afirmativa (inclusão), uma descoberta geral descarta evidências e estudos específicos: o homem paleolítico sobreviveu e evoluiu continuamente por cento e cinquenta milênios, com base em pequenos e organizados grupos interativos. Eles trocaram recursos como artefatos, tecnologia, conhecimento, experiência e crenças, nas condições ambientais mais agressivas e inóspitas da vida nômade, carentes de recursos e cheias de ameaças. Inquestionavelmente, esta odisséia não seria possível sem a cooperação.

Não importa para o nosso estudo determinar como aconteceu a cooperação e quais evidências detalhadas temos sobre essas formulações ou procedimentos específicos. A cooperação no Paleolítico, desse ângulo

²⁴⁵ Donald, M. (2009) 'As raízes da arte e da religião na cultura material antiga', em Renfrew, C & Morley, apud Ambrose, Darren - *A afetividade da arte pré-histórica* (parte 2) em [https://dcambrose.com/filosofia/a-afetividade-da-arte-pré-histórica-parte-2/](https://dcambrose.com/filosofia/a-afetividade-da-arte-pre-historica-parte-2/) - acessado em 21 de abril de 2019

afirmativo, é apenas uma inferência lógica óbvia, apoiada no argumento histórico.

Do lado negativo (exclusão), devemos perguntar sobre a presença do oposto da cooperação, para confirmar (ou negar) as conclusões da maneira afirmativa. O oposto de cooperação significa competição, e aqui, mais uma vez, Pedersen pode nos ajudar:

Os esquimós polares e os Kalahari Ju / wasi não tinham competição. Eles a evitavam frequentemente. Nossos simples ancestrais caçadores-coletores viveram a mesma experiência, com perfeita equanimidade social, por 150.000 anos.

Justificamos a competição como construtoras de habilidades físicas e mentais, mas nossos ancestrais simplesmente praticavam suas habilidades até o ponto em que elas fossem suficientemente adquiridas: - eles não precisavam de vencer um oponente para isso.²⁴⁶

O argumento de Pedersen fica mais forte na extensão em que ele considera a guerra como a competição extrema. De fato, não há pesquisas indicando os restos de conflitos armados ou guerras no Paleolítico.

Conclusivamente, o caminho lógico exclusivo confirma o inclusivo, e podemos afirmar coerentemente e profundamente que a presença de cooperação é evidência nas sociedades paleolíticas.

²⁴⁶ Pedersen, Norman - A Semente da Civilização - Sól-Earth Publishers - ISBN 978 - 1978169531 - pág. 115

3. O Contexto do Imaginário e do Divino

O imaginário é o reino do livre arbítrio humano. Essa afirmação geralmente provoca uma reação de repugnância ou uma queixa enfurecida entre os deterministas radicais de qualquer seita.

Não discutiremos essas ideias teóricas pré-formatadas que não iluminam nenhuma discussão, e cujos esforços para demonstrar que o conhecimento e a consciência humanos não existem levam à crença inútil da esterilidade da inteligência.

Podemos aprender com o neurocientista Peter Ulrich Tse que o que dissemos tem fundamento científico:

Veremos que os resultados que surgem de operações internas na memória funcional, que proporcionam imaginação e deliberações sobre o futuro, podem alterar as probabilidades de futuros cursos de ação. Argumentarei que a evolução instanciou essas condições necessárias para o livre arbítrio em nossos cérebros. De fato, a evolução nos proporcionou dois tipos de livre arbítrio: um que compartilhamos com outros animais, a saber, a capacidade de pesar e selecionar dentre as opções projetadas internamente, e o outro, exclusivo dos seres humanos, que é a capacidade de imaginar e, em seguida,

começar a se tornar um novo tipo de escolha no futuro.²⁴⁷

A presença e expressão do imaginário em uma sociedade é uma demonstração cultural da capacidade cognitiva, consciência social, sensibilidade estética, livre arbítrio e criatividade entre seus indivíduos. O imaginário é um ingrediente material na construção do comportamento moral. A projeção da realidade atual em um futuro imaginário, e a percepção de suas consequências, é um mecanismo de escolha inteligente e certamente é um mecanismo moral. Sem essa projeção, o comportamento moral, que é um exercício de escolha, seria uma simples ocorrência aleatória.

A presença do imaginário e suas diversas expressões são uma das características relevantes das sociedades paleolíticas. A estrutura semiótica dessas expressões, e a capacidade evolutiva de lidar com símbolos, são elementos visíveis desde o início do Paleolítico.

Pesquisas indicam que a evolução das artes durante esse período é visível nas formas visuais, bem como nas danças rituais e outras expressões estéticas, além de superarem a representação do mundo conhecido. A arte se tornou conceitual quando alcançou o nível de expressão de abstrações, como emoções e elementos imaginários, e configurou a prática da "arte em prol da arte".

Eduardo Palacio-Pérez e Aitor Ruiz Redondo focalizaram o conteúdo de tais expressões do imaginário:

²⁴⁷ Tse, Peter Ulrich no curso *Libertarian Free will – Evidence Neurocientific and Philosophical Evidence* - no Dartmouth College.

No curso das pesquisas atualmente sendo realizadas em Santimamine (Bizkaia, Espanha) (González S'ainz & Idarraga 2010) e Altxerri (Gipuzkoa, Espanha), uma série de figuras zoomórficas foi identificada (quatro no total entre os dois locais) que representam criaturas que não existem na natureza (Figura 1). São exemplos das chamadas "criaturas imaginárias", seres irrealis ou fantásticos que aparecem nos conjuntos de arte paleolítica. Apesar de sua raridade - menos de 50 são conhecidos na arte parietal do Paleolítico - eles têm sido objeto de debate e controvérsia desde que o primeiro deles foi descoberto.²⁴⁸

Do mesmo modo, a experiência humana naqueles tempos trouxe a percepção do âmbito do Divino e, diante da compreensão da morte, as crenças coletivas e projetivas sobre uma vida "post mortem". Aqui a religião, os mitos e ritos começam.

Focando este contexto, podemos entender que tanto os rituais quanto a religião são expressões diferentes do comportamento humano do mesmo fenômeno: a suposição da existência do Divino e as formas de relação e comunicação com a divindade.

Evidências críveis e coerentes, trazidas pela arqueologia e antropologia, indicam a existência desse sentimento e percepção metafísicos desde pelo menos os meados do período paleolítico. A religião agrega os conteúdos

²⁴⁸ Palacio-Pérez, Eduardo e Redondo, Aitor Ruiz - Criaturas imaginárias na arte paleolítica: sonhos pré-históricos ou sonhos dos pré-históricos? DOI: <https://doi.org/10.1017/S0003598X00050341> Publicado online por Cambridge University Press: 02 de janeiro de 2015

espirituais e psicológicos, sistemas e elementos semióticos que definem a relação da divindade com os humanos. Os rituais são comportamentos corporais e psicológicos estereotipados que expressam elementos da religião.

Hervey C. Peoples , Pavel Duda e Frank W. Marlowe descrevem as características desse processo:

Reconstruímos estados de caracteres ancestrais usando uma "superárvore temporalmente calibrada", baseada em árvores filogenéticas publicadas e classificação linguística, e depois testamos a evolução correlacionada entre os caracteres e a direção da mudança cultural. Os resultados indicam que o traço mais antigo da religião, presente no ancestral comum mais recente dos caçadores-coletores atuais, foi o animismo, de acordo com crenças de longa data sobre o papel fundamental desse traço. Surgiu a crença na vida após a morte, seguida de xamanismo e adoração aos antepassados. Espíritos ancestrais ou deuses elevados que são ativos nos assuntos humanos estavam ausentes nos primeiros humanos, sugerindo uma história profunda para a natureza igualitária das sociedades de caçadores-coletores.²⁴⁹

O imaginário individual e coletivo, a capacidade de interpretar a natureza como expressão do divino, de representá-la com elementos semióticos e de superar o desconhecido pela construção de mitos, lendas e

²⁴⁹ People, Hervey C. , Duda, Pavel e Marlowe, Frank W. "Hunter-Gatherers e as origens da religião", *HumNat Journal* - Sep 2016: 27 (3): 261-82. doi: 10.1007 / s12110-016-9260-0

abstrações figurativas foram os ingredientes do contexto imaginário / divino.

Dessa complexa experiência humana, surgiu a sensibilidade estética, as suposições metafísicas e as crenças religiosas. Eles evoluíram continuamente para comportamentos morais e sociais específicos incorporados ao inconsciente coletivo.

Em termos junguianos,

A mentalidade primitiva não inventa mitos; experimenta-os. Os mitos são revelações originais da psique pré-consciente, declarações involuntárias sobre acontecimentos psíquicos inconscientes e qualquer coisa, menos alegorias de processos físicos. Tais alegorias seriam uma diversão ociosa para um intelecto não científico. Os mitos, pelo contrário, têm um significado vital. Não apenas representam, são a vida psíquica da tribo primitiva, que imediatamente se desfaz e se deteriora quando perde sua herança mitológica, como um homem que perdeu a alma. A mitologia de uma tribo é sua religião viva, "cuja perda é sempre e em toda parte, mesmo entre os civilizados, uma catástrofe moral.

No entanto, a religião é um elo vital com os processos psíquicos independentes da consciência e além dela, no escuro interior da psique. Muitos desses processos inconscientes podem ser indiretamente ocasionados pela consciência, mas nunca por escolha consciente. Outros parecem surgir

espontaneamente, ou seja, de nenhuma causa consciente discernível ou demonstrável.²⁵⁰

²⁵⁰ Jung, Carl Gustav - Os arquétipos e o inconsciente coletivo, cit. Vol.4

CAPÍTULO VII

RECOMPOSIÇÃO DE UM SISTEMA PRÉ-HISTÓRICO DE MORAL

Se contemplarmos os três contextos das sociedades paleolíticas que exploramos (o humano, o imaginário e o divino), certamente algumas questões surgem. As mais importantes são: "O que tornou esses contextos possíveis?" "Quais são as condições 'sine qua non' desse processo?"

Entre explicações diversas e igualmente corretas, isso se torna o centro de nosso estudo: um sistema de comportamento moral esteve sempre presente na evolução social humana. Analisando a estrutura do nosso modelo sociológico do "Triângulo do CCC", podemos entender imediatamente que nada contido nas evidências que coletamos existiria na ausência de comportamento moral. Se eliminássemos a existência de um sistema moral em qualquer fase da evolução humana, os resultados mudariam drasticamente. É relativamente simples construir vários modelos sociais e antropológicos experimentais baseados na ausência da moral desde o início do Paleolítico. Ocorre que nenhum deles conduzirá aos mesmos resultados demonstrados pela História Humana.

Estávamos procurando, desde o início deste trabalho, "a bola deste jogo". Não conseguíamos vê-la porque a foto colorida da partida de futebol não a mostrava. No entanto, sabíamos que estava lá porque é um elemento indispensável para uma partida de futebol. Negar sua presença significaria que o que vimos na foto poderia ser uma festa, uma peça teatral ou qualquer outra coisa que não uma partida de futebol. O Triângulo CCC nos mostrou que ela existe.

Toda essa evidência trazida por diferentes fontes é o fundamento de nossas inferências e, passando por pesquisas filosóficas e científicas, teorias e debates, finalmente encontramos a justificativa de nosso raciocínio.

De nossos três contextos, podemos facilmente extrair vários princípios morais existentes no Paleolítico, representados e expressos através de comportamentos sociais, sem os quais a história não seria como é. É possível resumi-los da seguinte forma:

A noção de vida e morte.

A percepção do valor da vida humana e a necessidade de preservá-la.

A necessidade da melhor relação entre o indivíduo e a vida social para possibilitar a sobrevivência.

A necessidade de comportamentos cooperativos e esforços congregacionais para esse fim.

A definição de situações extremas em que a sobrevivência social prevalece sobre a existência individual (pena de morte, eutanásia, etc.).

Altruísmo em vez de egoísmo.

Igualdade e ausência de discriminação.

Ausência de de dominação social ou interpessoal.

O valor do livre arbítrio e a importância das escolhas.

Agregação e troca em vez de competição e agressão.

O significado do núcleo doméstico-familiar e sua estabilidade.

A responsabilidade pela reprodução e cuidados com a prole,

A expressão de sentimentos, ideias e emoções por meios sociais, como as artes.

O dilema consciente sobre a morte e a vida após a morte.

A percepção do Divino, os esforços para entendê-lo e a projeção de sua natureza.

Uma relação não destrutiva com o meio ambiente.

Flexibilidade para adaptação.

Por "Sistema Moral Paleolítico" entendemos o modelo social e comportamental que podemos construir com todos esses princípios trazidos pela observação empírica da experiência humana. De maneira alguma, adotamos qualquer tipo de abordagem deontológica nesses comportamentos e os entendemos como características proposicionais internas das sociedades envolvidas, adquiridas pela experiência e agregadas ao genoma humano como elementos do inconsciente coletivo. Eles são os arquétipos morais, o objeto deste estudo.

Por esse motivo, afastamo-nos de qualquer tentativa de interpretar esses arquétipos como um código moral. Os códigos morais não têm sentido para o pensamento filosófico. Eles são modernas expressões linguísticas deontológicas e formais da tentativa de converter em preceitos sociais objetivos alguns princípios morais específicos, intencionalmente escolhidos de acordo com as circunstâncias de uma sociedade em um determinado contexto espaço-tempo. São expressões semânticas teleológicas formais. Não é possível, portanto, o surgimento de um sistema moral a partir do estudo de um código moral, seja ele qual for. Os sistemas morais abrigam e protegem comportamentos, em vez de

declarações textuais, e podem ser comparados com outros sistemas. Por sua vez, os códigos morais não podem ser comparados a nada, exceto a si mesmos.

CAPÍTULO VIII

RELAÇÕES ENTRE O SISTEMA MORAL PALEOLÍTICO E A SOCIEDADE MODERNA

Os princípios contidos no sistema moral paleolítico viajaram por incontáveis milênios gravados no genoma humano, até os dias atuais. Eles nunca mudaram, nem nossa natureza os esqueceu. Em muitos tempos e lugares, por várias razões, eles não foram representados no comportamento social como um sistema moral ou não foram adotados por grupos sociais por alguns períodos de tempo. No entanto, eles permanecem lá em sua integridade, sempre e sempre.

Há apenas uma possibilidade hipotética de eliminação do sistema moral paleolítico do nosso inconsciente coletivo: a construção de uma sociedade humana muito mais eficiente como estrutura evolutiva do que as sociedades caçadoras-coletoras, baseada em comportamentos morais inteiramente diferentes e capazes de obter mais sucesso evolucionário do que elas, sob todos os pontos de vista.

Essa sociedade hipotética deve ser submetida aos processos dialéticos naturais de sobrevivência, evolução e estabilidade da humanidade por muitos milênios, para substituir gradualmente o conteúdo de nosso inconsciente coletivo existente. No entanto, esta hipótese é irreal e constituiria um mundo diferente e uma espécie diferente daquilo que fomos e somos.

Com certeza, qualquer sistema moral eficaz é adaptável a mudanças culturais, tecnológicas, biológicas e

ambientais . A adaptabilidade é um dos princípios cruciais que mencionamos. Por esse motivo, argumentamos que nossos fundamentos morais originais são de alguma forma relativos aos contextos tempo-espaco.

Quando mudanças estruturais no tecido social ocorreram com os primeiros assentamentos agrícolas e organizações urbanas, no final do Paleolítico Superior e no início do período Mesolítico, ocorreu um dos processos mais significativos de adaptação do comportamento humano. Mesmo sob a influência dessas mudanças extremas no modelo social, os princípios morais do Paleolítico persistiram com flexibilidade e adaptabilidade. De fato, as pesquisas sustentam a crença de que os modelos sociais, resultantes da transformação da sociedade de caçadores-coletores na vida territorial decorrente dos primeiros assentamentos, não continham necessariamente nenhum traço ou mecanismo de interrupção do comportamento moral.

O modelo econômico da sociedade mesolítica primitiva era perfeitamente compatível com as propriedades evolutivas e os fundamentos morais de nossos ancestrais paleolíticos, como explica Vernon L. Smith:

O homem pré-histórico desenvolveu instituições que condicionavam seu uso de recursos. Os direitos de propriedade evoluíram como parte essencial do ambiente institucional do homem, como resultado das restrições em mudança do ambiente natural e tecnológico. Esses direitos de propriedade poderiam evoluir na ausência de um estado centralizado, porque dependiam da reciprocidade, dependência mútua e formas de controle semelhantes ao estado, alcançadas por meio de laços, costumes e cultura de parentesco mais amplos. Embora os direitos de

propriedade iniciais nem sempre fossem privados ou transferíveis, eles restringiam o comportamento individual e de grupo, limitando o acesso a recursos escassos. Nesse sentido, a evolução bem-sucedida da humanidade está intimamente relacionada aos costumes e cultura que moldaram os direitos de propriedade pré-históricos.²⁵¹

Quando voltamos nossa atenção para a sociedade moderna, tão distante da vida de caçadores-coletores em termos de cronologia, tecnologia, cultura e comportamento, à primeira vista, podemos acreditar que ambas são realidades inteiramente diferentes. Essa percepção é tão simplista quanto falsa. Por um lado, a diferença cronológica de aproximadamente 12.000 anos é irrelevante em termos evolutivos e genéticos, quando comparada aos 150.000 anos de estabilidade comportamental do Paleolítico. Por outro lado, e no que diz respeito ao comportamento moral, podemos encontrar em qualquer período da vida humana moderna a persistência dos mesmos princípios morais pré-históricos básicos, expressos como comportamentos sociais ou como "desiderata".

Devemos sempre considerar desiderata sociais e culturais em qualquer análise de processos morais adaptativos, porque elas transportam o mesmo conteúdo ético que o comportamento. O comportamento é uma prática ativa; as desiderata sociais e culturais são a essência persistente

²⁵¹ Smith, Vernon L. (1993) " *Humankind in Prehistory: Economy, Ecology, and Institutions* " em *The Political Economy of Customs and Culture*, editado por Terry L. Anderson e Randy T. Simmons, Copyright 1993 Rowman & Littlefield Publishers

da cognição humana sobre o comportamento. O conteúdo semiótico e a estrutura de nossas desiderata culturais são complexos e agregados ao nosso inconsciente coletivo da mesma maneira que os princípios comportamentais morais. Ambos são elementos universais arquetípicos, e podemos encontrar em ambos os traços e raízes de nossa moralidade arcaica. Conseqüentemente, admitimos que a moralidade humana é universal, que seu conteúdo é composto de arquétipos e expresso através de comportamentos e desiderata.

A Teoria da Agregação considera o valor desses conteúdos semióticos na adaptação social, como Hinde expõe:

A teoria da agregação baseia-se em parte em considerações biológicas relacionadas às forças seletivas que provavelmente agiram em nosso ambiente de adaptação evolutiva. Essa abordagem funcional coloca questões raramente abordadas pelos desenvolvimentistas - por exemplo, por que os humanos são construídos de tal forma que experiências particulares de infância têm resultados específicos? Hoje, muitos comportamentos são direcionados a outros objetivos além da maximização da aptidão inclusiva. Esse fato coloca uma série de perguntas sobre as relações entre desiderata biológicas e culturais e os métodos para avaliar sua agregação. Finalmente, são consideradas as relações das

desiderata biológicos e culturais com o objetivo individual do bem-estar psicológico.²⁵²

Assim, argumentamos que o dia-a-dia de comportamentos morais na sociedade moderna, agregando elementos de muitas situações espaço-temporais diferentes, não altera seus fundamentos pré-históricos e limita-se às adaptações necessárias da sociedade experimentando novas tecnologias, novos conhecimentos científicos, muitas influências evolutivas, religiosas, econômicas e políticas, aquisições e perdas culturais. Essas mudanças são superficiais e geralmente relacionadas a características limitadas e circunstanciais do comportamento moral.

Por meio de nossas pesquisas, não foi possível identificar nenhum comportamento moral adaptável e estável introduzido pelos seres humanos modernos, capaz de alterar ou eliminar qualquer um dos princípios morais primais encontrados em nossa pesquisa.

No entanto, devemos levar em conta que a sociedade moderna, com sua complexidade contínua e progressiva, freqüentemente se desvia comportamentalmente para combater situações evolutivas por meio da adoção de práticas e conceitos que violam nossos princípios morais originais. Essas contravenções não são mudanças adaptativas nem a relativa evolução cultural do sistema moral. São apenas contravenções, comportamentos que ofendem os fundamentos da moralidade humana, um

²⁵² Hinde Robert A., Stevenson-Hinde Joan. (1990) "Anexo: Desiderata Biológico, Cultural e Individual" - *Desenvolvimento Humano* 1990; 33: 62-72 (DOI: 10.1159 / 000276503) - Karger.

contexto contra evolutivo de um estado social patológico.

Muitas vezes, em muitos lugares, os humanos modernos tentam impor egoísmo, violência, competição, dominação, discriminação, posse, guerra, crueldade e desespero. Nós tentamos até modelar uma sociedade inviável e infecta. Todas essas tentativas, que significam comportamentos contra evolucionários, prevalecem por um período histórico muito curto, após o qual os fundamentos da moralidade humana afloram de nosso inconsciente coletivo, onde vivem por incontáveis milênios.

De fato, em um contexto generalizado, observamos que essas deflexões não têm a capacidade de se agregarem ao inconsciente coletivo, apenas porque correspondem a comportamentos sociais em benefício de certos grupos em detrimento de outros, e não como um elemento evolutivo, a ser incorporado ao genoma humano.

Em muitos casos, o processo social derrota, com instrumentos culturais, algumas desses desvios. Essa reação é o conteúdo principal do que chamamos de "contraculturas", significando a resposta social contra uma cultura dominante que abriga práticas morais contrarrevolucionárias. Em alguns outros casos, a reação pode ser mais complexa do que ações contraculturais, mas são igualmente inevitáveis porque o processo evolutivo é determinante.

Muito curiosamente, na cultura popular, algumas mudanças feitas nos sistemas morais modernos são levadas em consideração como um evento evolutivo, um episódio novo de desenvolvimento ou uma modernização substancial do comportamento social quando, de fato, são apenas a restauração de um

princípio moral primitivo, após o fracasso de tentativas sistemáticas de ofendê-lo ou negá-lo.

Ofereço dois contextos contemporâneos: escravidão e sexualidade.

Quando o mundo moderno aboliu os últimos vestígios de escravidão na América do Norte e do Sul, o fato foi celebrado como um avanço social significativo, bem-vindo à modernidade que vem dos mais atuais estágios da evolução humana. Essa interpretação está totalmente errada. A escravidão era desconhecida pelas sociedades paleolíticas e obviamente violava a estrutura do sistema moral paleolítico gravado em nossos genes, que se baseava na igualdade e na colaboração.

A escravidão foi introduzida pelo homem moderno e correspondia à negação de vários comportamentos morais ancestrais. Essa prática falhou em seus propósitos e tornou-se o oposto da modernidade e da evolução, até o ponto em que seu banimento se tornou uma condição para a continuidade da experiência social humana. Esse banimento não representou os avanços dos humanos modernos, mas o retorno ao nosso sistema moral original após muitos desastres causados por sua violação.

O mesmo se aplica à “revolução sexual” dos anos 60, aos movimentos feministas desde o início do século XX, e aos movimentos e conquistas da LGBTI. Os resultados desses movimentos considerados a “evolução da nova moral” são, de fato, o “retorno ao antigo sistema moral” de 150.000 anos atrás, porque as opções de sexualidade e gênero não eram propriamente um problema na sociedade paleolítica. Esses temas se tornaram um problema moral moderno por causa da discriminação e opressão modernas, provenientes principalmente de

ações religiosas, políticas e econômicas contemporâneas.

Esses movimentos contra a discriminação comportamental sexual tiveram sucesso em um curto espaço de tempo, apenas porque a discriminação e a opressão não fazem parte do nosso genoma como comportamentos morais, sendo sua abolição aceitável pela sociedade como um todo.

Toda negação ou ofensa severa ao nosso sistema moral original introduzida pelos humanos modernos teve por resultado, violência, dor, miséria, ódio, desigualdade, feiura e morte. Eles eram o oposto da evolução e, por essas razões, não tiveram sucesso como modelo comportamental e nunca foram aceitos como identidade cultural.

Portanto, afirmamos que os problemas comportamentais e socioeconômicos da civilização moderna são um confronto dialético entre modelos contrarrevolucionários e os fundamentos morais genéticos humanos. Se os teóricos da “Teoria dos Jogos” (como o brilhante John Maynard Smith) estão certos, e se a teoria é de alguma forma aplicável aos processos morais de decisão, com certeza, os jogadores modernos estão fazendo o jogo errado. O lucro imediato de alguns indivíduos e grupos pode ser vantajoso em pouco tempo, mas a mesa na qual eles jogam o jogo está sob risco grave.

Nesse contexto, a filosofia deve desempenhar um papel relevante para uma melhor compreensão da natureza e do comportamento social humano. Infelizmente, não podemos dizer que isso é verdade.

Toda a filosofia social e política, da Grécia antiga até os dias atuais, é apenas uma coleção de ensaios conflitantes, superficiais e inúteis sobre os graves

problemas decorrentes dos desvios de nosso sistema moral genético. O pensamento filosófico enfrenta passivamente esses graves problemas, entendendo-os como uma circunstância contextual do ser humano moderno, que deve ser aceito como realidade e, de alguma forma, justificado e organizado.

Ao longo de sua história, a Filosofia Política e seus teóricos, de uma ou outra forma: (i) justificaram ou ignoraram a escravidão e a miséria, (ii) justificaram a desigualdade, estimulando a concorrência e posse ilimitadas, (iii) teorizaram contratos sociais imaginários que apoiam e regulam a exclusão, dominação e injustiça, (iv) justificaram ou silenciosamente contribuíram com a estupidez da guerra, violência e dominação, genocídio, tortura e submissão humana por razões religiosas, políticas e econômicas, (v) aceitaram e estimularam o colonialismo em benefício das sociedades dominantes, (vii) propuseram que o valor da existência humana pudesse ser calculado por uma equação das relações custo-benefício, (viii) propuseram conflitos violentos de classes e um estado totalitário, eliminando a liberdade e o livre arbítrio, para lidar com a desigualdade, (ix) disseminaram a crença de que uma mão mágica e invisível cuidaria de esculpir a justiça social, (x) desviaram sua atenção da extrema miséria e do sofrimento humano.

As atitudes contra evolucionárias criam um lixo cultural, o qual muitas vezes se disfarça sob o palavreado de teorias filosóficas e retóricas ideológicas.

A filosofia social e política ocidental sempre foi espectadora passiva e estéril da tragédia humana e ainda não entendeu, de maneira clara e simples, a essência de todo pensamento universal: o significado da humanidade e o valor cosmológico intrínseco da vida.

Não há filosofia sem cosmologia. Sem fundamentos cosmológicos, "a filosofia está morta".²⁵³

Nesse confronto entre evolução, egoísmo e cegueira, com certeza, a evolução prevalecerá, mesmo que isso possa significar a extinção de nossa espécie, uma vez que a evolução é um processo cosmológico, e não um fenômeno humano, e prosseguirá com ou sem humanos. Por outro lado, o Homo sapiens não sobreviverá sem adaptação biológica e social ao processo evolutivo.

Queremos encerrar este trabalho repetindo a mesma citação usada na primeira página:

"A evolução é um processo que envolve variação cega e retenção seletiva." ²⁵⁴

²⁵³ Hawking, Stephen e Mlodinow, Leonard (2012) "The Grand Design". Bantam; Reimpressão edição - p5

²⁵⁴ TD Campbell "Variação e Retenção Seletiva na Evolução Sociocultural", em HR Barringer, BI Blanksten e RW Mack, eds., Mudança Social em Áreas em Desenvolvimento. Nova York

BIBLIOGRAFIA (EM ORDEM ALFABÉTICA)

A

Abdullah Sliti (2014) "Ética Islâmica: Teoria do Comando Divino no Pensamento Árabe-Islâmico, Islã e Relações Cristã-Muçulmanas", 25: 1, 132-134, DOI: 10.1080 / 09596410.2013.842089

Adams, Robert M. (1987). *A virtude da fé e outros ensaios em teologia filosófica*. Nova York: Oxford University Press.

Adams, Robert M. (1999). *"Bens finitos e infinitos"*. Nova York: Oxford University Press.

Airoboman, Felix Ayemere - (2017) "Uma reflexão crítica sobre a Teoria da Moralidade do Comando Divino." Ewanlen. *A Journal of Philosophical Inquiry* <https://www.academia.edu/36768829/3>.

Al-Attar, Mariam. (2010). "Ética Islâmica: Teoria do Comando Divino no Pensamento Árabe-Islâmico". Routledge; 1 edição. ISBN: 9788571024040

Alen, S - (2015) "Linguagem e cultura espiritual na idade da pedra" - <http://www.shorthistory.org/prehistory/language-and-spiritual-culture-in-old-stone-age/> - acessado Mar, 11-2019

Alston, William P. (1989). *Justificativa Epistêmica: Ensaios na Teoria do Conhecimento*. Imprensa da Universidade de Cornell.

Armstrong, David (1973). *Crença, verdade e conhecimento*. CUP Archive, 1973-p ISBN0521097371, 9780521097376

Austin, Michael W. "Teoria do Comando Divino" - na Enciclopédia da Filosofia na Internet -<https://www.iep.utoronto.ca/entries/teoria-do-comando-divino/>

//www.iep.utm.edu/divine-c/#H7- recuperado em 18 de agosto de 2018

B

Balter, Michael (2008) - "Valores pré-históricos da família" -em <https://www.sciencemag.org/news/2008/11/prehistoric-family-values> - acessado em 12 de dezembro de 2018

Bentham, Jeremy (1948) - "Uma introdução aos princípios de moral e legislação" - Nova York, Hafner Publishing Co. 1948 - Capítulo 1 - Do princípio de utilidade.

Birch, Jonathan (2017) Resenha: Michael Tomasello // "Uma história natural da moralidade humana." Jornal britânico para a filosofia da ciência - revisão de livros. ISSN 0007-0882.

Blatner, Adam, MD - (2019) "A Relevância do Conceito de Arquétipo" - <https://www.blatner.com/adam/level2/archetype.htm> - acessado em 14 de maio -

Boehm, Christopher (2017) - "Punição capital pré-histórica e efeitos evolutivos paralelos" - *Minding Nature: Spring*, Volume 10, Número 2, em <https://www.humansandnature.org/prehistoric-capital-punishment-and-parallel-evolutionary-effects> - acessado em 11 de março de 2019

Bohem, Christopher (2012) "Origens Morais: A Evolução do Altruísmo, Vergonha e Virtude" - Nova York: Livros Básicos.

Boehm, Christopher (2014) "As consequências morais da seleção social" - *Comportamento (JO)* 171 (2014): 167-83. 10.1163 / 1568539X-00003143

Bohem, Christopher (2017) - "Punição capital pré-histórica e efeitos evolutivos paralelos" - *Minding Nature*: Spring 2017, Volume 10, Número 2

BonJour, Laurence (1985). *A estrutura do conhecimento empírico*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Boyd, Richard (1988). Em G. Sayre-McCord (ed.), *Essays on Moral Realism*. Imprensa da Universidade de Cornell. 181-228 (1988)

Breed, Michael D. e Moore, Janice (2011) "Animal Behavior" - Academic Press; 1 edição ISBN-10: 012372581X - ISBN-13: 978-0123725813

Brink David O, - "Realismo moral e os fundamentos da ética" - *Estudos de Cambridge em Filosofia* - Cambridge University Press - ISBN 0 52135937.

Buchanan A, R. Powell - (2015). "Os limites das explicações evolutivas da moralidade e suas implicações para o progresso moral". *Ética*.

Burkart JM, Hrdy SB, Schaik CPV (2009). "Criação cooperativa e evolução cognitiva humana." *Evol. Anthropol.* 18, 175-186. doi: 10.1002 / evan.20222 (doi: 10.1002 / evan.20222)

Brune, M. e Brunecohrs, U. (2006). "Teoria da mente - evolução, ontogênese, mecanismos cerebrais e psicopatologia". *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 30: 437-455.

C

Cahn, Steven, M. (2012) Explorando a filosofia: uma introdução à ontologia. Nova York, Oxford: Oxford University Press

Campbell, TD (1965) "Variação e retenção seletiva na evolução sociocultural", apud HR Barringer, BI Blanksten e RW Mack, eds., Mudança social em áreas em desenvolvimento. Nova York: Schenkman.

Changeux, JP (1985) Homem Neuronal: A Biologia da Mente. Oxford: Oxford University Press.

Chisholm, Roderick (1966). Teoria do Conhecimento, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Churchland, Patricia S. (2014) "Tocando em um nervo: nossos cérebros, nossos eus" - WW Norton & Company - ISBN-10: 0393349446 / ISBN-13: 978-0393349443

Clarke, R. (2003) "Incompatibilismo". In: CLARKE, R.. Oxford University Press, p. 3-14.

Clark JD (2001). "Variabilidade nas tecnologias primárias e secundárias do Acheuliano posterior na África." Em um período muito remoto: artigos sobre o paleolítico apresentados a Derek Roe (Eds Miliken S., Cook J., editores.), Pp. 1-18 Oakville, CT: Oxbow Books

Clottes, Jean e David Lewis-Williams (1998), "Os Xamãs da Pré-História: Transe e Magia nas Cavernas Pintadas". Nova Iorque: Harry Abrams

Cohen, LJ (1986): O Diálogo da Razão: Uma Análise da Filosofia Analítica, Oxford: Clarendon Press

Collingwood, RG (2014) "Um ensaio sobre o método filosófico" - Martino Fine Books

Conkle, DO (2000) "O caminho da liberdade religiosa americana: da teologia original à neutralidade formal e um futuro incerto". Indiana Law Journal, vol. 75, n. 1

Crowe, MB, (1977) "The Change Profile of the Natural Law", Haia: Nijhoff.

D

Delagnes, A., Roche H. (2005). "Habilidades tardias de manejo dos homínídeos do Plioceno: o caso de Lokalalei 2C, Turkana Ocidental, Quênia". *J. Hum. Evol.* 48, 435–472. [10.1016 / j.jhevol.2004.12.005](https://doi.org/10.1016/j.jhevol.2004.12.005) (doi: 10.1016 / j.jhevol.2004.12.005)

Danaher, J. SOPHIA (2017). "Em defesa da objeção epistemológica à teoria do comando divino" - Primeira publicação online em 19 de outubro de 2017 - DOI <https://doi.org/10.1007/s11841-017-0622-9>

Darwall, Stephen (2006). "O ponto de vista da segunda pessoa: moralidade, respeito e responsabilidade", Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Darwin, Charles (1871). "A descendência do homem e a seleção em relação ao sexo", London-John Murray

Despain, David - "Os primeiros seres humanos usaram força cerebral, inovação e trabalho em equipe para dominar o planeta" em *Scientific American* - em <https://www.scientificamerican.com/article/humans-brain-power-origins/> - recuperado em 03 de agosto de 2019.

Donagan, Alan. (1977). "A teoria da moralidade." Chicago: Imprensa da Universidade de Chicago.

Donald, M. (2009) 'As raízes da arte e da religião na cultura material antiga', em Renfrew, C & Morley, apud Ambrose,

Darren - "A afetividade da arte pré-histórica(Parte2)"em <https://dcambrose.com/philosophy/the-affectivity-of-prehistoric-art-part-2/> - acessado em 21 de abril de 2019

Dyson, L., Stephen e M. Gero, Joan e Conkey, Margaret. (1992). Produzindo Arqueologia: Mulheres e Pré-História ". Revista de História Interdisciplinar. 23. 309. 10.2307 / 205279.

E

"Ética de acordo com Immanuel Kant – Sapiência da Ética." (sd). Disponível em: <https://www.ethicssage.com/2017/05/ethics-according-to-immanuel-kant.html>.

F

Fagan, Brian M - (1998) "Da Terra Negra ao Quinto Sol: A Ciência dos Locais Sagrados" - ISBN 0-20195991-7 -.

Fehr, E., e Fischbacher, U. (2003). " A natureza do altruísmo humano ". Nature 425: 785-791.

Ferraro, JV (2012) "Uma cartilha sobre tecnologia paleolítica". Conhecimento em Educação da Natureza 4 (2): 9

Finer, SE (1999) "A História do Governo: As Idades Intermediárias", Oxford: Oxford University Press.

Francisco J. Ayala (2010) - "À luz da evolução: volume IV: a condição humana." Academia Nacional de Ciências (EUA); Avise JC, Ayala FJ, editores. Washington (DC): National

Academies Press (EUA); em
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK210003/>).

G

Galadari, Abdulla. (2011). Ciência versus religião: o debatetermina. Em https://www.researchgate.net/publication/228175424_Science_vs_Religion_The_Debate_Ends- acessado em 6 de abril de 201

Gash, DM e Deane, AS (2015) "Herança baseada em neurônios e evolução humana". *Neurosci.* 9: 209. doi: 10.3389 / fnins.2015.00209.

Gilkeson, John S. (2010) - "Antropólogos e a redescoberta da América, 1886–1965" - Cambridge University Press - Online ISBN: 9780511779558 - DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511779558>

Goldenberg, NR (1989). "Teoria arquetípica e a separação da mente e do corpo." Em J. Plaskow e CP Christ (eds.), "Tecendo as visões: novos padrões na espiritualidade feminista". Nova Iorque: Harper & Row.

Gonzalez, Pedro Blaz (2014) - "A Economia do Ser" - *Cultura. International Journal of Philosophy of Culture and Axiology* 11 (1) / 2014: 23–39

Grafen, Alan - (2007) "Detectando seleção de parentes no trabalho usando aptidão inclusiva" - *Proc Biol Sci.* 2007 7 de março; 274 (1610): 713-719. Publicado online 2006 Dec 12. doi: 10.1098 / rspb.2006.0140 ---- 00PMID: PMC2197210 /

Gray, Peter (2012) "As origens da moralidade: um relato evolutivo" - Dennis L. Krebs, 2011 Oxford, Reino Unido, Oxford

University Press 291 pp. ISBN 978-0199778232, Journal of Moral Education, 41 : 2, 264-266, DOI: 10.1080 / 03057240.2012.680715

H

Lebre, John. (1997). "A diferença moral: ética kantiana, limites humanos e assistência de Deus". Nova York: Oxford University Press.

Lebre, John. (2000) "Naturalismo e moralidade." In Naturalism: A Critical Analysis. Editado por William Lane Craig e JP Moreland. Nova Iorque: Routledge: 189-212.

"Utilitarismo das preferências de Hare: uma visão geral e crítica",

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-317320130002000 - acessado em 30 de junho de 2019.

Harman, Gilbert e Thomson, Judith Jarvis (1996) - "Relativismo Moral e Objetividade Moral" - BM; 1 edição ISBN-10: 0631192115 / ISBN-13: 978-0631192114 - pp. 3-5. 3

Hawking, Stephen e Mlodinow, Leonard (2012) "The Grand Design" Bantam; Reimpressão.

Henshilwood, Christopher S. e Marean, Curtis W. (2003) - "A origem do comportamento humano moderno - crítica dos modelos e suas implicações nos testes" - em Current Anthropology Volume 44, Número 5, Dezembro 5, dezembro de 2003 pela Fundação Wenner-Gren para Pesquisa Antropológica - pg.628.

Hinde Robert A., Stevenson-Hinde Joan. (1990) "Anexo: Desiderata Biológica, Cultural e Individual" -

Desenvolvimento Humano 1990; 33: 62-72 (DOI: 10.1159 / 000276503) - Karger.

Hollis, Martin (1994). "A filosofia das ciências sociais: uma introdução". Cambridge. ISBN 978-0-521-44780-5.

Hoffman, M, E Yoeli, CD (2016) "Teoria dos jogos e moralidade. A evolução da moralidade, Springer ". Navarrete.

"Como a teoria do comando divino está relacionada à ética" apud <https://www.compellingtruth.org/divine-command-theory.html> (acessado em 30 de junho de 2019)

HR Barringer, BI Blanksten e RW Mack (1965) - "Mudança social em áreas em desenvolvimento" - Nova York: Schenkman

Hume, David - (1958) "Um tratado da natureza humana" - AD Lindsay - - Philosophical Quarterly 8 (33): 379-380.

I

Imtiaz, Adam (2015) - "Teoria das Formas de Platão" - Apud "imprint" em <http://uwimprint.ca/article/platos-theory-of-forms/> acessado em 24 de julho de 2019

J

Jordan, J. (2006). "O teísmo cético leva ao ceticismo moral?" *Philosophy and Phenomenological Research*, 72 (2), 403-417. <https://doi.org/10.1111/j.1933-1592.2006.tb00567.x>

Joyce, R. (2001). "O mito da moralidade." Cambridge: Cambridge University Press.

Jung, Carl G. (1952). "Sincronicidade: Um Princípio de Conexão Acausal" -. Obras Coletadas (Vol. 8). Princeton, NJ: Princeton University Press.

Jung, Carl G., (1933) "O homem moderno em busca de uma alma" - Harcourt, Brace & World, -ISBN 0156612062, 9780156612067

Jung, Carl G., (1968) "Homem e seus símbolos" - Dell Publishing Co., Inc.

Jung, CG (1939). "Arquétipos do inconsciente coletivo." In, A integração da personalidade (Collected Works, V.9, Nova York: Farrar & Rinehart).

Jung, Carl G. (2014) "As relações entre o ego e o inconsciente" - Princeton University Press; 2nd ed.

K

Kant, Emanuel. (1993). "Crítica da razão prática". Terceira edição. Traduzido por Lewis White Beck. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.

"A filosofia moral de Kant" (Stanford Encyclopedia of Philosophy). <https://plato.stanford.edu/entries/kant-moral/>

Krebs, Dennis L. (2011) - "As Origens da Moralidade: Uma Consideração Evolucionária", Oxford, Reino Unido, Oxford University Press 291 pp. ISBN 978-0199778232

Kohlberg, Lawrence - (1969) "Stage and Sequence: The Cognitive-Developmental Approach to Socialization". No Manual de Socialização. G. Goslin. Chicago: Rand McNally.

L

Laplane, Lucie - Mantovani, Paolo - Padreu, Thomas e outros (2019) - "Por que a ciência precisa de filosofia" Anais da Academia Nacional de Ciências <http://www.pnas.org/content/116/10/3948>.

Lashley, K. (1951). "O problema da ordem em série no comportamento". Em "mecanismos cerebrais no comportamento"(ed. Jeffress LA, editor.), Pp. 112–136 Nova York, NY: John Wiley

Laughlin, Charles D. e Eugene G. D'Aquili (1974) "Estruturalismo Biogenético" - Nova York: Columbia University Press, ISBN 0231038178

Laughlin, Charles D., John McManus e Eugene G. d'Aquili (1990) "Cérebro, Símbolo e Experiência: Rumo a uma Neurofenomenologia da Consciência". - New Science Library, 1990

Laughlin, Charles D. (1996) "Archetypes, Neurognosis, and the Quantum Sea". *Jornal da exploração científica*, (1996) - 375400

Layton, Robert / O'Hara, Sean / Bilsborough, Alan - "Antiguidade e funções sociais da organização social multinível entre caçadores-coletores humanos" - *International Journal of Primatology* Volume 33, Edição 5, pp 1215–1245 DOI <https://doi.org/10.1007/s10764-012-9634-z> Nome do editor Springer US - Print ISSN0164-0291 Online ISSN1573-8604

Lewis-Williams, David J. (2002) "A mente na caverna: consciência e origem da arte". Londres: Tamisa e Hudson

Locke, John (1824) - "Um ensaio sobre o entendimento humano". 25o. Ed. Londres, 1824 - Impressão W. Dowall - Livro II, Capítulo XXI, pág. 319

Locke, John. (1988). "Ensaio sobre a lei da natureza", W. von Leyden (ed.), Oxford: Oxford University Press.

M

MacIntyre. Alasdair C. (1999) - "Animais Racionais Dependentes: Por que os seres humanos precisam das virtudes". Publicação em Tribunal Aberto - ISBN 081269452X, 978081269452

Mackie, JL (1978). "Pode haver uma teoria moral baseada em direitos?" Estudos do Meio-Oeste em Filosofia 3 (1): 350-359.125

Markie, Peter, "Racionalismo versus Empirismo", A Enciclopédia Stanford de Filosofia

Massey, Reginald e Massey, Jamila (1993). " A música da Índia "- Kahn & Averill Publishers; Edição revisada

Matthew, Kieran (1996) - "Arte, imaginação e cultivo da moral" (arte) The Journal of Aesthetics and Art Criticism - vol. 54, n. 4, pp. 337-351

McKeever, Matthew - A beleza da filosofia analítica. <https://mipmckeever.weebly.com/things-ive-written.html> - recuperado em 8 de abril de 2019.

McKenna, Bretanha, em "Teoria do direito natural: definição, ética e exemplos" -<https://study.com/academy/lesson/natural-law-theory-definition->

ethics-examples.html#transcriptHeader-acessado em 6 mar 2019

Mesoudi A., O'Brien MJ (2008). "O aprendizado e a transmissão de modelos culturais hierárquicos." *Biol. Teoria* 3, 63–72.10.1162 / biot.2008.3.1.63 (doi: 10.1162 / biot.2008.3.1.63)

17. Pelegrin, J., 1990. Tecnologia política pré-histórica: alguns aspectos da pesquisa. *Archaeol. Rev. Cambridge* 9, 116–125

Mesoudi A., Whiten A. (2004.) "A transformação hierárquica do conhecimento de eventos na transmissão cultural humana". *J. Cogn. Culto.* 4, 1-24.10.1163 / 156853704323074732 (doi: 10.1163 / 156853704323074732)

Metzner, R. (1986). "Abertura à luz interior: a transformação da natureza e consciência humanas." Los Angeles: JP Tarcher.

Miller GA, Pribram KH, Galanter E. (1960). "Planos e A estrutura de comportamento." Nova York, NY: Holt, Reinhart e Winston

Mithen, Steven - "A pré-história inicial do comportamento social humano" - Questões de referência arqueológica e evolução cognitiva - *Anais da Academia Britânica* - 88, pg.145 / 177

Mithen, S. (1999). "Imitação e mudança cultural: uma visão da Idade da Pedra, com referência específica à fabricação de machados." Na *aprendizagem social em mamíferos: perspectivas comparativas e ecológicas* (eds Box HO, Gibson KR, editores.), Pp. 389–413 Cambridge, MA: Cambridge University Press.

Mithen, Steven. (1999) - "A pré-história da mente: as origens cognitivas da arte, religião e ciência" - Thames & Hudson; 1ª edição.

Modell, AH (2003). "Imaginação e o cérebro significativo". Cambridge, Massachusetts: MIT Press

"Moralidade - O Dilema do Eutífro" (2019) - Islam Stack Exchange. (sd). acessado de <https://islam.stackexchange.com/questions/46742/the-euthyphro-dilemma->, 8 a maio de 2019

N

Nozick, R., (1974), "Anarchy, State and Utopia", Nova York: Basic Books.

O

Otsuka, M., (2006), "Salvando Vidas, Teorias Morais e Reivindicações de Indivíduos", *Philosophy and Public Affairs*, vol.

Owen, R. (1857). "Sobre os personagens, princípios de divisão e grupos primários da classe Mammalia." *J. Proc. Linn. Soc.* 2, 1 a 37

P

Palacio-Pérez, Eduardo e Redondo, Aitor Ruiz (2015) - "Criaturas imaginárias na arte paleolítica: sonhos pré-históricos ou sonhos dos pré-históricos?" DOI: <https://doi.org/10.1017/S0003598X00050341> 2015

Parfit, D., (1987), "Razões e Pessoas", Oxford: Clarendon Press.

Patten, MM (2017) "Seleção parental" no Módulo de Referência em Ciências da Vida - <https://www.sciencedirect.com/topics/biochemistry-genetics-and-molecular-biology/kin-selection> - acessado em 28 de julho de 2019

Piaget, J. (1971). "Biologia e conhecimento: um ensaio sobre as relações entre regulamentos orgânicos e processos cognitivos." Oxford, Inglaterra: U. Chicago Press.

Piaget, Jean - (1973) "Inconsciente Afetivo e Inconsciente Cognitivo na Criança e na Realidade" Traduzido por A. Rosin. Oxford, Inglaterra: Grossman.

Pearson, Carol S (1996)., "Arquétipos, Neurognose e Mar Quântico" (art.) - *Jornal de Exploração Científica* 1996 - em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.456.710> - acessado em 26 de julho de 2019

Pedersen, Norman (2017) "A Semente da Civilização - As Origens da Guerra, Casamento e Religião" — Sól-Earth Publishers - ISBN 978-1978169531;

Pedersen, Norman (2014) "Quando o nome de Deus foi dito pela primeira vez: corrigindo equívocos sobre a pré-história" — Sól-Earth Publishers ISBN-10: 1505457068

Pedersen, Norman - "Vieses sobre a pré-história" <https://pedersensprehistory.com/biases-about-prehistory> - recuperado em 18 de março de 2019.

People, Hervey C., Duda, Pavel e Marlowe, Frank W. (2016), "Hunter-Gatherers and the Origins of Religion", *Hum Nat Journal* - set; 27 (3): 261-82. Doi: 10.1007 / s12110-016-9260-0

Platão. (1981). "Cinco diálogos: Eutifro, Apologia, Crito, Meno, Fédon." Traduzido por GMA Grube. Indianapolis, Indiana: Hackett Publishing Company.

Powell A., Shennan S., Thomas MG (2009). "Demografia do Pleistoceno Superior e a aparência do comportamento humano moderno". *Science* 324, 1298–1301.10.1126 / science.1170165 (doi: 10.1126 / science.1170165)

Q

Quinn, Philip. (1992). "O primado da vontade de Deus na ética cristã". *Perspectivas Filosóficas* 6: 493-513.

Quinn, Philip L. (1978). "Comandos divinos e exigências morais." Oxford: Clarendon Press

R

Rayner, Sam (2005) "Demasiado intenso para o princípio: um exame da teoria e implicações filosóficas da ética evolucionária", *Macalester Journal of Philosophy*: vol. 15: Iss. 1, artigo 6. <https://digitalcommons.macalester.edu/philo/vol15/iss1/6->

Rizzolatti, G. (2008). "Espelhos no cérebro: como nossas mentes compartilham ações", *Emotions*. Oxford; Nova York: Oxford University Press

Roche, H. (2005). " Do descamação simples à modelagem: evolução das pedras preciosas entre os primeiros homininos. Em *Stone knapping: as condições necessárias para um comportamento único de hominina* "(eds Roux V., Bril B., editores.), Pp. 35–48 Cambridge, MA: Instituto McDonald de Pesquisa Arqueológica

Russell, Bertrand (1914) - "Nosso conhecimento do mundo externo como um campo para o método científico em filosofia". - Londres: Allen & Unwin

Russell, Bertrand (1954) "Sociedade Humana em Ética e Política". Londres - Allen & Unwin

Russell, Bertrand (1968) - "A Arte de Filosofar e Outros Ensaios". - Biblioteca Filosófica de Nova York

Russel, Bertrand (1912) - "Conhecimento por familiaridade e conhecimento por descrição" Proceedings of the Aristotelian Society, 11: 108–128., The Problems of Philosophy, Oxford: Oxford University Press.

S

Sagi, Avi e Statman, Daniel - "Comando Divino da Moralidade e Tradição Judaica" no The Journal of Religious Ethics Vol. 23, No. 1 (Spring, 1995), pp. 39-67

Stevens, A. (1982). "Arquétipos: uma história natural do eu". Anthony Stevens. William Morrow & Co., Nova Iorque, 1982.

Sandel, Michael (2016) - ""Justiça"- Farrar, Straus and Giroux; Reprint edition (August 17, 2010) ISBN-10: 0374532508

Shapiro, Ian (2012) - "Os fundamentos morais da política" - Yale University Press; Reimpressão 2012

Schwartz, Barry e Sharpe Kenneth (2011) - "Sabedoria prática: o caminho certo para fazer a coisa certa" - Riverhead Books; Ed. Reprint (2011 - ISBN-10: 1594485437; ISBN-13: 978-1594485435).

Shin Kim Hanuk (2016) - "Realismo Moral" - Enciclopédia Internacional de Filosofia - em <https://www.iep.utm.edu/moralrea/> - acessado em 5 de julho de 2019

Shultz S, Nelson E., Dunbar RI. (2012) "Evolução cognitiva do homínido: identificação de padrões e processos no registro fóssil e arqueológico". *Transações Filosóficas da Royal Society B: Ciências Biológicas*. 2012; 367 (1599): 2130–40. pmid: 22734056

Smith, Vernon L. (1993) "Humankind in Prehistory: Economy, Ecology, and Institutions" em *The Political Economy of Customs and Culture*, editado por Terry L. Anderson e Randy T. Simmons, Copyright 1993 Rowman & Littlefield Publishers

Sober, Elliott e Sloan, David Wilson (1998) "Para os outros: a evolução e a psicologia do comportamento altruísta" - Harvard University Press

Sosa, E. e Tooley, M. (1993) "Causation" Oxford University Press.

Stout D. (2005). "O contexto social e cultural da aquisição de habilidades para esculpir pedras. Em *Knapping Stone: as condições necessárias para um comportamento exclusivamente homínido*" (eds Roux V., Bril B., editores.), Pp. 331-340 Cambridge, MA: McDonald Institute for Archaeological Research

Striker, Gisela (1986). "Origens do conceito de direito natural". *Anais do Colóquio da Área de Boston em Filosofia Antiga*, 2: 79-94.

Stump, Eleonore e Norman Kretzmann. (1985). "Simplicidade absoluta." *Fé e Filosofia* 2: 353-382

T

Tennie C., Call J., Tomasello M. (2009). "Movendo por etapas: sobre a evolução da cultura cumulativa." *Phil. Trans. R. Soc. B* 364, 2405–2415. doi: 10.1098 / rstb.2009.0052 (doi: 10.1098 / rstb.2009.0052) [artigo livre do PMC]

Thagard, Paul - (2019) "As Origens da Moralidade" - *Psychology Today*. (sd). acessado de <https://www.psychologytoday.com/us/blog/hot-thought/201311/the-origins-morality> em 12 de maio de 2019

Thagard, Paul. (2012) - "Onze dogmas da filosofia analítica" - em *Psychology Today* - <https://www.psychologytoday.com/us/blog/hot-thought/201212/eleven-dogmas-analytic-philosophy>

Thompson, Michael (1995). "The Representation of Life", em Rosalind Hursthouse, Gavin Lawrence e Warren Quinn (orgs.), *Virtues and Reasons*, Oxford: Oxford University Press, pp. 247-296.

Tomasello, Michael - "Uma História Natural da Moralidade Humana". Apud <https://mipmckeever.weebly.com/things-ive-written.html> - acessado em 30 de junho de 2019.

Tomasello, M. (1999). "As origens culturais da cognição humana." Cambridge, MA: Harvard University Press

Tse, Peter Ulrich (2015) - "A Base Neural do Livre Arbítrio: Criterial Causal" The MIT Press-ISBN 10: 0262528312

V

Vernon, Mark. (2011) "Carl Jung: Os arquétipos existem?" <https://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2011/jun/20/jung-archetypes--structurind-principles> - acessado em 26 de julho de 2019

Voyatsis, Mary E. (1998). "De Athena a Zeus: Um Guia de AZ para as Origens das Deusas Gregas", em Lucy Goodison e Christine Morris, orgs. Deusas antigas. Madison, W: Universidade de Wisconsin. 132-147.

W

Wainwright, William (1998) - "Filosofia da Religião" - Cengage Learning; 2 edição (4 de agosto de 1998) p.101

Wallace AR (1870). "Contribuições para a teoria da seleção natural, uma série de ensaios." Londres, Reino Unido: Macmillan

Walls, Neal H., Jr. (1992). "A deusa Anat no mito ugarítico." Atlanta, GA: estudiosos.

Wenegrat, B. (1990). O arquétipo divino. Lexington, MA: Livros de Lexington / DC Heath & Co.

West SA, Griffin AS, Gardner A. (2007) "Semântica social: altruísmo, cooperação, mutualismo, forte reciprocidade e seleção de grupos". J. Evol. Biol. 20, 415-432. (Doi: 10.1111 / j.14209101.2006.01258.x) Crossref, PubMed, ISI, Google Scholar- Apud Woodford Nota 18.

Westenholz, Joan (1998). "Deusas do antigo Oriente Próximo 3000-1000 aC", em Lucy Goodison e Christine Morris, orgs. Deusas antigas. Madison, WI: Universidade de Wisconsin. 62-82

"O que é utilitarismo? Definição e significado. " acessado em 30 de junho de 2019. <http://www.businessdictionary.com/definition/utilitarianism.html> -

Whitehouse, RD (1992). "Religião subterrânea: culto e cultura na Itália pré-histórica." Londres: Accordia Research Center, Universidade de Londres.

Whiten A., Horner V., Marshall-Pescini S. (2003). "Panthropology Cultural". *Evol. Anthropol.* 12, 92–105. [10.1002 / evan.10107](https://doi.org/10.1002/evan.10107) (doi: 10.1002 / evan.10107)

Whiten A., van Schaik C. (2006). "A evolução das 'culturas' animais e inteligência social." *Phil. Trans. R. Soc. B* 362, 603–620. [10.1098 / rstb.2006.1998](https://doi.org/10.1098/rstb.2006.1998) (doi: 10.1098 / rstb.2006.1998) [artigo livre do PMC]

Wilson, Edward Osborne "A Criação: Uma Reunião de Ciência e Religião" - Norton ISBN 978-0-393-06217-5

Wilson, Edward Osborne. - (1975) - "Sociobiology: The New Synthesis" - *Jornal da História da Biologia* 33 (3): 577-584.

Woodford, Peter (2019) - "Avaliando a aptidão inclusiva" - *Royal Society Open Science* - Publicado: 26 de junho de 2019 <https://doi.org/10.1098/rsos.190644>

Y

Yinger, J. Milton (1960) "Contracultura e Subcultura" de *American Sociological Review*, vol. 25, No. 5 -Oct. 1960- pág. 625-635

Z

Zahn, Roland / Souza, Ricardo de Oliveira / Moll, Jorge -
"Fundação Neural da Moralidade"

<https://doi.org/10.1016/B978-0-08-097086-8.56026-7> -
recuperado em 29/07/2019

Zolla, E. (1981). "Arquétipos: a persistência de padrões unificadores." Nova York: Harcourt Brace Jovanovich.